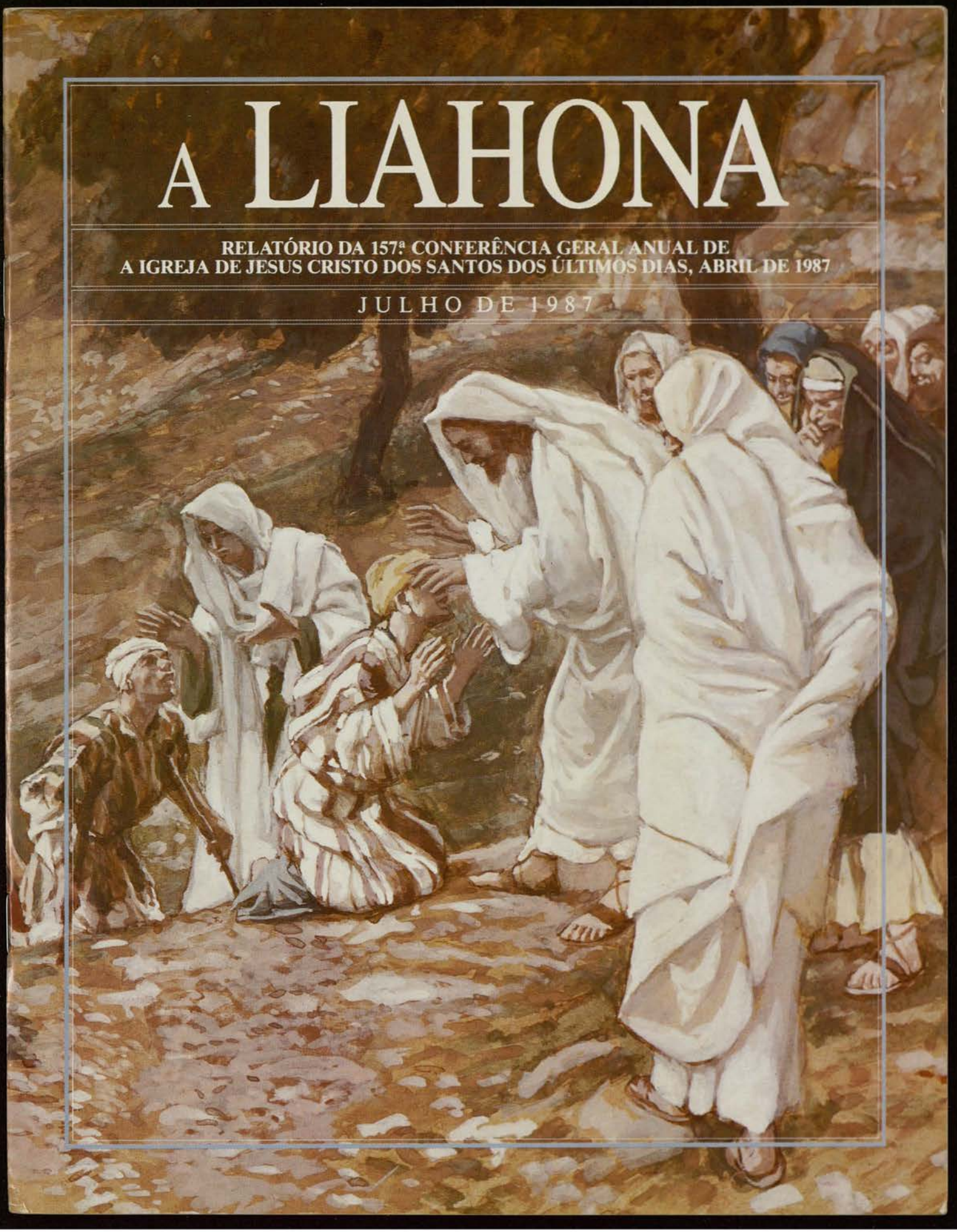
A LIAHONA

RELATÓRIO DA 157ª CONFERÊNCIA GERAL ANUAL DE
A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, ABRIL DE 1987

JULHO DE 1987



A LIAHONA

Julho 1987 Volume 40 nº 7
PBMA8707PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Relatório da 157ª Conferência Geral Anual, abril de 1987.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, John H. Groberg, James M. Paramore, Derek A. Cuthbert

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:

Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editores Associados: David Mitchell, Jan U. Pinborough

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: "*Jesus Curando o Coxo e o Cego*", pintura de J.J. Tissot.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 120,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 10,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.
Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo -SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

ÍNDICE POR ASSUNTOS E ORADORES

Os assuntos abaixo são tratados em discursos iniciados nas páginas indicadas.

Adversidade 41, 70, 73
Aids 44
Amor 65, 73
Atitude Positiva 73
Castidade 44, 80
Compromisso 70
Confraternização 68, 76
Convênios 10, 21
Crescimento da Igreja 56
Desencorajamento 12
Doutrina e Convênios 83
Educação Sexual 44, 80
Ensino Familiar 52
Expiação 70, 78
Família 80
Fé 15
Felicidade 80
Fraternidade 59
Homosexualidade 44
Imoralidade 44, 80
Jesus Cristo 3, 7, 27, 80
Joseph Smith 56
Livro de Mórmon 3, 27, 32, 83
Maturidade 65
Metas 12
Obra Missionária 41, 56, 59, 62, 76
Oração 21
Ordenanças do Templo 21
Paciência 29
Paternidade 73
Persistência 68
Prioridades 12
Responsabilidade 45
Ressureição 3, 7
Restauração 56
Reverência 44
Sacerdócio 35, 39
Santos 10
Segurança 24
Sofrimento 78
Tentação 76
Testemunho 15, 32, 59, 62
Tuttle, A. Theodore 21
Unidade 62
Valores 80
Vida Eterna 8

Os oradores desta conferência são alistados abaixo em ordem alfabética.

Ashton, Marvin J. 65
Ballard, M. Russell 12
Bangerter, William Grant 10
Benson, Ezra Taft 3, 52, 83
Didier, Charles 24
Dunn, Paul H. 73
Faust, James E. 80
Fyans, J. Thomas 27
Haight, David B. 59
Hales, Robert D. 76
Hinckley, Gordon B. 44, 56
Hunter, Howard W. 15
Komatsu, Adney Y. 78
Maxwell, Neal A. 70
Monson, Thomas S. 41, 68
Nelson, Russell M. 7
Oaks, Dallin H. 35
Packer, Boyd K. 21
Perry, L. Tom 32
Pinnock, Hugh W. 62
Simpson, Robert L. 39
Wirthlin, Joseph B. 29

ÍNDICE

2 *Relatório da 157ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

Sessão Matutina de Sábado

3 *A Visita do Salvador à América*
Presidente Ezra Taft Benson

7 *Vida Após a Vida*
Élder Russell M. Nelson

10 *O Que Significa Ser Um Santo*
Élder William Grant Bangerter

12 *Manter em Equilíbrio as Exigências da Vida*
Élder M. Russell Ballard

15 *Sou Eu "Um Membro" Vivo?*
Élder Howard W. Hunter

Sessão Vespertina de Sábado

18 *Apoio dos Oficiais da Igreja*
Presidente Thomas S. Monson

19 *Relatório do Comitê de Auditoria*

20 *Relatório Estatístico de 1986*

21 *Convênios*
Élder Boyd K. Packer

24 *Segurança Espiritual*
Élder Charles Didier

27 *O Livro de Mórmon Testifica de Jesus Cristo*
Élder J. Thomas Fyans

29 *Paciência, a Chave da Felicidade*
Élder Joseph B. Wirthlin

32 *Unidos para a Edificação do Reino do Senhor*
Élder L. Tom Perry

Sessão do Sacerdócio

35 *Bênçãos do Sacerdócio*
Élder Dallin H. Oaks

39 *Sem Atalhos*
Élder Robert L. Simpson

41 *Lágrimas, Provações, Confiança e Testemunho*
Presidente Thomas S. Monson

44 *Reverência e Moralidade*
Presidente Gordon B. Hinckley

52 *Aos Mestres Familiares da Igreja*
Presidente Ezra Taft Benson

Sessão Matutina de Domingo

56 *A Sombra Estendida da Mão de Deus*
Presidente Gordon B. Hinckley

59 *Meu Próximo — Meu Irmão*
Élder David B. Haight

62 *As Bênçãos de Ser Um*
Élder Hugh W. Pinnock

65 *Já Sou Adulto*
Élder Marvin J. Ashton

68 *A Força Interior*
Presidente Thomas S. Monson

Sessão Vespertina de Domingo

70 *"Vencer... Assim Como Eu Venci"*
Élder Neal A. Maxwell

73 *Todas as Coisas Se Cumprem pela Fé e Esperança*
Élder Paul H. Dunn

76 *A Compaixão Faz a Diferença*
Bispo Robert D. Hales

78 *Olhai para o Salvador*
Élder Adney Y. Komatsu

78 *Será Que Serei Feliz?*
Élder James E. Faust

83 *O Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios*
Presidente Ezra Taft Benson

48 *Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

87 *Notícias da Igreja*

Participação adicional: As orações proferidas na sessão matutina de sábado foram oferecidas por: Élder Dean L. Larsen e Élder Vaughan J. Featherstone; na sessão vespertina de sábado por Élder Jack H. Goaslind e Élder Robert E. Wells; na sessão do sacerdócio por Élder James M. Paramore e Élder George P. Lee; na sessão matutina de domingo por Élder Richard G. Scott e Élder Ronald E. Poelman; na sessão vespertina de domingo por Élder Jacob de Jager e Élder Derek A. Cuthberth. As Autoridades Gerais que não compareceram à conferência por motivo de saúde foram Presidente Marion G. Romney e Élder John H. Vandenberg.

As fotos da conferência ficaram a cargo da seção de fotos do Planejamento e Desenvolvimento de Audiovisuais da Igreja: Eldon K. Linschoten, Marty Mayo e Jed A. Clark. Outras fotos de Douglas James, Craig Moyer e Phillip Shurtleff.

Relatório da 157ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Sermões e Procedimentos dos dias 4 e 5 de abril de 1987, no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah.

"Que grande bênção seria se toda família lesse em conjunto 3 Néfi, discutisse seu sagrado conteúdo e em seguida decidisse como aplicar seus ensinamentos na própria vida", falou o Presidente Ezra Taft Benson, durante a sessão de abertura da conferência geral de abril.

"Terceiro Néfi é um livro que deveria ser lido e relido", disse o Presidente.

Ao voltar a este assunto, o Presidente Benson, em seu discurso de encerramento, ressaltou a importância das escrituras dos últimos dias, quando disse: "O Livro de Mórmon traz os homens a Cristo. Doutrina e Convênios leva os homens ao reino de Deus e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a única igreja verdadeira na face de toda a terra".

Além deste conselho inspirador de ler e aplicar as verdades das escrituras santo dos últimos dias em nossa vida, o Presidente Benson desafiou os portadores do sacerdócio com referência ao ensino familiar:

"Irmãos, o ensino familiar não é apenas mais um programa. É o meio de o sacerdócio zelar pelos santos e cumprir a missão da Igreja. O ensino familiar não é uma simples designação, é um chamado sagrado.

O ensino familiar não deve ser encarado levianamente: O chamado de mestre familiar deve ser aceito como se fosse o próprio Jesus Cristo quem o faz...

Não existe, na Igreja, maior chamado que o de mestre familiar", disse o Presidente Benson.

O Presidente Benson, presidiu a conferência geral de dois dias. O Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro e Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro, dirigiram as sessões. Todas as Autoridades Gerais estiveram presentes, exceto o Presidente Marion G. Romney e o Élder John H. Vandenberg, que estavam doentes.

A parte administrativa da conferência incluiu o apoio de oito novos membros do Primeiro Quorum dos Setenta, "por um período de cinco anos", disse o Presidente Monson, e uma nova conselheira na presidência geral das Moças.

Os apoiados foram Élder George R. Hill III e Élder John R. Lasater, ambos de Utah; Élder Douglas J. Martin, da Nova Zelândia; Élder Alexander B. Morrison, do Canadá; Élder L. Aldin Porter, de Idaho; Élder Glen L. Rudd, Élder Douglas H. Smith e Élder Lynn A. Sorensen, todos de Utah. Deste modo, temos agora sessenta e dois membros servindo no Primeiro Quorum dos Setenta.

Na presidência geral das Moças, foram apoiadas as conselheiras da Presidente Ardeth Greene Kapp, Irmã Jayne B. Malan, primeira conselheira (ela estava servindo como segunda conselheira), e a recém-chamada Irmã Elaine L. Jack, segunda-conselheira. A Irmã Maurine J. Turley foi desobrigada para acompanhar seu esposo no chamado de presidente de missão.

Os procedimentos da conferência foram televisionados via satélite para as muitas reuniões de membros da Igreja nos Estados Unidos e Canadá. Videotapes da conferência estarão à disposição dos membros na maioria dos países do mundo.

Na sexta-feira, 3 de abril, foi realizado o Seminário de Representantes Regionais durante o dia, e uma reunião de liderança à noite. — **Os Editores**

SESSÃO MATUTINA DE SÁBADO
4 de abril de 1987

A Visita do Salvador à América

Presidente Ezra Taft Benson

"Que grande bênção seria se toda família lesse, em conjunto, 3 Néfi, discutisse seu sagrado conteúdo e em seguida decidisse como aplicar na própria vida seus ensinamentos."



Meus caros irmãos e irmãs, ao iniciarmos mais uma grande conferência geral da Igreja, meu coração está repleto de amor e gratidão aos santos dos últimos dias no mundo inteiro.

Nos últimos seis meses fiquei profundamente comovido pela resposta dos membros da Igreja que acataram o conselho de ler e reler a palavra do Senhor contida no Livro de Mórmon. Isto resultou em maior espiritualidade e está ajudando a purificar a vaso interior.

Adultos, jovens e crianças têm prestado poderoso testemunho de como o Livro de Mórmon modificou sua vida. Minha vida, também, continua a ser mudada por esse sagrado livro de escritura.

Recentemente voltei a ler, no Livro de Mórmon, o maravilhoso relato da visita do Salvador ressurreto ao continente americano. Com a aproximação da Páscoa, sinto-me profundamente impressionado com a beleza e o poder desse depoimento escriturístico em 3 Néfi, e pelo seu grande valor para nossa época e geração.

O registro da história nefita pouco antes da visita do Salvador, mostra muitos paralelos com nossa própria época em que aguardamos sua segunda vinda. A civilização nefita havia atingido seu apogeu; eles eram prósperos e industriosos; haviam construído muitas cidades ligadas por extensas estradas. Dedicavam-se ao comércio e navegação; construíam templos e palácios.

Como acontece tantas vezes, porém, o povo rejeitava o Senhor. O orgulho era coisa comum; campeavam a desonestidade e a imoralidade. Floresciam as combinações secretas porque, conforme nos conta Helamã, os ladrões de Gadianton haviam incitado "a maior parte dos justos a crer em suas obras e a participar de seus saques". (Helamã 6:38.) "E começou o povo a dividir-se em classes, segundo suas riquezas e oportunidades de instrução." (3 Néfi 6:12.) E "Satanás tinha grande poder sobre ele, a ponto de induzi-lo a se entregar a toda sorte de iniqüidades, enchendo-se de orgulho e tentando-os a buscar poder e autoridade e riquezas e as coisas vãs do mundo", exatamente como hoje. (Vers. 15.)

Mórmon repara que os nefitas "não pecavam por ignorância, porque conheciam a vontade de Deus relativa a eles". (Vers. 18.)

Restavam apenas uns poucos justos entre eles (ver vers. 14). Apesar de Néfi dirigir a Igreja com grande poder e realizar muitos milagres, só "um pequeno número (se convertera) ao Senhor". (3 Néfi 7:21.) O povo, como um todo, rejeitava o Senhor. Apedrejaram profetas e perseguiram os que procuravam seguir Cristo.

Então interveio o Deus da natureza, mesmo Jesus Cristo. Levantou-se uma tormenta como jamais se havia visto em toda a terra. Relâmpagos e trovões sacudiram a terra; violentos vendavais arrebataram pessoas que nunca mais foram vistas.

"Muitas cidades grandes e notáveis foram tragadas, várias se incendiaram e outras foram de tal modo sacudidas que ruíram seus edifícios, matando os moradores." (3 Néfi 8:14.)

"Toda a face da terra foi mudada." (Vers. 12.)

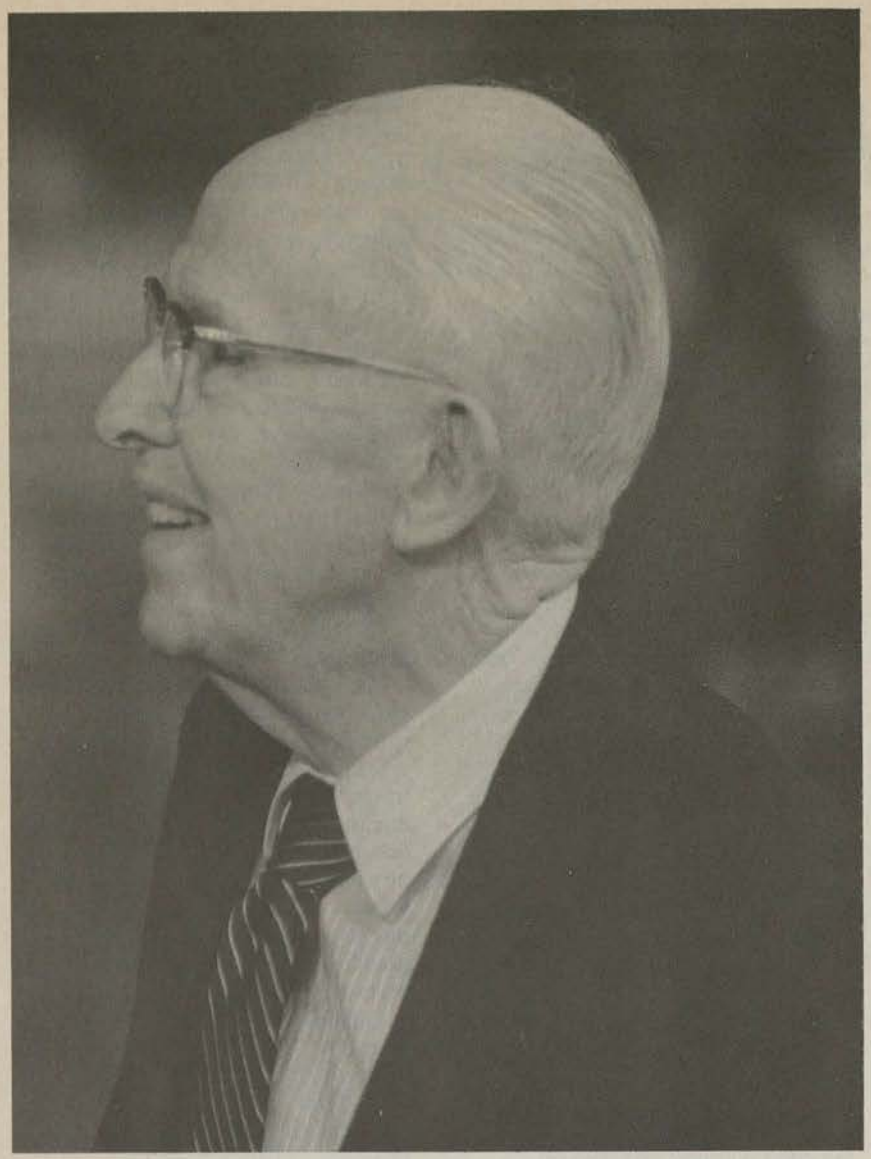
As forças da natureza devastaram a terra por três horas. Quando finalmente cessaram os trovões, relâmpagos, vendaval, tempestade e tremores de terra, o mundo se cobriu de profunda escuridão. Durante três dias não se viu nenhuma luz, não era possível acender uma só vela. E os vapores de escuridão eram tão densos que se podia senti-los, "e houve grandes lamentações, gemidos e pranto... entre o povo..."

Ouviam-se queixas e lamentos dizendo: "Oxalá nos tivéssemos arrependido antes deste grande e terrível dia! Oxalá não tivéssemos apedrejado, matado e expulsado os profetas!" (Vers. 23, 25.)

Então ouviu-se uma voz falando, uma voz dos céus que se escutava na terra inteira. A voz falou da terrível destruição e anunciou que esta era uma conseqüência direta da iniqüidade e abominações reinantes entre o povo.

Imaginai os sentimentos do povo quando a voz perguntou: "Ó vós, que fostes conservados..., não volvereis a mim, arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos, para que eu vos cure?" (3 Néfi 9:13.)

Então a voz se identificou: "Eis que sou Jesus Cristo, o Filho de Deus." (Vers 15.) Era a voz da própria pessoa que havia sido escarnecida, ridicularizada e rejeitada pelos iníquos! A voz do que fora proclamado pelos profetas, e por causa de quem haviam sido apedrejados e mortos! Era a voz



O sorridente Presidente Ezra Taft Benson.

do Mestre!

Ele declarou que a redenção viera por ele, que nele se cumprira a lei de Moisés, e a ele deviam oferecer por sacrifício um coração quebrantado e espírito contrito.

Quando as trevas se dispersaram, uma imensa multidão se juntou em torno do templo na terra de Abundância. E ao conversarem a respeito desse Jesus Cristo, de cuja morte haviam visto o sinal, voltaram a ouvir a voz.

Mórmon nos conta que essa voz "não era áspera nem forte; entretanto, apesar de ser uma voz suave, penetrava até o âmago daqueles que a ouviam, de tal modo que fazia tremer todas as partes do corpo; sim, penetrou até o mais profundo da alma e incendiou todos os corações". (3 Néfi 11:3.) Nas duas primeiras vezes que a voz falou, o povo a ouviu mas não conseguia entender o que dizia.

Os registros dizem então que "pela terceira vez ouviram a voz e aplicaram seus ouvidos para escutá-la...

E eis que, na terceira vez, compreenderam o que dizia a voz. E dizia-lhes:

Eis aqui meu Filho bem amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir." (Vers. 5-7,)

Quão poucas pessoas em toda a história do mundo ouviram de fato a voz de Deus dirigindo-se a elas. Quando o povo olhou para cima, "viu um homem que descia, vestido com uma túnica branca, o qual desceu e se colocou no meio deles". (Vers. 8.)

Eles tinham diante dos olhos um ser glorioso, ressurreto, um membro da Deidade, o Criador de inumeráveis mundos, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó!

"E aconteceu que ele estendeu a mão e assim falou ao povo:

Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas.

Eis que sou a luz e a vida do mundo; bebi da taça amarga que o Pai me deu e o glorifiquei, tomando sobre mim os pecados do mundo, cumprindo assim a vontade do Pai em todas as coisas, desde o princípio." (Vers. 9-11.)

A multidão inteira caiu por terra. Jesus ordenou que se levantassem e se achegassem a ele. Mandou que metessem as mãos em seu lado e sentissem as marcas dos cravos em suas mãos e pés. Um por um, todos os dois mil e quinhentos presentes se aproximaram.

Em verdade, eles "viram com seus próprios olhos, apalparam com suas próprias mãos e souberam com toda a segurança, testemunhando que era ele aquele sobre quem os profetas tinham escrito, afirmando que haveria de vir". (Vers. 15.)

Quando o último deles estivera face a face com o Salvador, vindo a saber com absoluta certeza da realidade de sua ressurreição, "clamaram a uma só voz...: Hosana! Bendito seja o nome do Deus Altíssimo! E, lançando-se a seus pés, adoraram-no". (Vers. 16-17.)

Ele chamou o fiel Profeta Néfi e outros, comissionando-os com poder e autoridade para batizar em seu nome. O Salvador ensinou ao povo: "E novamente vos digo que vos deveis arrepender, e ser batizados em meu nome e tornar-vos como uma criancinha, ou de nenhuma forma podereis herdar o reino de Deus." (Vers. 38.)

Seguiu-se o glorioso sermão que conhecemos hoje como o Sermão da Montanha.

E ele lhes disse:

"Percebo que sois fracos e não podeis compreender todas as minhas palavras, as quais me ordenou o Pai que vos transmitisse nesta ocasião.

Por conseguinte, ide para vossas casas, meditai sobre estas coisas por



mim faladas e pedi ao Pai, em meu nome, que vos faça entendê-las; preparai vosso entendimento para amanhã e eu virei novamente." (3 Néfi 17:2-3)

Anunciando sua partida, o Mestre "dirigiu seu olhar novamente à multidão e viu que estavam em lágrimas e o miravam atentamente, como se quisessem pedir-lhe que permanecesse um pouco mais com eles". (Vers. 5.)

Movido por terna compaixão, o Senhor ressurreto mandou que lhe trouxessem os enfermos, defeituosos e aflitos.

"E aconteceu que, depois de ter assim falado, toda a multidão, de comum acordo, adiantou-se, levando-lhes seus doentes e aflitos, seus coxos, seus cegos, seus mudos e todos aqueles que sofriam de qualquer aflição; e ele os curou a todos, à medida que eram conduzidos à sua presença." (Vers. 9.)

O Salvador, então, chamou as crianças pequenas, mandando que a multidão se ajoelhasse enquanto orava ao Pai.

Mórmon nos conta que "não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e maravilhosas coisas" como as que foram ditas nessa oração. (Vers. 17.) Então, chorando de alegria, tomou as criancinhas uma por uma e as abençoou. Finalmente, voltando-se à multidão, falou: "Olhai para vossas criancinhas." (Vers. 23.)

Erguendo o olhar, "viram que se abriam os céus e deles desciam anjos que pareciam estar no meio do fogo; e os anjos desceram e circundaram aqueles pequeninos e eles foram rodeados por fogo e anjos lhes mininstraram". (Vers. 24.)

Não há tempo para falar de todos os acontecimentos marcantes desse glorioso dia e outros que se seguiram. É evidente, porém, que 3 Néfi contém algumas das mais comoventes e poderosas passagens de todas as escrituras, testificando de Jesus Cristo, seus profetas e das doutrinas de salvação. Nesta Páscoa, que grande bênção seria se toda a família lesse, em conjunto, 3 Néfi, discutisse seu sagrado conteúdo e em seguida decidisse como aplicar na própria vida seus ensinamentos.

3 Néfi é um livro que deveria ser lido e relido. Seu testemunho do Cristo ressurreto na América é prestado com pureza e beleza. Ao se preparar para deixar seus discípulos, o Salvador voltou a dizer-lhes:

"Eis que vos dei meu evangelho, e este é o evangelho que vos dei: que vim ao mundo para fazer a vontade do Pai, porque ele me enviou.

E o Pai me enviou para que eu fosse levantado sobre a cruz, e para que, depois que eu tivesse sido levantado sobre a cruz, pudesse atrair a mim todos os homens, a fim de que, assim como fui levantado pelos homens, assim também possam eles ser levantados pelo Pai, para comparecer perante mim, a fim de serem julgados por suas obras, sejam elas boas ou más...

E sucederá que todos os que se arrependerem e forem batizados em meu nome, serão satisfeitos; e, se perseverarem até o fim, eis que os terei por inocentes perante meu Pai, naquele dia em que eu me levantar para julgar o mundo...

E nada que seja imundo pode entrar em seu reino; portanto, ninguém entra em seu repouso sem que tenha lavado suas vestes em meu sangue, em virtude de sua fé, do arrependimento de todos



os seus pecados e de sua fidelidade até o fim.

E este é o mandamento: arrependei-vos, todos vós, extremos da terra; vinde a mim e sede batizados em meu nome, a fim de que sejais santificados pelo recebimento do Espírito Santo, para que possais comparecer sem mancha perante mim, no último dia.

Em verdade, em verdade vos digo que este é o meu evangelho." (3 Néfi 27:13-14, 16, 19-21.)

A missão de Cristo ressuscitado não terminou com sua aparição ao povo da Terra Santa nem na antiga América, pois o milagre contínuo é que ele se revelou de novo aos homens em nossos dias.

Na seção 76 de Doutrina e Convênios, o Profeta Joseph Smith registra a maravilhosa visão concedida a ele e Sidney Rigdon. Diz ele:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai;

Que por ele, por meio dele, e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (Vers. 22-24.)

Pois bem, o que tudo isto significa para nós? Que como Cristo vive hoje com um corpo ressurreto, nós também viveremos. Significa que a vida é uma provação que será seguida pela morte, ressurreição e julgamento.

Lemos no Livro de Mórmon, a pedra angular de nossa religião: "... a morte cai sobre a humanidade... ; no entanto, foi concedido ao homem um tempo no qual poderia arrepender-se; portanto, esta vida tornou-se um estado de provação; um tempo de preparação para o encontro com Deus; um tempo de preparação para aquele estado sem fim do qual falamos, que virá depois da ressurreição dos mortos." (Alma 12:24.)

Todos hão de ressurgir da morte. Espírito e corpo serão novamente reunidos em sua perfeita forma; os membros e as juntas voltarão ao seu devido lugar e seremos levados à presença de Deus e apresentados diante do tribunal de Cristo, o Filho, e Deus o Pai, e do Espírito Santo, para sermos julgados segundo nossas obras, sejam elas boas ou más. (Ver Alma 11:42-44.)

Em vista de nossa provação mortal, futura ressurreição e juízo final, devemos lembrar-nos da questão proposta pelo Senhor ressurreto aos seus discípulos, conforme está registrado no Livro de Mórmon em 3 Néfi.

Perguntou-lhes ele: "Portanto, que classe de homens devereis ser?" E ele próprio respondeu: "Em verdade vos digo que devereis ser como eu sou." (3 Néfi 27:27.)

Ele é o nosso Exemplo, nosso Redentor, nosso Senhor.

Testifico-vos que 3 Néfi é um relato verídico da visita do Cristo ressurreto à América antiga e contém seus ensinamentos em sua primitiva autenticidade.

Testifico que Jesus é o Cristo e que está hoje à testa de sua Igreja, mesmo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

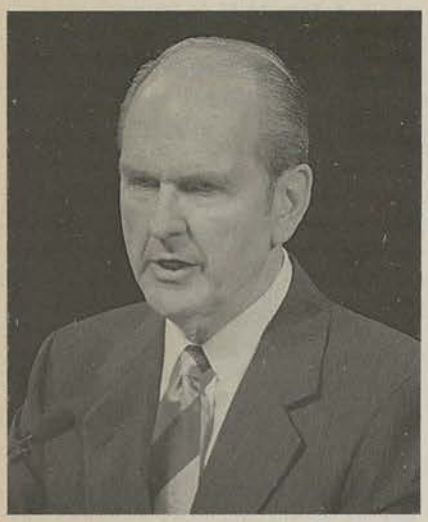
Testifico que ele voltará em poder e grande glória, e que fará tudo pelo nosso bem-estar eterno.

Possamos ser todos os dias a classe de homem que ele é, estando assim preparados para ir ao seu encontro e habitar com ele, eu oro em nome de Jesus Cristo, amém.

VIDA APÓS A VIDA

Élder Russel M. Nelson
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Testemunhos de milhares, dos tempos antigos e modernos, atestam a veracidade de que Jesus ressuscitado é o Salvador da humanidade e quem tornou possível a ressurreição universal."



Estou realmente honrado em seguir o presidente da Igreja, Presidente Ezra Taft Benson, neste púlpito hoje. Eu o apóio como o profeta vivo de Deus! Ele foi ordenado apóstolo em 1943, antes de eu ingressar na faculdade de medicina. Agora é o apóstolo sênior na terra, e tenho o privilégio de externar minha gratidão por termos um profeta e por sua mensagem de instrução e inspiração.

Ele nos instruiu a respeito do ministério do Senhor ressureto aos habitantes da América antiga. Esse precioso conhecimento registrado no Livro de Mórmon é de transcendente importância para todas as pessoas. Em verdade, o Livro de Mórmon é outro testemunho de Jesus Cristo!

Enquanto o Presidente Benson falava, meus pensamentos voltaram momentaneamente para uma conversa que tive com certo editor de livros há alguns anos. Ele estava interessado no assunto da possível continuação da vida após o que chamamos de morte. Perguntou-me se eu poderia contribuir com casos de pacientes meus que estiveram suficientemente próximos da morte para terem visto o outro lado, mas sobreviveram para contar suas experiências. Percebendo o interesse público pelo assunto, intitularia o livro *Vida após a Vida*.

Ao considerar seu pedido, recordei-me de muitos desses incidentes que me haviam sido confiados no decorrer dos anos. No entanto, pareceram-me sagrados demais para serem compartilhados publicamente, especialmente em favor de um empreendimento comercial. Além disso, que valor teriam histórias isoladas de vida após a vida sem o testemunho das pessoas diretamente envolvidas?

Para mim, seria muito mais lógico e convincente um estudo bem documentado e testemunhado de evidências de vida após a vida.

O Presidente Benson falou de um desses preciosos registros. A atuação do Cristo *vivo* na América seguiu-se a sua própria ressurreição *da morte*. Numerosas testemunhas viram o Senhor ressurreto em muitos lugares antes, durante e depois do relato abordado pelo Presidente Benson.

A Discípulos na Terra Santa

1. A primeira pessoa mortal que se saiba ter visto o Salvador ressurreto foi Maria Madalena. (Ver João 20:16-17.)

2. Mais uma aparição registrada do Senhor ressurreto foi a outras mulheres. Testemunharam este evento Maria (mãe de Tiago), Salomé (mãe de Tiago e João), Joana, Suzana e muitas outras. (Ver Marcos 16:1; Lucas 8:3.)

3. Jesus apareceu a Simão Pedro (Ver I Coríntios 15:5), o apóstolo sênior que retinha as chaves da autoridade do sacerdócio na terra então, como o Presidente Benson as retém agora.

4. Mais tarde, no mesmo dia, andando pela estrada para Emaús, Cléofas e presumivelmente Lucas encontraram-se com o Senhor ressurreto. O Salvador, então, compartilhou uma refeição com eles. (Ver Lucas 24:30, 33.)

5. Ele também se revelou aos apóstolos reunidos, mostrando-lhes as mãos e os pés. "Então eles lhe apresentaram parte de um peixe assado e um favo de mel. O que ele... comeu diante deles." (Lucas 24:42-43.)

6. Oito dias depois de haver aparecido aos apóstolos, Jesus voltou a procurá-los. Desta vez encontrava-se presente também o incrédulo Tomé, (Ver João 20:26-28) a quem disse Jesus: "Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram." (João 20:29.)

7. Jesus apareceu a sete dos Doze junto ao Mar de Tiberíades, onde estavam pescando a noite inteira sem nada apanhar. O Mestre, então, fez com que suas redes se enchessem de peixes. Mais tarde ordenou a Pedro que apascentasse o rebanho de Deus. (Ver João 21:1-24.)

8. Provavelmente o maior grupo de pessoas a ver o Senhor ressurreto na Palestinha foi num monte perto da costa da Galiléia, onde foi visto por mais de quinhentos irmãos ao mesmo tempo! (Ver I Coríntios 15:6.)

9. Posteriormente, o Mestre levou os onze de novo para "o monte que Jesus lhes tinha designado". Ali deu aos apóstolos o encargo interminável: "Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo." (Mateus 28:16, 19.)

10. Depois Jesus foi visto por seu irmão Tiago, que se tornou um de seus discípulos especiais. (Ver I Coríntios 15:7.)

11. E acrescenta Paulo: "E por derreradeiro de todos me apareceu também a mim." (I Coríntios 15:8; ver também Atos 9:4-5.)

12. Antes de sua ascensão do Monte das Oliveiras, Jesus despediu-se dos líderes da sua Igreja na Ásia e predisse: "Ser-me-eis testemunhas, ...até aos confins da terra." (Atos 1:8; ver também Marcos 16:19; Lucas 24:50-51.)

13. Quando Estêvão foi apedrejado como mártir junto à porta de Jerusalém, ele, "fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que



Da esquerda para a direita: Élder Rex D. Pinegar e Élder Adney Y. Komatsu, do Primeiro Quorum dos Setenta.

estava à direita de Deus". (Atos 7:55.)

Aos Nefitas

14. O ministério do Senhor ressurreto aos nefitas que viviam no continente americano foi eloqüentemente exposto pelo Presidente Benson, que nos informou que pelo menos duas mil e quinhentas almas (ver 3 Néfi 17:25) ouviram sua voz, apalparam as marcas dos cravos em seus pés e mãos, e meteram as mãos em seu lado. (Ver 3 Néfi 11:7-17.) Penso que muitos molharam os pés dele com lágrimas de jubilosa adoração.

Aos Mortos

15. O ministério pós-mortal do Senhor prosseguiu em outras esferas. Jesus ministrou aos mortos no mundo espiritual após a existência terrena. (Ver 3 Néfi 23:9-10.) Pedro testifica que "foi pregado o evangelho também aos mortos, para que... fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito". (I Pedro 4:6; ver também I Pedro 3:19-21.)

João também ensinou o mesmo: "Os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão." (João 5:25.) Em nossos dias foram acrescidas outras escrituras que atestam o ministério do Senhor vivente aos mortos. (Ver D&C 138.)

Às Tribos Perdidas

16. Pelo Livro de Mórmom sabemos que Jesus visitaria as tribos perdidas da casa de Israel, a fim de fazer por elas, presumimos, o mesmo que fizera pelas outras. (Ver 2 Néfi 29:13; 3 Néfi 17:4, 21:26.)

Aos da Atual Dispensação

Passados quase dois mil anos, novas testemunhas da ressurreição de Jesus acrescentaram seu depoimento desta transcendente verdade.

17. O Profeta Joseph Smith foi visitado, em 1820, por Deus o Pai e seu Filho, o senhor ressurreto. (Ver Joseph Smith 2:17.) Joseph pôde vê-los e ouviu suas vozes, recebendo assim do próprio Pai, um testemunho pessoal da filiação divina de Jesus. Aprendeu que o "Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também". (D&C 130:22.)

18. Doze anos mais tarde, o Salvador voltou a mostrar-se a Joseph Smith e Sidney Rigdon. "Vimo-lo", declararam eles, "mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai". (D&C 76:23.)

19. A 3 de Abril de 1836 (cento e cinqüenta e um anos ontem), estando no Templo de Kirtland com Oliver Cowdery, o Profeta voltou a ver o Mestre:

"Vimos diante de nós o Senhor, de pé no parapeito do púlpito; ...Seus olhos eram como labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais do que o sol; e a sua voz era como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová, que dizia: Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai." (D&C 110:2--4.)

Sim, a ressurreição de Jesus Cristo é um dos acontecimentos históricos mais minuciosamente documentados. Mencionei muitas de suas aparições, embora existam registros de outras mais.

Mais extraordinário ainda é o fato de que sua missão entre os homens — a Expiação, a Ressurreição — estende os privilégios da redenção do pecado e uma gloriosa ressurreição a todos nós, sem exceção! De certa maneira maravilhosa, só plenamente compreendida pela Deidade, esta é a sua obra e sua glória: "Proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39.)

Na Igreja, os professores o ensinam a velhos e jovens, às vezes com resultados hilariantes. Certo líder contou-me esta história:

Chegando um menino da Primária, certo dia, em casa, sua mãe perguntou--lhe o que havia aprendido e ele respondeu: — Minha professora disse que eu já fui pó e que voltaria a ser pó, um dia. Isto é verdade, mamãe?

— É sim — replicou a mãe. — É o que nos dizem as escrituras: "Porquanto és pó, e em pó te tornarás." (Gênesis 3:19.)

O garotinho ficou estarrecido! Na manhã seguinte, todo afobado aprontando-se para a escola, acabou metendo-se debaixo da cama à cata dos sapatos. E eis o que viu: flocos de poeira! Então foi correndo procurar a mãe e disse: — Mamãe, tem alguém debaixo da minha cama, não sei se chegando ou indo embora.

A Natureza da Ressureição

Sim, componentes provenientes do pó, elementos da terra, combinam-se para produzir cada célula viva do nosso corpo. O milagre da ressurreição só é igualado pelo milagre da nossa criação que a antecede.

Ninguém sabe precisamente como duas células reprodutivas se unem para produzir uma só. Tampouco sabemos como a célula resultante se divide e multiplica formando outras, algumas das quais se tornam olhos que enxergam, ouvidos que ouvem ou dedos que sentem as coisas gloriosas que nos cercam. Cada célula contém cromossomos com milhares de genes, assegurando quimicamente a identidade e independência de cada ser. Nosso corpo sofre um contínuo processo de reconstrução de acordo com códigos genéticos exclusivamente nossos. Toda vez que tomamos um banho, livramo-nos não só de sujeira mas de células mortas ou envelhecidas que estão sendo substituídas por novas. Esse processo de regeneração e renovação é um mero prelúdio do prometido fenômeno e futuro fato de nossa ressurreição.

"Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" indagava Jó. (Jó 14:14.) E em fé, ele responde a própria pergunta:

"Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus." (Jó 19:25-26.)

Na hora da ressurreição, assumiremos tabernáculos imortais. O corpo que agora envelhece, se deteriora e decai deixará então de estar sujeito à degeneração: "Isto que é mortal se (revestirá) de imortalidade." (I Coríntios 15:53.)

Esse grande poder sacerdotal de ressurreição está investido no Senhor deste mundo. Ele ensinava que lhe era "dado todo o poder no céu e na terra". (Mateus 28:18.) Embora na undécima hora haja suplicado socorro ao Pai, a vitória final sobre a morte foi conquistada pelo Filho. Eis suas palavras:

"Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la.

Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai." (João 10:17-18.)

Esse poder ele proclamou sutilmente quando disse aos judeus: "Derribai este templo e em três dias o levantarei... Mas ele falava do templo do seu corpo." (João 2:19-21.)

As chaves da ressurreição repousam seguras com nosso Senhor e Mestre, que disse:

"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá." (João 11:25-26.)

Mas se alguém quiser ressuscitar com um corpo celestial, é necessária a obediência aos mandamentos de Deus. Nesta conferência serão discutidas as leis que levam à glória celestial. Nosso desafio é aprendê-las e acatá-las.



Da esquerda para a direita: Élder Neal A. Maxwell, do Quorum dos Doze com Élder James A. Paramore, do Primeiro Quorum dos Setenta.

Sou grato a Deus por seu Filho, Jesus Cristo, por sua missão na mortalidade e seu ministério como Senhor ressurreto. Ele operou sua própria ressurreição. Testemunhos de milhares, dos tempos antigos e modernos, atestam a veracidade de que Jesus ressuscitado é o Salvador da humanidade e quem tornou possível a ressurreição universal. "Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (I Coríntios 15:22; ver também Mosiah 3:16.)

Seu sacrifício e sua glória asseguram que o "espírito e o corpo serão novamente reunidos em sua perfeita forma; os membros e juntas serão restabelecidos a seus próprios lugares, tal como nos achamos neste momento". (Alma 11:43.)

Agradecida e positivamente eu afirmo que existe vida após a vida, primeiro no mundo espiritual e depois na ressurreição, para cada um e todos nós. Sei que Deus vive e que Jesus Cristo é seu Filho. Ele é a "ressurreição e a vida". (João 11:25.) Ele vive, Ele é o meu Mestre. Eu sou seu servo. Amo-o de todo coração, e testifico dele em seu sagrado nome, o nome de Jesus Cristo, amém.

O Que Significa Ser um Santo

Élder Wm. Grant Bangerter
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

"Santo é alguém que segue Cristo em santidade e devoção com os olhos fixos na vida eterna."



Gostaria de falar sobre o que é ser um santo. Certas pessoas nos chamam de mórmons. Algumas nos chamam de seita ou culto. Nós nos chamamos de santos. O que significa esta designação?

Mórmon pode ser qualquer pessoa filiada à Igreja.

Seita é um grupo de pessoas que seguem determinados princípios ou doutrinas. Os primeiros seguidores do Salvador eram chamados de seita.

Culto é definido como um sistema particular de devoção religiosa com veneração fixa por alguma pessoa.

Santo é alguém que segue Cristo em santidade e devoção com os olhos fixos na vida *eterna*.

Devidamente entendidos, não existe nada de errado em qualquer dessas designações. Mas quando usadas implicando ridículo e difamação, todas elas podem ser ofensivas.

Muitos membros da Igreja se perturbam quando tais termos são usados como alcunhas depreciativas. Alcunhar pessoas para ridicularizar ou ofendê-las é um velho costume infantil.

Não é muito importante como pessoas indelicadas apelidam esta Igreja e seu povo. Lançar apelidos depreciativos é um antiquíssimo passatempo de pessoas que se dizem religiosas. As palavras *herético*, *blasfemo*, *fanático*, *judeu*, *hipócrita* e *pagão* já foram todas muito populares.

O que importa realmente é o que nós cremos, o que fazemos e, acima de tudo, o que somos. "Vocês são cristãos nascidos de novo?" Bem, talvez não no sentido que lhe dão algumas pessoas, isto é, significando algo como ter "confessado Cristo" como requisito único para a salvação. Por outro lado, se a pergunta for considerada num sentido literal e doutrinário, a resposta poderia ser positiva.

O Irmão Carmen Bria, um de nossos vizinhos convertido de outra igreja, estava servindo como assistente social numa prisão. Um jovem prisioneiro passou a interessar-se pelo evangelho. Quando soube que seu filho estava estudando a doutrina mórmon, o pai, ministro de outra igreja, ficou mais perturbado com isto do que com o fato de o filho estar preso.

O Irmão Bria procurou o pai para indagar por que estava tão angustiado, ao que este respondeu: — Vocês não estão salvos.

— Por que diz isso? — perguntou o Irmão Bria.

— Bem, vocês não assumiram Cristo como seu Salvador pessoal. Vocês não nasceram de novo em Cristo.

Então replicou o Irmão Bria: — Senhor, permita que lhe explique. Talvez não o expressemos como o senhor, mas sem dúvida cremos na salvação literal por meio de Jesus Cristo. Nós o aceitamos como nosso Salvador pessoal, tomamos sobre nós o seu nome e nascemos de novo em Cristo.

Conforme diz Paulo: "De sorte que fomos sepultados com ele pelo *batismo* na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida." (Romanos 6:4; grifo nosso.)

Os membros da Igreja deveriam saber que nós nascemos de novo, "redimidos por Deus", como dizia o Profeta Alma, "e contados entre os da primeira ressurreição, para que tenhais a vida eterna". (Mosiah 18:9.)

Disse o Rei Benjamim: "E agora, por causa dos convênios que fizestes, sereis chamados progênie de Cristo, filhos e filhas dele, pois eis que, neste dia, ele vos gerou espiritualmente; pois dizeis que vossos corações se transformaram pela fé em seu nome; portanto, nascestes dele e vos tornastes seus filhos e filhas." (Mosiah 5:7.)

Se, pois, entendemos que nascemos de novo tendo tomado sobre nós o nome de Cristo, resta a grande questão: Será que agimos de acordo?

Santo é alguém que segue Cristo em santidade e devoção. Este é o compromisso de um santo dos últimos dias.

Outra questão: Nós somos perfeitos? Como resposta, repito a história do orador que disse a sua congregação: "Se houver aqui alguém perfeito, queira levantar-se." Quando viu um homem pôr-se de pé, o orador indagou: "O senhor realmente acredita ser perfeito?"

Ao que o homem respondeu: "Oh, não. Não estou de pé por mim mesmo mas como representante do primeiro marido de minha mulher."

Poucos membros da Igreja ousariam alegar perfeição, embora deva ser nosso eterno objetivo. O que fazemos com fé e devoção é buscar a perfeição a fim de conquistarmos a vida eterna.

Podemos ser imperfeitos em muitos sentidos. Após um longo sermão admoestador, dizia o Rei Benjamim: "Não vos posso descrever todas as coisas pelas quais podeis cometer pecado; pois que há vários modos e meios, tantos que não os posso enumerar.

Mas isso posso dizer-vos, que se não *tomardes cuidado convosco mesmos, com vossos pensamentos, palavras e*



Membros do Primeiro Quorum dos Setenta durante uma sessão da conferência.

obras, e não observardes os mandamentos de Deus, nem continuardes na fé do que ouvistes, concernente à vinda de nosso Senhor, até o fim de vossa vida, perecereis. E agora, ó homem, lembra-te, para que não pereças." (Mosiah 4:29-30; grifo nosso.)

As muitas imperfeições que perturbam nosso viver diário requerem que sejamos um povo que se arrepende e arrependido. Devemos dar atenção às admoestações brandas bem como aos avisos ameaçadores.

No encerramento da conferência geral de outubro de 1975, dizia o Presidente Spencer W. Kimball: "Enquanto estive aqui sentado, cheguei à conclusão de que quando voltar para casa desta conferência, hoje à noite, existirão muitos e muitos aspectos em minha vida que poderei aperfeiçoar. Fiz mentalmente uma lista dos mesmos, e espero pôr mãos à obra assim que terminarmos esta conferência." ("Palavra do Coração", *A Liahona*, fevereiro de 1976, p. 99.)

Assim pois, esta parte mortal de nossa vida eterna é um tempo de provação. Nós quisemos viver esta experiência antes de nascer. Agora nos encontramos no meio da grande prova. "E prová-los-emos com isto", disse o Senhor, "para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar". (Abraão 3:25.)

Numerosos santos pelo mundo afora estão agindo muito bem; tomam sua provação a sério; formaram um lar justo e feliz; os filhos estão crescendo "no saber e na advertência do Senhor" (Ênos 1:1); seu hino-lema é "Tudo É Belo em Derredor". Noite familiar, apego às escrituras, convivência com seus irmãos e irmãs nas reuninões, pagamento do dízimo, planos de educação e serviço missionário orientam seus esforços com a vista constantemente voltada para o templo.

Isto é muitíssimo diferente de "confessar Cristo" como único requisito para a salvação. Os *santos* tomam em sentido literal a parábola do capítulo vinte e cinco de Mateus, a respeito do Dia do Juízo. (Ver vers. 31-46.) Eles estendem a mão um ao outro, e aos pobres e aflitos. Assim poderão ser encontrados à mão direita de Deus. Não importa quem sois nem o que pensais, Deus estabeleceu certas condições ou requisitos para o homem voltar à presença dele. "Aos que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido;... e os que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre." (Abraão 3:26.)

Os santos vão além do viver justo requerido a fim de celebrar convênios e receber as ordenanças do evangelho. Estas são ensinadas e administradas por seus servos autorizados pelo poder do santo sacerdócio. O *santo* sacerdócio não provém do homem; as ordenanças e convênios pertencem a *este* sacerdócio. Existem além do batismo, sem o qual, segundo diz o Senhor "não (podemos) entrar no reino de Deus" (João 3:5), outros dons e bênçãos que são recebidos no templo, no qual celebramos solenes convênios com Deus. Por meio do sacerdócio recebemos as ordenanças que nos conduzem ao véu, para que possamos entrar novamente em sua presença.

Naturalmente as ordenanças por si mesmas não nos tornam santos, e sim nossas ações. Mas até mesmo os santos não têm poder para retornar à presença de Deus sem a expiação infinita de Cristo. É por isto que entramos no convênio.

Neste segundo estado, nossa perspectiva é de curto alcance ou eterna? Em 1968, quando ainda membro do Quorum dos Doze, o Élder Spencer W. Kimball chamou nossa atenção para este fato: "Um

dia", conta ele, "um amigo levou-me a conhecer sua fazenda. Destrancou a porta de um enorme carro novo, enfiou-se atrás do volante dizendo orgulhosamente: — O que acha do meu novo carro?

Rodamos em luxuoso conforto... até uma casa rodeada de belo jardim, e ele comentou com não pouco orgulho: — Eis a minha casa.

Continuamos de carro até o alto de um outeiro verdejante, quando o sol se punha por trás das distantes montanhas. Ele observou seu vasto domínio...

Com um gesto largo, vangloriou-se: — Daquele arvoredo ao lago, ao penhasco e aos prédios da fazenda, tudo é meu...

Eu o vi morto, deitado entre móveis luxuosos num lar palaciano. Fora dono de uma imensa propriedade... Falei no seu funeral e acompanhei o cortejo... até a sua sepultura, um pequeno espaço suficiente para um homem alto e forte.

Ontem voltei a ver a mesma propriedade com seus campos de grãos alourados, de verdejante alfafa e alvo algodão, aparentemente esquecidos daquele que se dizia seu dono." (*Improvement Era*, junho de 1968, pp. 81-82.)

A terra é do Senhor. Nós somos apenas mordomos.

Alguns que fizeram o convênio não o levam a sério. Tendo recebido o batismo como formalidade e não como um convênio, eles quase não chegam à mesa do sacramento. Os santos o levam a sério. As ordenanças do sacerdócio e os convênios feitos no templo nos dirigem à vida consagrada que Deus espera dos que assumiram o nome de Jesus Cristo.

Falando em Logan em 1984, o Presidente Ezra Taft Benson ensinou que Adão e sua posteridade receberam o mandamento de "entrar na ordem do Filho de Deus. Entrar nesta ordem", dizia ele, "é equivalente hoje a entrar na plenitude do Sacerdócio de Melquisedeque, o que só se recebe na casa do Senhor". (*Ensign*, agosto de 1985, p. 8.)

"Pois sem isto, nenhum homem pode ver o rosto de Deus, o Pai, e viver." (D&C 84:22.)

Que os santos aceitem este sacerdócio, recebam suas ordenanças e guardem os convênios, eu oro em nome de Jesus Cristo, amém.

MANTER EM EQUILÍBRIO AS EXIGÊNCIAS DA VIDA

Élder M. Russell Ballard
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Concentrando-nos em uns poucos objetivos fundamentais, é mais provável sermos capazes de atender às muitas exigências da vida."



Meus caros irmãos e irmãs, desde a última conferência geral, tenho sentido em minha própria vida o poder das bênçãos do sacerdócio e a força da fé e orações dos membros da Igreja. Há muitos anos eu vinha dando bênçãos a outros. Tenho jejuado e orado por seu bem-estar e exercido minha fé pela recuperação deles. Recentemente, durante uma grave enfermidade, fui eu o recipiente dessa fé, orações e bênçãos. Agradeço-vos, irmãos e irmãs, as preces que oferecestes em meu favor.

Um de meus colegas disse-me que dessa doença viria algo de bom. Ele sugeriu que de vez em quando é bom enfrentar-se adversidade, particularmente se ela conduz à introspecção que nos faz avaliar nossa vida livre e honestamente. Foi o que fiz.

Na noite anterior à cirurgia, meus médicos aventaram a possibilidade de câncer. Quando fiquei sozinho, minha mente encheu-se de pensamentos sobre minha família e meu ministério. Encontrei conforto nas ordenanças do evangelho que me ligam à minha família, se formos fiéis. Reconheci que precisava reordenar algumas de minhas prioridades para realizar as coisas mais importantes para mim.

Vez por outra precisamos de uma crise pessoal para reforçar em nossa mente o que realmente valorizamos e amamos. As escrituras estão repletas de exemplos de pessoas que tiveram de passar por crises antes de aprender como servir melhor a Deus e ao próximo. Talvez se vós, também, examinardes vosso coração e corajosamente avaliardes as prioridades na vida, descobrireis, como eu, que é preciso equilibrá-las melhor.

Todos nós necessitamos de um amplo e honesto auto-exame, da percepção interior do que e quem queremos ser.

Como sabeis, enfrentar os complexos e variados desafios do dia-a-dia, que não é coisa fácil, pode frustrar o equilíbrio que buscamos. Muitas pessoas de bem que se importam realmente, fazem todo o empenho para manter o equilíbrio, mas às vezes se sentem impotentes e derrotadas.

Diz uma mãe de quatro filhos pequenos: "Em minha vida não existe equilíbrio algum. Sou totalmente consumida tentando criar meus filhos. Mal tenho tempo de pensar em outra coisa qualquer."

Um jovem pai, sentindo o peso de ser o provedor da família, comentou: "Meu novo negócio exige todo meu tempo. Reconheço que estou negligenciando minha família, mas se eu puder agüentar só mais um ano, terei ganho dinheiro suficiente e então

as coisas se acalmam."

Diz um estudante secundário: "Escutamos tantos pontos de vista conflitantes que é difícil saber sempre o que está certo e o que é errado."

E quantas vezes não ouvimos esta? "Ninguém sabe melhor que eu como o exercício é importante, mas simplesmente não me resta tempo para fazê-lo."

Uma mãe sem marido disse: "Acho praticamente impossível fazer tudo o que tenho que fazer para administrar meu lar e dirigir minha família. Na verdade, às vezes penso que o mundo espera demais de mim. Por mais que eu trabalhe e me esforce, nunca conseguirei satisfazer as expectativas de todos."

Outra mãe de quatro filhos observou: "Minha luta se trava entre amor-próprio, confiança e senso de valor pessoal versus sentimento de culpa, depressão e desalento por não estar fazendo tudo o que dizem que devo fazer para merecer o reino celestial."

Irmãos e irmãs, todos nós enfrentamos esses tipos de luta de tempos em tempos. São experiências humanas comuns. Muitas pessoas sentem o peso das exigências provenientes dos encargos paternos, familiares, profissionais, religiosos e cívicos. Manter todos eles devidamente equilibrados pode representar um verdadeiro problema.

Um reexame periódico dos convênios que fizemos com o Senhor nos ajudará com respeito a nossas prioridades e equilíbrio na vida. Tal exame nos ajudará a verificar onde precisamos arrepender-nos e modificar nossa vida, a fim de assegurar nosso merecimento quanto às promessas que acompanham os convênios e ordenanças sagrados. Conquistar a própria salvação exige um bom planejamento e um esforço deliberado e valente.

Tenho algumas sugestões que espero sejam proveitosas para aqueles dentre vós preocupados com equilibrar as exigências da vida. São sugestões muito simples, básicas; seus conceitos passam facilmente despercebidos se não tomais cuidado. Incorporá-las em vossa vida requererá um forte comprometimento e disciplina pessoal.

Primeiro, refleti sobre vossa vida e estabelecei vossas prioridades. Reservai, regularmente, algum tempo para pensar calma e profundamente sobre o rumo que seguis, e o que será preciso fazer para chegar ao vosso destino. Jesus, nosso grande exemplo, muitas vezes "retirava-se para o deserto, e ali orava". (Lucas 5:16.) Precisamos fazer o mesmo vez por outra, a fim de nos rejuvenescer espiritualmente como fazia o Salvador. Anotai as tarefas que gostaríeis de executar todos os dias. Ao elaborar por escrito vossa agenda diária, lembrai-vos principalmente dos sagrados convênios que fizestes com o Senhor.



Segundo, metas imediatas que sois capazes de alcançar. Estabelecei metas bem equilibradas, nem demais, nem muito poucas, não demasiadamente altas nem muito baixas. Anotai vossas metas realizáveis e trabalhai nelas de acordo com sua importância. Ao estabelecê-las, orai por orientação divina.

Como vos lembrais, Alma disse que gostaria de ser um anjo para poder "falar com a trombeta de Deus... estremecer a terra, e proclamar arrependimento a todos os povos!" (Alma 29:1.) Em seguida diz: "Mas eis que sou um homem e peco em meu desejo; pois que deveria contentar-me com as coisas que o Senhor me concedeu... que mais tenho a desejar do que executar o trabalho para o qual fui chamado?" (Alma 29:3, 6.)

Terceiro, todo mundo enfrenta desafios financeiros na vida. Controlai, mediante um sábio orçamento, vossas reais necessidades, comparando-as cuidadosamente com vossos numerosos desejos. Um número



excessivo de pessoas e famílias se endividaram demais. Tomai cuidado com as muitas ofertas tentadoras de empréstimos. É muito mais fácil tomar dinheiro emprestado do que devolvê-lo. Na segurança financeira não existem atalhos; não há esquema para ganhar dinheiro fácil que funcione. Provavelmente aqueles que se sentem impelidos a acumular "coisas" deste mundo são os que mais necessitam do princípio de equilíbrio na vida.

Não confieis vosso dinheiro a terceiros sem uma minuciosa avaliação de qualquer investimento proposto. Nossa gente tem perdido dinheiro demais confiando em outras pessoas. Julgo que jamais teremos equilíbrio na vida a menos que nossas finanças estejam sob controle seguro.

Dizia Jacó, o profeta, ao povo: "Portanto, não despendais dinheiro naquilo que não tem valor, nem vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer. Ouvi-me atentamente, e lembrai-vos das palavras que falei. Vinde ao Santo de Israel e fartai-vos naquilo que não perece nem pode ser corrompido e deixai que vossa alma se deleite na abundância." (2 Néfi 9:51.)

Finalmente, irmãos e irmãs, lembrai-vos de pagar sempre o dízimo completo.

Quarto, apegai-vos a vosso cônjuge, filhos, parentes e amigos. Eles vos ajudarão a manter a vida equilibrada. Numa recente pesquisa feita pela Igreja, adultos, nos Estados Unidos, foram solicitados a identificar uma ocasião em que foram muito felizes e a descrever a experiência. Foi-lhes pedido ainda que descrevessem uma vez em que foram muito infelizes. Na maioria dos casos, uma das coisas que os tornou muito felizes ou sumamente infelizes foi o relacionamento pessoal com outras pessoas. Saúde pessoal, emprego, dinheiro e outras coisas materiais mostraram-se muito menos importantes. Criai um bom relacionamento com vossos familiares e amigos através da comunicação franca e honesta.

A comunicação gentil, carinhosa e atenciosa consegue manter um bom relacionamento matrimonial e familiar. Lembrai-vos de que muitas vezes um olhar, aceno ou contato físico diz muito mais que palavras. O senso de humor e saber escutar são igualmente elementos vitais da boa comunicação.

Quinto, estudai as escrituras. Elas são a melhor fonte de que dispomos para nos manter em sintonia com o Espírito do Senhor. O estudo das escrituras foi um dos meios pelos quais obtive o conhecimento seguro de que Jesus é o Cristo. O Presidente Ezra Taft Benson tem exortado os membros da Igreja a fazerem do estudo do Livro de Mórmon um hábito diário e por toda a vida. O conselho do Apóstolo Paulo a Timóteo é muito bom para cada um de nós. Dizia ele: "Que desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Jesus Cristo.

Toda a escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça." (II Timóteo 3:15-16.)

Sexto, muitas pessoas, inclusive eu, acham difícil encontrar tempo suficiente para descanso, exercício e descontração. Precisamos reservar, na agenda diária, tempo para essas atividades se queremos levar uma vida saudável e equilibrada. A boa aparência física reforça nossa dignidade e respeito próprio.

Sétimo, os profetas têm ensinado repetidamente que os familiares devem ensinar-se mutuamente o evangelho, de preferência na noite familiar semanal. Esta prática pode terminar facilmente se não tomarmos bastante cuidado. Não devemos perder essa oportunidade especial de ensinar "a doutrina do evangelho uns aos outros" (D&C 88:77), que levará a família à vida eterna.

Satanás está sempre empenhado em destruir nosso testemunho, mas jamais terá poder para nos tentar ou perturbar além de nossa capacidade de resistir, quando estudamos o evangelho e vivemos seus mandamentos.

Minha última sugestão é que oremos freqüentemente em família e individualmente. Os pais precisam exercer a necessária disciplina para dar exemplo e motivar os filhos a se reunirem regularmente para a oração familiar. Nossos jovens podem saber como tomar as decisões acertadas diariamente através da oração constante, sincera.

O Profeta Alma resumiu a importância da oração nestas palavras: "Mas que vos humilheis perante o Senhor, chameis pelo seu santo nome, vigieis e oreis continuamente, para não serdes tentados além do que podeis suportar e serdes assim conduzidos pelo Espírito Santo, tornando-vos humildes, mansos, submissos, pacientes, cheios de amor e longanimidade." (Alma 13:28.) Quando estou espiritualmente sintonizado, percebo que é muito mais fácil equilibrar tudo em minha vida.

Entendo, irmãos e irmãs, se poderiam acrescentar outras sugestões a estas. Contudo, creio que

concentrando-nos em uns poucos objetivos fundamentais, é mais provável sermos capazes de atender às muitas exigências da vida. Lembrai-vos de que qualquer excesso na vida pode--nos desequilibrar, ao mesmo tempo que a falta das coisas importantes pode fazer o mesmo. Aconselhava o Rei Benjamim: "Vede que estas coisas sejam feitas com sabedoria e ordem." (Mosiah 4:27.)

Muitas vezes, a falta de uma direção e metas claras nos faz desperdiçar tempo e contribui para desequilibrar nossa vida. A vida que perde o equilíbrio se parece com um pneu mal calibrado que torna difícil e perigoso o manejo do carro. Quando todos os pneus estão devidamente calibrados, o carro anda macio e seguro. O mesmo se dá com a vida. A passagem pela mortalidade pode tornar-se mais fácil para nós se procurarmos manter o equilíbrio. Nossa meta primordial deve ser buscar "a imortalidade e a vida eterna". (Moisés 1:39.) Tendo isto por meta, por que não eliminar de nossa vida as coisas que reclamam e consomem nossos pensamentos, emoções e energias sem contribuírem para o alcance dela?

Apenas uma palavra aos líderes da Igreja: Tende muito cuidado para que aquilo que pedirdes aos membros contribua para que conquistem a vida eterna. Para que eles possam equilibrar sua vida, os líderes da Igreja devem certificar-se de que não peçam tanto aos membros que não lhes reste tempo para realizar suas metas pessoais e familiares.

Não faz muito tempo, uma de minhas filhas comentou: "Papai, às vezes fico imaginando se um dia vou conseguir chegar lá." A resposta que lhe dei é a mesma que vos daria se tivésseis sentimentos semelhantes. Simplesmente fazei o melhor possível todos os dias. Fazei as coisas fundamentais e, antes de vos dar conta, vossa vida será cheia de entendimento espiritual que confirmará que o Pai Celeste vos ama. Sabendo disto, a vida da pessoa será repleta de propósito e sentido, tornando mais fácil manter o equilíbrio.

Vivei cada dia com alegria no coração, irmãos e irmãs. Testifico humildemente que a vida pode ser maravilhosa, em nome de Jesus Cristo, amém.

SOU EU UM MEMBRO "VIVO" ?

Presidente Howard W. Hunter
Presidente em Exercício do Quorum dos Doze Apóstolos

"Eis a pergunta que nos resta responder: Sou eu um membro verdadeiro e vivo, dedicado e compromissado?"



Num momento crítico da Batalha de Waterloo, quando tudo dependia da firmeza dos combatentes, um mensageiro ansioso e esbaforido apresentou-se ao Duque de Wellington com a mensagem de que se as tropas não fossem imediatamente substituídas ou não batessem em retirada, elas não resistiriam ao iminente ataque das forças francesas. O Duque respondeu: — Fiquem firmes!

— Mas nós morreremos — retrucou o oficial.

— Fiquem firmes! — repetiu o impassível Duque.

— O senhor nos encontrará lá — replicou o mensageiro, partindo a galope.

E, obviamente, os britânicos foram vitoriosos nesse dia, em virtude de tamanha lealdade e determinação. (Ver Walter Baxendale, ed., *Dictionary of Anecdote, Incident, Illustrative Fact*, New York: Thomas Whittaker, 1889, p. 225.)

Hoje se trava uma batalha de conseqüências muitíssimo mais sérias: a luta pela alma dos homens. Seu resultado depende igualmente da firmeza dos combatentes. O toque de clarim do comandante se ouve acima da feroz artilharia do arquiinimigo: "Ficai firmes! Sede fiéis!"

Irmãos e irmãs, sou grato que a grande maioria dos que se encontram ao alcance de minha voz se estejam mantendo firmes e fiéis ao reino de Deus. À semelhança dos jovens guerreiros de Helamã, "permanecem firmes naquela liberdade com que Deus os fez livres; e são rigorosos em se lembrar do Senhor seu Deus diariamente; sim, cuidam continuamente de guardar seus mandamentos, estatutos e julgamentos; e sua fé é firme nas profecias relativas ao que há de vir". (Alma 58:40.) Estou-me referindo aos membros da Igreja que vivem sua crença cristã na pacata simplicidade do seu dia-a-dia.

Numa conferência da Igreja em Hiram, Ohio, a 1º de novembro de 1831, o Senhor revelou, no prefácio de Doutrina e Convênios, que esta é "a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra". (D&C 1:30.) Isto deveria despertar em nossa mente uma questão de importâcia eterna: Sabemos que, institucionalmente, esta é a única igreja verdadeira e viva, mas, individualmente, sou eu um membro verdadeiro e vivo?

Tal pergunta pode parecer um jogo com as palavras do Senhor, quando diz que esta é a igreja verdadeira e viva. Ao perguntar: "Sou eu um membro verdadeiro e vivo?" estou indagando: Eu me dedico plena e profundamente a guardar os convênios que fiz com o Senhor? Estou totalmente comprometido a viver o evangelho, a ser um cumpridor da palavra e não apenas ouvinte? Eu vivo minha religião? Permanecerei fiel a ela? Mantenho-me firme contra as tentações de Satanás? Ele está procurando nos desencaminhar num vendaval de escárnio e maré de sofismas. Não obstante, nós podemos sair vitoriosos atendendo à voz interior



que clama: "Fica firme!"

Responder afirmativamente à pergunta: "Sou eu um membro vivo?" confirma nosso comprometimento. Significa que amaremos a Deus e ao próximo como a nós mesmos, agora e sempre. Significa que nossos atos mostrarão quem somos e em que acreditamos. Significa que somos cristãos de todo dia, andando como Cristo quer que andemos.

Membros vivos são aqueles que procuram um comprometimento total. Seguem admoestação de Néfi quando diz:

"E agora meus queridos irmãos, depois de haverdes entrado neste caminho reto e apertado, eu vos pergunto: Estará tudo feito? Eis que vos digo: Não; porque não haveríeis chegado a esse ponto, se não fosse pela palavra de Cristo, com fé inabalável nele, e confiando plenamente nos méritos daquele que tem poder de salvar.

Deveis, pois, prosseguir para frente com firmeza em Cristo, tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens. Portanto, se assim prosseguirdes, banqueteando-vos com a palavra de Cristo e perseverando até o fim, eis que diz o Pai: Tereis vida eterna." (2 Néfi 31:19-20.)

Os membros vivos reconhecem seu dever de ir em frente. São batizados como primeiro passo de sua jornada como viventes. É um sinal para Deus, os anjos e os céus de que acatarão a vontade de Deus. Damos especiais boas-vindas àqueles dentre vós, no mundo inteiro, que assumiram recentemente esses convênios. Externamo-vos nosso amor e queremos que saibais de nosso interesse por vós e todos os membros de toda a parte. Damo-vos boas vindas à fraternidade e irmandade dos santos dos últimos dias. A palavra *santo* não significa que qualquer de nós seja perfeito; mas sim, que estamos todos tentando, todos servindo e todos prometendo solenemente ficar firmes na fé.

O membro vivo jamais se afasta da senda de seu compromisso. Numa ocasião, certo homem procurou o Salvador e lhe disse:

"Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa.

E Jesus lhe disse: Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus." (Lucas 9:61-62.)

Para abrir um sulco reto, o arador precisa manter os olhos num ponto fixo à frente dele. É isto que o mantém no rumo certo. Se, entretanto, ele olhar para trás para ver de onde veio, aumenta a probabilidade de se desviar, resultando em sulcos tortos e irregulares. Convidamos aqueles que são membros recentes a fixarem sua atenção a nova meta e nunca mais olharem para seus problemas ou transgressões passadas, a não ser como medida de seu crescimento, valor e bênçãos de Deus. Se concentrarmos nossas energias, não atrás, mas adiante de nós, na vida eterna e alegria da salvação, seguramente a conquistaremos.

Os membros vivos atentam para o Espírito, que vivifica a vida interior. Procuram incessantemente sua orientação. Oram em busca de forças e para vencer dificuldades. Seu coração não se prende às coisas do mundo, mas ao infinito. Não sacrificam a renovação espiritual pela gratificação física.

Os membros vivos colocam Cristo em primeiro lugar na vida, pois sabem de que fonte provém sua vida e seu progresso. O homem tem a tendência de colocar-se no centro do universo e esperar que os outros se adaptem a seus desejos, anseios e necessidades. A natureza, entretanto, não honra tal suposição errônea. O papel central na vida pertence a Deus. Em lugar de

pedir que atenda nossos desejos, devemos procurar colocar-nos em harmonia com sua vontade, prosseguindo assim em nosso progresso como membro vivo.

O primeiro grande mandamento é: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento." (Mateus 22:37.) Para amá-lo precisamos fazer o que ele nos pede. Precisamos mostrar disposição de nos tornar como ele é.

Uma vez convertidos, os membros vivos cumprem o mandamento de fortalecer seus irmãos, mostram-se desejosos de compartilhar sua alegria com outros, e jamais perdem esse desejo. Dizia Patrick Henry, no fim da vida: "Agora transferi toda minha propriedade a minha família... Há mais uma coisa que gostaria de dar-lhes, e esta é a religião cristã... Se a tivessem e eu não lhes houvesse dado um só real, seriam ricos; e se não a têm, e eu lhes desse o mundo inteiro, eles seriam pobres." (Citado por Tryon Edwards, comp., *The New Dictionary of Thoughts*, Garden City, New York: Standard Book Co., 1961, p. 561.)

Os membros vivos reconhecem a necessidade de pôr suas crenças em ação. Os santos estão ansiosamente empenhados em realizar muitas obras boas e nobres de livre e espontânea vontade. O Presidente Heber J. Grant observou certa vez que "existe em nós o poder de sermos agentes para nós mesmos, e que não devemos esperar sermos mandados em todas as coisas, pois aquele que é compelido em todas as coisas é servo indolente e não sábio. Devemos ter a ambição, ter o desejo, tomar a decisão de cumprir toda nossa tarefa na batalha da vida, na medida em que o Senhor Onipotente nos deu talento. Deveria ser uma questão de orgulho que homem algum fará mais que vós, em proporção à vossa capacidade, na promoção da obra de Deus aqui na terra." (*Improvement Era*, outubro de 1939, p. 585.)

Os membros vivos amam-se uns aos outros; visitam os órfãos e viúvas em suas aflições; e conservam-se limpos das manchas do mundo.

Como membros da igreja viva, cremos no Deus vivente. Antes de cruzarem o Jordão, Josué chamou os filhos de Israel, dizendo: "Chegai-vos para cá, e ouvi as palavras do Senhor vosso Deus... Nisso conhecereis que o Deus vivo está no meio de vós." (Josué 3:9-10.) Respondendo ao desafio de Golias, o jovem Davi falou corajosamente aos homens junto dele: "Quem é... este incircunciso filisteu, para afrontar os exércitos do Deus vivo?" (I Samuel 17:26.) Jeremias se referiu igualmente ao Senhor como o Deus verdadeiro e vivo. (Ver Jeremias 10:10.)



Cremos firmemente que esta é a Igreja verdadeira e viva do Deus verdadeiro e vivente. Eis a pergunta que nos resta responder: Sou eu um membro verdadeiro e vivo, dedicado e compromissado?

Que fiquemos firmes e sejamos membros verdadeiros e vivos da Igreja, e recebamos a prometida recompensa de estar entre aqueles de quem Doutrina e Convênios diz: "São os que vieram ao Monte Sião e à cidade do Deus vivo, o lugar celeste, o mais santo de todos." (D&C 76:66.) Esta é minha oração em nome de Jesus Cristo, amém.

SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO
4 de abril de 1987

APOIO DOS OFICIAIS DA IGREJA

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



Meus irmãos e irmãs, apresentar-vos-ei agora as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja para voto de apoio.

É proposto que apoiemos o Presidente Ezra Taft Benson como profeta, vidente e revelador, e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Gordon B. Hinckey como primeiro conselheiro na Primeira Presidência, e Thomas S. Monson como segundo conselheiro na Primeira Presidência.

Os que estão a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõem, manifestem-se.

É proposto que apoiemos como presidente do Conselho dos Doze Apóstolos Marion G. Romney e Howard W. Hunter como presidente em exercício do Conselho dos Doze Apóstolos, e como membros deste conselho: Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard e Joseph B. Wirthlin. Os que estão a favor, queiram manifestar-se. Quem estiver contra, pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores. Os que estiverem a favor, queiram manifestar-se. Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos os seguintes irmãos como membros adicionais do Primeiro Quorum dos Setenta para servirem por um período de cinco anos: George R. Hill III, John R. Lasater, Douglas J. Martin, Alexander B. Morrison, L. Aldin Porter, Glen L. Rudd, Douglas H. Smith e Lynn A. Sorensen.

Todos a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõem, pelo mesmo sinal.

A Irmã Maurine J. Turley aceitou o chamado para acompanhar seu marido como presidente da Missão Little Rock Arkansas. É necessário portanto desobrigá-la como primeira conselheira na presidência geral das Moças. Do mesmo modo desobrigamos a Irmã Jayne B. Malan como segunda conselheira.

Todos os que desejarem expressar um voto de apreço a essas irmãs que tão devotadamente serviram em suas respectivas funções, poderão fazê-lo levantando a mão. Obrigado.

A presidente das Moças, Irmã Ardeth G. Kapp, pediu à Irmã Jayne B. Malan que seja sua primeira conselheira e à Irmã Elaine Low Jack que seja a segunda conselheira. Todos a favor, queiram manifestar-se. Os que discordam, pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos todas as outras Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja como presentemente constituídos. Os que forem a favor, queiram manifestar-se. Se alguém discordar, poderá indicá-lo.

Presidente Benson, parece-me que os votos positivos foram unânimes.

Convidamos as novas Autoridades apoiadas e a Irmã Jack a ocuparem seus lugares, junto ao púlpito.



A Primeira Presidência cumprimenta membros do Quorum dos Doze.

Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja

Apresentado por Wilford G. Edling
Encarregado do Comitê de Auditoria

À Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Examinamos o relatório financeiro anual da Igreja, datado de 31 de dezembro de 1986, e as transações referentes ao exercício findo. Os balanços e relatórios financeiros analisados pelo comitê, referiam-se aos fundos gerais da Igreja e de outras organizações por ela controladas, cuja contabilidade é mantida pelo Departamento Financeiro e de Registros da Igreja. Verificamos também os procedimentos seguidos no orçamento, contabilização e auditoria, a forma de recebimento de fundos e controle de despesas. Concluímos que o dispêndio dos fundos gerais da Igreja foi autorizado pela Primeira Presidência e feito de acordo com procedimentos orçamentários. O orçamento é autorizado pelo Conselho de Disposição de Dízimos, composto pela Primeira Presidência, Conselho dos Doze e Bispado Presidente. O Comitê de Gastos administra, em reuniões semanais, as despesas de acordo com os orçamentos.

O Departamento Financeiro e de Registros emprega tecnologia e equipamentos de contabilidade modernos para fazer frente à rápida expansão e atividades diversificadas da Igreja.

O Departamento de Auditoria, que independe de todos os demais departamentos, cuida das auditorias financeiras, operacionais e dos sistemas de computação empregados pela Igreja. Esses serviços são executados em caráter contínuo e abrangem os departamentos da Igreja e outras organizações por ela controladas em operações mundiais incluindo missões, escolas, escritórios administrativos e atividades departamentais. A extensão e o âmbito do Departamento de Auditoria para salvaguardar os recursos da Igreja aumentam de acordo com o crescimento e ampliação das atividades da Igreja. A auditoria dos fundos locais de alas e estacas fica a cargo de auditores de estaca, cujos relatórios são examinados pelo Departamento de Auditoria da Igreja. Negócios incorporados controlados pela Igreja ou de sua propriedade, cuja contabilidade não é mantida pelo Departamento Financeiro e de Registros, são verificados por empresas de auditoria ou fiscais do governo.

Baseados em nosso exame do relatório financeiro anual e outros dados contábeis, e no estudo dos métodos de contabilização e auditoria pelos quais são controladas as operações financeiras, além de constantes reuniões com o pessoal dos Departamentos Financeiro e de Registros, de Auditoria e Legal, somos de opinião que os fundos gerais da Igreja recebidos e despendidos durante o ano de 1986, foram devidamente contabilizados, de conformidade com os procedimentos aqui expostos.

Submetemos respeitosamente este relatório.

COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA
Wilford G. Edling
David M. Kennedy
Warren E. Pugh
Merrill J. Bateman
Ted E. Davis



Relatório Estatístico de 1986

Apresentado por F. Michael Watson
Secretário da Primeira Presidência

Para informação dos membros da Igreja, a Primeira Presidência emitiu o relatório estatístico a seguir, referente ao crescimento e posição da Igreja em 31 de dezembro de 1986. (Os números de membros incluem estimativas baseadas nos relatórios referentes a 1986, disponíveis antes da conferência.)

Unidades da Igreja

Número de estacas	1.622
Número de distritos	346
Número de missões	193
Número de alas	10.527
Número de ramos em estacas	2.792
Número de ramos em missões	2.070
Número de países independentes com alas e ramos organizados	98
Número de territórios, colônias e possessões com alas e ramos organizados	24

(Esta estatística mostra um aumento de 40 estacas e 379 alas e ramos durante 1986.)

Membros da Igreja

Total de membros no final de 1986	6.170.000

Crescimento da Igreja em 1986

Aumento de número de crianças registradas	93.000
Número de crianças batizadas	72.000
Número de conversos batizados	216.210

Sacerdócio

Homens com Sacerdócio de Melquisedeque	745.000
Homens e rapazes com Sacerdócio Aarônico	844.000

Missionários

Missionários de tempo integral	31.803

Membros Preeminentes Falecidos desde Abril do Ano Passado:

Élder A. Theodore Tuttle, membro do Primeiro Quorum dos Setenta; Élder Henry D. Taylor, membro emérito do Primeiro Quorum dos Setenta; Élder James A. Cullimore, membro emérito do Primeiro Quorum dos Setenta; Élder O. Leslie Stone, membro emérito do Primeiro Quorum dos Setenta; May J. Dyer, viúva do Élder Alvin R. Dyer, ex-conselheiro da Primeira Presidência e membro do Quorum dos Setenta; Beverly J. Call, esposa do Élder Waldo P. Call do Primeiro Quorum dos Setenta; G. Carlos Smith Jr., ex-superintendente geral da Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes.



CONVÊNIOS

Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

"As ordenanças e os convênios são nossas credenciais para a admissão em sua presença. Ser dignos de recebê-los é a busca de toda uma vida; mantê-los daí em diante é o desafio da mortalidade."



Espero não ser presunção de minha parte registrar nesta conferência, e portanto, na história da Igreja, um comentário como complemento à conferência anterior.

Na última sessão da conferência de outubro p.p.; o Élder A. Theodore Tuttle deu um sermão tocante e inspirador sobre fé. Ele falou do fundo do coração, com as escrituras em mãos, sem um texto preparado. Quando terminou de falar, o Presidente Hinckley, que dirigia aquela sessão, disse:

"Talvez eu esteja sendo indiscreto, mas acho que vou me arriscar a dizer que o Irmão Tuttle tem estado seriamente enfermo e que precisa de nossa fé, a fé da qual ele falou. Apreciaríamos se os que o ouviram em toda a Igreja rogassem por sua saúde ao Pai Celestial, com o tipo de fé que ele descreveu." (Conference Report, Outubro, 1986, p. 93.)

O Presidente Ezra Taft Benson, que foi o último orador, endossou as palavras do Presidente Hinckley e pediu, ele mesmo, que jejuássemos e orássemos pela recuperação do Irmão Tuttle.

Mas o Irmão Tuttle não se recuperou. Faleceu sete semanas mais tarde. Agora, a menos que a fé de alguém haja fraquejado, as orações fervorosas não foram respondidas, e ainda que seja intrigante o próprio profeta ter rogado a toda a Igreja que jejuasse e orasse pela vida do Irmão Tuttle e que mesmo assim ele morresse, vou contar-lhes uma experiência.

Eu pretendia ter dito isto em seu funeral, mas a maneira como me sentia não o permitiu.

Certo domingo, quando o Irmão Tuttle estava em casa, praticamente confinado ao leito, passei algumas horas com ele enquanto Marné e a família foram à Igreja.

Ele estava profundamente comovido pela efusão de amor que recebia de todas as partes do mundo. Cada carta estendia preces de fé por sua recuperação. Muitas delas vinham da América do Sul, onde a família Tuttle havia trabalhado durante tantos anos.

Naquele dia nós recapitulamos sua vida, começando por seu nascimento em Manti, Utah, filho de um casal santo dos últimos dias como outro qualquer. Falamos sobre seu pai, a quem eu conheci, e sobre sua mãe, uma fervorosa oficiante do Templo.

Ele falou de sua missão, seus dias de faculdade, seu casamento com Marné Whitaker, e de seu heróico serviço na Marinha.

Então revivemos os dias em que dávamos aula do seminário em Brigham City e supervisionávamos os seminários e institutos de religião.

Ele falou de seus sete dedicados filhos e de seus netos que sempre descrevia como "as melhores crianças do mundo".

Falou de seu chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta e das designações que se seguiram. Logo a família Tuttle foi chamada para a América do Sul. Eles mal haviam voltado para casa, quando ele foi entrevistado para retornar.

Outros dizim: "Claro, se fôssemos *chamados*, iríamos." Mas não ele ou Marné, pois eles haviam feito convênios. Sem queixas, sua esposa e filhos o acompanharam vez após vez, num total de sete anos.

Não importava que nunca se houvesse recuperado dos sérios problemas físicos que surgiram em sua primeira designação. Naquele dia o Irmão Tuttle falou carinhosamente do povo humilde da América Latina. Eles que têm tão pouco, haviam abençoado sua vida tão grandemente.

Ele insistiu em dizer que não merecia mais bênçãos, e que não precisava delas. Outras pessoas precisavam mais. E então me disse o seguinte: "Conversei com o Senhor sobre aquelas orações para minha recuperação. Pedi que se as bênçãos fossem minhas eu pudesse fazer delas o que bem entendesse. Disse ao Senhor que, se possível, gostaria que fossem tiradas de mim e dadas àqueles que necessitavam mais."

Ele disse: "Implorei ao Senhor que retirasse aquelas bênçãos e as desse a outros."

O Irmão Tuttle queria as bênçãos de nossas orações para aquelas almas em luta, de quem nós dificilmente nos lembramos, mas de quem ele não podia esquecer.

As escrituras ensinam que "a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos". (Tiago 5:16.)

Não podeis crer que o Senhor haja atendido às súplicas deste homem santo acima de nosso próprio apelo por sua recuperação?

Não compreendemos todas as coisas, mas é errado supor que nossas preces não foram de modo algum em vão? Quem, dentre nós, ousaria dizer que os humildes aqui e lá, no continente sul-americano, não receberão bênçãos inesperadas passadas adiante tão sinceramente por esse homem?

Não podem propósitos elevados como este ter efeito em nossa vida se formos dóceis?

Sei que os céticos podem ridicularizar tais coisas. Mas estou feliz



Da esquerda para a direita: Bispo Presidente Robert D. Hales e Bispo Glenn L. Pace, Segundo Conselheiro com Élder Howard W. Hunter do Conselho dos Doze.

em crer que nossas preces foram aceitas, registradas e redirigidas àqueles, cujas mãos afrouxam em desespero, da maneira como o Irmão Tuttle havia pedido.

De qualquer modo, não devemos concluir nossas orações com "Seja feita a Tua vontade, Ó Senhor"?

Durante suas últimas semanas de vida, ele estava sempre amável, invariavelmente confortando aqueles que vinham confortá-lo. Eu estava presente quando chamou seus médicos ao lado da cama e agradeceu a cada um pelos cuidados que havia recebido.

Estava determinado a permanecer vivo no Dia de Ação de Graças, com receio de que sua ida deixasse uma sombra de tristeza sobre sua família naquela data em anos posteriores. Naquela noite ele viu cada um dos filhos, ligou para os que estavam distantes, expressou seu amor e bênçãos, e se despediu deles. Era muito tarde quando conseguiram localizar Claire, que mora no Alaska, mas sua partida tinha de ser retardada até que houvesse feito isso.

Logo cedo, na manhã seguinte, sem resistência, com um espírito de sereno pressentimento, ele se foi. Naquele instante, penetrou no quarto um espírito de paz que ultrapassa o entendimento.

Marné fora antes, foi naquele momento, e continua sendo, um perfeito exemplo de serenidade e aceitação.

Agora, aprendemos uma lição da seguinte experiência.

O Irmão Tuttle serviu durante vinte e oito anos como Autoridade Geral. Viajou pelo mundo. Supervisionou a obra na Europa por um tempo. Mas embora tivesse de ir a muitos lugares e fazer muitas coisas, ele repetidamente dizia que sua experiência máxima foi servir como Presidente do Templo de Provo, tendo ao lado sua amada Marné.

Poucos conhecem a agenda ocupada de um presidente de templo. O dia pode iniciar às três da manhã e só terminar bem próximo àquela mesma hora.

O importante desse chamado para ele não era estar *presidindo* o templo, mas sim, poder *estar* no templo. Ele teria ficado feliz mesmo se estivesse sendo liderado. Seus sentimentos para com tal designação não estavam tão relacionados à sua compreensão do que é um *chamado*, mas à sua compreensão do que é um *convênio*.

Um convênio é uma promessa sagrada, conforme usado nas escrituras; uma promessa solene e permanente entre Deus e o homem. A plenitude do evangelho em si é definida como o novo e eterno convênio. (Ver D&C 22:1; 66:2.)

Vários anos atrás, eu designei um presidente de estaca na Inglaterra. Ele está aqui na audiência hoje, servindo num outro chamado. Possuía um incomun senso de direção. Era como um marinheiro com um sextante*, que se guiava pelo curso dos astros. Encontrava-me com ele cada vez que vinha à conferência, e me impressionava ao ver como mantinha a si mesmo e sua estaca no curso.

Para minha alegria, quando chegou a época de desobrigá-lo, fui designado para reorganizar a estaca. Foi então que descobri o que era aquele sextante e como ele o havia ajustado de modo a avaliar sua posição e seguir um curso para si próprio e para seus membros.

Ele aceitou a desobrigação, e disse: "Fiquei feliz ao aceitar o chamado para servir como presidente de estaca, e fico igualmente feliz ao aceitar minha desobrigação. Não servi apenas porque

*(N.T. Instrumento destinado a medir a altura de um astro acima do horizonte.)

estava sob um chamado. Servi porque estou sob um *convênio*. E posso manter meus convênios tão bem servindo como um mestre familiar quanto como presidente de estaca."

Esse presidente compreendeu o significado da palavra *convênio*.

Embora não fosse nenhum profundo conhecedor do evangelho, de alguma forma ele aprendeu que alcançamos a exaltação mantendo convênios, e não ocupando alta posição.

O marinheiro se orienta com a luz vinda de corpos celestes, o sol de dia, as estrelas à noite. Aquele presidente de estaca não precisava do sextante de um marinheiro para definir seu caminho. Ele possuía na mente um sextante infinitamente mais aperfeiçoado e preciso do que qualquer outro instrumento.

O sextante espiritual, que todos nós possuímos, também funciona de acordo com o princípio de luz vinda de fontes celestiais. Ajustai-o em vossa mente às palavras *convênio* e *ordenança*. A luz penetrará. Podereis então posicionar-vos e determinar um curso seguro na vida.

Não importa qual a nacionalidade ou raça, sexo, ocupação, não importa vossa educação, pois a despeito da geração em que vivemos, a vida é uma jornada de volta ao lar, para todos nós, de volta à presença de Deus em seu reino celestial.

As ordenanças e os convênios são nossas credenciais para a admissão em sua presença. Ser dignos de recebê-los é a busca de toda uma vida; mantê-los daí em diante é o desafio da mortalidade.

Uma vez que nós e nossas famílias as tenhamos obtido, temos o dever de realizar tais ordenanças vicariamente por nossos mortos, na verdade, por toda a família humana.

Agora, existem aqueles que ridicularizam a idéia de ordenanças vicárias serem realizadas para a salvação de almas. Encaram isso como algo muito estranho.

Nenhum cristão se surpreenderia com tal doutrina. Não foi o sacrifício de Cristo uma oferta vicária para e a favor de toda a humanidade? A expiação foi realizada vicariamente.

O Senhor fez por nós o que não podíamos fazer por nós mesmos. Não é uma atitude cristã de nossa parte realizar ordenanças vicárias no templo por e a favor daqueles que não podem fazê-las para si mesmos?



Os membros da Primeira Presidência sorrindo para os membros do coro.

A genealogia, ou história familiar, como prefiro chamá-la, é uma parte indispensável das ordenanças do templo. Os templos são mantidos com nomes. Sem a genealogia, as ordenanças poderiam ser realizadas apenas para os vivos. A busca dos nomes de nossos parentes falecidos é um dever de suma importância. O espírito que acompanha esta obra é muito semelhante àquele que é sentido dentro do próprio templo.

Os missionários e aqueles cujos filhos são pequenos podem não ter condições de devotar muito tempo a isto no momento, mas podem conservar o espírito desta obra. Podeis conversar com os membros idosos de vossa família e gravar o que dizem, manter registros familiares, ir ao templo.

Há uma tendência por parte de alguns de considerar a obra genealógica um fardo tedioso e opressivo. E eles se satisfazem em deixá-lo para os mais velhos ou para os outros "que se interessam por tais coisas".

Cuidado! Pode ser que aqueles que se interessam por isso tenham escolhido a melhor parte. E eu vos diria, se haveis sido chamados para outro serviço, ou se não tendes interesse por genealogia,não deprecieis

nem fiqueis no caminho daqueles que o fazem. Encorajai-os; contribuí de alguma forma.

O Profeta Joseph Smith disse: "A doutrina do Profeta Elias ou seu poder para ligar compreende o seguinte: Se tendes o poder para ligar na terra e nos céus, então deveis ser sábios. A primeira coisa que deveis fazer é ligar vós mesmos a vossos pais em glória eterna." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, sel. Joseph Fielding Smith, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1938, p. 340.)

O espírito de Elias, de quem os profetas têm falado, é real e acompanha aqueles que buscam os registros de seus mortos.

Quanto mais faço a pesquisa genealógica, mais dificuldade encontro na palavra *mortos*. Não conheço nenhum substituto adequado. Em minha opinião, *aqueles que já partiram* seria a melhor forma de dizê-lo. Tenho tido muitas experiências sagradas, do tipo que jamais contamos abertamente, para sentir que a palavra *mortos* descreve aqueles que se foram para o outro lado do véu.

As ordenanças do templo e a pesquisa genealógica são testemunhos visíveis de nossa crença na expiação e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Se duvidássemos de que haveria novamente vida além do véu, por que razão teríamos de fazer as coisas que fazemos?

Esta obra é nossa testemunha do poder redentor do sacrifício do Senhor Jesus Cristo.

E com relação ao Irmão Tuttle ou sua família? Relembro-vos de que o que nos separa do mundo espiritual é um véu e não um muro. Ele manteve seus convênios. O véu pode ficar tênue, e até mesmo se dissipar. Não fomos deixados para realizar esta obra sozinhos.

Aqueles que nos precederam nesta obra e nossos antepassados lá, algumas vezes estão muito próximos de nós. Tenho um testemunho desta obra; ela é divina. Sou testemunha de que aqueles que se encontram além do véu, ainda vivem e ministram aqui, a fim de que esta obra se realize.

Que o Senhor conceda a nós, que temos a oportunidade de participar dela, o desejo de buscar tal oportunidade e trabalhar com todas as forças, em nome de Jesus Cristo, amém.

SEGURANÇA ESPIRITUAL

Élder Charles Didier
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Voltar-se para o Senhor e confiar em suas revelações é viver de modo a resistir às correntezas e ventos da dúvida e incerteza."



Desde o início, a verdade e o conhecimento de nós mesmos e do meio em que vivemos têm sido uma busca do homem natural e o tem levado a grandes descobertas científicas, bem como a teorias bastante discutíveis. Parece não haver limite para suas perguntas, e as respostas que podem ter sido consideradas corretas ontem, provavelmente mudarão hoje e novamente amanhã.

Esta busca não se limita apenas à ciência, mas a todos os aspectos de nossa vida. Mais do que em qualquer outra época, nossos valores e papéis como homens, mulheres e crianças estão sendo desafiados e examinados, supostamente para libertar os indivíduos da ansiedade, servidão, medo e fanatismo, e para lhes dar um sentimento de segurança. Parece que o homem natural sempre quer assegurar suas verdades e seu conhecimento para que isso seja conveniente à sua segurança carnal.

Submerso numa contínua enchente de reconsiderações conflitantes a respeito de cada possível valor, o indivíduo não deveria surpreender-se ao ver que essas constantes mudanças causam um estado de constante insegurança e não de segurança na vida das pessoas, chegando a ponto de muitos, especialmente os jovens, abdicarem de suas responsabilidades, e até mesmo de sua própria vida. Que paradoxo!

Em nossa vida de provas, tribulações e constantes mudanças, é óbvio que todos busquemos algum tipo de segurança, algo estável e imutável a que nos possamos apegar, e temos nos cercado de todo tipo de artifícios e organizações que levam o nome de *segurança*. Por exemplo, usamos cobertores de segurança para acalmar e agasalhar nossos filhos. Instalamos sistemas de segurança para proteger nosso lar e nossas propriedades. O sistema de Segurança Social foi criado como uma proteção contra tempestades temporárias. Na área política, o Conselho de Segurança das Nações Unidas tenta manter a paz entre as nações do mundo. Às vezes nos deleitamos com essa busca consumidora da assim chamada *segurança*, mas nós a requisitamos e desejamos pagar por ela. A despeito, porém, de nossos esforços, não obtemos a real segurança que tanto buscamos. Seria porque confiamos no braço da carne?

A segurança é um ingrediente essencial em nossa vida. Ela inclui o conhecimento de nossa verdadeira identidade e do propósito da vida, de nosso relacionamento com os outros e de como enfrentar as adversidades e desafios diários. Pode ser uma questão de vida ou morte. Diariamente nos deparamos com o bom e o mau, com o certo e o errado. Da infância à velhice, se não nos sentirmos seguros ou se vivermos ludibriando nossa segurança carnal, nossas atitudes, ideais e relacionamento com as demais pessoas

sofrerão. Quando obtemos um sentimento de segurança do amor recebido de pais amorosos, na infância, e continuamos a experimentar a segurança proveniente da obediência às leis, abençoamos nossa própria vida e a vida de outros. A questão, então, continua sendo onde e como encontrar a segurança proveniente da retidão, em oposição à segurança carnal. Para o propósito pelo qual estamos aqui, chamaremos a segurança que vem da retidão de segurança espiritual.

A segurança espiritual proporciona vantagens interessantes: não precisais pagar impostos, ela não muda, não vos tolhe a liberdade ou o livre-arbítrio, e traz resultados positivos, confortantes, espirituais e eternos.

A segurança não pode ser garantida pois o livre-arbítrio também traz insegurança, e a segurança espiritual não elimina ou anula automaticamente o perigo, a opressão ou a oposição.

Então, de que modo podemos obter a segurança espiritual? Para muitos a resposta talvez seja simples demais: primeiro, voltai-vos para o Senhor. O Rei Limhi disse: "Mas, se voltardes ao Senhor com pleno propósito de coração, se tiverdes confiança nele e o servirdes com toda a diligência de vossa mente, e se assim fizerdes, ele vos livrará do cativeiro, de acordo com a sua vontade e prazer." (Mosiah 7:33.)

Segundo, confiai no Senhor. Como disse Néfi, há tanto tempo:

"Ó Senhor, confiei em ti e em ti confiarei sempre. Não porei minha confiança no braço da carne, pois sei que aqueles que confiam no braço da carne serão malditos. Sim, maldito é aquele que confia no homem ou que faz da carne o seu braço.

Sim, sei que Deus dá com liberalidade aos que pedem" (2 Néfi 4:34-35).

Voltar-se para o Senhor e confiar nele significa conhecer suas revelações. A segurança espiritual vem da revelação que desvenda a verdadeira natureza da Deidade. O tipo de Deus em que cremos geralmente determina o tipo de pessoa que somos e em que nos tornaremos. Sem a revelação acerca da verdadeira natureza da Deidade, o homem natural seguirá "seu próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio Deus, a qual é a semelhança do mundo" (D&C 1:16).



Da esquerda para a direita: Élder Robert L. Simpson e Élder J. Thomas Fyans, do Primeiro Quorum dos Setenta.

A segurança espiritual vem da revelação que descreve um plano de salvação em nosso favor. "Deus conversou com os homens e tornou-lhes conhecido o plano de redenção, que havia sido preparado desde a fundação do mundo" (Alma 12:30). O plano de salvação dá a orientação a ser seguida, um caminho seguro para nos fortalecermos contra as ciladas do mundo.

A segurança espiritual é a revelação que nos diz qual a fonte do plano de salvação: Jesus Cristo.

"E falamos de Cristo", disse Néfi, "nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com as nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte devem procurar o perdão de seus pecados" (2 Néfi 25:26). A fonte é identificada, limpa e autêntica. Não precisamos buscar em nenhum outro lugar.

A segurança espiritual vem da revelação que alivia a ansiedade da morte. "Mas há ressurreição; portanto, a sepultura não tem vitória e o aguilhão da morte é desfeito em Cristo" (Mosiah 16:8). Quão reconfortante é conhecer não apenas a realidade da ressurreição, mas também da vida eterna.

"E que é que deveis esperar? Eis que vos digo que deveis ter esperança de que por intermédio da expiação de Cristo e do poder da sua ressurreição, sereis elevados à vida eterna" (Morôni 7:41).

A segurança espiritual aumenta com a revelação que promete um modo de vida imutável e eterno.

"Pois não lemos que Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre, e que nele não há mudança nem sombra de transformação?" (Mórmon 9:9.) Não há necessidade de penosas revisões diárias ou reconsiderações de nossos valores.

A segurança espiritual aumenta porque a revelação nos ensina a respeito de nossa verdadeira indentidade e de nosso relacionamento com Deus. Desde o início foi revelado a Adão: "Eis que tu és um em Mim, um filho de Deus" (Moisés 6:68.) Foi então revelado a outros, tais como Moisés: "E eis que tu és meu filho"



(Moisés 1:4). "E tu és a semelhança do meu Unigênito; e meu Unigênito é e será o Salvador" (Moisés 1:6). Em nossa dispensação também foi revelado a Joseph Smith, Oliver Cowdery e a muitos outros: "Eis que te digo, meu filho" (D&C 9:1).

O fato de saber quem realmente somos prepara-nos para usar tal conhecimento a fim de enfrentar as tentações, resistir a elas e agir retamente. Moisés, sabendo que era um filho de Deus, conforme lhe fora revelado, disse a Satanás: "Vai-te daqui, Satanás, não me enganes; porque Deus me disse: És à semelhança de meu Unigênito" (Moisés 1:16). A conseqüência foi que o Senhor o chamou, dizendo: "Bendito sejas tu, Moisés, porque Eu, o Todo-Poderoso, te escolhi, e serás mais forte que muitas águas; porque estas obedecerão a teu mandado, como se foras Deus" (Moisés 1:25). A segurança espiritual torna-se evidente quando o Senhor acrescenta: "Eis que estarei contigo até o fim de teus dias." (Moisés 1:26.)

A segurança espiritual é edificada por meio da revelação que descreve o papel do homem e da mulher. Após a queda, o Pai Celestial dirigiu-se a Adão e Eva, individual e diretamente, e os instruiu sobre seus papéis. Relacionamento, gênero, comportamento, casamento, todos os assuntos relativos ao homem e à mulher foram e ainda são claramente definidos a fim de fortalecer-nos em nosso papel divino.

A segurança espiritual é fortalecida na revelação que explica o resultado de se guardar os mandamentos. "E ainda mais, quisera que considerásseis o estado feliz e abençoado daqueles que guardam os mandamentos de Deus. Porque, eis que são abençoados em tudo, tanto corporal como espiritualmente; e, se eles se conservarem fiéis até o fim, serão recebidos no céu, para habitar com Deus em um estado de alegria sem fim." (Mosiah 2:41.)

Finalmente, a segurança espiritual aumenta passo a passo, graças à revelação, e esta segurança se torna uma força à medida que recebemos, uma a uma, as ordenanças da salvação. As ordenanças da salvação representam os convênios com o Senhor. John A. Widtsoe disse: "Quando as ordenanças são realizadas, bênçãos são concedidas, as quais dão força ao homem, força esta que o ajuda a enfrentar os assuntos do dia-a-dia desta vida e da futura. Não é um mero conhecimento; não é mera consagração; não é meramente modo de se falar; mas é realmente uma força que nos é conferida e que pode ser usada todos os dias." (*The Message of the Doctrine and Covenants*, ed. G. Homer Durham, Salt Lake City: Bookcraft, 1969, p. 161.)

As revelações de ontem deram segurança ao povo a respeito da vinda de Jesus Cristo e a certeza de que as profecias do Senhor, dadas por seus santos profetas, são sempre cumpridas. As revelações modernas no Livro de Mórmon, às quais propositalmente me referi, contêm a mesma promessa. O Presidente Ezra Taft Benson declarou: "Deus espera que usemos o Livro de Mórmon de vários modos. Temos que lê-lo nós mesmos...

Devemos utilizar o Livro de Mórmon como a base daquilo que ensinamos...

Devemos aplicar as escrituras do Livro de Mórmon em nossa vida para nossa utilidade e instrução." (1 Néfi 19:23.)

Devemos usar o Livro de Mórmon ao lidar com as oposições à Igreja...

Nós... devemos ser... aqueles que propagam e testificam do Livro de Mórmon a todos os cantos da terra." (ENSIGN, maio de 1975, pp. 64-65.)

Como sua mensagem é para os nossos dias, o Livro de Mórmon nos ajuda a responder ao chamado de Deus e de um profeta vivo para nos tornarmos co-participantes no plano de salvação e para estabelecer a segurança espiritual, ajudando-nos a combater e a resistir aos falsos conceitos e às influências malignas de nossa época, que trazem insegurança, infelicidade e a destruição de nossos princípios e valores morais.

Ao voltar-se para o Senhor e confiar nele por meio da revelação, qualquer indivíduo, em qualquer época, em qualquer parte do mundo, compreenderá e interpretará de maneira correta e íntegra as experiências da vida da única perspectiva verdadeira, que é a perspectiva do Senhor revelada ao homem. Voltar-se para o Senhor e confiar em suas revelações é viver de modo a resistir às correntezas e ventos da dúvida e incerteza.

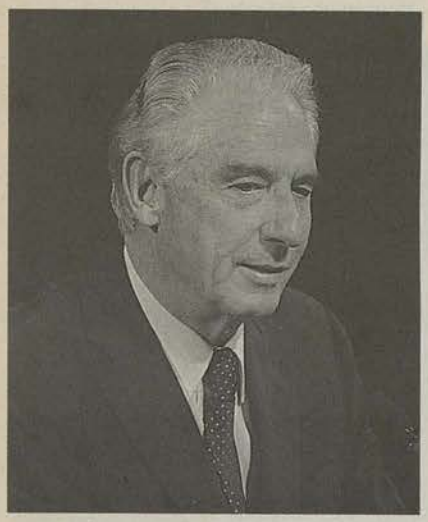
O verdadeiro alicerce de nosso compromisso é servir e fazer escolhas corretas. Ele também traz a verdadeira segurança e mostra as promessas dadas por Jesus Cristo quando nos achegamos a ele. O seu jugo realmente se torna suave e seu fardo leve.

Testifico-vos do poder da revelação pessoal e das escrituras em minha vida. Sei que Deus vive e que o Presidente Ezra Taft Benson é um profeta vivo. Em nome de Jesus Cristo, amém.

O Livro de Mórmon Testifica de Jesus Cristo

Élder J. Thomas Fyans
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Enchei vossos pulmões espirituais com os elementos de vida eterna, inalando constantemente as verdades contidas no Livro de Mórmon."



Para participar desta conferência, usamos os mais diversos meios de transporte. Alguns vieram por terra, de carro, ônibus ou trem. Outros chegaram de avião. Mas não importa como, todos chegamos a um destino comum.

Há mais uma coisa que todos tivemos em comum nessa viagem, algo necessário para chegarmos aqui em segurança. Os que vieram de avião foram cuidadosamente avisados pela tripulação. Após as gentis boas-vindas na hora do embarque, receberam instruções bem elaboradas: "Em caso de perda da pressurização, máscaras de oxigênio descerão automaticamente. Em primeiro lugar coloquem sua própria máscara sobre nariz e boca, depois ajudem outros que precisem de assistência, como as crianças."

O oxigênio do ar é de vital importância. Nosso organismo físico é totalmente dependente do consumo contínuo desse precioso elemento. Alguns minutos ou até segundos de privação dele, podem causar graves danos ao nosso cérebro e corpo. A falta prolongada pode terminar nossa vida mortal. Entretanto, só os que viajaram de avião tiveram de ser lembrados porque, em circunstâncias normais, o ar nos envolve completamente. Tudo que nos resta fazer é permitir que penetre em nossos pulmões fornecendo o oxigênio necessário às partes vitais do organismo.

No entanto, mesmo com suprimento ilimitado desse elemento vital, passadas umas sete décadas ou coisa que o valha, nosso corpo mortal deixa de funcionar. O que existe nele que transcende esta mortalidade? O que se leva para o outro lado? Amuleque nos ensina no Livro de Mórmon:

"O mesmo espírito que possuir vossos corpos, quando deixardes esta vida, terá forças para possuir vossos corpos naquele mundo eterno." (Alma 34:34.)

O que faz tanta falta ao espírito como o ar ao corpo? O conhecimento seguro do Pai e de seu Filho:

"E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3.)

Nossa vida eterna é tão dependente de alimento espiritual como a vida mortal depende do ar. O mais importante alimento espiritual é o conhecimento de Deus e conhecimento do Filho. Nós conhecemos o Pai conhecendo o Filho. Qual é a melhor fonte na face da terra para se aprender a conhecer o Filho? É estudar o outro testamento dele, usualmente conhecido como o Livro de Mórmon, e depois receber o testemunho do Espírito Santo de que ele é verdadeiro.

Muitos testemunhos foram e serão prestados nesta conferência a respeito de verdades do Livro de Mórmon, Um Outro Testamento de Jesus Cristo. Somos abençoados com palavras de profetas do Velho Testamento que previram a vinda de Jesus Cristo. Somos duplamente abençoados com o Novo Testamento, no qual ele apareceu na carne e muitos o conheciam. Somos triplamente abençoados com o outro testamento dele. Minha mulher, Helen, e eu, lemos o Livro de Mórmon diversas vezes nestes últimos meses, e nos perguntamos: "Se este é outro testamento de Jesus Cristo, como ele consegue cumprir esta tarefa?"

Decidimos atentar para cada referência ao Salvador ao nos prepararmos piedosamente para mais outra excursão por esse testamento especial. Ainda não havíamos passado das primeiras páginas desse registro sagrado quando começou a abrir-se a cortina para o panorama de testemunhos de que Jesus é o Cristo.

Eis aqui a primeira cena. Orando de todo o coração, Léhi teve esta experiência:

"Apareceu uma coluna de fogo sobre uma rocha à sua frente; e foi muito o que ele viu e ouviu...

E sucedeu que ele viu um que descia do meio do céu, e observou que o seu resplendor era maior que o do sol ao meio-dia.

Viu também doze outros que o seguiam e cujo brilho excedia ao das estrelas do firmamento.

Eles desceram e andaram sobre a superfície da terra; e o primeiro, tendo chegado em frente a meu pai, deu-lhe um livro e mandou que o lesse." (1 Néfi 1:6, 9-11.) E qual foi a reação de Léhi a essa cena de origem divina? "Ele testemunhou que as coisas que vira e ouvira, assim como o que havia lido no livro, manifestavam plenamente a vinda do Messias e a redenção do mundo." (Vers. 19.)

Estávamos ainda no primeiro capítulo de 1 Néfi, mal começando nossa busca. Ao continuarmos, versículo após versículo, capítulo após capítulo prestava testemunho de sua realidade.

Ainda em 1 Néfi, mas no capítulo treze, descobrimos em apenas dezesseis versículos vinte e duas referências ao Cordeiro, outro nome do Senhor, Redentor, Messias, Jesus Cristo.

O tempo exige que passemos por



Da esquerda para a direita: Élder Hans B. Ringger e Hélio da Rocha Camargo, do Primeiro Quorum dos Setenta.

alto dezenas, sim, centenas de referências ao Salvador da humanidade nesse registro sagrado. Seis séculos nos escapam. Agora detemos o tempo e paramos para nos abeberar à saciedade e meditar profundamente enquanto estudamos esta cena:

"E aconteceu que se havia reunido uma grande multidão de nefitas nos arredores do templo...

E também falavam sobre Jesus Cristo e sobre os sinais que haviam sido dados, relativos à sua morte." (3 Néfi 11:1-2.) Então ouviram uma voz. Ouviram-na outra vez.

"E pela terceira vez ouviram a voz e aplicaram seus ouvidos para escutá-la; e, olhando para o lugar donde ela procedia, fixaram os olhos no céu, pois que era de lá que vinha o som.

E eis que, na terceira vez, compreenderam o que dizia a voz. E dizia-lhes:

Eis aqui meu Filho bem-amado no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir." (Vers. 5-7.)

E atendendo ao convite do Pai, o Salvador falou assim:

"Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas.

E eis que sou a luz e a vida do mundo; bebi da taça amarga que o Pai me deu e o glorifiquei, tomando sobre mim os pecados do mundo, cumprindo assim a vontade do Pai em todas as coisas, desde o princípio.

E aconteceu que, quando Jesus pronunciou estas palavras, toda a multidão caiu por terra, pois se lembrou de que havia sido profetizado a eles que Cristo lhes apareceria depois de sua ascensão ao céu.

E aconteceu que o Senhor falou:

Levantai-vos e vinde a mim, para que possais meter vossas mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo.

E aconteceu que a multidão se adiantou, tocou com suas mãos o seu lado e apalpou as marcas que os cravos haviam deixado em suas mãos e pés; e assim fizeram todos, um por um; e viram com seus próprios olhos, apalparam com suas próprias mãos e souberam com toda a segurança, testemunhando que era ele aquele sobre quem os profetas tinham escrito, afirmando que haveria de vir." (Vers. 10-15.)

Os céus foram abertos e haviam beijado a terra com certo conhecimento. Então o Salvador prosseguiu:

"E esta é a minha doutrina e é a doutrina que o Pai me deu; ...e eu dou testemunho de que o Pai ordena a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam e creiam em mim.

E os que crerem em mim, e forem batizados, se salvarão; e são estes os que herdarão o reino de Deus." (Vers. 32-33.)

Mais uma vez precisamos pular numerosas referências e centenas de anos de história sagrada, chegando à página final desse registro, que fala com voz familiar:

"Sim, vinde a Cristo, sede perfeitos nele e negai-vos a todas as impurezas; e, se vos negardes a todas as impiedades e amardes a Deus com todo o vosso poder, mente e força, então sua graça vos será suficiente e por sua graça podereis aperfeiçoar-vos em Cristo, e, se pela graça de Deus vos aperfeiçoais em Cristo, não podereis de forma alguma negar o poder de Deus...

E, novamente, se pela graça de Deus vos aperfeiçoardes em Cristo, e não negardes o seu poder, então sereis santificados em Cristo, pela graça de Deus, através do sangue derramado por Cristo, segundo o convênio do Pai, para a remissão de vossos pecados, a fim de que vos torneis santos e sem mácula." (Morôni 10:32-33.)

De avião, carro, ônibus ou trem, chegamos seguros a este destino. Existe outro destino comum que nos acena: a vida eterna com nosso Pai Celeste. E, exatamente como durante a jornada física nossa organismo depende do ar, em nosso jornada espiritual somos dependentes de alimento espiritual.

Na jornada para a vida eterna, nós vos saudamos: "Bem-vindos a bordo."

Enchei vossos pulmões espirituais com os elementos de vida eterna, inalando constantemente as verdades contidas no Livro de Mórmon, o outro testamento de Jesus Cristo, a fim de que chegueis em segurança à presença de nosso Pai Eterno.

O Salvador vive hoje. Isto eu vos testifico no mui sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.

Paciência, a Chave da Felicidade

Élder Joseph B. Wirthlin
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Com muita freqüência... estamos exigindo o que queremos na hora que queremos, não levando em consideração se merecemos, se seria bom para nós ou se é o certo."



Uma das melhores sentenças já ouvidas por seres humanos, encontra-se no Livro de Mórmon: "Adão caiu, para que os homens existissem; e os homens existem, para que tenham alegria." (2 Néfi 2:25.) Esta sentença retém as maiores possibilidades da vida e eu gostaria de acrescentar que nós só alcançaremos a verdadeira alegria e felicidade quando aprendermos a ter paciência.

Os dicionários definem paciência com termos tais como, virtude que consiste em suportar dores ou infortúnios calmamente ou sem reclamação; sem ansiedade ou impetuosidade; perseverando apesar da oposição, da dificuldade ou da adversidade.

Numa passagem do Livro de Mórmon, Alma nos ajuda a entender o significado da paciência. Depois de dizer como plantar uma semente que pode crescer até se transformar em uma árvore, ele acrescenta estas palavras inspiradas: "E eis que, à medida que a árvore começar a crescer,... tratemos dela com carinho para que tenha raiz e cresça, dando-nos frutos... E por causa de vosso esmero, vossa fé e paciência... colhereis de seu fruto, o qual é sumamente precioso, sendo mais doce que tudo... e banqueteareis com esse fruto até vos fartardes e não tereis fome nem sede... Então colhereis a recompensa de vossa fé, de vossa diligência e paciência" (Alma 32:37, 42, 43.)

Não sei se nós, membros da Igreja, apreciamos o Livro de Mórmon, uma de nossas escrituras sagradas, tão plenamente quanto deveríamos. Uma das explicações mais claras sobre a necessidade de termos paciência para perseverarmos diante dos desafios da vida, foi dada por Néfi com estas palavras surpreendentes: "Porque é necessário que haja uma oposição em todas as coisas. Pois, se assim não fosse... não haveria justiça nem maldade, nem santidade nem miséria, nem bem nem mal. Portanto, é preciso que todas as coisas sejam compostas em uma só... Se disserdes que não há lei, direis também que não há pecado. E, se disserdes que não há pecado, direis também que não há justiça. E não havendo justiça não haverá felicidade. E, não havendo justiça nem felicidade, também não haverá castigo nem miséria. E se não existe nenhuma destas coisas não há Deus. E, não existindo Deus, nós também não existimos, nem a terra; pois que as coisas não poderiam ter sido criadas, nem para agir nem para receber a ação; portanto, tudo estaria anulado." (2 Néfi 2:11, 13.)

O Apóstolo Paulo nos deu o propósito da paciência em sua epístola aos santos em Roma: "... nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança" (Romanos 5:3-4.)

Há apenas quarenta anos, o Presidente J. Reuben Clark Jr., um membro da Primeira Presidência, fez um discurso intitulado "Escapando das Nossas Antigas Amarras". Ele falou sobre como nós tínhamos deixado de viver os dez mandamentos. (Church News, 8 de março de 1947, pp. 8-9.)

Se tínhamos deixado de vivê-los naquela época, onde nos encontramos agora, quarenta anos mais tarde? Em 1947, a televisão e os computadores ainda estavam no início. Não tínhamos transmissões via satélite, videotapes ou computadores fraudulentos. Certamente nossos padrões morais de decência e correção decaíram muito desde então. A obscenidade, a nudez e as outras formas de pornografia que nos fariam corar e virar as costas de vergonha em 1947, hoje nos são impingidas abertamente em material impresso e audiovisual. São até mesmo exibidas em nossos lares, a menos que sejamos cuidadosos e as mantenhamos do lado de fora. Como povo, estamos escapando mais ainda das nossas antigas amarras, pois não estamos seguindo os nossos profetas.

Um certo grau de impaciência pode ser útil para nos estimular e motivar a agir. Entretanto, creio que a falta de paciência é a maior causa das dificuldades e da infelicidade de nosso mundo atual. Com muita freqüência, somos impacientes conosco mesmos, com os membros da nossa família e amigos, e até mesmo com o Senhor. Parece que estamos exigindo o que queremos, na hora que queremos, não levando em consideração se merecemos, se seria bom para nós ou se é o certo. Alguns procuram a gratificação imediata ou o entorpecimento de todos os impulsos através do alcoolismo e das drogas, enquanto outros procuram a riqueza material imediata por meio de investimentos questionáveis ou de atitudes desonestas, com pouca ou nenhuma consideração pelas conseqüências. A prática da paciência talvez seja mais difícil agora, ainda que



mais necessária, do que o foi em qualquer outra época.

As Escrituras Ensinam Paciência

Para os santos dos últimos dias, o Senhor deu a paciência como um dos atributos divinos que qualificam uma pessoa para o ministério (ver D&C 4:6), ele os aconselhou a serem pacientes nas aflições (ver D&C 24:8; 31:9; 54:10; 98:23-24) e os admoestou a tomarem decisões com paciência (ver D&C 107:30). O Salvador nos ensinou a ser perfeitos (ver Mateus 5:48; 3 Néfi 12:48) e disse, "Vós não podeis suportar a presença de Deus, nem o ministério de anjos agora; portanto, continuai com paciência até que sejais aperfeiçoados." (D&C 67:13.)

Exemplos de Paciência

O Senhor Jesus Cristo, é o nosso exemplo perfeito de paciência. Mesmo sendo totalmente fiel à verdade, ele foi um exemplo de paciência repetidamente durante seu ministério mortal. Ele foi paciente com seus discípulos, incluindo os Doze, apesar da falta de fé e da vagarosidade em reconhecer e compreender sua missão divina. Ele foi paciente com as multidões que o comprimiam, com a mulher encontrada em pecado, com aqueles que procuravam o seu poder de cura e com os pequeninos. E finalmente, ele permaneceu paciente durante os sofrimentos que lhe foram impostos no julgamento simulado e em sua crucificação.

Durante os trinta anos do ministério do Apóstolo Paulo, período compreendido desde a conversão até o martírio em Roma, ele foi açoitado cinco vezes, espancado severamente pelo menos três vezes, aprisionado várias vezes, naufragou três vezes e foi apedrejado e deixado inconsciente uma vez (ver II Coríntios 11:23-27). Apesar de toda a aflição, ele continuou seu ministério poderoso. Ele escreveu aos romanos que Deus "recompensará cada um segundo as suas obras; a vida eterna aos que, com perseverança em fazer o bem, procuram glória, e honra e incorrupção; Mas a indignação e a ira aos que são contenciosos (impacientes), e desobedientes à verdade e obedientes à iniqüidade; Tribulação e angústia." (Romanos 2:6-9.)

Os sofrimentos e aflições do Profeta Joseph Smith se igualam aos de Paulo em muitos aspectos. Além das prisões, tumultos e surras, ele sofreu amargamente a traição de amigos desleais e infiéis, oferecendo em retorno a mão da amizade e do companherismo, mesmo depois de saber que eles o tinham contrariado e traído.

Alguns anos atrás, o Presidente Roy A. Welker, da Missão Alemã-Austríaca, um dos mais brilhantes presidentes de missão da Igreja, precisava designar um missionário para trabalhar em Salzburg, Áustria, para que alguns problemas do ramo daquele lugar fossem resolvidos. Como estivesse para receber oito missionários novos, ele orou para que um deles tivesse o visto e a moeda adequada para trabalhar na Áustria. Continuou por duas semanas a orar e esperar por uma resposta. Na noite anterior à chegada dos oito, o Espírito do Senhor lhe sussurrou o nome do missionário que deveria ser designado para Salzburg. O nome que ele ouviu foi o daquele que tinha as credenciais apropriadas para ir à Áustria, e esse missionário era eu.

A paciência do presidente não só ajudou a resolver um problema do ramo, mas também abençoou particularmente a mim e a minha família de uma maneira que ele jamais poderia ter previsto. Pouco tempo depois de eu ter chegado a Salzburg, aquela parte da Missão Alemã-Austríaca foi mudada para Missão Suíça-Austríaca. Mais tarde, fui transferido para Zurique, Suíça, onde conheci o Irmão Julius Billeter, um membro cortês e amigável que era genealogista. Ele conhecia bem os registros genealógicos de meus pais, e pesquisou 6000 nomes de ancestrais meus por quem mais tarde, tive a oportunidade de fazer as ordenanças do templo.

A Paciência Hoje

Nós deveríamos aprender a ser pacientes conosco mesmos. Ao reconhecer nossas forças e fraquezas, deveríamos esforçar-nos para ter um bom discernimento ao tomarmos decisões e fazermos escolhas, para aproveitar cada oportunidade da melhor maneira possível e dar o melhor de nós mesmos a cada tarefa que nos propusermos a realizar. Não deveríamos sentir-nos indevidamente desencorajados ou mesmo desesperados quando estamos fazendo o melhor que podemos. Ao invés disso, deveríamos sentir-nos satisfeitos com nosso progresso, mesmo que

algumas vezes ele seja lento.

Deveríamos ser pacientes ao desenvolver e fortalecer nosso testemunho. Em vez de esperar manifestações imediatas ou espetaculares, posto que virão quando forem necessárias, deveríamos orar por um testemunho, estudar as escrituras, seguir o conselho de nosso profeta e de outros líderes da Igreja e viver os princípios do evangelho. Embora muitas vezes de maneira imperceptível, nosso testemunho crescerá e amadurecerá naturalmente, até que se transforme em força motriz em nossa vida.

Para que tenhamos lares felizes, é de vital importância que tenhamos paciência com os membros da família e com outros que estejam próximos de nós. Entretanto, muitas vezes estamos mais dispostos a ser corteses e polidos com estranhos do que com nossos familiares e amigos mais chegados. Por alguma razão, a crítica, a linguagem ferina e a discussão parecem ser bem aceitas em casa mas não fora.

Maridos, sede pacientes com vossa esposa; e esposas, sede pacientes com vosso marido. Não espereis perfeição. Descobri maneiras adequadas para solucionar as diferenças que aparecerem. Lembrai-vos do conselho sábio do Presidente David O. McKay com relação ao casamento: "Mantende os olhos bem abertos antes do casamento e meio fechados depois. (Ver Conference Report, abril de 1956, p. 9.) Em certas ocasiões, talvez fosse melhor que nossas esposas pudessem entrar no carro e buzinar, enquanto nós, maridos, aprontamos as crianças.

Pais, sede pacientes com os filhos. Lede para vossos pequeninos e ajudai-os com sua tarefa escolar, mesmo que tenhais que lhes dizer ou lhes mostrar a mesma coisa várias vezes. O Élder Richard L. Evans disse: "Se eles acharem que nos podem confiar suas perguntas corriqueiras, mais tarde podem confiar em nós para solucionar aquelas mais difíceis." (Ensign, maio de 1971, p. 12.) Tirai proveito de sua curiosidade natural e ajudai-os a desenvolver amor ao aprendizado. Usai termos simples para lhes ensinar os princípios do evangelho. Sede pacientes se eles perturbarem as reuniões ou as orações familiares. Transmiti-lhes o respeito que sentis pelo evangelho, pelos líderes da Igreja e pelo Salvador.



Presidente Ezra Taft Benson no Tabernáculo.

Sede pacientes com os jovens, especialmente com aqueles que estejam em fase de transição da adolescência para a vida adulta. Muitos têm a aparência de adultos e pensam que são adultos, mas tiveram poucas oportunidades de fazer julgamentos adultos. Ajudai-os a adquirir a experiência necessária e a evitar as armadilhas que os possam prejudicar.

Por outro lado, exorto os filhos a serem pacientes com seus pais. Se eles parecerem indiferentes a assuntos importantes tais como namoro, moda, música moderna e a utilização dos carros da família, escutai os seus conselhos. Eles têm a experiência que vos falta. Poucos ou mesmo nenhum são os desafios e tentações atuais que eles desconhecem. Se achais que eles não sabem nada sobre os assuntos vitais já mencionados, dai uma boa olhada nos jornais e revistas da época em que eles estavam na escola e na faculdade. O mais importante de tudo é que eles vos amam e farão qualquer coisa para ajudar-vos a ser realmente felizes.

Eu vos aconselho a serdes pacientes em questões financeiras. Evitai tomar decisões precipitadas ou apressadas; tais decisões requerem paciência e estudo. Os esquemas para obter riqueza imediata, raramente funcionam. Tomai cuidado com as dívidas. Sede especialmente cautelosos com os créditos obtidos com facilidade, mesmo que estes sejam dedutíveis do Imposto de Renda. Vós, jovens casais, não deveis esperar dar início à vida conjugal com casas, automóveis, utensílios domésticos e outras conveniências equivalentes àquelas que seus pais levaram anos para acumular.

Finalmente, uma palavra sobre a paciência com nosso Pai Celestial e seu plano de progresso eterno. É demasiadamente tolo ser impaciente com ele, o Pai de nosso espírito, que sabe tudo e cuja obra e glória, por meio do Filho, Jesus Cristo, é "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem". (Moisés 1:39.) De acordo com o Élder Neal A. Maxwell, "A paciência tem uma ligação bem próxima à fé em nosso Pai Celestial. Na verdade, quando somos excessivamente impacientes, estamos sugerindo que sabemos o que é melhor — que sabemos mais que Deus. Ou, pelo menos, estamos afirmando que

nossa programação de vida é melhor que a dele. De um jeito ou de outro, estamos questionando a onisciência de Deus."

O Élder Richard L. Evans disse: "Parece haver pouca evidência de que o Criador do universo tenha feito seu trabalho com pressa. Em todos os lugares desta terra maravilhosa e abundante e nos pontos mais longínquos do firmamento, há evidências de um propósito paciente, de planejamento, trabalho e espera."

Citando as palavras do Élder Marvin J. Ashton: "Não temos que nos preocupar com a paciência de Deus, porque ele é a personificação da paciência. Ele não (nos) abandonará... não importando o que tenhamos sido, o que tenhamos feito ou qual tenha sido nossa auto-imagem até agora.

Eu sou realmente grato pela paciência que o Senhor tem com seus filhos. Sou infinitamente grato por sua paciência comigo, e pelo privilégio que tenho de servir como testemunha especial da divindade de Jesus Cristo.

Sinto-me gratificado quando viajo pelas unidades da Igreja, ao ver quantos membros vivem verdadeiramente os princípios do evangelho. Para eles, cito uma promessa do Senhor: "Pois os que viverem herdarão a terra, e os que morrerem descansarão de todos os seus trabalhos, e nas mansões de meu Pai, as quais lhes preparei, receberão uma coroa. Bem-aventurados aqueles... que obedecerem ao meu evangelho; pois receberão como recompensa as coisas boas da terra. E eles serão também coroados com bênçãos do alto" (D&C 59:2-4).

Oro para que possamos ser pacientes, especialmente durante os períodos de adversidade, quando nos deparamos com os desafios, incertezas, provações, pressões e tribulações do mundo atual.

Encerro prestando-vos testemunho de que a paciência é um atributo divino. Testifico que nosso Pai Celestial vive e ama cada um de nós e que Jesus é o Cristo, nosso Senhor e Salvador. Testifico que Joseph Smith foi um instrumento nas mãos do Senhor para restaurar o evangelho nestes últimos dias e que o Presidente Ezra Taft Benson é o profeta do Senhor que dirige esta obra atualmente. Presto testemunho em nome de Jesus Cristo, amém.

"Unidos para a Edificação do Reino de Deus"

Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Haverá ausência de inveja e maledicência entre nós? Regozijamo-nos com o sucesso de um irmão ou irmã, tanto quanto nos alegramos com nosso próprio sucesso? Repartimos nossos bens de tal modo que todos possam ser ricos como nós? Finalmente, somos os guardiães de nossos irmãos?"



Presidente, estou começando a ter impressão de que estamos dando ouvidos aos vossos conselhos. Eu também fiz meu discurso tendo como ponto de apoio o Livro de Mórmon. Este registro antigo e maravilhoso nos oferece uma perspectiva especial e que só pode ser obtida pelo estudo de cerca de mil anos da história humana. Nele vemos os ciclos das nações à medida que se aproximam e se afastam da retidão. Vemos a unidade como conseqüência da fé em Deus e do desejo de edificar o seu reino, e vemos a dissensão como resultado dos desejos egoístas, dos prazeres da carne e das riquezas e bens mundanos.

Uma das principais advertências dos profetas da América antiga, encontra-se no segundo capítulo do livro de Jacó. Ele acusa seu povo de amar a riqueza e de ter orgulho em seus corações. Ele lhes implora que voltem o coração para o Senhor. Começa com estas palavras:

"E a mão da providência sorriu-vos agradavelmente, de forma que obtivestes muitas riquezas; e porque alguns de vós obtivestes mais abundantemente do que vossos irmãos, haveis enchido vossos corações de orgulho e andais empertigados, com as cabeças levantadas devido aos vossos custosos trajes, e perseguis vossos irmãos, porque supondes que sois melhores do que eles.

E agora, meus irmãos, supondes que Deus vos justifica nestas coisas? Eis que vos digo: Não. Mas ele vos condena e, se persistirdes nestas coisas, seu julgamento cairá rapidamente sobre vós" (Jacó 2:13-14).

Com freqüência, vemos que esse afastamento do Senhor caminha lado a lado com a prosperidade. Aqueles que são mais prósperos, muitas vezes se enchem de orgulho e se julgam superiores aos seus irmãos e irmãs que têm menos. Apesar de Jacó não dizer isto, este processo também pode ocorrer ao contrário. Aqueles que são menos afortunados começam a se sentir privados e se consomem pensando no que não possuem e culpando outros e o Senhor pelas condições precárias em que se encontram. Eles também afastam seus corações dele.

O importante é que o Senhor condena tanto a preocupação com a posse de bens materiais, quanto a falta de preocupação com a edificação do seu reino, quer seja como conseqüência da abundância ou da

carência de tais bens.

Jacó ainda aconselha: "Prezai vossos irmãos como a vós mesmos; sede amáveis para com todos e liberais com vossos bens, para que eles possam ser ricos como vós." (Jacó 2:17.)

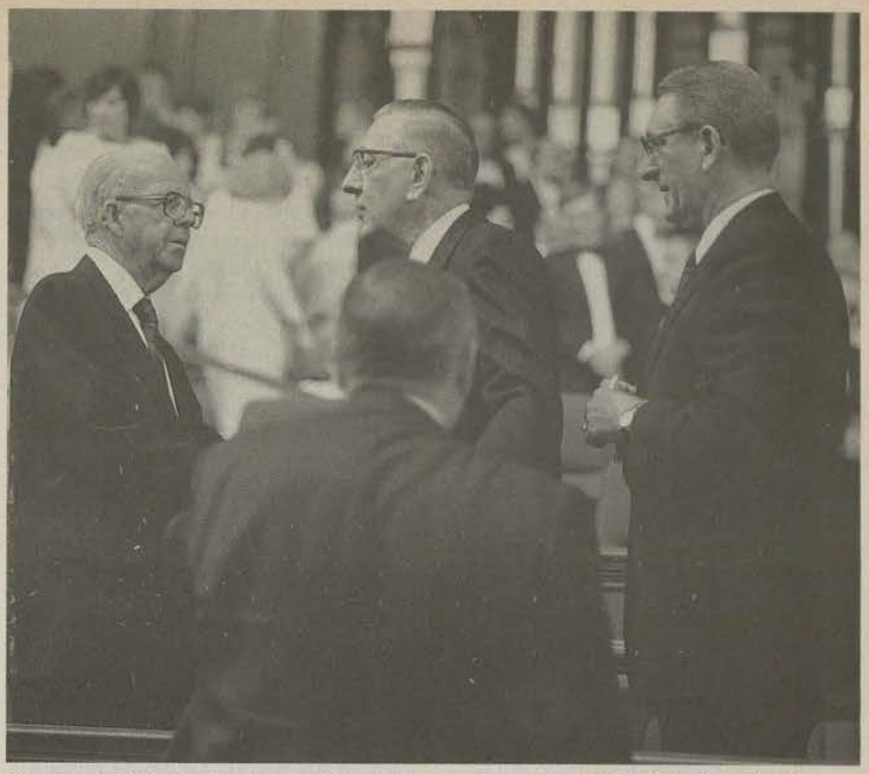
Neste ponto, vemos aplicação direta do segundo grande mandamento, que é amar o próximo como a nós mesmos. Jacó diz a seu povo que não discrimine seus irmãos e irmãs que têm menos e a compartilhar seus bens com eles.

"Mas, antes de buscardes as riquezas buscai o reino de Deus. E, depois de haverdes obtido uma esperança em Cristo, conseguireis riquezas, se as procurardes; e procurá-las-eis com o fito de praticar o bem; para vestir os nus, alimentar os famintos, libertar os presos e dar conforto aos doentes e aflitos." (Jacó 2:18-19).

A ordem das coisas é, geralmente, fundamental nas instruções do Senhor para nós. Ele não nos diz que não devemos ser prósperos. Isto não estaria de acordo com os vários registros que temos das bênçãos de prosperidade que deu a seu povo. O Senhor está apenas dizendo que deveríamos buscar prosperidade depois de o termos procurado e encontrado. Assim, por termos nossos corações em retidão e por amá-lo acima de todas as coisas, procuraremos investir as riquezas que obtivermos na edificação do seu reino.

Nossos profetas nos têm dito que uma das razões importantes para a preservação do Livro de Mórmon e da sua colocação nas mãos de Joseph Smith sob circunstâncias miraculosas para ser traduzido, seria para servir como uma advertência ao povo desta geração. Conseqüentemente, precisamos acatar o conselho de Jacó com sinceridade. Devemos ler esta escritura como se tivesse sido escrita exclusivamente para nós, nestes dias, porque o foi. Suas palavras deveriam fazer com que nos questionássemos. Será que estamos dando o devido valor a cada coisa? Será que estamos investindo primeiro e acima de tudo nas coisas de natureza eterna? Temos uma perspectiva eterna? Ou, caímos na armadilha de investir primeiramente nas coisas deste mundo e depois nos esquecemos do Senhor?

Estas são, na verdade, perguntas difíceis de serem respondidas. Algumas vezes a oposição nos oferece uma perspectiva diferente que de outro modo não poderia ser obtida. As histórias dos primeiros líderes da Igreja têm sido sempre úteis para mim, como exemplos do que significa colocar o reino de Deus em primeiro lugar. Estas histórias começaram realmente a ter sentido para mim quando eu era um jovem missionário. Naqueles dias, os missionários não eram abençoados com os vários auxílios visuais que temos hoje. Tínhamos as escrituras e uma grande caixa preta com um toca-disco e uma coleção de discos intitulada *A Plenitude dos Tempos*. (Eu sempre orava e esperava por um companheiro da mesma estatura pois assim poderíamos carregar a grande caixa preta suspensa por um cabo de vassoura colocado entre nós dois. Se eu fosse o mais alto, o peso iria sempre pender para o lado do meu companheiro!) Estes discos continham um relato dos primórdios da história da Igreja, desde a Primeira Visão até o período de Nauvoo.



Membros do Primeiro Quorum dos Setenta (da esquerda para a direita): Élder Franklin D. Richards, Élder Jacob de Jager e Élder Carlos E. Asay.

Um dos episódios descritos nos discos me emocionava quase às lágrimas, todas as vezes que meu companheiro e eu o ouvíamos. Era o relato de Brigham Young e Heber C. Kimball deixando suas casas humildes para viajar à Grã-Bretanha em resposta ao chamado para servirem como missionários naquela terra longínqua. Heber C. Kimball relata o acontecimento com as seguintes palavras:

"Dia 14 de setembro,... Presidente Brigham Young deixou seu lar em Montrose para começar sua missão na Inglaterra. Ele estava tão doente que não foi capaz de andar sozinho uma distância de 153m até o Mississipi. Depois de ter cruzado o rio, cavalgou na garupa de Israel Barlow até minha casa, onde continuou doente até o dia 18. Deixou sua esposa doente com um bebê de apenas três semanas e todos os seus outros filhos também estavam doentes e impossibilitados de fazer qualquer coisa. Nenhum deles tinha forças para ir até o poço buscar um balde de água e eles não possuíam uma segunda muda de roupa, porque o populacho do Missouri lhes tinha tomado quase tudo. No dia 17, a Irmã Mary Ann Young conseguiu que um menino a levasse em seu carroção até minha casa para que pudesse cuidar e encorajar o Irmão Brigham Young até a hora da sua partida.

No dia 18 de setembro, Charles Hubbard enviou seu filho com um



carroção e uma parelha de cavalos à minha casa; Nossos malões foram colocados no carroção por alguns irmãos; Eu fui para minha cama e dei as mãos a minha esposa que estava tremendo de frio, tendo dois filhos doentes ao seu lado; Abracei-os e me despedi. Meu único filho sadio era o pequeno Heber P., e era com dificuldade que ele conseguia carregar dois litros de água para ajudar os outros a saciarem a sede.

... Foi com dificuldade que entramos no carroção e iniciamos nossa descida de cerca de 51 metros; Parecia que minhas partes internas mais profundas se estavam desmanchando dentro de mim por estar deixando minha família em tais condições. Era como se eu os estivesse deixando nos braços da morte. Achava que não iria suportar tudo isto. Pedi então ao carroceiro que parasse e disse ao Irmão Brigham: "Isto é muito duro, mesmo; Levantemo-nos para dar-lhes um viva." Levantamo-nos e balançando os chapéus acima da cabeça três vezes, gritamos: "Viva, Viva Israel." Ao ouvir o barulho, Vilate levantou-se da cama e caminhou até a porta. Havia um sorriso em sua face. Vilate e Mary Ann gritaram para nós: "Adeus, Deus os abençoe!" Devolvemos o cumprimento e então dissemos ao carroceiro que prosseguisse. Depois disto, senti alegria e gratidão, pois tinha tido a satisfação de ver minha esposa em pé, ao invés de deitada na cama. Eu sabia que não iria vê-los novamente por dois ou três anos." (Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1967, pp. 265-266.)

Freqüentemente, tenho meditado sobre como estes valentes irmãos, puderam fazer o que fizeram. Eles estavam verdadeiramente dispostos a fazer qualquer sacrifício para que o reino de Deus fosse edificado. Eles estavam ajuntando "tesouros no céu, onde nem a traça nçm a ferrugem consomem." (Mateus 6:20.)

Há algo mais sobre esta história, entretanto, que sempre me intriga. Quando Brigham Young e Heber C. Kimball partiram em missão para a Grã-Bretanha, parece que receberam muito apoio dos seus irmãos. Israel Barlow ajudou Brigham Young a cruzar o Rio Mississipi. Mais tarde, Charles Hubbard enviou seu filho com um carroção para o lar dos Kimball para ajudar os dois missionários que iniciavam sua longa jornada.

Se analisarmos cuidadosamente esta história, teremos uma ligeira idéia da união que deveria existir entre os santos daqueles dias. À medida que pais e maridos saíam em missão, tinham sua partida facilitada porque sabiam que irmãos, irmãs, líderes do sacerdócio e amigos ajudariam a preencher o vazio criado por sua ausência.

Estes irmãos foram capazes de investir na edificação do reino de Deus em terras distantes, porque eles sabiam que outros estariam investindo na edificação do reino em casa, com a ajuda aos seus entes queridos sempre que esta se tornasse necessária. Havia um elo ímpar, uma fé especial na comunidade dos santos. Eles tinham uma meta e um propósito em comum. Se retornarmos ao conselho de Jacó ao povo, veremos que ele transmitiu a mesma mensagem quando os instruiu a se familiarizarem com todos e a partilharem livremente os seus bens (ver Jacó 2:17).

O que isto tudo me testifica é que para sabermos se estamos colocando o reino de Deus em primeiro lugar ou não, basta verificarmos a maneira como tratamos nossos irmãos e irmãs da Igreja. Haverá um elo especial nos unindo? Haverá ausência de inveja e de maledicência entre nós? Regozijamo-nos com o sucesso de um irmão ou irmã, tanto quanto nos alegramos com nosso próprio sucesso? Repartimos nossos bens de tal modo que todos possam ser ricos como nós? Finalmente, somos guardiães de nossos irmãos?

Ao viajar pelas unidades da Igreja, maravilho-me diante de todas as coisas positivas que estão acontecendo. Mas, jamais sinto que nós, como povo, estamos vivendo plenamente o nosso real potencial. Tenho a impressão de que nem sempre trabalhamos em conjunto, que ainda estamos muito interessados em sucessos e honras pessoais e que demonstramos pouco interesse na meta comum de edificar o reino de Deus.

Quando nos conscientizamos do que o Senhor nos pede, algumas vezes isto pode parecer muito opressivo. É claro, onde muito é dado, muito é esperado. Quando nos deparamos com um desafio muito grande, creio que é sábio analisar o processo passo a passo. Começamos dando o primeiro passo, e continuamos um passo de cada vez. Estou certo de que o Senhor fica satisfeito até mesmo com as nossas pequenas tentativas, porque em sua infinita sabedoria ele sabe que as pequenas coisas freqüentemente se transformam em grandes.

O primeiro passo sempre envolve um compromisso profundo com o Senhor e sua obra gloriosa. Assim, novamente nos estamos comprometendo a considerar primeiro o seu trabalho. Nossos passos subseqüentes serão orientados por este compromisso especial, mas podem, é claro, tomar várias direções.

Podemos ajudar servindo nossos irmãos e irmãs na Igreja. Podemos dirigir-nos àqueles que ainda não receberam o evangelho e convertê-los a esta verdade. Podemos ir ao templo e realizar esta grande obra redentora pelos mortos. Ao nos aplicarmos na obra do Senhor, ele aumentará nossa capacidade à medida que aumentarmos nosso desejo. Estando empenhados em um esforço comum, nos uniremos mais ainda como povo. Pelos sacrifícios que fizermos uns pelos outros e por ele, compreenderemos nosso potencial como seus filhos e prepararemos o caminho para seu final retorno glorioso.

Que cada um de nós possa aceitar o desafio de procurar o reino de Deus primeiro, antes e acima de qualquer coisa e, fazendo isso que possamos unir-nos mais ainda como povo, até que sejamos todos um só coração e uma só mente, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo, amém.

SESSÃO DO SACERDÓCIO
4 de abril de 1987

BÊNÇÃOS DO SACERDÓCIO

Élder Dallin H. Oaks
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Estai preparados para dar bênçãos do sacerdócio sob a influência do Espírito Santo sempre que vos forem solicitadas com sinceridade e fé."



Na primavera de 1866, nossos pioneiros estavam ocupados rechaçando ataques mortais dos índios a numerosos povoados no sul de Utah. Dois filhos do Presidente Heber C. Kimball foram convocados ao serviço militar para uma expedição de três meses contra os índios. Antes de partirem, ele lhes deu um bênção do sacerdócio. Aparentemente o preocupava o fato de que os filhos poderiam derramar sangue de seus irmãos lamanitas. Por isso lhes falou primeiro das grandes promessas de Deus a esse ramo da casa de Israel. Em seguida abençoou os filhos, prometendo-lhes que não veriam um único índio durante a campanha. Os rapazes, cheios de ardor e ansiosos por cheirar pólvora, ficaram desapontados com essa promessa, mas a bênção se cumpriu. No retorno, passados três meses, eles contaram:

"Cavalgamos centenas de quilômetros, seguindo os rastros de diferentes bandos de índios hostis, e quase os alcançamos uma porção de vezes. Eles atacavam propriedades a nossa volta toda, matando os colonizadores e levando o gado." Mas a companhia não viu um único índio. (Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball, an Apostle*, 2. ed., Salt Lake City: Stevens and Wallis, Inc., 1945, p. 429.)

Na bênção do sacerdócio, o servo do Senhor exerce o sacerdócio conforme movido pelo Espírito Santo, invocando os poderes dos céus em benefício da pessoa que está sendo abençoada. Essas bênçãos são conferidas pelos portadores do Sacerdócio de Melquisedeque, que retém as chaves de todas as bênçãos espirituais da Igreja. (Ver D&C 107:18, 67.)

Há muitos tipos de bênçãos do sacerdócio. À medida que eu der exemplos, lembrai-vos, por favor, de que as bênçãos do sacerdócio estão à disposição de todos os que delas necessitarem, mas são dadas tão somente a pedido.

Bênçãos para a cura de enfermos são precedidas pela unção com óleo, conforme mandam as escrituras. (Ver Tiago 5:14-15; Marcos 6:13; D&C 24:13-14, 42:43-48, 66:9.) As bênçãos patriarcais são dadas por um patriarca ordenado.

Pessoas que desejam orientação numa decisão importante podem receber uma bênção do sacerdócio. Pessoas necessitadas de mais poder espiritual para vencer um desafio pessoal, podem receber uma bênção. Mulheres grávidas podem ser abençoadas antes de darem à luz. Muitas famílias SUD recordam-se do momento sagrado em que um pai digno deu uma bênção do sacerdócio a um filho ou filha que estava para se casar. Bênçãos do sacerdócio são solicitadas freqüentemente ao pai antes que filhos saiam de casa para outros propósitos, como estudar, prestar serviço militar ou uma longa viagem.

Missionários recém-chamados muitas vezes solicitam uma bênção paterna antes de partir para o campo. Tenho um amigo cego que se lembra de como seu pai o abençoou para que, a despeito de sua deficiência física, fosse capaz de cumprir missão, ter sucesso em seu chamado e adquirir um grande amor pelas pessoas. Sou testemunha do cumprimento dessa bênção na vida de um maravilhoso santo dos últimos dias.

Bênçãos dadas em condições como acabo de mencionar são, às vezes, chamadas de bênçãos de conforto ou conselho, sendo geralmente proferidas pelo pai ou marido, ou algum outro élder na família. Elas podem constar dos registros familiares para a orientação pessoal das pessoas abençoadas.

Há mais de dez anos, um adolescente solicitou uma bênção ao Presidente Ezra Taft Benson. Ainda que o pai do rapaz não fosse um élder ativo, o Presidente Benson perguntou: "Você não gostaria de conversar com ele num momento oportuno e pedir-lhe que lhe dê uma bênção paterna?" Embora duvidoso, o jovem concordou em tentar. Mais tarde ele contou:

"Irmão Benson, foi a coisa mais tocante que aconteceu em nossa família... Ele me deu uma das mais belas bênçãos que se pode imaginar... Quando terminou, havia entre nós um laço de apreço, gratidão e amor como nunca tivemos em nosso lar." (*Ensign*, novembro de 1977, p. 32.)

Bênçãos do sacerdócio são conferidas também em conexão com ordenações ao sacerdócio ou designação de um irmão ou irmã a um chamado na Igreja. Estas são, provavelmente, as bênçãos do sacerdócio mais freqüentes.

Muitos de nós temos solicitado uma bênção do sacerdócio quando estamos para assumir uma nova responsabilidade no emprego. Recebi uma bênção dessas muitos anos atrás, sentindo imediatamente seu conforto e orientação contínua.

Ao designar o Dr. Russel M. Nelson como presidente de estaca, uma Autoridade Geral o abençoou com capacidade para enfrenter a pesada carga horária de sua profissão de



cardiologista. O Élder Nelson conta como essa bênção se cumpriu reduzindo significativamente o risco em certas cirurgias no coração e o tempo requerido na assistência pós-operatória. Oito anos mais tarde, tornava-se seu paciente o homem que o havia abençoado. O Élder Kimball devia submeter-se a uma complicada cirurgia cardíaca. Os presidentes Harold B. Lee e N. Eldon Tanner abençoaram o Dr. Nelson "para que a operação seja realizada sem erro, que tudo corra bem e que (ele) não tema (suas) próprias insuficiências, pois foi suscitado pelo Senhor para fazer esta operação". (*Ensign*, maio de 1984, p. 88.) Esta bênção se cumpriu. Pouco mais de um ano, depois, seu paciente plenamente recuperado e vigoroso tornava-se presidente da Igreja, liderando-a através de inolvidáveis eventos e expansão.

Qual a importância de uma bênção do sacerdócio? Pensai num jovem prestes a deixar o lar a fim de buscar sua sorte no mundo. O pai deu-lhe uma bússola para que o ajudasse a encontrar seu caminho, e dinheiro para que tivesse domínio sobre as coisas terrenas. A bênção do sacerdócio confere poder sobre coisas espirituais. Embora não possa ser medida ou tocada, é de grande importância para nos ajudar a vencer obstáculos no caminho para a vida eterna.

Lembrai-vos de como o Salvador interveio para que as crianças pudessem aproximar-se dele. Depois, "tomando-os nos braços, e impondo-lhes as mãos, os abençoou". (Marcos 10:16.) Quando visitou o povo deste continente, o Senhor ressurreto "tomou as criancinhas, uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai". (3 Néfi 17:21.)

É uma responsabilidade muito sagrada para o portador do Sacerdócio de Melquisedeque falar pelo Senhor ao dar uma bênção do sacerdócio. Pois como o Senhor nos diz na revelação moderna: "Minha palavra... será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz ou pela de meus servos, não importa." (D&C 1:38.) Se um servo do Senhor fala movido pelo Espírito Santo, suas palavras são "a vontade do Senhor, ...a mente do Senhor, ...a palavra do Senhor, ...(e) a voz do Senhor". (D&C 68:4.)

Se, porém, as palavras de uma bênção representam apenas os desejos e opinião, não inspirados pelo Espírito Santo, do próprio portador do Sacerdócio, então a bênção fica condicionada à vontade do Senhor.

Dignos portadores do Sacerdócio de Melquisedeque podem dar bênçãos à sua posteridade. As escrituras registram muitas bênçãos assim, incluindo a de Adão (ver D&C 107:53-57), de Isaque (Ver Gênesis 27:28-29, 39-40, 28:3-4; Hebreus 11:20), a de Jacó (ver Gênesis 48:9-22; 49; Hebreus 11:21) e de Léhi (ver 2 Néfi 1:28-32; 4).

Quando Joseph Smith Sr. se encontrava à morte, seus filhos acorreram a fim de receberem sua última bênção. Depois de primeiro abençoar a esposa, ele, começando por Hyrum, o mais velho, deu a cada filho o que chamou de "bênção agonizante". (Ver Lucy Mack Smith, *History of Joseph Smith*, Salt Lake City: Bookcraft, 1956, pp. 308-313; Pearson H. Corbett, *Hyrum Smith, Patriarch*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1963, pp. 240-241.)

Pela revelação moderna, os pais que são membros da Igreja têm o mandamento de trazer seus filhos "aos élderes da igreja", os quais "deverão impor as mãos sobre elas em nome de Jesus Cristo, e em seu nome abençoá-las". (D&C 20:70.) É por isto que os pais trazem os bebês a uma reunião sacramental, onde um élder, geralmente o próprio pai, lhes dá um nome e uma bênção.

Se algum dos rapazes nesta reunião do sacerdócio pensa que nunca recebeu uma bênção do sacerdócio, espero que agora já sabe que recebeu pelo menos duas, e talvez mais.

As bênçãos do sacerdócio não se restringem àquelas proferidas com as mãos impostas sobre a cabeça de uma pessoa. Às vezes dão-se bênçãos a grupos de pessoas. Moisés abençoou todos os filhos de Israel antes de sua morte. (Ver Deuteronômio 33:1.) O Profeta Joseph Smith "proferiu uma bênção sobre as irmãs" que trabalhavam no templo de Kirtland. Abençoou também "a congregação". (*History of the Church*, 2:399.) Ainda recentemente, na conferência de abril de 1986, o Presidente Benson abençoou "os santos dos últimos dias e... as pessoas de bem em toda parte...

com acrescido poder de fazer o bem e resistir ao mal", e "com melhor *compreensão* do Livro de Mórmon". (*A Liahona*, julho de 1986, p. 80.)

Bênçãos do sacerdócio também se proferem sobre lugares. Países são abençoados e dedicados à pregação do evangelho. Templos e casas de oração são dedicados ao Senhor por meio de uma bênção do sacerdócio. Outros prédios podem ser dedicados caso sejam utilizados a serviço do Senhor. "Os membros da Igreja podem dedicar seus lares... como edifícios sagrados onde o Espírito do Senhor pode habitar." (*Manual Geral de Instruções*, p. 11-5.) Missionários e outros portadores do sacerdócio podem deixar uma bênção do sacerdócio sobre a casa onde foram recebidos. (Ver D&C 75:19; Alma 10:7-11.) Rapazes, dentro de pouco tempo podem solicitar-vos tal bênção. Espero que vos estejais preparando espiritualmente.

No tempo restante mencionarei alguns outros exemplos de bênçãos do sacerdócio.

Há cerca de cem anos, Sarah Young Vance qualificou-se como parteira. Antes de começar a atender às mulheres do Arizona, um líder do sacerdócio a abençoou para que "fizesse sempre só o que é certo e o melhor para o bem-estar de suas pacientes". No decurso de quarenta e cinco anos, Sarah trouxe ao mundo aproximadamente mil e quinhentos bebês, sem perder nenhuma mãe ou filho. "Sempre que me via diante de um problema difícil", lembra ela, "alguma coisa parecia inspirar-me e não sei como, eu sabia o que fazer". (L.J.Arrington e S. A. Madsen, *Sunbonnet Sisters: True Stories of Mormon Women and Frontier Life*, Salt Lake City: Bookcraft, 1984, p. 105.)

Em 1864, Joseph A. Young foi chamado a uma missão especial para cuidar de negócios da Igreja no Leste. Seu pai, o Presidente Brigham Young, deu-lhe uma bênção para que fosse e voltasse em segurança. Na volta, ele se viu envolvido num grave acidente ferroviário. "O trem inteiro ficou destruído", conta ele, "inclusive o vagão em que me encontrava até o banco à minha frente, (mas) eu escapei sem um arranhão". (*Letters of Brigham Young to His Sons*, ed. Dean C. Jessee, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1974, p. 4.)



A Primeira Presidência cumprimenta (a partir da esquerda) o Élder Boyd K. Packer e Élder Marvin J. Ashton, do Quorum dos Doze.

Quando menino, senti-me inspirado pela história de coragem em Nauvoo, que envolveu o tio de meu avô. Na primavera de 1844, alguns homens estavam conspirando contra o Profeta Joseph Smith. William Law, um dos líderes, realizou uma reunião secreta em sua casa. Entre os convidados estavam Dennison Lott Harris, de dezenove anos, e seu amigo Robert Scott. O pai de Dennison, Emer Harris, que é meu trisavô, fora igualmente convidado e foi aconselhar-se com o Profeta Joseph Smith, que disse que ele não fosse à reunião mas mandasse os rapazes. O Profeta recomendou que prestassem atenção e comunicassem o que fosse falado.

Nessa primeira reunião, os oradores acusaram Joseph Smith de ser um profeta caído, expressando sua decisão de destruí-lo. Ouvindo isso, o Profeta pediu aos rapazes que fossem à



segunda reunião. Eles o fizeram e relataram o conluio.

A terceira reunião foi marcada para uma semana mais tarde. O Profeta pediu que fossem novamente, mas preveniu-os de que seria a última. "Cuidem de ficar calados e não fazer nenhum acordo ou promessa a eles", recomendou, avisando-os igualmente do grande perigo que corriam. Embora achasse improvável, era possivel que fossem mortos. Depois o Profeta Joseph Smith abençoou Dennison e Robert pelo poder do sacerdócio, prometendo-lhes que se lhes fosse tirada a vida, sua recompensa seria grande.

Fortalecidos pela bênção, os rapazes foram à terceira reunião e ouviram os planos assassinos. Então, quando se pediu que todos jurassem participar da conspiração e mantê-la secreta, eles se recusaram corajosamente. Depois que um por um havia jurado segredo, o grupo inteiro caiu em cima de Dennison e Robert ameaçando matá-los se não jurassem também. Como qualquer recusa nesse sentido ameaçava o segredo de seus planos, metade dos conspiradores propôs matar os dois imediatamente. Com facas na mão, homens raivosos começaram a forçá-los a descer para um porão para matá-los.

Outros conspiradores gritaram que parassem. Os pais provavelmente sabiam onde estavam, e, se não voltassem, dariam o alarma e a busca poderia revelar a morte dos rapazes e os planos secretos. Durante a demorada discussão duas vidas estavam em jogo. Finalmente, o grupo decidiu ameaçar os jovens de morte se revelassem a quem quer que fosse o que haviam presenciado, e em seguida os soltou. Apesar das ameaças e por haverem seguido o conselho do Profeta de não prometer coisa alguma aos conspiradores, Dennison e Robert comunicaram prontamente tudo ao Profeta Joseph Smith.

Para sua própria proteção, o Profeta fez os dois corajosos moços prometerem que jamais revelariam essa experiência, nem mesmo aos pais, durante pelo menos vinte anos. Poucos meses depois o Profeta Joseph Smith foi assassinado.

Muitos anos se passaram. Os membros da Igreja estabeleceram-se no Oeste. Enquanto servia como bispo da Ala Monroe no Sul de Utah, Dennison L. Harris encontrou-se com um membro da Primeira Presidência numa reunião da Igreja em Ephraim. E naquele domingo, 15 de maio de 1881, trinta e sete anos depois que o Profeta Joseph Smith selara seus lábios para protegê-lo da vingança da ralé, Dennison Harris contou esta experiência ao Presidente Joseph F. Smith. (Ver Verbal Statement of Bishop Dennison L. Harris, 15 May 1881, MS 2725, Historical Department, The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, Salt Lake City; o relato foi publicado posteriormente no *Contributor*, abril de 1884, pp. 251-260.) Na posteridade de Dennison Harris contam-se muitos santos dos últimos dias notáveis, inclusive Franklin S. Harris que foi, por longo tempo, presidente da Universidade Brigham Young.

Falar de bênçãos do sacerdócio desperta-me uma porção de memórias: Lembro-me de filhos e filhas pedindo uma bênção para ajudá-los nas experiências mais dificeis da vida. Alegro-me ao recordar promessas inspiradas e o fortalecimento da fé quando elas se cumpriam. Sinto orgulho de uma nova geração cheia de fé, quando penso num filho apreensivo com um exame profissional e incapaz de contactar seu pai distante, pedir uma bênção do sacerdócio ao portador do sacerdócio mais próximo de sua família, o cunhado. Recordo o jovem e confuso converso à Igreja pedindo uma bênção para ajudá-lo a modificar seu destrutivo modo de viver. Ele recebeu uma bênção tão incomun que fiquei atônito ao ouvir as palavras que proferi.

Irmãos, jovens e velhos, não hesiteis em pedir uma bênção do sacerdócio quando estiverdes necessitados de força espiritual. Pais e outros élderes, acalentai e magnificai o privilégio de abençoar vossos filhos e outros filhos de nosso Pai Celeste. Estai preparados para dar bênçãos do sacerdócio sob a influência do Espírito Santo sempre que vos forem solicitadas com sinceridade e fé.

Esta é a verdadeira Igreja de nosso Salvador. Eu testifico da missão salvadora de Jesus Cristo. Nós somos os portadores do seu sacerdócio. Deus nos abençoe para que exerçamos esse sacerdócio sob a sua direção, para a bênção de seus filhos. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

SEM ATALHOS

Élder Robert L. Simpson
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Rapazes portadores de um sacerdócio real, tornai-vos Néfis modernos na fé. Sim, todos nós concordamos, às vezes é difícil, mas as recompensas são irresistíveis."



Meus queridos irmãos, e rapazes do Sacerdócio Aarônico, acho difícil expressar-vos como é bom ver-vos. É maravilhoso ver que, vindo a esta importante reunião do sacerdócio, cumpristes vosso compromisso com o Senhor.

Onde estaríamos sem a fé da juventude? Estou pensando num menino do Velho Testamento, chamado Davi... Penso também em Néfi, um jovem do Livro de Mórmon, e em um rapaz de quinze anos chamado Joseph Smith, que teve fé e tornou-se o cabeça desta dispensação. Sou imensamente grato pelo zelo, pela fé e pelo discernimento da juventude.

Gostaria de contar-vos uma pequena história: Certo pregador, finalmente chegou ao ponto de achar que tinha fé suficiente para andar sobre a água. Assim, espalhou a notícia por toda a terra e as pessoas vieram de todos os lugares para vê-lo. Havia milhares de pessoas para assistir ao feito. Mas, na primeira fila estava um diácono da Igreja SUD, que tinha grande interesse nesse tipo de fé. Ele tinha ouvido falar sobre isso na Escola Dominical e nas noites familiares, e estava na primeira fila a poucos passos de distância do pregador.

Quando este se aproximou da água, parou momentaneamente e ao inclinar-se para arregaçar as calças, o menino disse: "O senhor não será capaz de fazer isso." E ele não o conseguiu.

Recentemente fiquei impressionado com um grupo de adolescentes portadores do Sacerdócio Aarônico que estava reunido com seus bispos e supervisores para um debate informal sobre o evangelho. Era uma reunião pequena e descontraída com a finalidade de debater temas de interesse comum. Tornou-se óbvio pelas boas-vindas e comentários iniciais, que cada rapaz respeitava seu bispo e tinha muita consideração pelos supervisores do quorum. Seus comentários também deixaram claro que eles amavam o Senhor. Mas, com tudo isto, ainda havia alguns que estavam questionando e ponderando algumas coisas. Três assuntos importantes foram debatidos naquela manhã. Em primeiro lugar ouviu-se a pergunta: "Por que a vida tem de ser tão dura?"

Um pouco mais tarde, um rapaz de quinze anos mais ou menos que estava visivelmente preocupado com a enorme pressão que estava sofrendo por parte de seus colegas de escola, comentou: "Não tenho certeza que isto tudo vale a pena."

E finalmente, todos eles queriam saber: "Como posso me certificar de que a Igreja é verdadeira?"

Estas perguntas não são novas. São tão antigas quanto os homens. Nem mesmo são exclusividade de alguns. Duvido mesmo que exista alguém nesta imensa congregação que ainda não se tenha defrontado com estas mesmas perguntas.

Vamos começar então com a primeira pergunta: "Por que esta vida tem de ser tão dura?" Gosto de repetir o que um dos alunos do seminário disse na ocasião. Ele comentou: "A vida aqui na mortalidade não é diferente daquilo que nos foi dito em nossa existência pré-mortal." Ele prosseguiu: "de acordo com o nosso professor da Escola Dominical, nos rejubilamos e não só concordamos em vir à terra mas também literalmente clamamos pela oportunidade."

Um dos supervisores referiu-se então a uma escritura para demonstrar como o Senhor está sempre disposto a nos ajudar a sobrepujar as situações difíceis se fizermos a nossa parte.

Ele leu: "E eis que estou à porta, e bato", disse o Salvador, "se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo" (Apocalipse 3:20). Vós rapazes, entendeis que depende de nós, abrir ou não a porta? Acho que o Salvador nos dá outra chave vital ao declarar: "porque sem mim nada podeis fazer" (João 15:5). Esta é uma declaração poderosa!

Lembrai-vos do próximo comentário? "Não tenho certeza de que tudo isto vale a pena." Um dos bispos fez rapidamente esta pergunta: "Achais que seria bom poder receber um dia tudo aquilo que o Senhor possui?" Ele prosseguiu lembrando-nos de que receber tudo o que o Pai possui é a verdadeira essência do juramento e convênio do sacerdócio. Vamos reler juntos as palavras dirigidas a nós e que se encontram na seção 84 de Doutrina e Convênios. Elas falam desta obrigação sagrada que é compartilhada por todos nós. Por favor, ouvi atenciosamente. Vou iniciar com o versículo trinta e três:

"Pois aqueles que forem fiéis até a obtenção destes dois sacerdócios dos quais falei, e magnificam os seus chamados, são santificados..."

E passando para o versículo trinta e oito:

"E aquele que recebe o meu Pai, recebe o reino de meu Pai; portanto, tudo que meu Pai possui ser-lhe-á dado.

E isto é de acordo com o juramento e convênio que pertence ao Sacerdócio" (Vers. 33, 38-39).

Meus jovens amigos, por favor observai que estas condições que acabamos de ler já foram estabelecidas. Todas elas foram afirmadas. A autoridade do sacerdócio já nos foi conferida. O Senhor prometeu um destino garantido para todos os que



magnificarem o sacerdócio; e, de acordo com as escrituras, este destino é a vida eterna, o maior de todos os dons (ver D&C 14:7). Como já fomos ordenados, já estamos no caminho. Não só estamos no caminho, mas parece que atingimos um ponto de onde não há retorno, pois o Senhor nos assegura que este é um juramento e convênio do Pai "que não podem quebrar, nem podem ser removidos" (D&C 84:40).

Permiti-me inserir um pequeno parêntesis. Quando lemos esta última escritura a respeito do juramento e convênio que não pode ser quebrado e nem removido, um dos rapazes disse: "Ei, onde fica o meu livre-arbítrio em tudo isto?" Um menino recentemente ordenado sacerdote disse: "Nós exercitamos o livre-arbítrio durante nossa existência pré-mortal; as pessoas concordam com o batismo antes de serem batizadas; nós escolhemos renovar o convênio batismal a cada semana durante o sacramento; concordamos com as condições do sacerdócio durante a entrevista com o bispo. Não", ele concluiu, "não acho que o nosso livre-arbítrio foi violado".

Ele estava certo. Não houve violação do nosso livre-arbítrio.

Espero que aqueles que receberam sobre si o sagrado convênio do sacerdócio, nunca desistam e se afastem dizendo: "Sinto muito, isto é muito difícil." Néfi teve problemas em abundância: Lamã, Lemuel, Labão e assim por diante. Mas, ele percebeu que em suas horas de necessidade todas as forças do céu estavam disponíveis para ele. Como sabemos, ele declarou: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas" (1 Néfi 3:7).

A esta altura, um dos jovens diáconos brincou: "É, mas Néfi não tinha que ir para a minha escola." Ele estava nos dizendo que o seu problema era tão grande quanto o de Néfi, apenas talvez, um pouco diferente. Pode ser que ele estivesse certo, mas, o ponto é que o Senhor não abandonou Néfi, não desamparou o Profeta Joseph Smith na cadeia de Liberty, e não abandonará um rapaz que esteja sofrendo pressão de seus colegas de escola ou que esteja com qualquer outro tipo de problema.

Todos nós, que pretendemos estar preparados para as grandes bênçãos que estão associadas a esta autoridade do sacerdócio que portamos, devemos ser santificados de tempos em tempos por qualquer processo que o Senhor tenha em mente. Tão certo quanto é certa a nossa presença aqui nesta momento, quer como Autoridade Geral, bispo, élder ou diácono, o processo é exatamente o mesmo. Devemos tentar entender que quando a adversidade vem, ela tem o propósito de nos preparar para algo que virá a seguir. Sim, vale a pena. Acreditem-me rapazes, tudo isto vale a pena.

Agora, a terceira grande pergunta: "Como podemos certificar-nos de que a Igreja é verdadeira?" Alguém pode obter o assim chamado testemunho perfeito durante seu período mortal? Acho que todos nós, aqui presentes, nos encontramos no processo interminável de desenvolver um testemunho. Juventude de Sião, esquecei dos milagres, ou do assim chamado sinal seguro do céu. Não há atalhos para a eternidade. Assim, a paciência extrema se torna outro fator-chave para desenvolvermos nosso testemunho durante esta vida. É simplesmente "linha sobre linha, preceito sobre preceito; aqui um pouco, ali um pouco", como as escrituras nos dizem (D&C 128:21).

Existem alguns princípios básicos para o desenvolvimento de um testemunho que nunca mudam.

Vamos usar o Livro de Mórmon como exemplo. A grande promessa

encontrada em Morôni 10:4, com a qual todos nós já estamos familiarizados, declara que devemos ler o livro — então, tendo fé em Cristo e um coração sincero, perguntar ao Pai Celestial sobre a sua veracidade. Quando tivermos feito isto, a verdade se manifestará pelo poder do Espírito Santo.

O processo é o mesmo tanto para adquirir um testemunho sobre o Livro de Mórmon quanto para adquirir testemunho sobre o dízimo, a Palavra de Sabedoria, a lei do jejum, a santificação do dia do Senhor ou qualquer outro princípio. Primeiro, devemos entendê-lo com a ajuda das escrituras e a seguir, vivê-lo da melhor maneira possível, perguntando ao Pai Celestial com um coração sincero e com fé em Cristo; assim, a verdade daquele princípio se manifestará a nós pelo poder do Espírito Santo.

Se quiserdes saber a verdade, sereis informados, tende o desejo e tereis a ajuda.

Informai-vos sobre a verdade pela leitura das escrituras e ouvindo os líderes inspirados.

Sede desejosos de viver aquela verdade da melhor maneira possível.

Fazendo isto, estareis prontos para receber os dons do Espírito por vosso próprio mérito, para que possais ser dirigidos e para que possais reconhecer a resposta.

Ó juventude de nobre herança, vós rapazes portadores de um sacerdócio real, tornai-vos Néfis modernos na fé. Sim, todos nós concordamos, às vezes é difícil, mas as recompensas são irresistíveis. E, nunca vos esqueçais disto: qualquer um que tenha sido preordenado como vós o fostes, qualquer um que tenha recebido o dom do Espírito Santo como recebestes, e qualquer um que tenha recebido a autoridade do sacerdócio como recebestes, certamente terá ao seu alcance a capacidade de adquirir um forte testemunho — um testemunho que nunca deveria parar de crescer. Assim como Josué do Velho Testamento — "escolhei hoje a quem sirvais,... porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor" (Josué 24:15). E se fizerdes isto, com certeza a "doutrina do sacerdócio se destilará sobre a vossa alma como o orvalho dos céus" (D&C 121:45). Que assim seja, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo, amém.

LÁGRIMAS, PROVAÇÕES, CONFIANÇA E TESTEMUNHO

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"Uma fé duradoura, uma confiança constante e um desejo fervoroso sempre caracterizam aqueles que servem ao Senhor de todo o coração."



Já ponderastes o valor da alma humana? Já ponderastes o potencial que existe dentro de cada um de nós?

Uma das primeiras designações que tive como membro do Conselho dos Doze, foi a de assistir à conferência da Estaca Monument Park West na Cidade do Lago Salgado. Meu companheiro nesta conferência era membro do Comitê Geral de Bem-Estar da Igreja, Paul C. Child. Presidente Child era um estudioso das escrituras e tinha sido presidente de minha estaca durante meus anos de Sacerdócio Aarônico. Agora estávamos juntos como visitantes da conferência.

Quando chegou sua vez de participar, o Presidente Child pegou Doutrina e Convênios e se afastou do púlpito para ficar em pé entre os portadores do sacerdócio para os quais estava dirigindo a mensagem. Abriu na seção 18 e começou a ler:

"Lembrai-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus;

E, se acontecer que, se trabalhardes todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ele no reino de meu Pai!" (vers. 10, 15).

O Presidente Child ergueu então os olhos das escrituras e perguntou aos irmãos do sacerdócio: "Qual é o valor da alma humana?" Evitou obter a resposta de um bispo, presidente de estaca ou sumo conselheiro. Ao invés disto perguntou a um presidente de quorum de élderes — um irmão que tinha estado um pouco sonolento e perdido visivelmente o significado da pergunta.

Surpreso, o homem respondeu: "Irmão Child, o senhor poderia repetir a pergunta?" Esta foi repetida: "Qual é o valor da alma humana?" Eu conhecia o estilo do Presidente Child, por isso orei fervorosamente em favor daquele presidente de quorum. Ele permaneceu em silêncio por um espaço de tempo que pareceu uma eternidade e depois declarou: "Irmão Child, o valor de uma alma humana é a sua capacidade de se tornar como Deus."

Todos os presentes meditaram naquela resposta. O Irmão Child retornou ao púlpito, inclinou-se para mim e disse: "Uma resposta profunda; uma resposta profunda!" Prosseguiu então com a mensagem, mas eu continuei a refletir naquela resposta inspirada.

Achar, ensinar e sensibilizar as almas preciosas que nosso Pai prepara para receber sua mensagem, é uma tarefa monumental. Raramente o sucesso é simples. Geralmente é precedido por lágrimas, provações, confiança e testemunho.



Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência.

Pensai na magnitude da instrução do Salvador aos seus apóstolos:

"Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espirito Santo,

Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos." (Mateus 28:19-20.)

Os homens que receberam esta mensagem não eram proprietários de terra, nem possuiam a instrução dos intelectuais. Eram homens simples — homens de fé, homens de devoção, homens "chamados por Deus".

Paulo testificou aos corintios: "Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes" (I Corintios 1:26-27).

Neste continente americano, Alma igualmente aconselhou seu filho Helamã: "Mas eis que te digo que é por meio das coisas pequenas e simples que as grandes se realizarão." (Alma 37:6.)

Tanto naquela época como agora, os servos de Deus são confortados pela afirmação do Mestre: "Eu estou convosco todos os dias" (Mateus 28:20). Esta promessa magnifica apóia a vós, irmãos do Sacerdócio Aarônico, que sois chamados para posições de liderança nos quoruns de diáconos, mestres e sacerdotes. Isto vos encoraja em vossas preparações para servir no campo missionário e vos conforta nos momentos de desânimo que surgem na vida de todos nós. Esta mesma afirmação, vos motiva e inspira, irmãos do Sacerdócio de Melquisedeque, ao dirigirdes e organizardes o trabalho nas alas, estacas e missões. "Portanto, não vos canseis de fazer o bem", disse o Senhor, "pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas provêm as grandes. Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente" (D&C 64:33-34).

Uma fé duradoura, uma confiança constante e um desejo fervoroso sempre caracterizaram aqueles que servem ao Senhor de todo coração.

Esta descrição caracteriza os primeiros tempos da obra missionária que se seguiram à restauração do evangelho. Em abril de 1830, Phineas Young recebeu um exemplar do Livro de Mórmon das mãos de Samuel Smith, irmão do Profeta, e poucos meses mais tarde já viajava para o Canadá. Em Kingston, ele prestou o primeiro testemunho conhecido da Igreja Restaurada, além das fronteiras dos Estados Unidos.

Em 1833, o Profeta Joseph Smith, Sidney Rigdon e Freeman Nickerson viajaram para Mount Pleasant, norte do Canadá. Lá eles ensinaram, batizaram e organizaram um ramo da Igreja. Em certa ocasião em junho de 1835, seis dos Doze Apóstolos realizaram uma conferência naquele país.

Em abril de 1836, Élder Heber C. Kimball e outros, entraram na casa de Parley P. Pratt e, cheios do espírito de profecia, colocaram as mãos sobre a cabeça do Irmão Pratt e declararam: "Deverás ir para o norte do Canadá, para a cidade de Toronto,... e lá, deverás encontrar um povo preparado para receber a plenitude do evangelho, e eles te receberão e deverás organizar a Igreja entre eles. Muitos deverão conhecer a verdade e se encher de alegria; e das coisas que brotarem desta missão a plenitude do evangelho se espalhará pela Inglaterra, resultando num grande trabalho a ser feito naquela terra."

Em julho deste ano comemoraremos o 150º aniversário do início da obra na Inglaterra. Rejubilamo-nos com os maravilhosos feitos daqueles primeiros missionários e daqueles a quem o Senhor preparou para tomar parte no avançamento desta obra dos últimos dias.

O chamado para servir caracterizou sempre a obra do Senhor e raramente vem numa hora conveniente. Ela traz humildade, provoca orações, inspira compromisso. O chamado veio — para Kirtland. Revelações se seguiram. O chamado veio — para Missouri. A perseguição prevalecia. O chamado veio — para Nauvoo. Profetas morreram. O chamado veio — para a



bacia do Grande Lago Salgado. A miséria e o sofrimento estavam à porta.

Aquela longa jornada, feita sob circunstâncias tão difíceis, foi uma provação de fé. Mas a fé forjada na fornalha de provações e lágrimas, é marcada pela confiança e pelo testemunho. Somente Deus pode avaliar o sacrifício; só Deus pode medir a tristeza, só Deus pode conhecer os corações daqueles que o servem — tanto no passado como agora.

As lições do passado podem avivar nossa memória, sensibilizar nossa vida e dirigir nossas ações. Nós estamos preparados para fazer uma pausa e lembrar aquela promessa dada: "Portanto... como sois agentes, estais empenhados no serviço do Senhor; e tudo que fizerdes de acordo com a sua vontade é negócio do Senhor" (D&C 64:29).

Tal lição foi recontada num programa de rádio e televisão que muitos se lembram com ternura. O programa chamava-se "Os Dias do Vale da Morte". O narrador, conhecido como o Velho Guarda-Florestal, parecia entrar em nossas salas quando contava as histórias do oeste.

Num determinado programa, ele nos contou como foram conseguidos os vidros das janelas do Tabernáculo de Saint George. O vidro tinha sido manufaturado no leste e a seguir colocado num navio em Nova York, que partiu para a longa e algumas vezes arriscada viagem ao redor do cabo Horn e para cima em direção da costa oeste da América. O vidro precioso, guardado em caixas de papelão, foi então transportado para San Bernardino, Califórnia, para aguardar a viagem por terra até Saint George.

David Cannon e os irmãos de Saint George tinham a responsabilidade de ir a San Bernardino com suas parelhas e carroções, para reaver o vidro para que o Tabernáculo do Senhor pudesse ser concluído. Um problema: Eles precisavam de $800 dólares para pagar o vidro e esta quantia, na época, era astronômica. Eles não tinham dinheiro. David Cannon virou-se para a esposa e para o filho e perguntou: "Vocês acham que seremos capazes de levantar este dinheiro para que possamos ir buscar o vidro do Tabernáculo?"

Seu filhinho, David Jr., disse: "Papai, eu sei que podemos!" Pegou então dois centavos do seu próprio dinheiro e entregou-o ao pai. Whilhelmina Cannon, esposa de David, buscou nos lugares secretos que assim como ela, todas as mulheres costumam ter em casa e arrecadou $3,50 dólares de prata. Pediu-se então ajuda da comunidade e ao final foi acumulada uma quantia de $200 dólares — $600 dólares a menos do que seria necessário.

David Cannon suspirou aflito, julgando que havia falhado apesar de ter dado o melhor de si mesmo. A pequena família estava cansada demais para dormir e desencorajada demais para comer, então eles oraram. Amanheceu. Os carroceiros, seus carroções e suas parelhas já estavam reunidos e preparados para iniciar a longa jornada até San Bernardino. Mas, ainda não tinham conseguido os $600 dólares que faltavam.

Houve então uma batida na porta e Peter Nielsen, que pertencia à comunidade próxima de Washington, entrou na casa. Ele disse a David Cannon: "Irmão David, tenho tido um

sonho persistente de que deveria trazer-lhe o dinheiro que economizei para aumentar minha casa — deveria trazê-lo a vocês porque vocês teriam um propósito para ele."

Enquanto todos os homens se reuniam ao redor da mesa, incluindo o pequeno David Jr., Peter Nielsen pegou um lenço vermelho e dele retirou peças de ouro, que foram colocadas uma a uma sobre a mesa. Quando David Cannon contou as peças de ouro, elas totalizaram $600 — a quantia exata que era necessária para conseguir os vidros. Dentro de uma hora, os homens se despediam e com suas parelhas, iniciavam a jornada até San Bernardino.

Quando esta história real foi contada no programa "Os Dias do Vale da Morte", o jovem David Jr., estava com 87 anos de idade. Ele ouviu a história absorto em pensamentos. Acho que em sua mente, mais uma vez, ele ouvia o ruído daquelas peças de ouro caindo uma a uma sobre a mesa, enquanto homens viam diante de seus olhos a resposta a suas orações.

Tabernáculos e templos são construídos com algo mais que pedra e argamassa, madeira e vidro. Especialmente quando nos referimos ao templo descrito pelo Apóstolo Paulo: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (I Coríntios 3:16.) Tais templos são construídos com fé e jejum. São construídos com serviço e sacrifício, com provações e testemunho.

Se vós irmãos, que me ouvis, vos sentis despreparados — mesmo incapazes — de responder a um chamado para servir, sacrificar e abençoar a vida de outros, lembrai-vos da verdade: "A quem Deus chama, Deus prepara." Ele que cuida das aves do céu não esquecerá das necessidades dos seus servos.

Deus vos abençoe, meus irmãos — vós portadores do sacerdócio. Vós sois "a geração eleita, o sacerdócio real" (I Pedro 2:9).

Que possamos responder afirmativamente ao Profeta Joseph Smith, que admoestou: "Irmãos, não prosseguiremos em tão grande causa? Ide avante e não para trás. Coragem, irmãos; e avante, avante para a vitória!" (D&C 128:22.) Esta é minha oração sincera e humilde, em nome de Jesus Cristo, amém.

REVERÊNCIA E MORALIDADE

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

"Provai vossa força, mostrai vossa independência dizendo não quando fordes instigados pelos companheiros. Vossa força dará mais força àqueles que são fracos. Vosso exemplo dará determinação a outros."



O Presidente Benson e os irmãos presidentes pediram-me que tratasse de dois ou três assuntos que nos preocupam a todos.

O primeiro deles é a reverência nas reuniões, particularmente na reunião sacramental. Este é um assunto que diz respeito a todo portador do sacerdócio, seja Aarônico ou de Melquisedeque, bem como a todos os membros da Igreja.

Por que comparecemos à reunião sacramental? Logicamente para renovar nossos convênios participando do sacramento. Este é o elemento mais importante da reunião sacramental. E também para sermos instruídos, para meditar nas coisas de Deus e para adorar o Senhor em espírito e verdade. Nós vamos a essa reunião por causa do mandamento do Senhor, que disse numa revelação:

"Em retidão oferecerás um sacrifício ao Senhor teu Deus, sim, o de um coração quebrantado e espírito contrito. E para que te conserves limpo das manchas do mundo, irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos no meu dia santificado;

Pois na verdade, este é um dia designado a ti para descansares de teus trabalhos e prestares a tua devoção ao Altíssimo." (D&C 59:8-10.)

Precisamos, todos nós, de uma pausa no ritmo febril de nossa vida para refletir nas coisas sagradas e divinas. Recordo-me de que, quando era missionário em Londres, Inglaterra, há mais de cinqüenta anos, nós nos reuníamos no salão da Prefeitura de Battersea, que havíamos alugado. O piso era nu e nos sentávamos em cadeiras. Toda vez que se mexia uma cadeira, fazia barulho. Mas isto não era o pior aspecto da situação. Bem mais grave eram as conversas ruidosas dos membros do ramo.

Certa ocasião convidamos uma família que conhecêramos batendo de porta em porta. Nós, missionários, ficamos à porta esperando ansiosos para dar-lhes as boas-vindas. No salão reinava o costumeiro ambiente jovial, com os membros conversando ruidosamente. Quando a família entrou no salão, dirigiu-se calmamente para algumas cadeiras, ajoelhou-se por um momento e todos fecharam os olhos em oração. Depois ficaram sentados em atitude reverente em meio a toda aquela comoção.

Francamente, senti-me embaraçado. Eles haviam comparecido ao que julgavam um serviço de adoração e se comportaram de acordo.

No fim da reunião saíram calados e quando os encontramos novamente, falaram de seu desapontamento. Jamais consegui esquecer o incidente.

Convido-vos, irmãos do sacerdócio, onde quer que estiverdes, e particularmente os membros de bispados, a iniciar um sério esforço para cultivar um mais belo espírito de

adoração nas reuniões sacramentais e uma atitude de maior reverência em geral nos prédios da Igreja.

Sou grato por termos agora passadeiras nos corredores de nossas capelas e carpete no piso inteiro em muitos prédios mais novos. Bancos fixos ocupam o lugar de cadeiras dobráveis. Ao planejar, renovar e manter nossas construções, devemos ter sempre em mente a importância desses aspectos físicos que contribuem para o espírito de adoração.

A música, obviamente, é um fator importante. A maior parte de nossos prédios está equipada com órgãos que, quando bem tocados, contribuem para o clima de reverência do serviço de adoração. Os hinos cantados pela congregação e apresentação de partes dos grandes oratórios sagrados pelo coro da ala, realçam o espírito de adoração.

O convívio social é um aspecto importante de nosso programa como Igreja. Nós incentivamos nosso povo a cultivar amizades com alegres conversas. Entretanto, estas devem acontecer no saguão; quando entramos na capela, devemos entender que estamos em recinto sagrado. Todos nós estamos familiarizados com o relato, em Êxodo, da aparição do Senhor a Moisés na sarça ardente. Quando o Senhor chamou, Moisés respondeu: "Eis-me aqui." (Êxodo 3:4.)

Então disse o Senhor: "Não te chegues para cá; tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa." (Vers. 5.)

Não pedimos aos membros que tirem os sapatos quando entram na capela. Todos, porém, que entram na casa do Senhor deveriam perceber que estão pisando solo santo, e que convém que se portem de acordo.

O exemplo dos irmãos sentados junto ao púlpito contribui consideravelmente para criar a atmosfera apropriada. Havendo preparação antecipada e uma breve reunião de oração antes do início, não haverá, exceto em caso excepcional, necessidade de conversa entre os que estão junto ao púlpito, durante a reunião.

Os rapazes do Sacerdócio Aarônico devem ser ensinados que o sacramento que administram é sagrado e santo ao Senhor. Deve haver incentivo e instrução para assegurar que as orações sejam proferidas com clareza e no espírito de comunhão com nosso Pai Celeste. O sacerdote à mesa sacramental coloca toda a congregação sob sagrado convênio. A oração não é um ritual mecânico; e sim, a declaração de uma obrigação e promessa. Mãos limpas bem como um coração puro devem ser ensinados aos sacerdotes que oficiam à mesa do sacramento.



O Bispado Presidente (a partir da esquerda) Bispo Henry B. Eyring, Primeiro Conselheiro; Bispo Presidente Robert D. Hales, e Bispo Glenn L. Pace, Segundo Conselheiro.

Ao final da administração do sacramento, não é incomum que os sacerdotes e até mesmo os diáconos deixem seus lugares e se espalhem pela capela. Talvez o banco ocupado pelos sacerdotes não seja muito confortável. Neste caso, talvez fosse possível reservar-lhes lugar no primeiro banco, onde poderiam sentar-se em silêncio depois do serviço sacramental.

O mais importante de tudo é a instrução da nossa gente, e particularmente de nossos jovens, quanto à importância de reverência na capela.

Gostaria de que todo pai na Igreja debatesse esse assunto com a família na próxima noite familiar e, vez por outra, em noites familiares subseqüentes. O tema do debate poderia ser algo como: "O que cada um de nós pode fazer para melhorar o espírito de nossas reuniões sacramentais?" Se for feito, coisas maravilhosas acontecerão.

Com nosso sistema de reuniões combinadas, ficar sentada três horas é muito tempo para uma criança pequena, e muito tempo também para a mãe que precisa cuidar de crianças. Entretanto, com uma boa instrução e meticulosa consideração de todos os aspectos da situação, pode-se conseguir um bom melhoramento. As mães de bebês podem sentar-se junto à passagem entre os bancos para sair, se necessário, discretamente para cuidar do filho.

À antiga Israel ordenou Jeová: "Guardareis os meus sábados, e o *meu santuário revenciareis*: Eu sou o Senhor." (Levítico 19:30; grifo nosso.)

Irmãos, pedimo-vos que discutais esta importante questão no lar, e que vós, oficiais, o façais nas reuniões de planejamento. Há muita margem para aprimoramento e, com um pouquinho de esforço, é possível consegui-lo. Com a melhora da reverência, todos serão



Da esquerda para a direita: Élder Dallin H. Oaks e Élder Russell M. Nelson do Quorum dos Doze.

abençoados. Deixo essa questão em vossas mãos.

Passo a seguir a um assunto muito delicado. Ponderei bastante se deveria ser apresentado na reunião de liderança de ontem à noite ou nesta reunião geral do sacerdócio. Concluí que é um assunto de tão amplo interesse e conhecimento tão generalizado, mesmo para rapazes e meninas da faixa etária dos diáconos, que poderia ser tratado aqui. Eu o faço com sensibilidade quanto à natureza do assunto.

O mundo está sendo varrido por uma praga de temíveis dimensões. As autoridades da saúde pública estão profundamente preocupadas, assim como todos deveriam estar.

O diretor nacional de saúde dos Estados Unidos prevê que a AIDS vitimará cento e setenta mil americanos em apenas quatro anos. A situação chega a ser ainda mais grave em algumas outra regiões do mundo.

A AIDS é usualmente uma doença mortal, transmissível sexualmente e, em segundo lugar, por abuso de drogas. Infelizmente, como em qualquer epidemia, são vitimadas também pessoas inocentes.

Como outros, nós esperamos que se façam descobertas que permitam a prevenção e a cura desse terrível mal. Mas, independente de tais descobertas, a observância de uma lei perfeitamente compreensível e de origem divina, faria mais para controlar essa epidemia do que todo o resto. Essa lei é a castidade antes do casamento e absoluta fidelidade depois.

Os profetas de Deus vêm ensinando repetidamente no decorrer das eras que as relações homossexuais, fornicação e adultério são pecados hediondos. O relacionamento sexual fora do casamento é proibido pelo Senhor, e nós reafirmamos esses ensinamentos. Ao homem foi concedido o arbítrio para escolher o bem ou o mal. Dizia Léhi, o profeta, a Jacó:

"Portanto, os homens são livres de acordo com a carne; e todas as coisas que lhes são necessárias lhes são dadas. E estão livres para escolher a liberdade e a vida eterna, por meio da grande mediação de todos os homens, ou para escolher o cativeiro e a morte, de acordo com o cativeiro e o poder do demônio; pois que ele procura tornar todos os homens tão miseráveis como ele próprio." (2 Néfi 2:27.)

Repito, cada um de nós pode escolher o certo ou o errado. Mas essa escolha traz inevitavelmente conseqüências. Aqueles que escolhem violar os mandamentos de Deus correm grave risco espiritual e físico. Diz o Apóstolo Paulo: "O salário do pecado é a morte." (Romanos 6:23.)

Jacó ensinava: "Lembrai-vos de que ter a mente carnal é morte e ter a mente espiritual é vida eterna." (2 Néfi 9:39.)

Jesus deu-nos o mandamento de controlar nossos pensamentos bem como nossos atos, dizendo: "Qualquer que atentar numa mulher para cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela." (Mateus 5:28.)

Com referência ao comportamento humano, existe o princípio da responsabilidade. Declarou o Profeta Alma:

"Porque nossas palavras nos condenarão; sim, todas as nossas obras nos condenarão; não seremos encontrados sem manchas e nossos pensamentos também nos condenarão; e neste terrível estado não nos atreveremos a olhar para Deus...

Mas isto não pode ser. Teremos que apresentar-nos perante ele em sua glória, força, poder, majestade e domínio, e reconhecer, para nossa eterna vergonha, que todos os seus julgamentos são justos." (Alma 12:14-15.)

O domínio mental precisa ser mais forte que os apetites físicos ou desejos da carne. À medida que os pensamentos se põem em plena harmonia com a verdade revelada, as ações tornar-se-ão apropriadas.

O velho provérbio é tão válido hoje como quando foi pronunciado: "Como imaginou na sua alma, assim é." (Provérbios 23:7.)

Com disciplina e esforço, qualquer um de nós tem capacidade de controlar seus pensamentos e ações. Isto é parte do processo de desenvolvimento da maturidade espiritual, física e emocional.

Ensinava um profeta que "o homem natural é inimigo de Deus... e sê-lo-á para sempre, a não ser que ceda ao influxo do Espírito Santo, se despoje do homem natural, tornando-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor". (Mosiah 3:19.)

Exortamos o povo de toda parte que viva de acordo com os ensinamentos de nosso Criador, e supere as atrações carnais que muitas vezes terminam em tragédia, conseqüência da transgressão moral.

O Senhor proclamou que o casamento para o homem e para a mulher é ordenado por Deus e tenciona ser uma relação eterna ligada pela confiança e fidelidade. Os santos dos últimos dias, mais que todos os outros, devem casar-se tendo em mente esse sagrado objetivo. Não se deve



A Primeira Presidência (a partir da esquerda): Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro; Presidente Ezra Taft Benson, e Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro.



Presidente Ezra Taft Benson e Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência.



Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro



Presidente Ezra Taft Benson



Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro

O QUORUM DOS DOZE



Marion G. Romney



Howard W. Hunter



Boyd K. Packer



Marvin J. Ashton



L. Tom Perry



David B. Haight



James E. Faust



Neal A. Maxwell



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks



M. Russell Ballard



Joseph B. Wirthlin

PRESIDÊNCIA DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



Dean L. Larsen



Richard G. Scott



Marion D. Hanks



Wm. Grant Bangerter



Jack H. Goaslind



Robert L. Backman



Hugh W. Pinnock

Dean L. Larsen | Richard G. Scott | Marion D. Hanks | Wm. Grant Bangerter | Jack H. Goaslind | Robert L. Backman | Hugh W. Pinnock

MEMBROS ADICIONAIS DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



O BISPADO PRESIDENTE

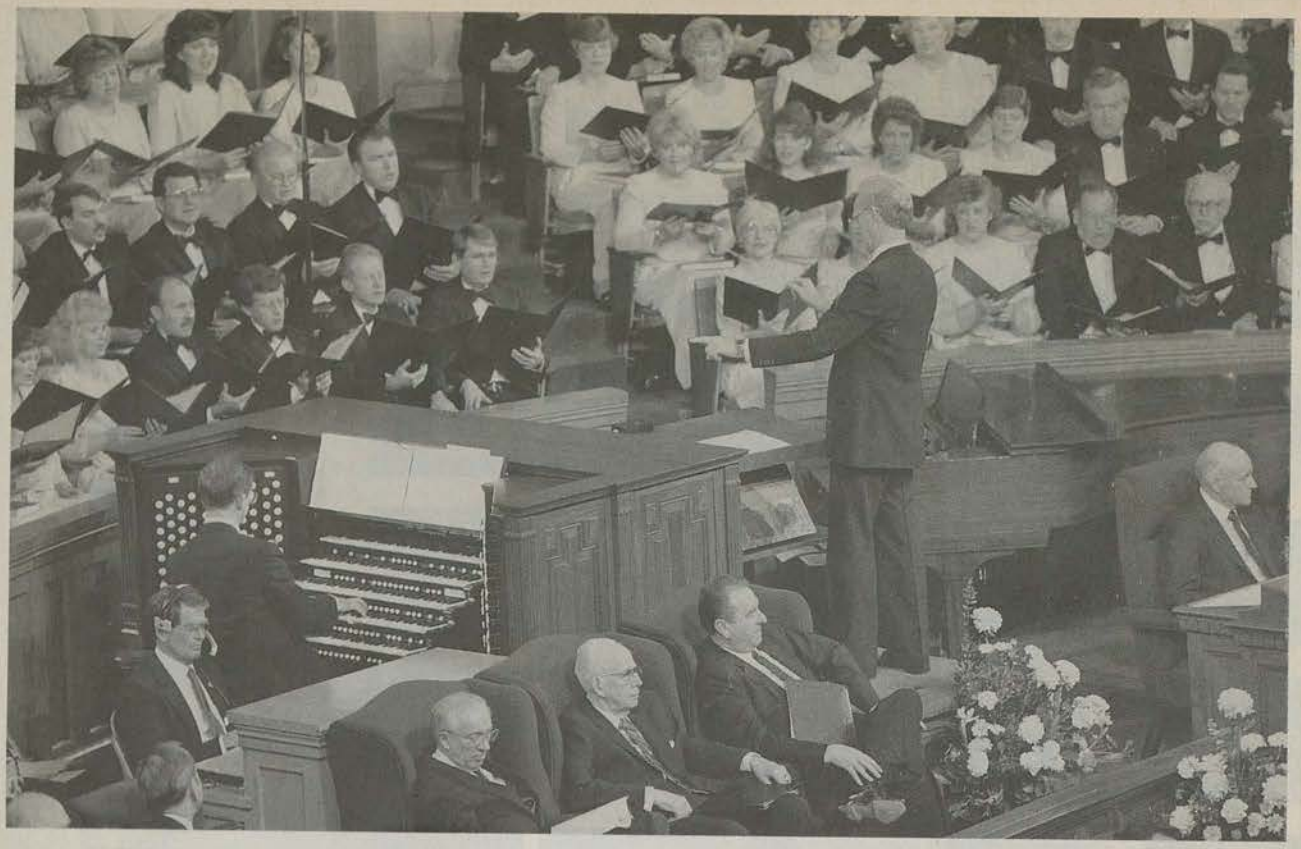


AUTORIDADES GERAIS EMÉRITAS

Patriarca

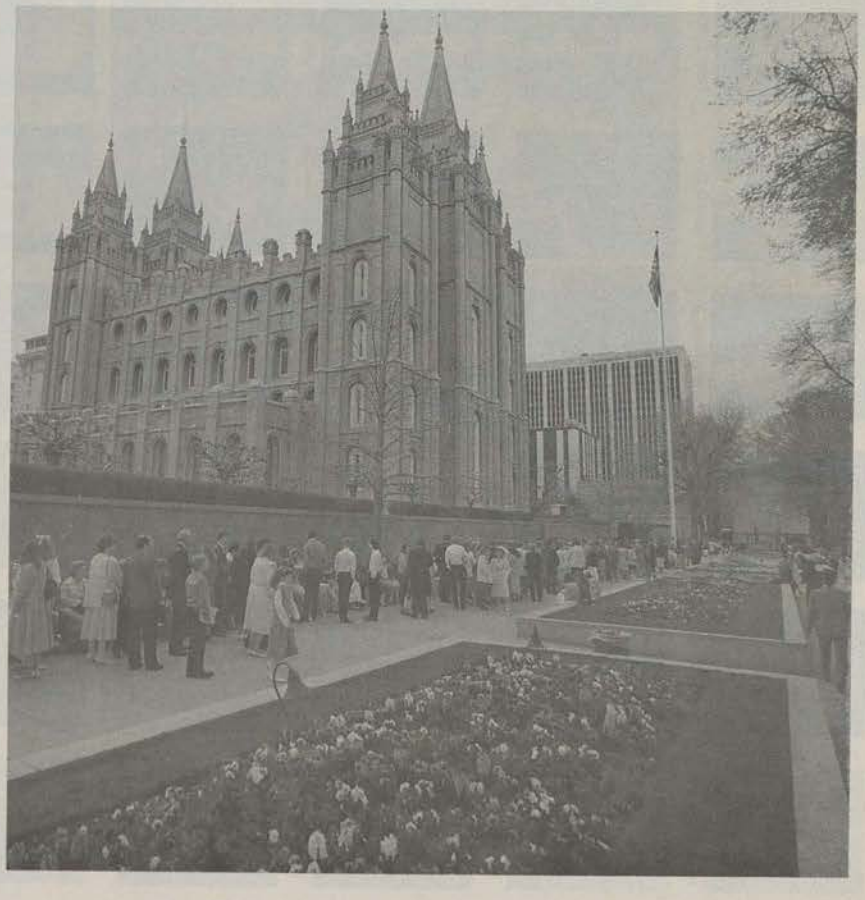
Membros do Primeiro Quorum dos Setenta







Élder F. Burton Howard do Primeiro Quorum dos Setenta.



encarar o casamento como medida terapêutica para solucionar problemas como inclinação ou prática homossexual, que deve primeiramente ser superada com a firme e rígida determinação de nunca recair nesse erro.

Tendo falado isso, quero dizer agora enfaticamente que nossa preocupação com o amargo fruto do pecado é aliada à simpatia cristã por suas vítimas, inocentes ou culpadas. Advogamos o exemplo do Senhor que condenava o pecado, mas amava o pecador. Devemos estender a mão com bondade e consolo ao aflito, cuidando de suas necessidades e ajudando-o em seus problemas. No entanto repito, o caminho da segurança e a senda da felicidade estão na abstinência antes do casamento e na fidelidade depois. Declarou o Senhor nesta dispensação: "Que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente." (D&C 121:45.) Segue uma notável e maravilhosa promessa: "Então tua confiança se tornará forte na presença de Deus...

O Espírito Santo será teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno." (Vers. 46.)

Agora, em conclusão, isso leva a um assunto relacionado que eu gostaria de mencionar: o aventurismo sexual, que se está espalhando qual outra praga pelo mundo.

Muitas pessoas aceitam a filosofia de que a resposta para os terríveis problemas da gravidez de adolescente, abortos e outras questões deploráveis está na educação sexual nas escolas.

Não me disponho a discutir neste foro os méritos ou deméritos da educação sexual nas escolas públicas. Mas, de passagem, estou inclinado a concordar com a pessoa recentemente citada no jornal *USA Today*: "Mais educação sexual nas escolas públicas não anulará o danoso legado da revolução sexual, a menos que a mensagem clara seja castidade antes do casamento e fidelidade no matrimônio.

E a autora prossegue dizendo: "Existem muitos defeitos nos cursos de educação sexual. Sua filosofia é ridicularizar a castidade, escarnecer da fidelidade e apregoar o aventurismo sexual. Ensinam que não existe essa coisa de certo ou errado...

Trinta anos de promoção da liberação sexual trouxe o aumento incontrolável de doenças venéreas e número excessivo de adolescentes grávidas...



A maior parte da educação sexual nas escolas públicas desarma moralmente os alunos em lugar de dar-lhes sensibilidade moral que os ajude a fazer escolhas sexuais apropriadas...

A educação sexual combate o recato e a moralidade peculiar à vida humana." (Tottie Ellis, "Teaching about Sex Endangers Children", 16 de março de 1987, p. 12A.)

Em todos nós existe esse senso de recato e moralidade a que se refere a autora. Quero dizer aos rapazes aqui presentes hoje, que o Senhor deixou claro e a experiência de séculos o confirma, que não se encontra felicidade na imoralidade, mas sim na abstinência. A voz da Igreja à qual pertenceis é uma voz que intercede pela virtude; uma voz que implora pela força de se abster daquilo que é maléfico; uma voz que declara que a transgressão sexual é pecado. Esta transgressão é contrária aos ensinamentos da Igreja; contrária à felicidade e bem-estar dos que a cometem.

Deveis reconhecer, *precisais* reconhecer que tanto a experiência como a divina sabedoria prescrevem a virtude e pureza moral como o caminho que conduz à força de caráter, paz no coração e felicidade na vida. Will e Ariel Durrant, autores de onze alentados volumes de História que abrangem em milhares de anos, declaram: "O jovem em seu efervescimento hormonal perguntar-se-á por que não dar plena liberdade aos seus anseios sexuais; e se não for contido por costumes, moral ou leis, poderá arruinar sua vida antes de ter suficiente maturidade para entender que o sexo é uma torrente incandescente que tem de ser represada e resfriada por uma centena de restrições, para que não leve ao caos tanto o indivíduo como o grupo." (*The Lessons of History*, New York: Simon and Schuster, 1968, pp. 35-36.)

Meus queridos jovens irmãos, o Senhor tem sido muito bondoso para convosco. Ele vos suscitou nesta nossa maior era da história da terra. Ele vos tornou beneficiários de seu glorioso evangelho, restaurado à terra para vos abençoar. Nenhuma outra geração usufruiu de tanto conhecimento, tanta experiência, tanta abundância e oportunidade.

Pelo vosso próprio bem, pela vossa felicidade agora e em todos os anos futuros, e pela felicidade das gerações que vos seguirão, evitai a transgressão sexual como evitaríeis uma praga.

Provai vossa força, mostrai vossa independência dizendo não quando fordes instigados pelos companheiros. Vossa força dará mais força àqueles que são fracos. Vosso exemplo dará determinação a outros.

Deus vos abençoe, meus amados irmãos, vós de nobre linhagem, vós de grande promessa. "Confia em Deus e vive." (Alma 37:47.) Que o façais, eu oro humildemente ao deixar-vos meu amor e bênção, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Aos Mestres Familiares da Igreja

Presidente Ezra Taft Benson

"Não existe, na Igreja, maior chamado que o de mestre familiar. Não há maior serviço eclesiástico prestado aos filhos de nosso Pai nos céus que o de um mestre familiar humilde, dedicado e fiel."



Meus queridos irmãos do sacerdócio, é uma alegria estar convosco nesta noite e ser instruído por estes escolhidos homens de Deus. Sinto vosso poder e fé, e vos louvo por vossa presença aqui, hoje.

Regozijo-me nesta oportunidade ao vos dirigir algumas palavras. Sinto-me impelido a falar-vos sobre um programa do sacerdócio, que tem sido inspirado desde sua criação; um programa que toca corações, modifica vidas e salva almas; um programa que tem a aprovação de nosso Pai Celeste; um programa tão vital que, se fielmente cumprido, ajudará a renovar a Igreja espiritualmente e exaltar individualmente seus membros e famílias.

Refiro-me ao ensino familiar do sacerdócio. Oro de todo o coração que compreendais pelo Espírito, exatamente o que sinto a respeito do ensino familiar.

Irmãos, o ensino familiar não é apenas mais um programa. É o meio de o sacerdócio zelar pelos santos e cumprir a missão da Igreja. O ensino familiar não é uma simples designação, é um chamado sagrado.

O ensino familiar não deve ser encarado levianamente. O chamado de mestre familiar deve ser aceito como se fosse o próprio Senhor Jesus Cristo quem o faz.

O Salvador foi pessoalmente um mestre. O único homem perfeito que pisou a face da terra era um humilde, dedicado, inspirado mestre que trouxe salvação e exaltação a seus seguidores.

Oh, que todos os irmãos da Igreja encarassem o ensino familiar por esse prisma!

Esta noite não estou ensinando doutrina nova, mas reiterando uma doutrina antiga. Na seção 20 de Doutrina e Convênios, revelada ao Profeta Joseph em abril de 1830, o Senhor declarou ao sacerdócio:

"O dever do mestre é zelar sempre pela igreja, estar com os membros e fortalecê-los;

E ver que não haja iniqüidade na igreja...

E ver que a igreja se reúna amiúde, e ver também que todos os membros cumpram as suas obrigações." (Vers. 53-55.)

"E visitar a casa de cada membro, exortando-o a orar em voz alta e em segredo, e a cumprir todas as obrigações da família." (Vers. 51.)

Irmãos, este é o ensino familiar do sacerdócio.

Essa espécie de ensino era feita pelos primeiros discípulos no tempo de Cristo. Foi praticada na época do Livro de Mórmon. Nós lemos no primeiro capítulo de Jacó:

"Pois que eu, Jacó, e meu irmão José, havíamos sido consagrados sacerdotes e mestres deste povo, pela mão de Néfi.

E nós magnificamos o nosso ofício para o Senhor, tomando sobre nós a responsabilidade de responder pelos pecados do povo, se não lhe ensinássemos com diligência a palavra de Deus." (Vers. 18-19.)

Desde o começo desse inspirado programa em nossos dias, os líderes da Igreja vêm ressaltando continuamente a importância do ensino familiar.

Declarou o Presidente Marion G. Romney numa conferência geral: "O ensino familiar, quando devidamente funcionando, leva à casa de cada membro dois portadores do sacerdócio divinamente comissionados e chamados com autoridade para o serviço pelos seus líderes no sacerdócio e o bispo. Esses mestres familiares — portadores do sacerdócio — arcam com a pesada e gloriosa responsabilidade de representar o Senhor Jesus Cristo no zelo pelo bem-estar de cada membro da Igreja. Cabe a eles encorajar e inspirar cada membro a cumprir seu dever, na família e Igreja." (Reunião do ensino familiar, 8 de abril de 1966.)

Afirmou o Presidente David O. Mckay: "O ensino familiar é uma de nossas mais urgentes e compensadoras oportunidades de nutrir e inspirar, de aconselhar e orientar os filhos de nosso Pai... É um serviço divino, um chamado divino. Como mestres familiares temos o dever de levar o espírito divino a cada lar e coração. Amar nosso serviço e fazer o melhor que podemos, proporcionará imensa paz, alegria e satisfação a um nobre, dedicado mestre dos filhos de Deus." (Prefácio de *Leaders Handbook*.)

Meus caros irmãos do Sacerdócio de Melquisedeque e Sacerdócio Aarônico, o ensino familiar é um programa inspirado.

É o âmago de cuidar, amar, estender a mão para que sejam um o ativo e o menos ativo.

É o serviço de solidariedade do sacerdócio.

É como expressamos nossa fé em obras concretas.

É uma das provas do verdadeiro discipulado.

É o âmago do esforço de ativação da Igreja.

É o chamado que ajuda a cumprir a injunção escriturística: "De pequenas

coisas provêm as grandes." (D&C 64:33.)

Não existe, na Igreja, maior chamado que o de mestre familiar. Não há maior serviço eclesiástico prestado aos filhos de nosso Pai nos céus que o de um mestre familiar humilde, dedicado e fiel.

São três os fundamentos essenciais ao eficiente ensino familiar. Permiti-me discuti-los brevemente.

Primeiro, *conhecer bem as pessoas de quem sois mestres familiares.*

Conhecei-as de verdade! Não é possível servir bem as pessoas que não conhecemos. O Presidente Marion G. Romney ressalta este ponto:

"Toda dupla de mestres familiares deve travar conhecimento *pessoal* com cada criança, jovem e adulto da família que lhe é designada.

Para podermos cumprir plenamente nosso dever como mestre familiar, devemo-nos manter continuamente atentos às atitudes, atividades e interesses, problemas, emprego, saúde, felicidade, planos e propósitos, necessidades e condições físicas, temporais e espirituais de todos — de cada criança, cada adolescente e cada adulto nos lares e famílias que foram confiados aos nossos cuidados como portadores do sacerdócio, e como representantes do bispo." (Priesthood Home Teaching Seminar, 9 de agosto de 1963, pp. 3, 4.)

E a chave para ser eficaz no trabalho com a família, é ser íntimo do pai. Conhecei seus justos anseios para sua família, e ajudai-o a realizá-los. E gostaria de exortar-vos a cuidar de pequenas coisas, das pequenas coisas que tanto significam para uma família. Por exemplo, conhecer o nome de todos os familiares, lembrar-se dos aniversários, bênçãos, batismos e casamentos. Quando houver ocasião, mandar um cartão de elogio ou telefonar, congratulando-se com um membro da família por algum feito especial.

Examinai com vosso companheiro de ensino familiar regularmente as páginas 11 e 12 do *Manual do Sacerdócio de Melquisedeque* as excelentes sugestões de como ser útil às pessoas aos vossos cuidados.

Sobretudo, sede um genuíno amigo das pessoas e famílias que visitais. Conforme declarou o Salvador: "Eu vos chamarei de amigos, pois vós sois meus amigos." (D&C 93:45.) Um amigo vai além de uma visita obrigatória por mês. Um amigo se preocupa mais em ajudar do que receber crédito estatístico. Um amigo se importa; um amigo ama; um amigo escuta, estende a mão.



Lembramos a história que o Presidente Romney constumava contar do pretenso mestre familiar que certa vez visitou sua casa numa noite muito fria. Conservando o chapéu na mão, mostrou-se inquieto quando convidado a sentar-se e dar sua mensagem. "Bem, vou dizer-lhe uma coisa, Irmão Romney", respondeu, "está gelado lá fora e eu deixei o motor do carro funcionando para que não morra. Dei só uma chegada para poder dizer ao bispo que fiz minhas visitas."

Nós podemos fazer melhor que isso, irmãos, muito melhor.

O segundo fundamento para um eficiente ensino familiar é *conhecer bem a mensagem que se deve levar a cada lar.* E saber que é a mensagem em particular que o Senhor tenciona seja



dada às famílias e pessoas que fostes designados a servir.

Os mestres familiares devem ter em mente um objetivo ou meta, além de planejarem cada visita de forma a fazer com que seja alcançado. As duplas de mestres familiares devem reunir-se antes das visitas para orar, rever as instruções dos líderes e a mensagem que darão às famílias, além de debater eventuais necessidades especiais.

Os mestres familiares devem apresentar uma mensagem importante que prepararam ou receberam dos líderes do sacerdócio. Recomendamos com empenho que usem a mensagem mensal da Primeira Presidência publicada em *A Liahona*. O chefe da família poderá solicitar igualmente uma mensagem especial para seus membros.

E, como parte vital da mensagem, sempre que possível, lede as escrituras com as famílias que ensinais. Fazei disto uma parte habitual de vossas visitas. Lede juntos, particularmente, passagens do Livro de Mórmon que apóiem vossa mensagem, lembrando-vos sempre das palavras do Profeta Joseph Smith, de que "seguindo seus preceitos, o homem aproximar-se-ia mais de Deus do que por qualquer outro livro". (Livro de Mórmon — Introdução.) As famílias que visitais necessitam da força constante do Livro de Mórmon.

Seja nossa mensagem como Alma instruiu os mestres de seu tempo: "E ordenou-lhes que não ensinassem senão as coisas que ele havia ensinado, as quais haviam sido declaradas pela boca dos santos profetas." (Mosiah 18:19.)

Levai a mensagem certa e depois ensinai-a com o Espírito. O Espírito é o ingrediente mais importante nessa obra. Pelo Espírito, as pessoas e famílias que ensinais reconhecerão vosso amor e interesse por elas, e também, a veracidade de vossa mensagem, e terão desejo de segui-la.

Vivei, como mestres familiares, o tipo de vida que atrai o Espírito. Vivei o evangelho para que possais ensiná-lo com proveito.

Alma nos ensina: "Não admitais que ninguém seja vosso mestre ou ministro, a não ser que seja um homem de Deus, que ande em seu caminho e guarde seus mandamentos...

... portanto, (Alma) consagrava todos os seus sacerdotes e mestres; e ninguém era consagrado sem que fosse um homem justo.

Portanto, velavam por seu povo, edificando-o com coisas pertencentes à retidão." (Mosiah 23:14, 17-18.)

Lembrai-vos também, sempre que possível, de que a oração deve fazer parte de toda visita do ensino familiar. Quando fordes convidados a orar, fazei-o com real intenção e invocai as bênçãos do Senhor sobre as pessoas e famílias que estais ensinando.

Sim, o segundo fundamento do bom ensino familiar é conhecer devidamente a mensagem, transmiti-la pelo Espírito, e tornar parte integrante dela a oração e leitura de escrituras.

Gostaria de sugerir agora o terceiro e último ingrediente do ensino familiar proveitoso: *magnificar verdadeiramente vosso chamado de mestre familiar*.

Não vos acomodeis na mediocridade nesse grande programa do ensino familiar do sacerdócio. Sede um excelente mestre familiar em todos os aspectos da obra. Sede um verdadeiro pastor de vosso rebanho. Fazei vossas visitas do ensino familiar logo no princípio do mês, dando tempo suficiente para contactos de acompanhamento, na medida do necessário.

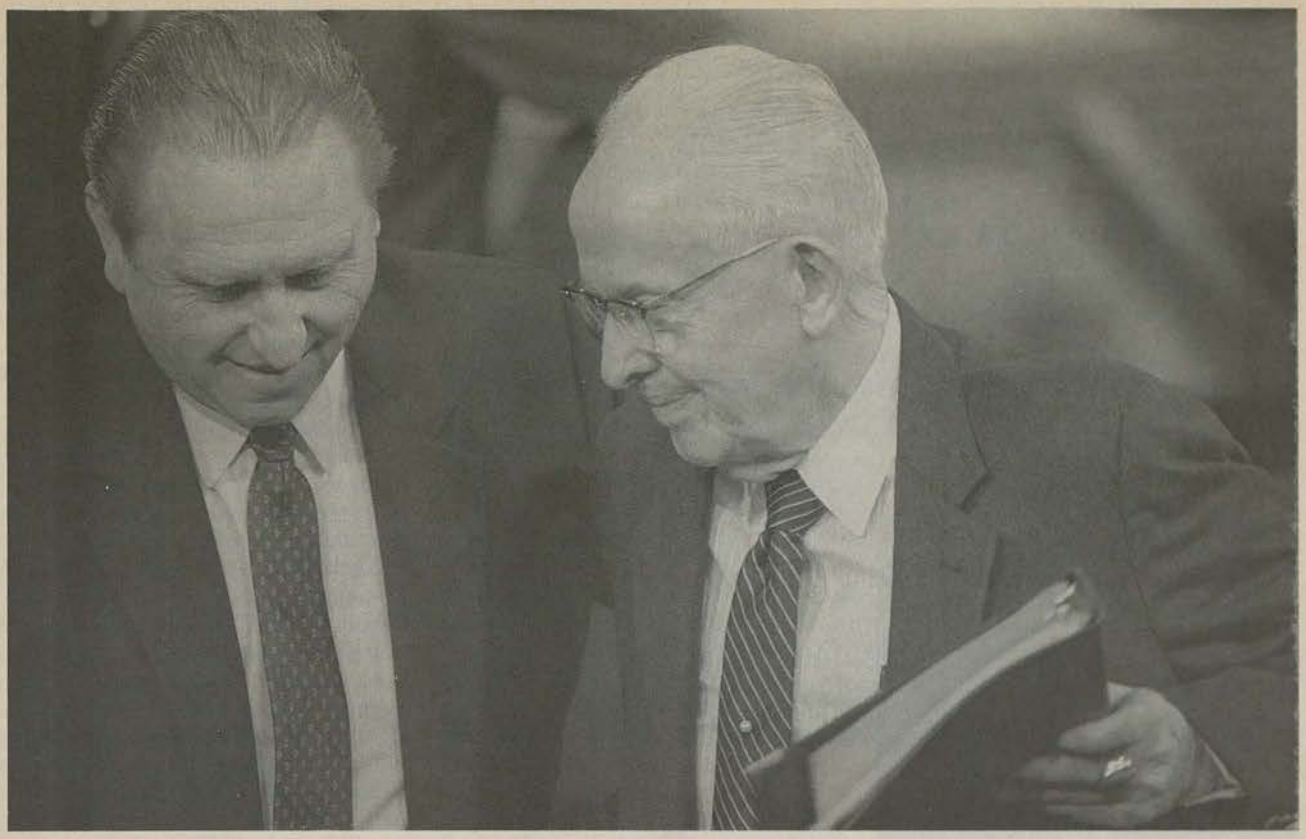
Sempre que possível, marcai as visitas. Avisai as famílias que visitais quando devem esperar-vos, e respeitai o tempo delas.

Portadores do Sacerdócio de Melquisedeque, quando tiverdes por companheiro um jovem do Sacerdócio Aarônico, instruí-o devidamente. Fazei-o participar ativamente no trabalho com as famílias e no seu ensino. Permiti que esses jovens vejam vosso amor ao ensino familiar a fim de que, quando forem o companheiro sênior, também amem seu chamado e o magnifiquem como vós fizestes.

Lembrai-vos de que tanto qualidade como quantidade é essencial para ser um bom mestre visitante. Vossas visitas devem ter qualidade, mas também deveis manter contato com as famílias que visitais todos os meses. Como pastores de todas as "vossas famílias, ativas ou menos ativas, não vos deveis contentar com noventa e nove. Vossa meta deve ser cem por cento de visitas, todos os meses.

Para que o ensino familiar seja de boa qualidade, recomendamos aos líderes do sacerdócio que não designem mais de três a cinco famílias ou pessoas a cada dupla de mestres familiares. Isto poderá representar um desafio em certos casos, mas solicitamos que deis piedosa consideração a essas designações.

Não perder de vista nenhum membro que sois designados a visitar, é essencial. O Livro de Mórmon ensina este princípio com perfeição. Diz ele no sexto capítulo de Morôni: "E,



O Presidente Ezra Taft Benson com o Segundo Conselheiro Thomas S. Monson.

depois de terem sido recebidos para batismo, ...eram contados entre o povo da Igreja de Cristo; e seus nomes eram registrados, a fim de que se guardasse memória deles e fossem alimentados pela boa palavra de Deus, e assim trilhassem o bom caminho, estando continuamente atentos à oração e confiando somente nos méritos de Cristo, que era o autor e aperfeiçoador de sua fé." (Vers. 4.)

Irmãos, possamos guardar memória de todos nossos membros e famílias, e "contá-los" todos os meses, alimentando-os com a boa palavra de Deus para conservá-los no bom caminho.

Exortamos os líderes de quorum a mensalmente realizar, com espírito, entrevistas de ensino familiar, receber um relatório do desempenho dos mestres familiares, avaliar as necessidades correntes, fazer designações para o mês seguinte, e ensinar, fortalecer e inspirar os mestres familiares em seu sagrado chamado. Essas entrevistas com os mestres familiares permitem aos líderes medir o progresso e servir melhor as pessoas e membros que foram chamados a servir.

Gostaria de terminar prestando testemunho pessoal a respeito do ensino familiar. Lembro-me como se fosse ontem, da minha meninice em Whitney, Idaho. Éramos uma família de agricultores e quando nós, rapazes, estávamos trabalhando na lavoura, recordo papai nos chamando aos gritos lá do terreiro: "Amarrem os animais e venham para dentro. Os mestres da ala estão aqui." Não importava o que estivéssemos fazendo, era hora de nos reunir na sala para ouvir os mestres da ala.

Esses dois fiéis portadores do sacerdócio vinham todos os meses a pé ou a cavalo. Nós tínhamos certeza de que viriam. Não me lembro de uma só falta. E tínhamos uma excelente visita. Ficavam de pé atrás de uma cadeira e falavam à família. Davam a volta ao círculo perguntando a cada criança como estava, o que andava fazendo e se estávamos cumprindo nosso dever. Às vezes, papai e mamãe nos instruíam antes da visita para que soubéssemos responder direito. Mas era uma ocasião importante para nós, como família. Eles sempre traziam uma mensagem, e era sempre uma boa mensagem.

Nós aprimoramos bastante o ensino familiar desde aqueles dias em Whitney. Entretanto, continua basicamente o mesmo, envolvendo os mesmos princípios: cuidar, estender a mão, ensinar pelo Espírito, deixar todos os meses uma importante mensagem, e mostrar interesse e amor a cada membro da família.

Deus abençoe os mestres familiares desta Igreja. Vós estais na linha de frente, zelando pelas pessoas e a unidade familiar, e fortalecendo-as.

Compreendei a santidade de vosso chamado e o caráter divino de vossa responsabilidade.

Conhecei bem aqueles que visitais como mestres familiares. Sabei bem vossa mensagem, e transmiti-a com o Espírito. E finalmente, magnificai verdadeiramente vosso chamado de mestre familiar.

À medida que assim fizerdes, eu vos prometo as bênçãos dos céus e a indescritível alegria proveniente de ajudar a comover corações, modificar vidas e salvar almas. Em nome de Jesus Cristo, amém .

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO
5 de abril de 1987

A Sombra Estendida da Mão de Deus

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

"Nunca houve dia mais glorioso do que hoje na história de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias."



Meus irmãos e irmãs, sou grato pelo privilégio e oportunidade de estar convosco nesta grande conferência mundial. Sou grato por poder ver, em vida, este dia de profecia cumprida na poderosa obra do Senhor.

Nunca houve dia mais glorioso do que hoje na história de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Últimos Dias. Nunca houve época em que a obra do Senhor prosperasse tanto como prospera hoje.

Jamais houve tempo para maior regozijo e gratidão da parte dos santos dos últimos dias em todo lugar.

Ouvistes ontem o relatório estatístico anual da Igreja. Para alguns, pode parecer um tedioso exercício numérico. Para mim, os dados apresentados representam um milagre. No fim do ano, o número de membros da Igreja ultrapassou facilmente a marca dos seis milhões. Que crescimento notável e miraculoso da pequena semente plantada a 6 de abril de 1830, na casa de toras de Peter Whitmer, onde seis homens organizaram formalmente a Igreja.

No final de 1986, havia 1.622 estacas organizadas em Sião. Que avanço de proporções geométricas da primeira pequena estaca organizada em 1831 em Kirtland!

Ao encerrar-se o ano, existiam mais de 15.000 congregações locais dispersas por cento e vinte e duas colônias, territórios e nações soberanas. Havia cento e noventa e três missões organizadas e quase 32.000 missionários servindo nelas. Que diferença do esforço isolado de Samuel Smith que, antes mesmo da organização da Igreja, meteu na mochila alguns exemplares do Livro de Mórmon e saiu andando pelas estradas da região ocidental de Nova York, deixando um livro aqui, outro ali para tocar beneficamente para sempre a vida dos que o leram!

Aquela primeira edição foi de cinco mil exemplares, cuja impressão se deveu à generosidade de Martin Harris, que hipotecou uma propriedade sua para pagá-la. No ano passado foram impressos e distribuídos 1.643.000 exemplares desse mesmo livro somente em inglês, com a distribuição total em todos os idiomas beirando 3.000.000.

Sinto um profundo afeto por Martin Harris, que arriscou suas terras para tornar possível a impressão desse registro sagrado, a despeito de seus problemas posteriores. Foi um ato de fé que produziu doce fruto — o fruto da conversão, testemunho e amor ao Senhor — na vida de muitos milhões na terra. Sou grato pela repetida recomendação de nosso profeta atual, de que leiamos esse sagrado registro com a promessa de que, assim fazendo, nos achegaremos mais ao Senhor.

Semanalmente o Comitê de Consignação de Verbas se reúne para estudar e autorizar o dispêndio de fundos da Igreja na construção de capelas e outros fins. A agenda é essencialmente uma lista de nomes de localidades, em termos de alas e estacas, acompanhados de cifras.

Um estranho que acompanhasse esse trabalho, semana após semana, poderia considerá-lo bastante prosaico. Para mim, entretanto, é a constante renovação de um milagre. Anotei uns poucos exemplos de uma agenda típica: (1) uma nova sede para a Ala Mikkeli da Estaca Helsinki Finlândia; (2) outra para a Ala Obrajes da Estaca Miraflores La Paz Bolívia; (3) mais outra para a Ala Quilmes Oeste da Estaca Quilmes Buenos Aires Argentina; (4) igualmente para a Ala I Campo Grande, da Estaca São Paulo Norte Brasil; (5) Ala Gympie da Estaca Brisbane Austrália; (6) Ala Bu Chon da Estaca Kang Seo Seul Coréia; (7) Ala I Kennedy da Estaca Kennedy Bogotá Colômbia e (8) Ala Caurimare da Estaca Caracas Venezuela. Havia mais outros. Citei apenas estes para ilustrar a crescente universalidade da obra.

E assim continua, semana após semana, na grande empresa de prover prédios para unidades da Igreja próximas e distantes.

O Templo de Kirtland foi o primeiro edifício construído pela Igreja nesta dispensação. Isto aconteceu há somente cento e cinqüenta anos. Que milagrosa mudança desde então!

Nesta manhã penso na Praça do Templo, em cujo Tabernáculo estamos reunidos. Ela se transformou numa das importantes atrações turísticas do país, visitada por dois milhões e seiscentas mil pessoas no ano passado. Vou ler-vos uns poucos comentários deixados por alguns desses visitantes numa única semana.

De um presbiteriano de Michigan: "Vejo em seu povo um compromisso absoluto para com Jesus."

De um cristão californiano: "O impacto que me causou a Praça do Templo é inacreditável. Preciso ouvir mais a respeito."

De um pastor batista da Califórnia:

"Foi uma visita maravilhosa para mim. Estou assombrado. Que Deus vos abençoe."

De um turista argentino: "Preciso de vós."

De um luterano de Wisconsin: "A vida perdera o rumo. Li o Livro de Mórmon e ele me causou grande impressão."

Da Austrália: "Aprecio o que a sua explicação sobre a vida de Cristo me mostrou."

De Illinois: "Espero que tenhais uma igreja em Chicago."

De um batista canadense: "Quero ter comigo todo o tempo a paz interior que senti na Praça do Templo."

De um membro da Igreja Anglicana: "Quero ser parte disto. Quero ser membro desta Igreja. É possível?"

Isto tudo não é um milagre, meus irmãos e irmãs? Menciono, de passagem, outra coisa impressiva e notável. No mês de julho vindouro, os membros da Igreja nas Ilhas Britânicas estarão comemorando o sesquicentenário da abertura da Missão Britânica. Isto, também, foi um ato de fé.

Era o ano de 1837. Os santos dos últimos dias estavam estabelecidos em duas regiões: a grande maioria em Kirtland e arredores, no Ohio, e os outros no Missouri, distante uns mil e duzentos quilômetros. Era época de depressão econômica. Bancos faliam, perdiam-se fortunas. Entre as falências contava-se a do banco de Kirtland. O espírito de críticas e maledicência ameaçava a Igreja. Nessas condições, Joseph Smith disse a Heber C. Kimball: "Irmão Heber, o Espírito do Senhor sussurrou-me: Que meu servo Heber vá para a Inglaterra e proclame o meu evangelho, e abra a essa nação a porta da salvação." (Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1945, p. 104.)

É difícil para nós compreender a enormidade desse chamado. Um pedido desses de um homem comum para outro seria incrível. Significava deixar a família desamparada; viajar para Nova York e depois cruzar o Atlântico sem ter dinheiro. Significava um homem com pouca escolaridade, que se criara e vivera sempre na região fronteiriça, ir para as grandes cidades das Ilhas Britânicas e conviver com um povo reconhecidamente bem educado e esclarecido.



Membros do Primeiro Quorum dos Setenta unem-se à congregação ao cantar um hino.

Heber C. Kimball vacilou mentalmente; pensou em todos esses problemas; depois escreveu em seu diário:

"Contudo, todas essas considerações não me desviaram da senda do dever; no momento em que compreendi a vontade do meu Pai Celestial, senti a determinação de ir a qualquer risco, crendo que ele me apoiaria com seu poder onipotente, e me dotaria com as qualificações de que necessito; e apesar de minha família me ser cara, e ter que deixá-la praticamente desamparada, senti que a causa da verdade, o evangelho de Cristo, era mais importante que qualquer outra consideração." (*Life of Heber C. Kimball*, p. 104.)

Esse feito será bastante comentado nos meses vindouros. Basta dizer que Heber C. Kimball e seus seis companheiros deixaram, ao chamado de Joseph Smith, seus lares, viajaram por terra e mar, e lançaram o fundamento de uma poderosa obra nas Ilhas Britânicas, de onde a causa se difundiu para a Europa e subseqüentemente para o resto do mundo.

O que é tudo isso de que falo? É a sombra estendida da mão de Deus. É a sombra estendida de um poderoso profeta, Joseph Smith, chamado e ordenado para inaugurar a dispensação da plenitude dos tempos de que falam as escrituras. Seus inúmeros críticos, atuais e passados, passam a vida tentando explicá-lo de alguma outra maneira que aquela que ele explicou.

Que credibilidade, pergunto, merece a suposição deles frente à opinião daqueles que estiveram ao seu lado quando se lançaram os fundamentos desta causa sempre crescente e cada vez mais forte?

Permiti-me apresentar-vos quatro ou cinco testemunhos de homens que o conheceram, trabalharam com ele, oraram com ele, sofreram com ele, que abandonaram conforto, riqueza e vida fácil por causa de sua convicção de que era ungido do Onipotente, um profeta nesta geração.

Começo por Brigham Young, que pesquisou durante dois anos antes de filiar-se à Igreja. Diz ele a respeito deste líder:

"Quem pode dizer com justiça alguma coisa contra Joseph? Eu estava tão familiarizado com ele quanto qualquer pessoa. Não creio que seus pais o hajam conhecido melhor que eu. Não creio também que exista na terra



um homem que o tenha conhecido tanto quanto eu, e orgulho-me em dizer que, com exceção de Jesus Cristo, nenhum homem melhor já viveu ou vive nesta terra. Sou sua testemunha." (*Discursos de Brigham Young*, pp. 460-461.)

John Taylor era um bem dotado e instruído inglês, pregador leigo do evangelho, homem de reconhecida inteligência. Disse ele:

"Conheci Joseph Smith durante anos. Viajei com ele; convivi com ele em público e particular; participei com ele de conselhos de toda espécie; ouvi centenas de vezes suas pregações públicas e seus conselhos de caráter mais privado aos amigos e companheiros... Estive com ele em vida e quando morreu, quando foi assassinado na Cadeia de Carthage pelo populacho desvairado com os rostos pintados de preto. Eu estava lá e tive o corpo ferido. Eu o observei em todas essas diversas circunstâncias e testifico perante Deus, anjos e homens que ele era um homem bom, honrado e virtuoso, que seu caráter particular e público era irrepreensível, e que viveu e morreu como homem de Deus." (Ezra C. Dalby, "Joseph Smith, Profeta de Deus", discurso proferido na Cidade do Lago Salgado a 12 de dezembro de 1926, p. 13.)

Wilford Woodruff só foi batizado uns três ou quatro anos após a organização da Igreja. Ele foi para Kirtland e lá conheceu Joseph Smith, e viajou com ele para o Missouri. Diz ele:

"Viajamos mais de mil quilômetros juntos. Foi quando tive minha primeira experiência quanto às relações de Deus com seu Profeta. Eu sabia muito bem que ele era um profeta. Li a visão, li suas revelações e sabia que não podiam ter vindo de nenhum homem na face da terra senão pela inspiração do Deus Onipotente." (Matthias F. Cowley, *Wilford Woodruff*, Salt Lake City: Bookcraft, 1964, p. 610.)

Dizia Orson Pratt, um homem de intelecto brilhante e incisivo:

"Em 1830 tornei-me intimamente relacionado com o Profeta Joseph Smith, e continuei assim familiarizado com ele até o dia de sua morte. Tive o grande privilégio... de ser pensionista... na casa dele, de modo que o conheci não só como mestre público, mas como cidadão particular, e como pai e marido. Testemunhei suas sinceras e humildes devoções no seio da família pela manhã e à noite. Ouvi palavras de vida eterna fluírem de seus lábios, nutrindo, acalmando e confortando seus familiares, vizinhos e amigos. Vi seu semblante iluminar-se quando lhe sobrevinha a inspiração do Espírito Santo, ditando as grandes e sumamente preciosas revelações agora impressas para nos servir de guia...

Eu sabia que ele era um homem de Deus. Não era uma questão de opinião minha, pois recebi dos céus o testemunho a respeito desse fato." (Ezra C. Dalby, p. 14.)

Eis as palavras de apreciação de quatro homens que o conheceram intimamente e que teriam dado a vida por ele.

Houve, contudo, outros de sua geração mas não de sua fé, que estimaram seu caráter. O mais citado é Josiah Quincy, talentoso cidadão natural da Nova Inglaterra que visitou Nauvoo quarenta e três dias antes da morte do Profeta, e posteriormente se tornou o ilustre prefeito de Boston. Sua observação a respeito de Joseph Smith merece ser repetida:

"Nascido na mais extrema pobreza, sem instrução formal e com o mais comum de todos os nomes humanos, aos trinta e nove anos tornara-se um poder sobre a terra. Da numerosa família dos Smith... nenhum outro conquistou tantos corações humanos e moldou vidas humanas como esse Joseph. Sua influência, seja para o bem ou para o mal, é poderosa hoje, e ainda não terminou." (Josiah Quincy, *Figures of the Past*, 5ª ed., Boston: Roberts Brothers, 1883, p. 400.)

Alguém que o amou, declarou a respeito desse poderoso profeta:

"Quando um homem dá a vida pela causa que advogou, ele vence a maior prova de honestidade e sinceridade que sua própria ou qualquer geração futura lhe poderá pedir com justiça. Quando morre pelo testemunho que prestou, todas as línguas maliciosas deveriam calar-se, e todas as vozes silenciar em reverência diante de um sacrifício tão completo." (Ezra Dalby, p. 1.)

Este Livro de Mórmon que ele trouxe à luz pelo poder e inspiração do Todo-Poderoso, só esse feito notável

seria mais que suficiente para garantir-lhe um lugar na História para sempre. Acrescentai a isso as maravilhosas revelações que lhe vieram pelo poder de Deus, e temos um profeta cuja estatura avulta acima de todos seus insignificantes detratores, como um gigante santificado olhando de cima para um bando de pigmeus.

Para citar ainda outro que o traiu e ofendeu, e mais tarde conheceu seu perdão e amor:

"É grande a glória do seu nome eterno,
Todas as chaves do reino terá.
E na mansão celestial para sempre,
Entre profetas nomeado será!"
(W.W. Phelps, "Hoje ao Profeta Louvemos", *Hinos*, nº 108.)

É, pois, de admirar que esta obra siga avante de nação para nação, de povo para povo? É de admirar que cresca em força e número, em influência e interesse, a despeito de seus críticos e opositores? Ela é a obra de Deus restaurada à terra por intermédio de um profeta de quem dizia Parley P. Pratt, seu contemporâneo:

"Suas obras viverão eras sem fim, e incontáveis milhões ainda por nascer mencionarão seu nome com honra, como um nobre instrumento nas mãos de Deus que, durante sua breve e jovem carreira, lançou o alicerce daquele reino mencionado por Daniel, o profeta, o qual haveria de despedaçar todos os outros reinos e permanecer para sempre." (*Autobiography of Parley Parker Pratt*, ed. Parley P. Pratt, 6ª ed., Salt Lake City: Deseret Book Co., 1938, p. 46.)

Conforme disse no início, maravilho-me com o que está acontecendo no crescimento e expansão desta obra. E no entanto sei que o que vemos hoje não passa de um arranhar da superfície de coisas ainda muito maiores que estão por vir. Testifico isso pelo poder do Santo Espírito. Testifico a realidade vivente de Deus, o Pai Eterno, e do Senhor Jesus Cristo. Testifico o chamado divino do Profeta Joseph Smith e de todos os outros que o sucederam nesse chamado profético. Testifico a veracidade e vitalidade desta Igreja, em nome daquele cujo nome ostenta e cuja obra ela é, mesmo Jesus Cristo. Amém.

MEU PRÓXIMO — MEU IRMÃO!

Élder David B. Haight
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Os casais estão freqüentemente entre os mssionários mais eficazes devido à sua maturidade, experiência, discernimento e solidariedade. Estas qualidades abrem muitas portas de maneira singular."



Certa vez, um advogado fez a seguinte pergunta provocativa a Jesus, "Quem é o meu próximo?" (Lucas 10:29.) Na realidade, esta é uma pergunta que todos nós deveríamos fazer — "Quem é o meu próximo?"

O Salvador deu ao advogado uma resposta inesperada e profunda. Ensinou por meio de uma parábola — a parábola do bom samaritano.

Uma vítima infeliz em viagem a Jericó, caiu nas mãos de salteadores. Foi roubada, espancada e deixada meio morta.

Um sacerdote, a caminho do templo, viu aquele homem estendido e passou de largo. Da mesma maneira, um levita, que naqueles dias auxiliava os sacerdotes, passou e nada fez. Para os judeus da época de Jesus, este desinteresse pela vítima na parábola, era considerado como um comportamento religioso apropriado. Seu ensinamento rabínico declarava "Não devemos planejar a morte dos gentios, mas se eles se encontrarem em qualquer tipo de perigo de morte não somos obrigados a socorrê-los,... pois eles não são nosso próximo." (*A Commentary on the Holy Bible*, ed. J. R. Dummelow, Nova York; The Macmillan Co., 1936, p. 751.)

O samaritano, apesar de desprezado pelos judeus, viu o sofrimento da vítima e fez três coisas: (1) compadeceu-se dela, (2) aproximou-se e tratou dos seus ferimentos, e (3) preocupou-se com ela (ver Lucas 10:30-35).

Após relatar a parábola, Jesus perguntou ao advogado qual dos três era o próximo daquele que caiu nas mãos de salteadores — o sacerdote, o levita, ou o samaritano. O advogado não pôde evitar a verdade evidente. "O que usou de misericórdia para com ele", respondeu. Disse então o Salvador, "Vai, e faze da mesma maneira" (Lucas 10:37).

Uma parábola mais perfeita não poderia ter sido idealizada, para ensinar a verdade eterna de que Deus é o Pai de todos nós e que portanto somos todos irmãos.

Meu próximo — meu irmão! Este é o ensinamento do nosso Senhor e Salvador. Devemos estimar cada homem como nosso irmão, nosso próximo como a nós mesmos (ver D&C 38:24).

Esta verdade é fundamental para a obra missionária inspirada que é desempenhada em todo o mundo — compartilhar as verdades gloriosas do evangelho restaurado com nosso próximo, que são nossos irmãos e irmãs.

Desde o início, nossos profetas — começando por Joseph Smith, têm ensinado que todos os membros dignos devem prestar testemunho e admoestar o próximo. Muitos portadores do sacerdócio foram chamados ao campo missionário com pouco tempo para se preparar. Alguns ouviram seus nomes



serem anunciados nas conferências gerais sem terem sido avisados anteriormente. Milhares têm respondido ao chamado para servir.

Ouvimos o Presidente Benson contar sobre o chamado da "Caixa B" recebido por seu pai. Uma carta da "Caixa B" era, naquele tempo, um chamado da Primeira Presidência para sair em missão. O pai do Presidente Benson aceitou o chamado — deixando a esposa e os filhos — e isto trouxe àquele lar um espírito missionário poderoso que tem abençoado inúmeras vidas.

Hoje, este chamado — no espírito da "Caixa B" — é extensivo a todos os rapazes. Eles são preparados desde muito cedo para servir ao Senhor. Milhares têm correspondido. Atualmente o espírito da "Caixa B" — o chamado para servir — não é somente indicado a todos os rapazes e moças dedicados que desejem servir. Agora ele também foi expandido — e isto já vem acontecendo há algum tempo — aos casais mais velhos.

Onze anos atrás, o Presidente Spencer W. Kimball anunciou:

"Poderíamos aproveitar centenas de casais, pessoas mais velhas como alguns de nós aqui presentes. Casais cujas famílias já estão criadas, que já se aposentaram e que são capazes de sair e usar seu próprio dinheiro para ensinar o evangelho. Poderíamos aproveitar centenas de casais. Comunicai com vosso bispo, isto é tudo o que tendes de fazer. Dizei a ele, "Se formos necessários, estamos prontos para partir". Acho que provavelmente sereis chamados." (Discurso feito na dedicação da Sede da Estaca Fair Oaks Califórnia, 9 de outubro de 1976, citado em *The Teachings of Spencer W. Kimball*, Salt Lake City, Bookcraft, 1982, p. 551.)

Desde que o Presidente Kimball fez esta súplica, a demanda continua a aumentar e hoje poderíamos aproveitar não só centenas mas milhares de casais preparados.

Há muitas centenas de casais experientes e dedicados — casais cujo cabelo pode estar embranquecido e que talvez tenham uma ruga aqui outra lá — vocês conhecem, aqueles sinais característicos da maturidade — que estão aposentados de sua carreira profissional mas que ainda têm muitos anos produtivos pela frente, antes de atingirem seus anos dourados. Casais cujos filhos já estão encaminhados na vida, que estão com boa saúde e que sonham com aquele momento significativo em que dirão ao bispo: "Estamos prontos, prontos para fazer algo realmente importante, para sair em missão, para ir a qualquer lugar onde o Senhor precisar de nós."

Esta era a situação de Hollis e Gwen Kersey, que venderam sua casa, compraram um sítio, arrumaram a casa para ficar aconchegante e confortável, araram a terra e fizeram uma horta. "Estabelecemo-nos para aproveitar a aposentadoria", disseram.

Eles eram batistas e não tinham intenção de mudar de religião a esta altura da vida. Mas, os missionários e uma família vizinha tocaram seus corações e eles foram batizados. No seu quadragésimo aniversário de casamento eles foram selados no Templo de Atlanta. Logo foram chamados como missionários de estaca e mais tarde para uma missão de tempo integral.

Quando chegaram ao Centro de Treinamento Missionário, os Kersey comentaram:

"Desistimos das galinhas, dos perus, dos coelhos, levamos o pônei e os dois cachorros... para nosso filho... esvaziamos o freezer e demos os gatos... pregamos as janelas com tábuas, cobrimos tudo, saímos e nos despedimos dos nossos dez netos com beijos, e aqui estamos!"

Qua atitude maravilhosa!

Vós que procrastinais, talvez devido a sentimentos de apreensão e inadequação, conversai com vosso bispo, assim como nossos profetas sugerem e fazei o primeiro contato que poderá trazer-vos à atividade inspiradora de proclamar o evangelho do nosso Senhor e Salvador.

Uma das lições mais importantes que aprendi é que, como filhos de Deus, temos a capacidade de nos tornar naquilo que temos de ser. Nunca deveríamos minimizar ou subestimar nossa habilidade de enfrentar os desafios que surgirem à nossa frente. O tamanho ou a complexidade dos desafios não precisam ser causa de alarme ou desespero. A potencialidade humana talvez seja o recurso mais desperdiçado sobre a terra, e possivelmente o menos testado.

Depois de adquirir um conhecimento pessoal de Deus, nosso Pai Eterno e de Jesus Cristo, nossa responsabilidade maior talvez seja a de usar nossa liberdade e habilidade para aprender e enfrentar os problemas, com capacidade para compreensão e realização!

Muitos de vós podeis não apreciar vossa potencialidade. Tendes a capacidade de vos transformar numa grande âncora de apoio para um ramo novo ou para uma ala que esteja fraca.

Não é necessário que pregueis da mesma maneira que nossos jovens élderes e missionárias. Os casais estão freqüentemente entre os missionários mais eficazes devido à sua maturidade, experiência, discernimento e solidariedade. Estas qualidades abrem muitas portas de maneira singular.

Um exemplo disto nos vem de um presidente de missão ao descrever um casal inesquecível:

"Eu confesso", disse ele, "que quando o Élder e a Irmã Leslie chegaram, imaginei quão bem eles se sairiam no campo missionário. Ele era bem gordo e usava um aparelho de surdez. Ela tinha movimentos limitados devido aos dois implantes artificiais no joelho. Mas, seu espírito era doce e seu entusiasmo muito grande. *Eles eram duas pessoas comuns fantásticas — cheias de amor.*

Senti-me inspirado a enviá-los para Jamestown, Tennessee", disse ele, "onde tínhamos um ramo pequeno e esforçado e que durante anos não tivera missionários.

Eu sabia que eles não poderiam bater nas portas, e durante as

primeiras semanas não poderíamos notar nada diferente nos seus relatórios semanais. Suas cartas diziam, "estamos conhecendo as pessoas".

Depois de algumas semanas, suas cartas mencionavam não-membros que estavam freqüentando a Igreja com eles. No início eram dois, depois quatro e depois sete. Certa ocasião, eles tinham vinte e quatro pesquisadores na Igreja. Logo os batismos começaram a fluir. Nenhuma dupla de missionários, jovem ou idosa, se igualou a eles em quantidade de batismos.

E o presidente da missão prosseguiu dizendo: "duvido que qualquer um dos dois soubesse as palestras dos missionários de maneira que se assemelhasse, ao menos vagamente, à forma sugerida para os missionários regulares. O que eles tinham era um grande amor às pessoas. Eles se integravam perfeitamente ao povo daquela pequena comunidade, cativando-os por meio da amizade, do serviço de solidariedade e da compreensão.

Hoje o ramo de Jamestown está prosperando, com uma nova capela e com uma freqüência de mais de cem membros. Muitos contribuíram com fé e trabalho, mas ninguém trabalhou de maneira mais significativa e generosa do que Harry e Frances Leslie."

Solidariedade... serviço... interesse pelas pessoas... são as qualidades daqueles que realmente amam o próximo como a si mesmos.

Apesar de terdes tido muitos anos de vida conjugal, descobrireis novas bênçãos. Nunca trabalhareis tão juntos e de maneira tão intensa e tão próxima, como tereis oportunidade de fazê-lo nesta obra recompensadora. Vosso amor se aprofundará. Tereis a oportunidade de descobrir novas e maravilhosas dimensões da alma de vosso companheiro e a profundidade de sua compreensão. Tereis um sentimento forte de união e um relacionamento celestial será fortalecido.

Quem é o vosso próximo? Como o bom samaritano, ao trazer o verdadeiro evangelho àqueles que estão esperando para ouvi-lo, tendo solidariedade e um ouvido atento, curai suas feridas e de maneira especial dirigi livremente vosso amor e vosso cuidado para todos.



Élder Hugh W. Pinnock da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta.

Quando Lynn e Dorothea Shawcroft chegaram ao Equador, eles permaneceram num estado de choque cultural durante duas semanas e nesse período não conseguiam se comunicar bem.

"Pensávamos que dezoito meses seria um período muito longo."

Mas a seguir eles continuaram dizendo, "vimos as condições de vida de alguns missionários... Nossos primeiros pensamentos foram... até que aprendamos mais sobre nossos deveres, poderíamos pelo menos tornar a vida dos missionários de tempo integral mais agradável. Compramos formas e ingredientes para fazer biscoitos e pãezinhos de canela. Compramos barras de chocolate e as picamos em pedacinhos para fazer biscoitos com chocolate.

Aprendemos tanto com os missionários... Não importava que eles aprendiam o idioma mais rapidamente que nós. Ver a alegria ... deles ao comerem um biscoito valia todo o esforço. Nós representávamos um pedacinho de seus lares, um pouco daquilo que eles haviam perdido temporariamente.

Pode parecer que não fizemos nada além de biscoitos para os missionários, mas na realidade não foi assim!... (Nós ajudamos) os líderes locais na reativação, nas aulas, na música... genealogia e bem-estar. Toda semana nós abríamos as portas de nossa casa para os missionários e seus pesquisadores. Nós trabalhamos juntos...

No dia de preparação, (os missionários) vinham e faziam biscoitos ou pãezinhos de canela. (Nós)... conversávamos sobre as escrituras. Quando... desencorajados, eles vinham e falavam sobre o assunto... Como nós os amávamos!...

Depois de ensinar um jovem casal a ler, ou depois de ver a felicidade de uma família porque o pai estava novamente freqüentando a Igreja, podíamos voltar ao nosso (pequeno) apartamento com o coração alegre. Ver uma jovem mãe bater palmas de alegria ao perceber que estava lendo, ou ver um bebê... e saber que talvez (esta criança) não estivesse viva agora se nós não estivéssemos trabalhando como missionários na cidade, naquela ocasião. Estas experiências, cada uma e todas elas, tornaram valiosos todos os minutos da nossa missão.

Valeu a pena lutar para aprender um novo idioma? Certamente que sim!... Nós sentimos que tínhamos que trabalhar para nos adaptarmos ao ritmo dos missionários mais jovens? Não. Nós trabalhamos à nossa maneira... Fomos aceitos? Certamente que sim, sempre!"

A irmã Shawcroft recomenda que todos os casais levem para a missão uma boa receita de biscoito, muito amor, uma boa receita de pão de canela, um forte testemunho do evangelho, as escrituras e finalmente mais amor!

Cada um destes casais exemplifica o ensinamento do Salvador de dedicarmo-nos integralmente com a finalidade de cativar o povo. Fazendo

isto, eles compreenderão seu próprio valor, de suas famílias e da Igreja, por meio da obra missionária prestada em seus anos dourados.

Alguns casais estão indo agora para a segunda ou terceira missão. Outros estão estudando outro idioma para que possam ir para um país onde seus talentos sejam necessários.

Há alguns anos, depois de saber que Sister Haight e eu estávamos deixando nossos negócios e indo para a Escócia a fim de servir à Igreja, um homem preeminente da Califórnia me disse: "Gostaria de ter vivido minha vida de tal maneira que alguém me pedisse que fizesse algo realmente importante."

Bem no fundo da alma humana, encontramos um grande desejo de identificação e de envolvimento em algo realmente importante. Há ocasiões em que estamos espiritualmente preparados e prontos para sermos retirados das atividades confortáveis e algumas vezes rotineiras e tomar a decisão maior de responder a um chamado do nosso profeta, o qual enobrecerá nossas almas bem como abençoará a vida de outros.

A meta de todos os casais fisicamente capazes, assim como de todos os rapazes de dezenove anos de nossa Igreja, deveria ser a de cumprir missão. Nenhum exemplo melhor poderia ser dado, nenhum testemunho melhor poderia ser prestado pelos pais aos filhos ou netos, do que através do serviço missionário realizado na maturidade.

Quem é o nosso próximo? São *todos* os filhos de nosso Pai. Que bênção podemos ser para eles quando, por nosso amor e sabedoria lhes trazemos o evangelho de nosso Salvador, com seus convênios e bênçãos eternas.

Convidamos os bispos a reverem em espírito de oração, possíveis chamados para casais apropriados que, depois de seguirem a promessa do Salvador aos nefitas de "orar ao Pai em meu nome;... se pedirdes o que é direito e com fé, eis que recebereis", saberão pelo Espírito Santo como responder (3 Néfi 18:19-20).

Grande alegria e realização virá quando servirdes humildemente em vosso chamado, no mundo de nosso próximo, recém-expandido.

Esta obra é divinamente dirigida. Deus vive. Jesus é o Filho de Deus, e eu testifico isto em nome de Jesus Cristo, amém.

AS BÊNÇÃOS DE SER UM

Élder Hugh W. Pinnock
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Quando nos unimos, "grandes coisas acontecem. Esquecemo-nos das trivialidades pessoais ao trabalharmos em conjunto. Subordinamo-nos para servir à organização e à causa."



Existem quatro mandamentos essenciais, quatro declarações do Senhor, tão poderosas que quase todas as outras coisas sobre as quais pensamos e vivemos perdem a importância.

Eles fazem parte dos ensinamentos do Mestre, que declarou:

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

Este é o *primeiro* e grande mandamento.

E o segundo semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:37-39; grifo nosso.)

"O terceiro?" perguntais. "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos." (João 14:15.)

E o quarto: "Se vós não sois um, não sois meus." (D&C 38:27.)

É sobre o quarto, o conceito de unidade, que gostaria de vos falar.

Podemos primeiramente perguntar, "Somos um com nossas famílias? Usufruimos da verdadeira paz no lar?"

Certo homem de uma cidade distante, estava lutando para ganhar a vida, sustentar a família e cumprir os chamados na Igreja. Suas dívidas estavam aumentando, havia descontentamento em casa e os filhos pareciam estar cada vez mais mal comportados. Cada membro da família parecia estar indo em direção oposta. Subitamente seu emprego foi ameaçado e as pressões aumentaram.

Quando chegou a hora em que ele não sabia se poderia suportar mais algum infortúnio, sua filha adolescente, que já vinha percebendo sua frustração e dor, disse: "Papai, como família nós podemos fazer qualquer coisa. Ei, vamos trabalhar juntos! Eu tenho um emprego maravilhoso depois da escola, e Paulo conseguiu um trabalho para entrega de jornal. Além disto, será que já não é hora de começarmos a gastar nosso armazenamento?"

Como resultado desta conversa, a família toda se uniu. Eles concentraram seus esforços. Com o tempo e apoio mútuo as coisas funcionaram.

Sois capazes de imaginar o pai Léhi reunindo seus entes queridos ao seu redor quando estava chegando ao fim da vida? Como patriarca amoroso, que havia sido testado e tentado, ele pediu à família que deixasse o lar confortável e viajasse para um lugar distante em um novo mundo. Lá eles enfrentaram circunstâncias terríveis, perigos e contendas. Ele falou à família:

"E agora, para que minha alma possa regozijar-se convosco e para que meu coração possa deixar este mundo com satisfação, por vossa causa, para que eu não vá para a sepultura com pena e dor, levantai-vos do pó,... e sede determinados em um só pensamento e um único coração e unidos em todas as coisas, para não

cairdes em cativeiro" (2 Néfi 1:21).

Como pai amoroso, ele sabia que se quisessem prosperar eles tinham de ser um.

Somos um com nossos vizinhos? A rua onde moramos é um pouco mais agradável porque ali habitamos?

Havia dois rancheiros vivendo lado a lado no sudoeste de Montana. Eles brigavam porque cada um pensava que a cerca de arame enferrujado que separava as duas propriedades não representava a verdadeira linha divisória. Cada um deles achava que o outro estava invadindo suas terras. Os registros dos imóveis não eram claros.

Eles proibiram suas crianças de brincarem juntas. O conflito piorou. Finalmente, depois de anos de troca de ameaças e de palavras ofensivas, um dos rancheiros disse para si mesmo: "Chega." Dirigiu seu carro pela estrada que ia das suas terras até a estrada do condado e a seguir pegou a estrada que ia até as terras do vizinho.

"O que você quer?" o adversário perguntou.

"Olhe, pegue seus empregados e seus filhos e eu pegarei os meus; nós colocaremos a cerca onde você quiser. Para mim isto já foi longe demais. Quero que sejamos amigos."

O semblante endurecido do vizinho suavizou-se, e lágrimas rolaram-lhe pelas faces. O vizinho respondeu: "Está bem, vamos até a Cidade de Virginia e registraremos que a cerca atual está onde nós dois queremos que esteja."

Assim fizeram eles e o problema foi resolvido. Por que? Porque um vizinho queria ser um com a família que vivia ao lado.

Poderia ter havido uma contenda séria em uma comunidade não muito longe daqui. Mas, um grupo de vizinhos, em união, resolveu o problema antes que se tornasse sério. Uma jovem encantadora contou a seguinte história em uma conferência de estaca. Ela disse: "Sou um membro converso do interior do estado de Nova York. Meus pais queriam que seus filhos tivessem casamentos eternos e, como não houvesse membros SUD em nosso pequeno ramo, com quem pudéssemos casar, nossa família mudou-se para Utah.

Com o tempo, encontrei meu marido. Ele era presidente de um clube de motociclismo local — jaquetas de couro preto e botas. Nós andávamos juntos de moto — acho que isto não era exatamente o que minha mãe desejava — mas naquela época eu estava afastada da Igreja."



Élder e Irmã Yoshihiko Kikuchi cumprimentando um membro entre as sessões.

Ela relatou: "Fomos morar numa casa e freqüentemente nossos amigos se reuniam ali. Acho que nossos vizinhos não se sentiam muito à vontade com nossa presença. Pelo menos, todas as vezes que estávamos por perto, nossa vizinha levava seus filhos para dentro de casa.

Mas sabem o que nossos vizinhos fizeram? Eles consertaram algumas coisas em nossa casa e cortaram nossa grama porque não tínhamos um cortador. Eles traziam flores quando havia alguém doente e com freqüência traziam alimento para o nosso lar. Nossa filhinha foi incluída nas atividades das outras crianças, e fizeram até uma festa no dia do seu aniversário."

Quando ela e seu marido tentaram agradecer aos vizinhos, eles responderam: "Bem, nós gostamos de nos ajudar mutuamente." Eles os fizeram sentir-se bem por viver ao lado de vizinhos unidos e amorosos.

Concluindo ela disse: "Cerca de dez meses mais tarde, trocamos as jaquetas pretas e as botas pelas roupas e sapatos brancos do templo. Ao nos ajoelharmos frente ao altar e olharmos ao redor, lá estavam os nossos vizinhos. Aqueles que tinham cortado nossa grama e tornado as coisas um pouco melhores para nós."

Agora eles eram verdadeiramente um. Ela me disse que ainda há um maravilhoso sentimento de unidade em sua vizinhança e em sua ala. Isto não foi uma coisa passageira.

Muitos de nós já observamos uma equipe de futebol, de basquete ou de vôlei atingirem um estágio de perfeita harmonia em que os atletas parecem ser um. Subitamente o jogo muda. De fato, se a união puder ser mantida, nós saberemos qual será a equipe vencedora.

Sim, as bênçãos de ser um são encontradas em quase todos os lugares. Quando jovem, ainda na casa dos vinte, fui chamado para ser bispo. Eu era inexperiente. Chamei dois homens mais velhos como conselheiros, homens que sabiam muito mais que eu, homens que eram obviamente mais capazes do que eu. O que eles fizeram? Eles se uniram para realizar o trabalho. Nós servimos cinco anos maravilhosos juntos, porque eles eram maduros e queriam abençoar o



reino em harmonia.

Com freqüência nós vemos que quando uma missão, ala, estaca, organização das Moças, ou uma classe da Escola Dominical está unida, grandes coisas acontecem. Esquecemo-nos das trivialidades pessoais ao trabalharmos em conjunto. Subordinamo-nos para servir à organização e à causa.

Se as lembranças nunca se apagassem, poderíamos ainda ver o Presidente Kimball sentado junto ao púlpito durante a conferência geral, sendo auxiliado de maneira sensível e gentil por seus conselheiros, e ainda por mais um forte conselheiro. Eles serviram como se fossem um durante aqueles anos importantes, assim como nossa Primeira Presidência serve atualmente. E assim como todos os irmãos são um em seus ministérios, estamos todos unidos na busca da tríplice missão da Igreja — proclamar o evangelho, aperfeiçoar os santos e redimir aqueles que já morreram. Mas, será que estamos todos unidos para trazer estas bênçãos eternas para a vida daqueles que conhecemos?

Lembro-me de um acontecimento especial que ocorreu em Idaho. Estávamos no início da primavera. O presidente da estaca telefonou-me e disse: "Acho que é melhor você dar uma olhada no que está acontecendo por aqui." Assim, fui até a parte sul de Idaho. Ele me levou até um reservatório, vários quilômetros acima de algumas cidadezinhas. A água estava prestes a transbordar. Ele disse: "Muitas pessoas não percebem que vamos ter uma enchente neste ano. Elas estão tranquilas lá embaixo no vale. A maioria não compreende o que acontecerá se um canal não for construído com a finalidade de conter o excesso de água e levá-la para longe do reservatório."

Ele me contou que quando rapaz costumava andar por aquelas colinas, mas nunca vira tanta neve e tanta água no reservatório naquela época do ano. Aqui estava um homem que sabia o que estava fazendo. A única coisa que lhe pude dizer foi: "Faça o que é certo. Faça aquilo que deve fazer."

Voltei lá algumas semanas mais tarde e vi um enorme equipamento para remover terra indo para frente e para trás, quase como se uma predeterminada melodia o estivesse ajudando a cavar o canal. Homens e rapazes trabalhavam com pás; o povo trabalhava em conjunto. Um milagre estava sendo realizado, à medida que um canal de trinta e seis quilômetros estava sendo cavado em um curto espaço de tempo. As comunidades estavam salvas. Sim, algumas fazendas foram prejudicadas, mas a área total estava agora em segurança. Como? Por quê? Devido à unidade de um povo corajoso que estava fazendo em conjunto, aqulo que era preciso fazer. Uma pessoa sozinha não teria conseguido. Nenhum grupo pequeno de homens ou mulheres poderia ter realizado tal tarefa. Mas, com a unidade que aquele presidente de estaca ajudou a criar, vimos a Guarda Nacional, companhias de construção (sem saber quando ou se iriam ser pagas), e homens emprestando seus valiosos equipamentos para que um vale pudesse ser salvo. Este milagre dos últimos dias foi realizado pela união.

Há algumas semanas, eu estava conversando com um admirável homem de negócios e professor de Cristianismo na cidade de Nova York — um homem que está trabalhando ativamente com 220 denominações cristãs diferentes. Ele prosseguiu fazendo um comentário sobre a eficiência da Igreja SUD. Disse muitas coisas maravilhosas sobre os nossos membros, sobre sua dedicação e a certeza de suas crenças.

Ele disse: "Uma das características mais notáveis de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é que vocês parecem trabalhar em conjunto. Vocês estão indo para a mesma direção. Sendo um, vocês se concentram naquilo que acreditam que Jesus quer que façam. Todos estudam a mesma doutrina. Vocês seguem os seus líderes. Vocês são unidos."

Esta foi uma grande lição! Mesmo que eu já tivesse notado a maior parte do que ele disse, ouvir isto de um homem que tinha mais contato com outras igrejas que qualquer outro, acrescentou um significado especial à importância da nossa união e dos compromissos da nossa harmonia.

Uma das facetas que nos tornam diferentes é que lutamos para atingir a compatibilidade. Nós apoiamos os líderes e geralmente seguimos o seu conselho e a sua orientação. Há muitas razões para ser um, mas talvez a maior delas seja porque nos foi pedido que fôssemos um. Em Doutrina e Convênios, o Senhor nos pede que nos reunamos para concordar com sua palavra (ver D&C 41:2). Joseph Smith declarou: "a união é poder" (*History of the Church*, 6:198), quando falava sobre a estabilidade dos governos. Assim, a união aumenta a força da Igreja e das nossas famílias.

Refiramo-nos novamente ao Livro de Mórmon, onde o Salvador prega às suas outras ovelhas. Jesus ora com aqueles que habitam o Hemisfério Ocidental, "E agora, Pai, rogo-te por eles, e também por todos os que crerem em suas palavras" (3 Néfi 19:23). Ele não estava somente orando pelos que acreditavam e por aqueles que seriam missionários e que estavam reunidos lá, mas também por aqueles

que seriam ensinados, "Para que creiam em mim, a fim de que eu possa estar neles como, tu, Pai, estás em mim, para que possamos ser um" (3 Néfi 19:23; grifo nosso).

Sim, podemos quase ver Jesus diante daqueles antigos americanos dizendo: "Pai, não te rogo pelo mundo, mas por aqueles que tu me deste do mundo, em virtude de sua fé, para que sejam purificados em mim e para que eu possa estar neles, como tu, Pai, estás em mim; para que sejamos um e eu seja glorificado neles" (3 Néfi 19:29). Foi o mesmo Jesus, como Jeová do Velho Testamento, que inspirou estas palavras: "Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!" (Salmo 133:1.)

De que maneira nós glorificamos Jesus? Como lhe agradecemos pela expiação? Como demonstramos gratidão pelas ordenanças e convênios? Como expressamos apreciação por seus ensinamentos? É claro, fazemos isto amando a Deus, amando o próximo, vivendo os mandamentos, e também sendo um. Adaptamo-nos aos ensinamentos do Mestre. Tornamo-nos um com ele e com outros: "Um só Senhor, uma só fé, um só batismo" como Paulo ensinou (Efésios 4:5). Aceitamos aqueles que são chamados como nossos líderes sem criarmos polêmicas. Nossos líderes conhecem a nossa lealdade, porque fazemos o que eles nos pedem.

Que possamos ser um nesta grande obra, irmãos e irmãs. Que possamos, com amor e com sensibilidade, trabalhar com aqueles que ainda não são membros da Igreja para que possam compreender. Que também possamos procurar aqueles que se afastaram a fim de ajudá-los a voltar, para que possam ser um conosco. Que nossos filhos possam observar esta solidariedade e o desejo sincero de ser um, pois isto enriquece nossa vida com paz e com poder.

Com gratidão em meu coração, irmãos e irmãs, por vós e por aquilo que estamos fazendo juntos, eu oro para que cada um de nós possa decidir-se, nesta época de problemas sociais e dificuldades financeiras, a seguir nosso profeta e outros líderes que foram chamados para nos orientar. Que possamos evitar a dor e os problemas que afligem as famílias, vizinhanças e instituições que não são um, em nome de Jesus Cristo, amém.

"JÁ SOU ADULTO!"

Élder Marvin J. Ashton
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Julgar-se a si próprio, em qualquer sentido, é um passatempo arriscado. É um fato da vida que o rumo que estamos seguindo é mais importante do que o ponto em que nos encontramos."



Semanas atrás, um irmão que ocupa alto cargo na Igreja, pediu-me um favor especial: "Será que teria a bondade de gastar um pouco de seu tempo ouvindo um casal e sua filha adolescente, bons amigos meus, tentarem conversar?"

Quando nós quatro nos reunimos, tornou-se imediatamente óbvio que os canais de comunicação entre eles estavam totalmente obstruídos por preconceito, ameaças, acusações e ressentimento. Enquanto a comoção se desenrolava com intensa amargura, o único que ouvia era eu. Embora todos tivessem concordado em me aceitar como conselheiro, juiz ou árbitro, se preferis, vi-me esperando pacientemente pela oportunidade de ser ouvido. Durante o acalorado e exaltado confronto, a adolescente externou repetidamente seu ressentimento exclamando: "Vocês não podem falar comigo assim. Já sou adulta! Não me podem tratar assim. Já sou adulta! Não podem mais dominar minha vida. Já sou adulta!"

Toda vez que dizia: "Já sou adulta", eu me encolhia. Por definição, adulto é uma pessoa que atingiu a idade madura, de pleno desenvolvimento. Embora seja verdade que se pode ser considerado legalmente adulto ao atingir determinada idade, a condição de adulto da qual estamos falando tem de ser conquistada por ações e atitudes.

Não estou muito seguro sobre quem tem o direito ou responsabilidade de nos declarar adultos, mas tenho certeza de que, freqüentemente, a pessoa menos qualificada é o próprio indivíduo. Se a pessoa é madura, não precisará anunciá-lo; a única autêntica medida de maturidade é nossa conduta pessoal. A classificação de adulto, pelo comportamento, não depende de idade, rugas ou cabelos grisalhos. Talvez não esteja muito longe da verdade dizer-se que a conduta adulta é um processo. A maturidade de conduta se desenvolve geralmente por meio de autodomínio, flexibilidade e contínuo esforço.

Para ser justo com a adolescente, embora sua declaração de já ser adulta não me impressionasse favoravelmente, houve momentos durante o encontro em que me pareceu demonstrar mais maturidade que os pais. Quando nós, mais idosos, recorremos ao "sou mais velho que você" para fazer valer nosso ponto de vista, não estou muito seguro de sua eficácia. Quão melhor seria conquistar respeito e amor pela conduta paterna digna, do que tentar exigi-lo pela diferença de idade.

Vós, rapazes e moças no mundo inteiro, bem como vossos pais, não necessitais de proclamar maturidade. Vossa fé e vossas obras mostrarão o que sois. Por vossos frutos sereis conhecidos e classificados. Quando recorremos a argumentos injuriosos, acessos de raiva, críticas negativas e penosas, revides inúteis e desrespeito



não beneficiamos ninguém. Deixemos de lado os fúteis rancores, ressentimentos e retaliações tão prejudiciais à própria pessoa, e voltemos ao caminho seguro e bem demarcado pelo Bom Pastor.

É preciso coragem para se furtar à contenda verbal. Quando começa a maturidade, começa a vida adulta. "Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias e toda a malícia seja tirada de entre vós.

Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo." (Efésios 4:31-32.) É alarmante ver quantas pessoas de mais idade passam pela vida sem jamais se tornarem realmente adultas.

Há muitos anos venho visualizando um quadro mental muito vívido de Jesus Cristo perante Pilatos. Encontrando-se diante da populaça raivosa, que gritava e o condenava, Pilatos tentava fazê-lo responder e revidar. Procurou fazê-lo declarar-se rei. Jesus se manteve calado. Sua vida era o seu sermão. Tinha um caráter perfeito, era filho digno, o Unigênito do Pai. Sua maturidade falava por si mesma:

"E foi Jesus apresentado ao presidente, e o presidente o interrogou, dizendo: És tu o Rei dos judeus? E disse-lhe Jesus: Tu o dizes.

E, sendo acusado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu.

Disse-lhe então Pilatos: Não ouves quando testificam contra ti?

E nem uma palavra lhe respondeu, de sorte que o presidente estava muito maravilhado." (Mateus 27:11-14.)

Nas organizações da Igreja há muitas oportunidades para se adquirir conduta madura. Outro dia, uma encantadora adolescente prestou merecido tributo à professora das Moças, dizendo: "Pelo seu exemplo e lições aprendemos a importância de nos arrumar bem. Aprendemos que, embora cada uma de nós seja diferente, todas somos igualmente importantes. Ela nos ensinou a resolver nossas divergências dialogando, não gritando."

O sucesso do programa de escotismo é que ensina os rapazes a se conservarem na trilha. Rochas e montes não impedem a subida ao topo da montanha. Os prêmios maiores não são concedidos a menos que se preencham os requisitos, tanto os difíceis como os mais fáceis. O elemento amadurecedor do programa não são reconhecimentos ganhos, mas a tenacidade com que os rapazes prosseguem na trilha do escotismo.

"Um certo homem tinha dois filhos;

E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence (pois já sou adulto). E ele repartiu por eles a fazenda." (Lucas 15:11-12.)

A parábola do filho pródigo é bem conhecida de todos. O rapaz partiu e desperdiçou sua herança levando uma vida dissoluta. "Tornando em si, disse:...

Levantar-me-ei e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti;

Já não sou digno de ser chamado teu filho (mas estou mais adulto)...

E, levantando-se, foi para seu pai... e viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou." (Vers. 17-20.)

Creio ser apropriado dizer que o pai, também, se tornou mais maduro durante a separação. Pensai igualmente no amadurecimento do filho mais velho quando observou e participou da atitude cristã do pai. (Ver vers. 25-32.)

Não tenho dúvidas de que um dos principais motivos de Lamã e Lemuel resmungarem e dizerem palavras duras ao irmão Néfi, e de baterem nele foi de se considerarem mais adultos que este, por serem mais velhos. Dá quase para ouvir Lamã dizendo: "Você não me pode tratar assim. Já sou adulto!"

E Néfi demonstrou real maturidade ao declarar: "Eu, Néfi, disse a meu pai: Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas. Quando meu pai ouviu estas palavras, rejubilou-se, pois compreendeu que o Senhor me havia abençoado." (1 Néfi 3:7-8.) Léhi era suficientemente adulto para saber qual dos filhos era o mais maduro e seria por isso abençoado pelo Senhor.

Muitos de nós não entendemos que a conduta adulta é um processo e não uma condição. Para sermos discípulos de Cristo precisamos perseverar na retidão e na sua palavra. Quando alguém mostra com entusiasmo sua alegria por ser, agora, um membro ativo da Igreja, fico pensando: "Maravilhoso, mas por quanto tempo continuará assim?" A propósito, faz alguns anos fui procurado por um corretor de seguros. Quando iniciou sua abordagem de venda com: "Sou um membro ativo da Igreja", o primeiro pensamento que me ocorreu foi: "Quem disse?"

Quando alguém vence o vício de alguma droga, e ainda bem que muitos o conseguem, convém gastar menos tempo anunciando a condição atual e mais em continuar afastado dos maus hábitos. Os moralmente puros terão uma conduta mais adulta se insistirem menos em alardeá-lo e se dedicarem mais a viver as bênçãos da castidade e

ensiná-las aos outros. Os dizimistas integrais terão maiores alegrias e recompensas decorrentes da obediência ao princípio do dízimo do que do fato de serem assim classificados ou recomendados.

Alguns reprovam e menosprezam professores e alunos de curso superior por obedecer às diretrizes de um código de conduta, mas os devidamente envolvidos no salutar processo de disciplina comportamental adulta apreciam o ambiente. A conduta responsável do aluno é aplaudida em qualquer campus universitário. Empenhar a palavra de honra de "fazer o melhor possível", seja por escrito ou auto-imposta, pode fazer a diferença no desenvolvimento do caráter. Assumir e manter compromissos pode parecer restrito e antiquado no mundo de hoje onde "viver à solta" é a regra; os benefícios, porém, são claros para a pessoa amadurecida.

As pessoas imaturas detestam receber conselho ou ter de prestar contas, achando que tais entrevistas são criancice. Os que se esforçam para progredir continuamente percebem que esses conselheiros os ajudam a analisar-se e encontrar soluções para problemas pessoais. Em nossa igreja, os conselheiros são fonte de muita força para o profeta bem como para todos nós.

Acautelai-vos dos que procuram desculpar sua conduta com "já-sou--adulto-você-não-pode-me-tratar--assim". Maturidade moral e maturidade intelectual precisam mesclar-se para produzir uma pessoa verdadeiramente adulta. O compromisso de progredir diariamente deve ter alta prioridade na vida daqueles que pretendem avançar no rumo certo.

No repetido convite da Primeira Presidência a todos os membros para que voltem, existe real propósito e poder. Vigor, crescimento e felicidade são resultantes de analisarmos o rumo que nossa vida está tomando. Aqueles que se perderam, que foram mal compreendidos ou ofendidos, e os plenamente envolvidos na Igreja são convidados a se congraçarem na estrutura do Evangelho de Jesus Cristo. Não basta ser membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Participação nas atividades do sacerdócio, Sociedade de Socorro, Moças, Rapazes, Primária e Escola Dominical é necessária se quisermos realmente progredir no desenvolvimento pessoal adulto, verdadeiro e eterno. Talvez conviesse a todos nós reconhecer que, ao promover atividade e envolvimento pessoal na Igreja, seria muito melhor ser considerado um membro "bem--vindo" em lugar de membro de boa reputação. Temos a responsabilidade e privilégio de incentivar os imaturos e dar-lhes oportunidades de crescer e desenvolver-se.



Élder Gene R. Cook do Primeiro Quorum dos Setenta (em baixo) cumprimenta o Élder Robert L. Backman (da esquerda para a direita) e Élder Jack H. Goaslind.

Joseph Smith declarou ao mundo ser como uma pedra bruta moldada e polida pela torrente da vida. Choques, desapontamentos e o inesperado ajudaram-no a obter sabedoria além do que justificava sua idade. Muitas vezes, a melhor medida de maturidade é a perseverança. "Se os céus se nublarem tenebrosamente e todos os elementos em conjunto obstruírem o caminho; e acima de tudo, se as próprias mandíbulas do inferno escancararem a boca contra ti, saibas tu, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.

O Filho do Homem sujeitou-se a todas elas. És tu maior do que ele?" (D&C 122:7-8.)

Meus jovens amigos, em espírito de amor sugiro-vos que evitemos rotular--nos. O fato de vos considerardes campeões regionais, nacionais ou até mesmo mundiais, não tem valor algum se sois vós que apontais o vencedor e entregais o troféu a vós próprios. Da mesma forma, quem de nós tem o direito de se julgar um perdedor, imprestável ou fracasso? Julgar-se a si próprio, em qualquer sentido, é um passatempo arriscado. É um fato da vida que o rumo que estamos seguindo é mais importante do que o ponto em que nos encontramos. Jamais ouvi uma pessoa muito culta dizer: "Agora sou instruído." Algumas das pessoas potencialmente mais sábias do mundo deixam de fazer jus a essa classificação quando ficam alardeando sua capacidade e conhecimento em lugar de usá-los para promover o próprio progresso e ajudar seus semelhantes.

Mães, pais e familiares, a maturidade não vem necessariamente com a idade. Comuniquemos nosso interesse e amor recíproco com palavras e ações. Ameaças, ouvidos moucos, olhos que não enxergam e corações insensíveis jamais trarão alegria, união e crescimento. Paciência com o próximo, consigo mesmo e com Deus traz maturidade eterna. Que Deus e nossa conduta diária determinem a autenticidade da alegação: "Já sou adulto!"

Deus é nosso Pai. Jesus é o Cristo. Que nosso conhecimento contínuo a respeito deles nos proporcione conduta adulta cristã, eu oro em nome de Jesus Cristo, amém.

A Força Interior

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"No santuário particular da própria consciência de cada um, encontramos aquele espírito, aquela determinação de expulsar a antiga pessoa e procurar estar a altura do verdadeiro potencial."



Há alguns meses eu me vi diante de uma enorme audiência no Estádio Marriot, no campus da Universidade Brigham Young. Tinha a responsabilidade de falar, elevar, motivar e inspirar. Percebi então que ali estavam homens e mulheres promissores. Eles representavam as esperanças, os sonhos e as aspirações de pais, de famílias, de professores, de Deus. Todos eram participantes da maratona da vida. Alguns tinham o dom das artes, outros tinham inclinações para as ciências humanas enquanto outros se achavam impelidos para o estudo das ciências naturais ou físicas. Estes alunos se encontravam na fase de estudo. Em breve iriam dispersar-se para realizar seu propósito na vida, para cumprir a medida de sua criação e para aprender com suas próprias experiências de vida, aquelas lições que irão prepará-los para a exaltação.

Meus pensamentos também se voltaram para outros que estavam lutando para se tornar mestres pelo aprendizado e experiência. Refleti então sobre aquela vasta multidão que abandonando a preparação, ligou-se a amizades indesejáveis adotando hábitos e práticas que os desviaram do caminho que leva à perfeição e os induziu a um dos muitos desvios onde a tristeza, o desencorajamento e a destruição os esperam.

O filho teimoso, a filha voluntariosa, o marido mal-humorado, a esposa rabugenta — todos podem mudar. Pode haver um afastamento das nuvens, uma interrupção na tormenta. A maturidade vem, as amizades mudam, as circunstâncias variam. O comportamento humano não precisa ser "moldado em concreto".

Com a perspectiva da eternidade, nossa permanência nesta vida é muito curta. Os desvios acarretam sacrifícios e precisam ser evitados. A natureza espiritual dentro de nós não deveria ser dominada pela parte física. Cabe a cada um de nós lembrar quem somos e o que Deus espera que nos tornemos.

O poeta Wordsworth, em seu inspirado poema *Intimações da Imortalidade*, dirigiu nossos pensamentos àquele lar celestial de onde todos nós viemos:

Nosso nascimento é apenas um adormecer e um esquecer:
a alma que surge conosco, nossa estrela da vida,
Teve sua formação em outro lugar.
E veio de um lugar distante:
Não em pleno esquecimento,
E não em total nudez,
Mas como nuvens de glória viemos
De Deus que é nosso lar.
(Ode: Intimation of Immortality From Recollections of Early Childhood).

Ao encontrar e seguir este contato espiritual com o infinito, sentiremos o toque da inspiração e saberemos que Deus nos guiará ao depositarmos nele a nossa confiança. Jó, aquele homem sábio e justo, declarou a verdade profunda: "Há um espírito no homem, e a inspiração do Todo-Poderoso os faz entendidos" (Jó 32:8). E esta inspiração que por vezes deixamos crescer vagamente, nos faz vagar muito abaixo do nível das nossas possibilidades.

Durante a Grande Depressão, os desabrigados, os oprimidos e os desempregados costumavam andar por perto da nossa casa. Em várias ocasiões, ouvimos uma batida suave na porta dos fundos. Quando eu abria a porta, via um homem, às vezes dois, mal vestido, mal alimentado e sem instrução. Geralmente, tal visitante tinha nas mãos o famoso chapéu. Seu cabelo costumava ser desgrenhado, e sua face tinha sempre a barba por fazer. Sua pergunta era sempre a mesma: "Poderiam dar-me um pouco de comida?" Minha querida mãe sempre respondia com um agradável "Entre e sente-se à mesa". Ela então preparava um sanduíche de presunto, cortava um pedaço de bolo e enchia um copo com leite. Mamãe costumava perguntar ao visitante sobre seu lar, sua família, sua vida. Ela lhe transmitia esperança e palavras de encorajamento. Antes de sair, o visitante parava para expressar um gracioso muito obrigado. Eu notava que o olhar de desespero se transformava em sorriso de contentamento. Os olhos que anteriormente eram opacos, agora apresentavam um nova esperança. O amor, o atributo mais nobre da alma humana, pode operar maravilhas.

Em nossa jornada terrena, descobrimos que a vida é feita de desafios que apenas diferem de pessoa para pessoa. Somos orientados para buscar o sucesso, lutando para nos tornarmos "mulheres-maravilha" e "super-homens". Qualquer demonstração de fracasso pode causar pânico — até mesmo desespero. Quem dentre nós não pode lembrar-se de momentos de insucesso?

Um destes momentos surgiu em minha vida quando era um jovem jogador de basquete. O jogo estava difícil — vinha sendo disputado ardentemente — quando o técnico me tirou do banco para fazer uma jogada definitiva. Por alguma razão que jamais compreenderei, eu fiz o passe e driblei a bola diretamente para a equipe adversária. Pulei alto em direção à cesta; e, quando a bola saiu

dos meus dedos, percebi repentinamente que eu a estava arremessando na cesta errada. Fiz então a oração mais curta de minha vida: "Querido Pai, não deixe que a bola seja encestada." Minha oração foi respondida, mas minha provação estava apenas começando. Ouvi a torcida gritar bem alto: "Queremos o Monson, queremos o Monson, queremos o Monson... FORA!" O técnico acatou.

Há pouco tempo li sobre um incidente que ocorreu na vida do Presidente Harry S. Truman, quando já estava aposentado e de volta a Independence, Missouri. Ele estava na Biblioteca Truman, conversando com alguns alunos do curso primário e respondendo a suas perguntas, quando um menino parecido com uma coruja lhe perguntou: "Sr. Presidente, o senhor era popular quando menino?" O presidente olhou para ele e respondeu, "Não, por quê? Nunca fui popular. Os meninos populares eram aqueles que eram bons nos esportes e tinham punhos firmes e grandes. Nunca fui assim. Sem meus óculos eu era cego como um morcego, e para dizer a verdade, eu era um pouco medroso." O menininho começou a aplaudir, e então todos fizeram o mesmo. (*Vital Speeches*, feb. 1983, p. 6.)

Temos a responsabilidade de crescer da mediocridade para a competência, do insucesso para a realização. Nossa tarefa é tornar-nos o melhor possível. Um dos maiores dons que Deus nos deu é a alegria de tentar novamente, pois nenhum fracasso precisa ser o último. Em 1902, o editor de poesia de *Atlantic Monthly* devolveu um maço de poemas para um poeta de 28 anos com esta breve observação: "A nossa revista não tem espaço para seus versos vigorosos." O poeta era Robert Frost. Em 1894, um professor retórico de Harrow, na Inglaterra, escreveu no boletim de um menino de dezesseis anos, "Uma notável falta de sucesso". O rapaz de dezesseis anos era Winston Churchill.

O Presidente Theodore Roosevelt disse: "Não é a crítica que conta nem é o homem quem determina como o forte tropeça, ou onde o autor de proezas poderia tê-las feito melhor. O crédito pertence ao homem que está verdadeiramente na arena" (*The American Treasury*: 1455-1955, ed. Clifton Fadiman, New York: Harper & Brothers, 1955, p. 689).

Nós sabemos que os homens e mulheres podem mudar — e mudar para melhor. Não há exemplo mais vívido do que a vida de Saulo de Tarso. O registro sagrado revela que Saulo ameaçou os discípulos do Senhor. Então veio a luz do céu e a voz lhe disse: "Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (Atos 9:4--5).

A resposta de Saulo é um exemplo para cada um de nós: "Senhor, que queres que eu faça?" (vers. 6). Saulo, o perseguidor, transformou-se em Paulo, o convertido. A noite se transformou em dia. A escuridão rendeu-se à luz.

Simão Pedro, o pescador que deixou suas redes e seguiu o Senhor, teve seu tempo de luta. Ele tinha sido fraco, e estando amendrotado, negou o Senhor com um juramento. Deu-se então a mudança. Nunca mais ele negaria ou se afastaria do Senhor. Ele havia encontrado seu lugar no reino de Deus.

Nós temos o exemplo de Alma, o filho, que voltou as costas para as práticas pecaminosas e para os caminhos destrutivos. Veio a conversão. Ele tornou-se representante da verdade. Suas palavras suaves de conselho a seus filhos Helamã e Coriânton são clássicos literários: Para Helamã: "Oh, lembra-te, meu filho, e aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua juventude a guardar os mandamentos de Deus!" Para Coriânton: "Não te deixes levar por coisas vãs e insensatas" (Alma 39:11).

Tanto antigamente quanto agora, como o Presidente David O. Mckay ensinou tão coerentemente, o Evangelho de Jesus Cristo pode fazer com que homens maus se transformem em homens melhores, pode alterar a natureza humana e mudar vidas.

Todos podem mudar para melhor. Em dezembro de 1985 a Primeira Presidência fez uma proclamação "Um Convite para Voltar". Para os inativos, críticos e transgressores a mensagem declarava: "Voltai. Voltai e banqueteai-vos na mesa do Senhor, tornai a provar os doces e saciadores frutos da fraternidade dos santos" (*Ensign*, março de 1986, p. 88). Centenas, se não milhares,



responderam a este convite. A vida deles adquiriu um novo significado. Suas famílias têm sido abençoadas. Eles se aproximam mais de Deus.

No santuário particular da própria consciência de cada um, encontramos aquele espírito, aquela determinação de expulsar a antiga pessoa e procurar estar à altura do verdadeiro potencial. Mas, o caminho é acidentado, e o trajeto é firme. Foi o que descobriu John Helander, de Goteborg, Suécia. John tem vinte e seis anos de idade e muita dificuldade para coordenar seus movimentos.

Numa conferência de jovens em Kungsbacka, Suécia, John tomou parte na corrida de 1500 metros. Ele não tinha nenhuma possibilidade de ganhar. E, pelo contrário, esta era para ele uma oportunidade de ser humilhado, ridicularizado e desprezado. Talvez John se lembrasse de outra pessoa que viveu há muito tempo e em uma terra distante. Não foi ele ridicularizado? Não foi ele escarnecido? Não foi ele humilhado? Mas, ele triunfou. Ele venceu sua corrida. Talvez John pudesse vencer a sua.

Essa foi uma corrida e tanto! Lutando, pressionando, os corredores dispararam na frente de John. Havia assombro entre os espectadores. Quem é este corredor tão vagaroso? Os participantes já estando na segunda e última volta da corrida passaram por John enquanto ele ainda estava na metade da primeira volta. A tensão aumentou à medida que os corredores se arremessaram contra a fita de

chegada. Quem venceria? Quem ficaria com o segundo lugar? Então veio o esforço final; a fita foi rompida. A multidão gritava; o vencedor era enaltecido.

A corrida tinha terminado ou não? Quem era aquele participante que continuava a correr mesmo depois da corrida terminada? Ele cruzava a linha de chegada mas ainda estava na primeira volta. Será que o tolo não sabia que havia perdido? Sempre avante ele luta, é agora o único participante na pista. Esta é a sua corrida. Esta deve ser a sua vitória. Nenhum dos inúmeros espectadores deixa o local. Todos os olhos estão fixos neste valente corredor. Ele faz a curva final e se dirige para a linha de chegada. Há espanto e admiração entre os presentes. Cada espectador vê a si mesmo correndo sua própria maratona da vida. À medida que John se aproxima do final, a audiência, como um todo, fica de pé. Um forte aplauso de aclamação ecoa. Tropeçando, caindo, exausto mas vitorioso, John Helander rompe a recém-colocada fita. (Os organizadores também são humanos). Os vivas ecoam a quilômetros de distância. E pode até ser que, se alguém tiver um ouvido bem acurado, será capaz de ouvir o Senhor dizer, "Bem está, servo bom e fiel. (Mateus 25:21.)

Cada um de nós é um corredor na maratona da vida. Confortante é o fato de que são muitos os corredores. Tranqüilizador é o conhecimento de que quem marca os nossos pontos eternamente é alguém compreensivo. Desafiadora é a verdade de que cada um deve correr. Mas vós e eu não corremos sozinhos. A vasta audiência composta de familiares, amigos e líderes irá aplaudir nossa coragem e nossa determinação à medida que sobrepujarmos cada obstáculo e prosseguirmos em direção à meta. A maratona da vida não é para corredores de pequenas distâncias. O curso é marcado por ciladas e obstáculos.

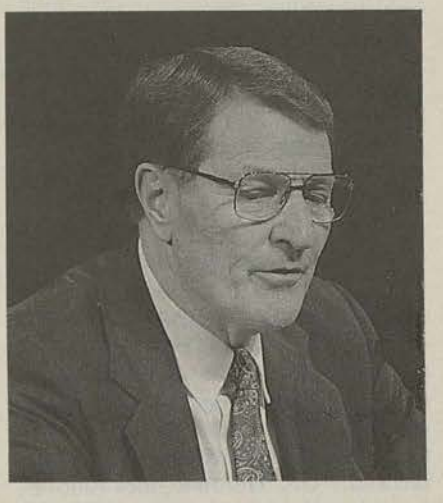
Vamos eliminar de nossa mente todo pensamento de derrota. Vamos vencer qualquer hábito que possa impedir-nos de progredir. Vamos buscar; vamos conseguir o prêmio que está preparado para todos nós, a exaltação no reino celestial de Deus. Esta é a minha sincera oração, em nome de Jesus Cristo, amém.

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO
5 de abril de 1987

"Vencer... Assim Como Eu Venci"

Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Devemo-nos tornar mesmo como Jesus, com suas virtudes crescentemente duplicadas em nossa vida. Mesmo em meio às nossas óbvias imperfeições, deve estar em andamento resoluto, ainda que lento, o sagrado processo."



Acontecimentos e circunstâncias nos últimos dias, tornam imperativo que os membros da Igreja se tornem mais fundados, firmes, arraigados e confirmados na fé. (Ver Colossenses 1:23, 2:7; II Pedro 1:12.) Em Lucas 14:28 da tradução de Joseph Smith da Bíblia, Jesus diz a seus discípulos que deveriam confirmar em seu coração que fariam as coisas que ele lhes ensinaria e ordenaria. Se não estivermos assim fundados ou firmados, a turbulência será grave. Se estivermos firmados, não mais seremos "levados em roda", seja por boatos, falsas doutrinas ou pelos modismos comportamentais e intelectuais do mundo. Nem seremos apanhados pela mentalidade "novidadeira", ocupando nosso tempo como os antigos atenienses com nada mais "senão de dizer e ouvir alguma novidade". (Atos 17:21.) Por que preocupar-se com as preferências passageiras do mundo? Pois "a aparência deste mundo passa". (I Coríntios 7:31.)

Entretanto, não podemos estar assim firmados no fazer o que Jesus ordenou, *sem* estar primeiro seguros a respeito dele. Fosse Jesus apenas um homem, ainda que um homem muito bom, seu conselho seria só de um moralista antigo. Contudo, a situação é totalmente outra, a ponto de o Criador de muitos mundos, cuja principal preocupação é nossa felicidade, ordenar: "Não adulterarás." Cabe-nos, portanto, "(reconciliar-nos)... com a vontade de Deus, e não com a vontade... da carne". (2 Néfi 10:24.)

O profeta-poeta Jacó testificou aos membros da Igreja como a violação de convênios feria as "delicadas mentes" e quebrantava "corações... traspassados por profundas feridas". (Jacó 2:9, 35.) Ele sentia-se prostrado e profundamente pesaroso por alguns membros encararem tão levianamente seus convênios. (Vers. 3.) Observando alguns dos feridos de hoje, entendo melhor que nunca os sentimentos de Jacó.

Certos membros da Igreja, ai de mim, não estão reconciliados com a vontade de Deus, nem suficientemente firmes quanto aos seus convênios.

Alguns renovam seus convênios indignamente, participando do pão partido, mesmo tendo violado seu convênio matrimonial.

Alguns dão de seu tempo mas sem doar-se pessoalmente, estando presentes sem dar de sua presença e atuando mecanicamente como

membros, em lugar de sentir as profundas emoções do discipulado consagrado.

Alguns tentam ir levando sem conhecer nada além dos cabeçalhos do evangelho, na verdade não falando muito de Cristo ou regozijando-se em Cristo, e não levando a sério seus livros de escritura que contêm e explicam seus convênios. (Ver 2 Néfi 25:26.)

Outros são tão soberbos que jamais aprendem obediência e submissão espiritual. No dia em que todo joelho há de dobrar-se, seus joelhos estarão artríticos. Então não haverá espectadores, todos serão participantes!

Ser membro da Igreja em nossos próprios termos, pois, não é genuíno discipulado.

O verdadeiro discípulo amortece os dardos inflamados do adversário erguendo bem alto o forte escudo da fé com uma mão, enquanto se agarra à barra de ferro com a outra. (Ver Efésios 6:16; 1 Néfi 15:24; D&C 27:17.) Não deve haver dúvida de que exigirá as duas mãos!

O verdadeiro discípulo também se torna cada vez mais semelhante ao Mestre que serve, preceito por preceito, experiência por experiência. Não podemos ser mulher nem "homem de Cristo" (Helamã 3:29) sem estarmos adquirindo a "mente de Cristo". (I Coríntios 2:16.) Este processo pode, felizmente, incluir, segundo Paulo, aqueles que noutros tempos eram "estranhos e inimigos (em seu) entendimento". (Colossenses 1:21; ver Filipenses 2:5.) Podemos ser tão espertos quanto o adversário, sem no entanto conhecer a vontade de Deus! (Ver Moisés 4:6.)

Podemos estar "sempre aprendendo" e, ainda assim, permitir que as verdades eternas se percam no lufa-lufa da vida, como neste lamento:

Onde está a Vida que perdemos vivendo?
Onde está a sabedoria perdida no conhecimento?
Onde está o conhecimento que perdemos na informação?
(T. S. Eliot, "The Rock", *The Complete Poems and Plays*, 1909--1950, New York: Harcourt, Brace and World, 1971, p. 96.)

Para nos ajudar a sermos verdadeiros discípulos, o Senhor nos deu profetas e escrituras para nos fortalecer, "a fim de preparar os fracos para as coisas que virão sobre a terra, como também para o propósito do Senhor no dia em que... com as coisas fracas do mundo o Senhor açoitará as nações pelo poder do seu Espírito". (D&C 133:58-59.)



A Presidência Geral das Moças: (da esquerda para a direita) Irmã Jayne B. Malan, Primeira Conselheira; Presidente Ardeth G. Kapp e Irmã Elaine L. Jack, Segunda Conselheira.

Banquetearmo-nos na plenitude do evangelho nos ajudará a vencer. Além disso, se guardarmos os nossos convênios, estes nos manterão espiritualmente seguros.

Um dia, e por que não logo, o povo da Igreja cumprirá esta profecia: "O poder do Cordeiro de Deus... descia sobre os santos da Igreja do Cordeiro,... o povo do convênio do Senhor, que estava espalhado sobre a face da terra; e estavam armados com a justiça e o poder de Deus, em grande glória." (1 Néfi 14:14.)

Entretanto, coletivamente nossa luz não brilha suficientemente para ser "um estandarte para as nações". (D&C 115:5.)

Não fosse a iniqüidade do mundo, a Igreja estaria crescendo muito mais, numérica e espiritualmente. (Ver 1 Néfi 14:12.) Cresceria igualmente mais depressa se vós e eu fôssemos melhores no tomar sobre nós, a cada dia, a cruz cristã. (Ver Lucas 9:23.) Parte do assumir a cruz é nos negarmos os apetites e desejos da carne "Pois é melhor que desprezeis essas coisas, e carregueis vossa cruz", dizia o Senhor ressurreto. (3 Néfi 12:30.)

Assim, tomar sobre nós *diariamente* a cruz significa nos negarmos *diariamente* os apetites da carne.

Procurando imitar o Mestre, que sofreu tentações mas não lhes deu ouvidos, nós também podemos viver num mundo repleto de tentações comuns ao homem. (Ver I Coríntios 10:13.) Obviamente, Jesus percebeu as enormes tentações que enfrentou, mas ele não as considerou e remoeu, mas sim as rejeitou imediatamente. Se acolhemos as tentações, logo elas nos estarão acolhendo! Repelir esses convivas indesejáveis na porta de nossa mente é uma maneira de não lhes dar ouvidos. Além do mais, esses pretensos convivas são bárbaros que, uma vez admitidos, não se deixam expulsar sem grande trauma.

Num meio-ambiente decadente, a mente é o último reduto da retidão, e que precisa ser preservado mesmo quando bombardeada por estímulos malignos. Cristo tem competência para nos salvar, "porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados". (Hebreus 2:18.)

Conforme prometeu, ele nos dará um meio de "escape" ou então de "suportar". (I Coríntios 10:13.)

Certamente fomos avisados e advertidos sobre nosso tempo, uma época em que a pressão dos desafios pode fazer um ano parecer uma década. Os membros serão habilmente ridicularizados e escarnecidos pelos



que estão no "grande e espaçoso edifício" que representa o orgulho do mundo. (1 Néfi 8:26; 11:36.) Não importa, pois sem demora, aquele que ressuscitou no terceiro dia arrasará esse hotel espaçoso mas de terceira classe!

O nosso será um tempo de grande inversão como de perversão, com alguns chamando o bem de mal, e o mal de bem. (Ver Isaías 5:20; 2 Néfi 15:20; D&C 64:16; 2 Néfi 2:5.) Outros, na ignorância das verdades espirituais, "dizem mal do que não sabem". (Judas 1:10; ver II Pedro 2:12.)

A paz já foi tirada da terra. (Ver D&C 1:35.) Nações erguer-se-ão contra nações (ver Mateus 24:7). Será igualmente uma época de endurecimento quando o amor de muitos esfriará e abundará a iniqüidade (ver D&C 45:27). Haverá confusão secular epidêmica em meio à "angústia das nações, em perplexidade" (Lucas 21:25), à medida que vários vexames desafiam os remédios cosméticos do homem:

Quão ínfima, de tudo que sofre o coração humano,
A parcela que leis ou reis podem causar ou curar!

(Samuel Johnson, "Lines added to Goldsmith's Traveller", *Familiar Quotations*, comp. John Bartlett, Boston: Little, Brow and Company, 1968, p. 428.)

Não podemos esperar viver num mundo assim sem sofrer certas conseqüências dessas condições. Entretanto, podemos guardar sempre nossos convênios, ainda que não consigamos impedir essas condições.

O Senhor, que sabe tudo pelo que teremos de passar, nos ajudará a superá-lo nos nossos "alguns momentos" do tempo. (D&C 122:4.) Se estivermos firmados, conseguiremos suportá-lo bem (ver D&C 121:8), e reter o bem. (Ver I Tessalonicenses 5:21.) Suportadas em retidão, "todas estas coisas (nos) servirão de experiência e serão para o (nosso) bem". (D&C 122:7.) "Não estranheis" quando discípulos são chamados a passar por "ardente prova", adverte Pedro. (I Pedro 4:12.)

Mesmo assim, os santos de Deus, como foi profetizado, acabarão "clamando ao Senhor dia e noite até que venha o livramento". (*Prophetic Sayings of Heber C. Kimball*, n.p., n.d., p. 6.)

Os espiritualmente bem fundamentados acabarão vencendo, e sua gloriosa promessa é: "Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono." (Apocalipse 3:21.)

Enquanto isso, lembremo-nos de "que classe de homens (deveremos) ser". (3 Néfi 27:27; II Pedro 3:11.) Devemo-nos tornar mesmo como Jesus, com suas virtudes crescentemente duplicadas em nossa vida. Mesmo em meio às nossas óbvias imperfeições, deve estar em andamento resoluto ainda que lento, o sagrado processo. Embora o progresso seja demorado, aquele que se *está tornando* mais semelhante a Cristo, consegue *vencer*!

Jesus promete às pessoas marcadas pelo passado, desde que contritas: "Eu os curarei." (3 Néfi 18:32.) Elas reviverão (ver Lucas 15:32) "em Cristo por causa de (sua) fé". (2 Néfi 25:25.) Como parte de sua expiação infinita, Jesus conhece "segundo a carne" tudo aquilo por que teremos de passar. (Alma 7:11-12.) Ele assumiu os pecados, dores, tristezas e, diz Jacó, penas de todos os homens, mulheres e crianças. (Ver 2 Néfi 9:21.) Tendo sido perfeito na empatia, Jesus sabe como nos socorrer.

Nós podemos, pois, fazer realmente o que Pedro nos recomenda, e lançar sobre o Senhor todas as nossas preocupações (ver I Pedro 5:7); ele as conhece bem, até mesmo o sentir-se abandonado. (Ver Marcos 14:50; 15:34.) Nada está além de seu poder redentor ou abrangente empatia. Por isso, não nos devemos queixar de que nossa vida não é um jardim de rosas quando nos lembramos daquele que usou a coroa de espinhos!

Passo agora ao fim do messianismo mortal de Jesus. Lucas conta que Jesus suou no Getsêmani "grandes gotas de sangue, que corriam até o chão". (Lucas 22:44.) Tal fato é plenamente corroborado nos "outros livros" de escritura provenientes da restauração (1 Néfi 13:39-40): "Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos,... sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar." (D&C 19:18.)

O necessário porém medonho derramamento do sangue de Jesus deu-se, portanto, não só durante a severa flagelação, mas já no Getsêmani. Um recente e profundo artigo escrito por diversos médicos sobre a morte física de Jesus Cristo, revela que "a severa flagelação, com sua intensa dor e apreciável perda de sangue, deixou provavelmente Jesus em estado de pré-choque". (Todos se lembram, naturalmente, que Jesus, dramaticamente debilitado, precisou de auxílio para carregar a cruz.) "Portanto, mesmo antes da crucificação em si, a condição física de

Jesus era no mínimo grave e possivelmente crítica... Ao passo que a flagelação pode ter resultado em considerável perda de sangue, a crucificação em si foi um processo relativamente sem derramamento de sangue." (*Journal of the American Medical Association*, 21 de março de 1986, pp. 1458, 1461.)

Além das conseqüências da flagelação, quanto sangue de Cristo já não se havia derramado no Getsêmani! Lembrai-vos de que ele sofreu "tanto corporal como espiritualmente". (D&C 19:18.) Dizia o Rei Benjamim que Cristo padeceria sofrimentos "maiores do que os que o homem pode suportar, sem morrer; pois que correrá sangue de cada um de seus poros, tão grande será sua angústia". (Mosiah 3:7.)

Tendo sangrado por todos os poros, quão vermelha não deve ter ficado sua roupa no Getsêmani, e quão rubro seu manto!

Não admira que quando Cristo vier em poder e glória, o faça ataviado de vermelho (ver D&C 133:48), significando não só o lagar da ira, mas para nos lembrar quanto sofreu por todos nós no Getsêmani e no Calvário!

Nos últimos anos, ao cantar os hinos da expiação, fi-lo com coração particularmente cheio, — e também a plena voz, quando consigo continuar cantando, — versos como "Jesus de Nazaré, Mestre e Rei", "Graça maior não há", "Que desse meu Mestre perdão a tal pecador" e "Que assombroso é"! (*Hinos*, nº 68, 62.)

Bem, meus irmãos e irmãs, não deixemos a redenção de Jesus por nós parar na dimensão imortalizadora da expiação, "afrouxadas as cadeias da morte". (Alma 11:41.) Aceitemos com entusiasmo a oferta do dom de vida eterna! Nós acabaremos escolhendo a maneira de Cristo viver ou então sua maneira de sofrer! É "sofrer assim como eu sofri" (D&C 19:16-17), ou "vencer... como (ele) venceu". (Apocalipse 3:21.) Ele requer que nos tornemos como ele é. (Ver 3 Néfi 27:27.) Os espiritualmente fundamentados aceitam esse convite e, "pela expiação do sangue de Cristo", *submetendo-se* o *conseguem*! (Ver Mosiah 3:18, 19.)

Neste mundo inconstante, firmemos em nosso coração essa determinação, eu oro no santo nome de Jesus Cristo, amém.

TODAS AS COISAS SE CUMPREM PELA FÉ E ESPERANÇA

Élder Paul H. Dunn
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Tão certo como temos de enfrentar as realidades desagradáveis de nossos dias, reconheçamos e louvemos as milhares de coisas belas da vida que nos cercam."



Perto daqui existe um edifício de vinte e um andares, no qual há dois grupos de elevadores, um expresso e outro que anda a velocidade normal.

Não faz muito tempo, tomei o elevador expresso. Alguns dos que lá trabalham dizem que poderia fazer concorrência à Disneylândia. No elevador estavam também um menino com seu pai. De repente o elevador deu partida e o menininho, pego de surpresa, perdeu o fôlego e olhando para o pai com grande fé e confiança, perguntou: "Papai, o Pai Celestial sabe que estamos indo?"

Essa experiência contém uma grande lição.

A Dra. JoAnn Larsen, especialista em terapia familiar da Cidade de Lago Salgado, deu recentemente alguns sábios e práticos conselhos sobre como ensinar crianças e desenvolver auto-estima. Ela nos lembrou a tendência da maioria dos pais de, no empenho de ensinar responsabilidade aos filhos, ressaltar as coisas negativas que as crianças fazem, seus erros e enganos, e as inconveniências e problemas que causam. Afirmou que do nascimento aos vinte anos de idade, a criança ouve, em média, dos pais, professores, irmãos e companheiros cem mil mensagens negativas, raramente contrabalançadas por mensagens positivas. No caso de uma criança excepcionalmente feliz, a proporção será de dez negativas para uma positiva, o que, diz ela, pode ser extremamente prejudicial para a auto-imagem da criança, muitas vezes para o resto da vida.

Ela nos encoraja a desenvolver um tipo de visão que vê o positivo em lugar do negativo, possibilitando assim realizar às vezes verdadeiros milagres, e, certamente, melhorar consideravelmente os resultados de nosso empenho educacional e nosso relacionamento com os filhos. Os benefícios conseguidos no melhoramento do mundo através da abordagem confiante do dia-a-dia na vida, em contraste com aquela que destrói, provavelmente não poderá jamais ser precisamente avaliada.

Por que é que como humanos tendemos a ressaltar o negativo quando existem tantas coisas positivas? Não só criticamos constantemente nossos filhos e semelhantes, vemos falhas, procuramos julgar e muitas vezes apontamos e aumentamos as fraquezas e fracassos alheios em lugar de suas qualidades e sucessos, mas na própria vida alguns de nós estamos incessante e cronicamente preocupados. Preocupamo-nos com todas as coisas negativas que podem acontecer, mas geralmente não acontecem, em lugar de procurarmos enfrentar positivamente os problemas com certa porção de fé e esperança de



sucesso.

Por alguma razão, em nossa sociedade, apegamo-nos ao bizarro, trágico, profano e aos males de nossa época. As reportagens nos jornais e televisão concentram-se tantas vezes nos aspectos negativos da vida: suicídio de adolescentes, drogas, AIDS, assassinatos, infidelidade, desonestidade e muitos outros males sociais.

Viajando pelos domínios da Igreja, ocasionalmente vejo outra forma de pensar capaz de tornar-se bastante negativa: membros acabrunhados, às vezes assustadoramente, pela dura tarefa de ganhar a vida, pagar a hipoteca, criar os filhos, cumprir chamados da Igreja, atender às responsabilidades escolares e comunitárias, viver reta e dignamente, e assim por diante, indefinidamente.

Penso muitas vezes que, para algumas dessas pessoas, a vida perdeu a alegria e o entusiasmo, e tudo que conseguem ver são dias duros, trabalhosos, freqüentemente tomadas do senso de culpa devido à pressão de querer fazer tudo que acham necessário a ser perfeitas ao mesmo tempo. É interessante que as atitudes negativas parecem afetar-nos dessa maneira.

A vida, logicamente, é coisa séria. Crianças para ensinar, contas a pagar, viver retamente, é o conselho do Senhor. Não podemos deixar de nos preocupar, vez por outra; existem e sempre existirão aspectos negativos sem fim ao nosso redor que precisam ser enfrentados, trabalhados e resolvidos. Mas fico imaginando se o constante bombardeio com dilemas e desafios e, muitas vezes, situações aparentemente insolúveis, tanto pessoais como nacionais, não nos deixarão frustrados, desanimados e deprimidos a ponto de distrair nossa mente e atitudes dos próprios princípios que nos permitiriam superar o negativo e encontrar as respostas positivas de que necessitamos.

A despeito das muitas ocorrências negativas na vida, existem pessoas que aparentemente possuem o dom de ver o lado positivo. Um jovem negociante estava inaugurando uma nova filial e um amigo mandou um arranjo de flores para celebrar o evento. Ao chegar lá, o amigo viu abismado que o tal arranjo ostentava os dizeres "Descanse em Paz". Aborrecido, foi reclamar com o dono da floricultura. Depois de desculpar-se, o florista disse: "Veja a coisa por este lado. Nalgum lugar, um homem foi enterrado hoje sob uma coroa que dizia: "Boa sorte no novo local."

No Livro de Mórmon, no qual encontramos respostas e orientação para tantos problemas, existe uma escritura que, a meu ver, esclarece bastante a questão da atitude positiva, confiante, esperançosa de fé como substituto para enfrentar os problemas da vida com desânimo e desespero. Atentai para as palavras de Éter, ao nos exortar a conhecer e crer em Deus como fundamento da esperança e fé:

"Pela fé todas as coisas se cumprem,

Portanto, todos os que crêem em Deus podem, com segurança, esperar por um mundo melhor, sim, até mesmo por um lugar à mão direita de Deus; e esta esperança vem pela fé, e representa uma âncora para as almas dos homens, tornando-os firmes e inquebrantáveis, sempre abundando em boas obras, e sendo levados a glorificar a Deus." (Éter 12:3-4.)

Em todo esse maravilhoso capítulo, são-nos ensinadas as maravilhas realizadas pela fé, pelo amor e esperança. Parece-me que apegar-se a pensamentos e atitudes negativas é, na verdade, atuar diretamente contrário à esperança, fé e confiança — no Senhor, em nós próprios e em outros — provocando contínuo senso de depressão, enquanto que o positivo anima e alenta, nos incentiva a ir em frente, e é uma atitude que pode ser desenvolvida, um hábito que podemos cultivar.

A história de Thomas Moore é a síntese do celebrar o belo e ignorar o infortúnio.

Pouco depois de casar-se, Thomas Moore, famoso poeta irlandês do século dezenove, foi obrigado a partir em viagem de negócios. Ao voltar, foi recebido à porta não por sua bela esposa, mas pelo médico da família.

"Sua esposa está lá em cima", informou o médico. "Mas ela pede que o senhor não suba." Então Moore soube da terrível verdade: a esposa contraíra varíola, ficando com a pele, antes perfeita, terrivelmente desfigurada. Depois de olhar-se no espelho, mandou fechar as janelas e cortinados, e proibiu que o marido voltasse a vê-la. Moore negou-se a atendê-la. Subiu correndo as escadas, escancarou a porta do quarto da esposa: lá dentro estava escuro como breu. O silêncio era absoluto. Moore foi tateando em busca do bico de gás.

Então ouviu um grito assustado de um canto do quarto: "Não! Não acenda as luzes!"

Moore hesitou, dominado pelo tom implorante.

"Vá embora!" ela pediu. "Por favor! É a maior dádiva que lhe posso dar agora!"

Moore saiu. Desceu para seu gabinete, onde ficou acordado a noite inteira, escrevendo em espírito de oração. Desta vez não um poema, mas uma canção. Jamais havia composto uma canção, mas agora lhe parecia

mais adequado ao seu estado de espírito do que uma simples poesia. Não só escreveu a letra mas também compôs a melodia. Na manhã seguinte, assim que o sol raiou, ele voltou ao quarto da esposa.

Foi tateando até uma cadeira e sentou-se.

— Você está acordada? — perguntou.

— Estou, — ouviu-se uma voz do lado oposto do quarto. — mas não queira ver-me. Não me force, Thomas.

— Então vou cantar para você, — respondeu Thomas. E assim, Thomas Moore cantou pela primeira vez a canção que continua viva hoje:

"Creia-me, se todos esses jovens encantos que contemplo tão ternamente hoje, devessem mudar amanhã e de meus braços fugissem qual dons ilusórios que se esvaem, tu continuarias adorada como és neste momento: que tua beleza feneça como quiser."

Moore ouviu um movimento no canto escuro no qual sua esposa jazia em solidão. E prosseguiu:

"Que tua beleza feneça como quiser, e em torno da amada ruína cada desejo de meu coração se enlaçaria ainda verdejante..."

Quando sua voz emitiu a última nota, Moore ouviu a esposa levantar-se. Ela atravessou o aposento até a janela, ergueu a mão e abriu os cortinados.

Necessitamos de mais atitudes assim neste mundo. Há o caso do casal que poupou e poupou para um carro novo. Depois de entregue o carro, o marido disse à mulher que todos os documentos do carro e a apólice de seguro estavam num pacote no porta-luvas. No primeiro dia em que andou com o carro novo, ela foi envolvida num acidente que praticamente demoliu a frente do carro. Ilesa, em prantos e quase em pânico, ela apanhou o pacote para mostrar os documentos ao guarda de trânsito. E ali encontrou um bilhete do marido, dizendo: "Agora que teve um acidente, lembre-se de que posso sempre repor o carro, mas não você. Por favor, lembre-se de quanto a amo!"

Conforme comentei no princípio, que com os filhos tantas vezes vemos o negativo antes do positivo, um garotinho foi quase impedido de externar o que sentia porque um



adulto não o atendeu. Um bom amigo meu, Dr. Thomas Myers, contou-me esta comovente experiência:

Um menino acompanhava o pai e os avós ao seu consultório. O avô vinha andando apoiado nas duas mãos erguidas do menino que o encorajava: "Vamos, vovô, você consegue!... Só mais um pouco, vovô... O doutor vai deixar sua perna boa." A doce vovó vinha atrás.

Terminada a consulta, os três saíram da mesma forma. Na saída, o menino ganhou um balão. Depois de ajudar o avô a entrar no carro, voltou correndo ao balcão e suspendendo-se nos braços, pediu à recepcionista: "Por favor, dá-me outro balão?"

A avó, que continuava ali, o repreendeu. "Nada disso. Eu te avisei que não soltasse o balão!" Depois desculpou-se com a recepcionista: "Ele fez o mesmo na semana passada, soltou o balão assim que chegou lá fora. E desta vez eu o avisei."

O menino tentava dizer-lhe alguma coisa. Finalmente ela se abaixou. Então, com lágrimas umedecendo-lhe a face enrugada, a avó pediu: "Seria possível dar-lhe mais um balão? Sabe, a irmãzinha dele faleceu faz alguns meses, e ele gostaria de levar-lhe um balão para poder brincar também!"

Por mais críticos e judiciosos que muitas vezes temos de ser, por mais que teremos de corrigir, tão certo como temos de enfrentar as realidades desagradáveis de nossos dias, reconheçamos e louvemos as milhares de coisas belas da vida que nos cercam; os muitos exemplos maravilhosos de vida virtuosa; as qualidades e coragem de tantas almas; os excepcionais talentos e realizações de nossos familiares, vizinhos e companheiros; as inúmeras bênçãos que temos recebido. Como tem sido citado por tantos, mas parece enquadrar-se tão bem aqui:

"Dois homens olham pelas mesmas grades:

Um vê a lama, e outro as estrelas." (Frederick Langbridge, *A Cluster of Quiet Thoughts*, citado em *The Oxford Dictionary of Quotations*, 2d ed., London: Oxford Univ. Press, 1966, p. 310.)

E como nos ensina o Profeta Mórmon:

"Mas a caridade é o puro amor de Cristo e permanece para sempre; e todos os que forem achados em sua posse no último dia, bem lhes irá." (Morôni 7:47.)

Lembrai-vos, meus irmãos e irmãs, particularmente os jovens, de que Cristo veio para nos elevar e não para nos rebaixar. Como testemunha, junto com estes grandes irmãos junto ao púlpito, vos convido a virdes a ele.

Em nome de Jesus Cristo, amém.

A Compaixão Faz a Diferença

Bispo Robert D. Hales
Bispo Presidente

"O valor das almas é grande na vista de Deus."



Os povos de todas as dispensações têm recebido dos profetas vivos o ensinamento e a admoestação de cuidarem uns dos outros.

Os filhos de Mosiah "desejavam que a salvação fosse declarada a toda criatura, porque não queriam que nenhuma alma humana perecesse; e somente a idéia de que alguma alma tivesse que sofrer o tormento eterno, os fazia abalar e estremecer". (Mosiah 28:3.)

O interesse ansioso pelos que não estão participando das bênçãos do evangelho, não se restringe aos que são chamados como pastores, mas deve permear a vida de todos os filhos de Deus.

Os verdadeiros pastores nutrem e cuidam de cada componente do rebanho, e se lembram dele. Mas não o consideram um mero número; o pastor conhece e se interessa por suas ovelhas. Ele não consegue descansar mesmo quando falta uma só delas.

Anos atrás, quando moço, tive oportunidade de trabalhar durante alguns verões na fazenda de meu sábio Tio Frank, que me ensinou uma lição importante sobre pastoreio. Contou-me como os cordeiros são seduzidos a se afastarem da segurança ao lado da mãe e do rebanho que os amam e se interessam por eles.

Os espertos coiotes mandam seus filhotes brincar perto do rebanho, correndo, rolando, derrubando-se mutuamente: *parece* tão engraçado aos cordeiros. Os filhotes parecem estar-se divertindo tanto que os cordeiros ficam tentados a afastar-se da proximidade protetora do rebanho e de suas mães. Em sua inocência, não reparam que os coiotes adultos os rondam em círculo, prontos para cortar-lhes a retirada, e assim poder matar e devorá-los.

Essa é também a maneira de agir de Satanás. Ele se vale de nosso livre-arbítrio para nos seduzir com pretensos "prazeres". É fácil cair na armadilha e, se não formos levados de volta ao rebanho, já não poderemos ir ao templo, fazer convênios e receber as ordenanças necessárias para obter a vida eterna, podendo então viver na presença de Deus, o Pai, e Jesus Cristo.

Muitos de nós nos afastamos em certa ocasião; uns se arrependeram e voltaram; mas outros, por alguma razão, continuam esperando o momento adequado, a pessoa certa ou condições favoráveis para retornar.

Como membros-pastores do rebanho de nosso Pai Celeste, não nos cabe julgar por que alguns se desviaram, mas antes empenhar-nos incessantemente em trazê-los de volta ao aprisco, sabendo que Jesus poderá curá-los quando ninguém mais o consegue.

Em 1829, o Senhor nos instruiu por meio de seu profeta moderno, Joseph Smith: "Lembrai-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus... E como se alegra ele com a alma que se arrepende!" (D&C 18:10, 13.) Precisamos ser como Léhi, que disse na época do Livro de Mórmon: "Não tenho nenhum outro objetivo que não seja o eterno bem-estar de vossas almas." (2 Néfi 2:30.)

Nesta última dispensação temos profetas para nos guiar e dirigir com seus conselhos.

No Natal de 1985, a Primeira Presidência fez uma significativa proclamação: Um convite para voltar. Devido à importância dessa mensagem especial dos profetas de hoje, permiti-me citar parte das principais admoestações que se aplicam a cada um de nós no serviço ao próximo.

Dizia a mensagem da Primeira Presidência, em parte:

"Estamos informados de alguns que são inativos, de outros que se tornaram críticos e inclinados a encontrar falhas, e daqueles que foram desassociados ou excomungados por transgressões graves.

A todos eles *estendemos o nosso amor*. Estamos *ansiosos por perdoar* no espírito daquele que diz: "Eu, o Senhor, perdôo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens." (D&C 64:10.)

Aconselhamos os membros da Igreja a perdoarem aqueles que possam tê-los ofendido. Aos que deixaram de ser ativos e àqueles inclinados a criticar, dizemos: — Voltai. Voltai e banqueteai-vos na mesa do Senhor; tornai a provar dos doces e saciadores frutos da fraternidade dos santos.

Acreditamos que muitos anseiam por retornar, mas estão constrangidos em fazê-lo. *Asseguramo-vos que sereis recebidos de braços abertos e mãos estendidas dispostas a ajudar...*

Sabemos que muitos carregam pesados fardos de culpa e amargura. A estes dizemos: — Desfazei-vos deles e dai ouvidos às palavras do Salvador: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas." (Mateus 11:28-30.)

Nós vos suplicamos. Nós oramos por vós. Nós vos convidamos e recebemos com amor e apreço." (*Ensign*, março de 1986, p. 88; grifo nosso.)

Como membros da Igreja, nossas responsabilidades são claras; devemos:

— estender nosso amor e estar ansiosos por perdoar aqueles que nos

possam ter ofendido; e

— ajudar, buscando e cuidando daqueles que querem voltar, recebendo-os de braços abertos e mãos estendidas.

Devemos fazer como Judas, o irmão de Tiago, nos admoesta:

"*Apiedai-vos de alguns, que estão duvidosos.*" (Judas 1:22; grifo nosso.)

Existem princípios que nos ajudarão a ter piedade. Estes princípios são expostos no capítulo 15 de Lucas, no qual Jesus usa três parábolas como exemplos da importância que ele dá à busca dos que estão perdidos e seu resgate por meio de mostras de compaixão.

Na parábola da ovelha perdida, o pastor sai à procura dela até a encontrar. Então ele volta regozijando-se. (Ver vers. 4-7.)

Na parábola da dracma perdida, a viúva acende a candeia e varre todos os cantos da casa para achá-la. E quando a encontra, ela se alegra. (Ver vers. 8-10.)

Estas duas parábolas são exemplos de ação: procurar, iluminar e varrer até que o bem precioso ou alma perdida é recuperada e levada para casa com regozijo.

Na parábola do filho pródigo, por outro lado, o pai preocupado espera pacientemente que o filho "torne em si". (Ver vers. 11-32.) Providenciou um ambiente caloroso em casa para receber o filho de braços abertos e mãos estendidas, para que pudessem regozijar juntos. O ponto-chave é que o filho sabia que seria bem recebido e amado por seu pai.

Voltar para casa pode apresentar desafios, também. Quando o filho pródigo retornou ao lar, o irmão que fora fiel mostrou ciúmes da atenção recebida pelo irmão arrependido. O irmão fiel achou-se no direito de julgar e não teve maturidade espiritual suficiente para alegrar-se com a volta do irmão. O pai teve que lhe reafirmar seu amor.

Agora o filho pródigo tinha uma oportunidade de demonstrar a mesma atitude compassiva e afetuosa para com o irmão ciumento, que recebera do pai. Os que voltam necessitam de demonstrar atitude compassiva para com as falhas alheias, sem o que não é possível o arrependimento pleno.

Se queremos que o Senhor e outros perdoem nossas faltas, precisamos saber perdoar o próximo. Aqueles que "voltam" não podem querer julgar, lembrando-se sempre de que ninguém é perfeito.



Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, conduz a congregação num voto de apoio.

Como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, de que maneira podemos criar em nosso lar e na capela um ambiente acolhedor que dê conforto aos que querem voltar, sabendo que serão bem recebidos e amados quando chegarem?

Um bom exemplo de como a compaixão e o serviço ajudam, é o de Don e Marian Summers, que representa as experiências de muitos outros casais missionários. Durante sua missão na Inglaterra, foram designados a servir os últimos seis meses no Ramo Swindon, a fim de ali lecionarem e ajudarem na reativação de membros. Durante oitenta anos, Swindon vinha sendo um ramo com um punhado de fiéis e muitos membros de valor resvalando para a inatividade.

Don e Marian escreveram-me recentemente, contando:

"Nossa primeira visita ao Ramo Swindon foi um pouco desalentadora ao nos reunirmos com os santos num salão alugado e gelado. A congregação contava dezessete pessoas, incluindo o Presidente e Irmã Hales, e quatro missionários. Sem tirar nossos agasalhos de inverno, comprimimo-nos em torno de um pequeno e inadequado aquecedor para assistir à aula da Escola Dominical."

A carta continua:

"Um membro do ramo abordou-me certo dia: — Élder Summers, posso dar-lhe um conselho? Nunca mencione a palavra *dízimo* aos membros do Swindon; eles não crêem no princípio e só servirá para perturbá-los."

Diz o Irmão Summers: "Mas nós ensinamos o dízimo e todos os outros princípios do evangelho. Com o exemplo e incentivo do presidente do ramo, houve uma mudança de coração e a fé e atividade começaram a crescer. As fichas de membro foram todas atualizadas ao visitarmos todos os membros. Quando os líderes começaram a mostrar interesse, os membros corresponderam e o ramo foi invadido por um espírito totalmente novo. Os membros passaram a entusiarmar-se com o evangelho e a ajudar-se mutuamente.

Realizamos serões em nossa casa e colaboramos intimamente com os missionários de estaca e proselitismo. Fizemos ao Senhor a promessa de que não deixaríamos um só membro novo ou reativado tornar-se inativo enquanto estivéssemos em Swindon.

Um jovem casal viu-se obrigado a um difícil ajustamento, já que seus costumes, maneiras e modo de trajar eram diferentes. Ficaram ofendidos com algumas sugestões recebidas. Por duas vezes escreveram ao bispo (então já éramos ala) solicitando que seus nomes fossem excluídos dos registros da Igreja. Como na última carta haviam proibido qualquer visita de membros, Marian e eu fomos à floricultura, compramos um belo pote de crisântemos e mandamos entregá-lo, acompanhado de um bilhete que dizia simplesmente: "*Nós os amamos;*

sentimos falta de vocês; precisamos de vocês. Voltem, por favor." Assinado: Ala Swindon.

A reunião seguinte era de jejum e testemunho, e nosso último domingo em Swindon. A freqüência foi de cento e três membros, em comparação com os dezessete, seis meses antes. O jovem casal também compareceu e, ao prestar testemunho, o marido agradeceu à Ala Swindon por não haver desistido deles."

Todos nós podemos viver experiências semelhantes nas alas e ramos, dedicando-nos e amando os menos ativos. Que grande alegria é demonstrar compaixão para com aqueles que talvez estejam prontos para encontrar-se e então querem voltar.

Disse Jesus aos nefitas com respeito aos que *não* eram contados como seu povo:

"Não obstante, não o expulsareis das vossas sinagogas ou lugares de culto, porque a eles continuareis a ministrar; *pois não sabeis se voltará, se se arrependerá* e virá a mim com toda a sinceridade de coração, *e eu o curarei*; e sereis vós os intermediários de sua salvação." (3 Néfi 18:32; grifo nosso.)

Irmãos e irmãs, possamos sair desta conferência com a renovada decisão de, por meio de nossas orações de fé e compaixão, trazer pelo menos uma preciosa alma de volta para a salvação e exaltação. Que a prece de Alma seja nossa prece:

"Ó Senhor, conforta minha alma e faze com que eu tenha êxito, assim como os colaboradores que estão comigo...

Concede-lhes forças para suportar as aflições que terão por causa das iniqüidades deste povo...

Ó Senhor, concede-nos termos êxito para trazê-los novamente a ti em Cristo.

Eis, ó Senhor, que suas almas são preciosas e muitos deles são nossos irmãos; *dá-nos*, portanto, *ó Senhor, força e sabedoria para trazer esses nossos irmãos novamente a ti.*" (Alma 31:32-35.)

"Nós os amamos; sentimos falta de vocês; precisamos de vocês. Voltem, por favor." Voltai para ir ao templo, fazer convênios e receber as ordenanças de salvação eterna. Em nome de nosso Salvador e Redentor, Jesus Cristo, amém.

OLHAI PARA O SALVADOR

Élder Adney Y. Komatsu
do Primeiro Quorum dos Setenta

"O Salvador, como Filho de Deus, mostrou-nos o grande exemplo de obediência guardando os mandamentos de seu Pai."



Meus caros irmãos e irmãs, ao aproximar-se a Páscoa, nossa mente e nossos pensamentos voltam-se para o Senhor Jesus Cristo, sua crucificação, ressurreição e sacrifício expiatório pelos pecados do mundo.

João Batista, comissionado a ser precursor do Salvador no seu tempo, declarou que nosso Pai Celeste não se esqueceu de seus filhos na terra. Diz ele:

"O Pai ama o Filho, e todas as coisas entregou nas suas mãos.

Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida; mas a ira de Deus sobre ele permanece." (João 3:35-36.)

O advento do Salvador foi predito por muitos profetas na Bíblia e no Livro de Mórmon. Isaías, profeta do Velho Testamento, previu o nascimento do Salvador ao dizer:

"Portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel." (Isaías 7:14.)

"Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz." (Isaías 9:6.)

Como o outro testamento de Jesus Cristo, o Livro de Mórmon registra que um anjo apareceu ao Rei Benjamim dando-lhe boas-novas de grande alegria, cento e vinte e quatro anos antes da vinda de Cristo. Disse o anjo:

"Porque o tempo se aproxima e não está muito longe, em que, com poder, o Senhor Onipotente, que reina, que era e que é, de toda a eternidade a toda eternidade, descerá dos céus entre os filhos dos homens e habitará em um tabernáculo de barro; e irá entre os homens fazendo grandes milagres, tais como curar os enfermos, levantar os mortos, fazer os paralíticos andar, dar vista aos cegos, fazer os surdos ouvir e curar toda espécie de enfermidades...

E se chamará Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Pai dos céus e da terra, o Criador de todas as coisas, desde o princípio; e sua mãe se chamará Maria." (Mosiah 3:5, 8.)

Durante os mil anos da história do Livro de Mórmon, muitos profetas prestaram solene testemunho da divindade de Jesus Cristo como o Filho de Deus, de sua divindade pré-mortal, de seu ministério terreno — seu sofrimento, morte e ressurreição — e do plano de salvação pelo qual podemos tornar a expiação efetiva em nossa vida. Esses profetas falavam de conhecimento puro, conhecimento proveniente de visitações do Salvador, do testemunho de anjos que falaram com eles, de visões e do poder do Espírito Santo. Eles sabiam do que falavam e não podiam ser dissuadidos de seu testemunho.

Consideremos o exemplo de Jacó. Sherem, que negava a existência de Cristo, contendeu com Jacó e exigiu

um sinal. Sherem pregava com muita eloqüência e lisonjas, questionando o testemunho de Jacó. Este diz:

"E tinha esperança de abalar-me da fé, não obstante as inúmeras revelações e as muitas coisas que eu tinha visto referentes a estas coisas; porque eu verdadeiramente tinha visto anjos, e eles haviam ministrado a mim. E também tinha ouvido a voz do Senhor, falando-me de tempos em tempos; com suas próprias palavras; portanto, eu não podia ser abalado." (Jacó 7:5.)

Nosso amado profeta, o Presidente Ezra Taft Benson, tem-nos incentivado a estudar o Livro de Mórmon pois, conforme diz: "o livro que, seguindo seus preceitos, aproximará o homem mais de Deus do que qualquer outro livro, precisa ser estudado continuamente."

Espero e oro que acatemos a admoestação de nosso amado profeta, Presidente Benson, estudando continuamente o Livro de Mórmon. Todos nós precisamos da certeza de que estamos vivendo em obediência aos mandamentos de Deus a fim de recebermos o Espírito e sermos guiados por ele constantemente.

O Salvador, como Filho de Deus, mostrou-nos o grande exemplo de obediência guardando os mandamentos de seu Pai. Néfi diz que Cristo foi batizado para que os homens seguissem suas pegadas e recebessem o Espírito Santo:

"Não sabeis, por acaso, que ele era santo? Mas, embora sendo santo, mostra aos filhos dos homens que, segundo a carne, se humilha ante o Pai, testificando-lhe obediência na observância de seus mandamentos." (2 Néfi 31:7.)

Algumas semanas atrás fui designado a participar de uma conferência de estaca em Provo. Como a reunião de bem-estar na manhã de domingo estava marcada para as 7h30min, eu teria de sair de casa às 6h15min. Exatamente quando cheguei a um cruzamento antes do acesso à via expressa, o semáforo passou para vermelho. Sendo tão cedo, deviam ser mais ou menos seis horas e trinta, não havia nenhum carro a vista. O meu era o único carro parado no cruzamento.

Passou-me então pela mente que, se ignorasse o farol vermelho, não haveria prejuízo ou perigo para ninguém, pois não havia nenhum carro a vista. Mesmo assim, esperei o semáforo abrir para mim, e fui em frente com luz verde. Se houvesse dobrado à esquerda, ninguém saberia que estava violando uma regra de trânsito, a não ser o Senhor. Lembrei-me da escritura que diz:

"Aquele pois que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado." (Tiago 4:17.)

Irmãos e irmãs, muitas vezes somos tentados a transigir pelas circunstâncias momentâneas, mas devemos tomar cuidado e viver os princípios da retidão todos os momentos, para assim sabermos o que fazer quando obrigados a tomar uma decisão de muito maior importância. Devemos ser sempre exemplos ao mundo como membros do reino do Senhor, e guardar as leis da terra e as leis de Deus.

Diz o Senhor numa revelação moderna:

"Portanto, não vos canseis de fazer o bem, pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas provêm as grandes.

Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente; e nestes últimos dias, os de boa vontade e os obedientes comerão do bem da terra de Sião." (D&C 64:33-34.)

Como membro da Presidência de Área Utah Sul, fui recentemente convidado a participar de um programa do Instituto com homens e mulheres na Penitenciária Estadual de Utah. Ao conversar com esses homens e mulheres, meu coração se comoveu, pois são todos filhos de nosso Pai Celestial. Muitos estão ali por causa de escolhas erradas que fizeram quando se defrontaram com a tentação. Vi dor e sofrimento em seus olhos; no entanto, quando penso em seus entes queridos — pais, irmãos, irmãs, esposas, filhos — eles, também, sofrem muito e talvez os aguarde mais sofrimento no futuro. O Presidente Kimball dizia que devemos odiar o



Irmão Gerald D. Ottley rege o Coro do Tabernáculo e a congregação para cantarem "Sou Um Filho de Deus".

pecado e amar o pecador. Disse mais que o sofrimento pode santificar as pessoas, à medida que aprendem paciência, mansidão e autodomínio.

Dizia também que os sofrimentos de nosso Salvador foram parte de sua educação. "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência por aquilo que padeceu.

E sendo ele consumado (ou aperfeiçoado), veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem." (Hebreus 5:8-9.)

Declarou o Élder Talmage: "Nenhuma angústia sofrida por homem ou mulher na terra ficará sem efeito compensatório... se for suportada com paciência." (Citado por Spencer W. Kimball em "Tragedy or Destiny", *Speeches of the Year 1955-56*, Provo: Brigham Young University, 1956, pp. 5-6.)

Por outro lado, escolhas erradas podem arrasar-nos com seu poderoso impacto, se cedermos a fraquezas, queixas e críticas.

Concluindo, gostaria de citar Orson F. Whitney que disse:

"Nenhuma dor que sofremos, nenhuma provação por que passamos é inútil. Contribui para nossa educação, para o desenvolvimento de qualidades como a paciência, fé, fortaleza e humildade. Tudo o que sofremos e tudo o que suportamos, especialmente se o fizermos com paciência, edifica nosso caráter, purifica nosso coração, expande nossa alma e nos torna mais ternos e caridosos, mais merecedores de ser chamados filhos de Deus... e é pela dor e sofrimento, labuta e tribulação que obtemos a educação que viemos adquirir aqui e que nos tornará mais semelhantes ao nosso Pai e nossa Mãe nos céus." (Citado em "Tragedy or Destiny", p. 6.)

O Senhor, que tanto sofreu pelos pecados de toda a humanidade, e foi crucificado e ressuscitou, disse:

"Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor.

Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo.

O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei." (João 15:10-12.) Em nome de Jesus Cristo, amém.

SEREI FELIZ?

Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Por mais problemáticos que sejam muitos lares em nossa sociedade, não podemos destituir o lar como principal mestre de valores morais. Em nenhum outro lugar eles serão ensinados com tanto proveito."



Ao nos aproximarmos dos derradeiros minutos desta grande conferência, nossa alma sente-se tomada e elevada pelas inspiradoras mensagens de conselho e esperança que ouvimos. Venho a este púlpito em espírito de oração, não para julgar, mas para ensinar e advertir.

Recentemente vi, na parede do escritório de um presidente de estaca em Brisbane, Austrália, a gravura de uma menininha tristonha tendo por legenda: "Serei feliz?" Suponho que toda pessoa no mundo poderia perguntar o mesmo. O próprio Salvador orou para que todos os seus discípulos "tenham... alegria completa em si mesmos". (João 17:13.)

Gostaria de falar da esperança de que as crianças conheçam um futuro repleto de felicidade e paz. Nenhuma dádiva a nós concedida é tão preciosa como as crianças. Elas são prova de que Deus ainda nos ama. São a esperança do futuro.

Não posso deixar de perguntar-me no mundo de hoje: Quem as amará o bastante para ajudá-las a serem felizes? Quem as amará o bastante para ensinar-lhes fé e valores morais? Elas precisam saber tanta coisa além de sobrevivência e autogratificação. Existe tamanha necessidade de se ensinar as coisas do coração e não tanto da parte civilizadora da educação. Onde as crianças aprenderão virtude? Quem se importará o suficiente com elas para moldar seu caráter moral? Como poderão tornar-se humanas, bondosas e felizes, tornar a vida mais rica para si próprias e outros?

Esse ensino da próxima geração não é fácil numa sociedade em que muitas crenças fundamentais estão desaparecendo. As implacáveis técnicas de comercialização de massa desafiam praticamente todos os tradicionais valores humanos. A excessiva permissividade, sob a bandeira de liberdade individual, é uma das forças impulsoras disso. Chegar ao consenso público sobre quais valores deveriam ser ensinados à próxima geração é praticamente impossível. As pessoas discordam veementemente a respeito de quase tudo. As restrições sociais estão enfraquecidas.

Isto significa que teremos de ensinar aos nossos filhos um modo de vida nosso e fornecer-lhes esteios morais nesse mar de indulgência com os próprios desejos, egocentrismo e automatismo em que vivem.

Como reverter essa onda de valores impróprios? Pode-se fazer algo para combater esses desafios? Gostaria de sugerir três maneiras de aumentar a esperança de que a próxima geração cresça com uma oportunidade maior de encontrar felicidade duradoura.

Primeiro, os adultos precisam compreender e nossos filhos aprender, que as escolhas particulares não são

tão particulares; todas elas têm conseqüências coletivas.

Existe a crença popular de que fazer o que nos diz respeito ou desejamos, só interessa a nós e não afeta ninguém mais. Os mortais flagelos epidêmicos no mundo inteiro vêm florescendo no contexto dessa crença popular. Mas isto simplesmente não é verdade.

Toda conduta imoral tem um impacto direto na sociedade, afetando mesmo as pessoas inocentes. O abuso de drogas e bebidas alcóolicas tem conseqüências coletivas, públicas, assim como a ilegitimidade, pornografia e obscenidade. O custo público em termos de vidas humanas e dinheiro de impostos dessas pretensas escolhas particulares é enorme; pobreza, crime, força de trabalho menos capacitada e crescente demanda de gastos governamentais para solucionar problemas que não podem ser solucionados com dinheiro. Simplesmente não é verdade que nossa conduta particular diz respeito unicamente a nós. Nossa sociedade é a soma do que milhões de pessoas fazem em sua vida particular. Esta soma de conduta particular tem conseqüências públicas mundiais de magnitude extrema. Não existem escolhas totalmente particulares.

Segundo, adultos e crianças precisam saber que a moralidade pública e particular não está ultrapassada. Precisamos amar nossos filhos a ponto de ensinar-lhes que há necessidade de leis, polícia e programas públicos com base moral e ética para a preservação de uma sociedade pacífica, produtiva, compassiva e feliz. Sem as qualidades e atributos de integridade, honestidade, compromisso, lealdade, respeito ao próximo, fidelidade e virtude, uma sociedade livre e aberta não consegue sobreviver.

Recentemente, o Élder Dallin H. Oaks respondeu aos que dizem: "Não legislem moralidade", assim: "Suponho que as pessoas que proclamam esse conhecido *slogan*, acham que estão dizendo algo profundo. Na verdade, se chega a ser um argumento, é tão superficial que qualquer pessoa educada deveria envergonhar-se de usá-lo. Como deve ser evidente para qualquer ser pensante, uma alta proporção de toda legislação tem fundamento moral. Isto se aplica a toda a legislação criminal, à maioria das leis que regulam as



relações familiares, negócios, transações comerciais, muitas das leis que regem a propriedade e uma porção de outras." ("Gambling — Morally Wrong and Politically Unwise", transcrição de um discurso proferido no Ricks College 6 de janeiro de 1987, p. 20.)

Até recentemente, o alicerce da educação superior eram a ética e a filosofia moral, um legado transmitido de geração em geração. Esses valores são tão relevantes hoje como quando ensinados por Aristóteles, que dizia: "O homem aperfeiçoado pela sociedade é o melhor de todos os animais; é o mais terrível de todos quando vive sem lei, e sem justiça." (*Politics*, 1.1253a 31-34.) Portanto, a moralidade pública e privada necessita de muito maior ênfase em toda parte.

A terceira e mais importante maneira de preparar nossos filhos para alguma felicidade duradoura é fortalecer a família. Durante séculos a família foi o alicerce deste e de muitas outras nações, a cola que aglutinava a sociedade. Agora, muitas famílias estão em dificuldades e a cola se desfazendo. Em conseqüência, muitas crianças estão desnorteadas: estão crescendo fisicamente mas sem o sistema de apoio, a estrutura moral disciplinada e o amor e compreensão que uma família forte pode proporcionar.

É no lar e com a família que geralmente se adquirem valores, promovem tradições e estabelecem compromisssos com o próximo. E não existem substitutos adequados. Programas de igreja, escola e governo só conseguem reforçar e suplementar o que se adquire no lar.

Para fortalecer a família, é preciso restaurar o código moral da sexualidade humana. Declarou recentemente Bryce Christensen: "Crianças que observaram os pais se tratarem com afeto e cortesia, já sabem mais do relacionamento dos sexos do que jamais aprenderão em qualquer aula de fisiologia reprodutiva." (*The Family in America*, março de 1987, vol. 1, 1:3.)

Pela palavra do Senhor, todo homem e toda mulher deve praticar castidade antes do casamento e fidelidade depois. "Não adulterarás", diz o Senhor (Êxodo 20:14), "nem farás coisa alguma semelhante". (D&C 59:6.) Em sua epístola aos coríntios, o Apóstolo Paulo foi mais explícito (I Coríntios 6:9), assim como Alma no Livro de Mórmon. (Ver Alma 39:1-13.)



Alternativas para o casamento legal e afetivo entre homem e mulher estão contribuindo para desestabilizar a estrutura da sociedade humana. Esta estrutura, naturalmente, é a família. Os chamados modos de vida alternativos não podem ser aceitos como legítimos por frustrarem o mandamento divino da união frutífera de homem e mulher no casamento legal. (Ver Gênesis 1:28.) Se fossem adotados por todos os adultos, esses modos de vida significariam o fim da família.

As escrituras condenam clara e consistentemente todas as relações sexuais fora do casamento como moralmente erradas. Por que? Porque Deus assim falou. E porque nós somos feitos à imagem de Deus, macho e fêmea. (Ver Gênesis 1:27.) Nós somos seus filhos espirituais. (Ver D&C 76:24.) Estávamos com ele no princípio. (Ver D&C 93:23.) Conseguir nossa exaltação é sua obra e glória. (Ver Moisés 1:39.) Somos designados a ser os filhos da luz. (Ver D&C 106:5.) Somos herdeiros da vida eterna. O Espírito dá luz a todo homem e toda mulher que vem ao mundo. (Ver D&C 84:46.)

Que valores podem ser ensinados mais eficazmente no lar? Por mandamento, os pais devem ensinar aos filhos fé em Cristo, arrependimento, batismo e o dom do Espírito Santo. (Ver D&C 68:25.) No lar, na cálida segurança da disciplina e do amor, aprendemos os valores que continuam sempre os mesmos. Aprendemos a diferença entre certo e o errado, bem como autodisciplina, autodomínio, responsabilidade pessoal, todos os fundamentos do bom caráter, consideração pelos outros e civilidade.

Não importa se públicos ou privados, os valores não se conservam por muito tempo sem serem regenerados e sustentados pela crença religiosa; são uma questão de renovação contínua. O despertar da fé e da crença em valores religiosos é essencial. O ensino familiar é incentivado pela Igreja e esta, por sua vez, unifica a família eterna por meio de convênios e ordenanças. Nossos templos são testamentos de nossa fé na família eterna.

Alegam alguns que a família não pode cumprir a tarefa simplesmente porque tantas pessoas não têm família. É verdade que muitos não têm uma verdadeira família. Ou então se diz que um número excessivo de famílias não tem sucesso. Infelizmente, isto também é verdade. Todavia, apesar de todas deficiências, a família é, sem dúvida, a melhor resposta para os problemas humanos na história da humanidade. Em lugar de debilitar ainda mais os laços familiares, eles precisam ser fortalecidos. A Igreja dispõe do excelente livreto *Guia para os Pais*. Gostaria de exortar pais sobrecarregados a aceitarem toda ajuda possível. Não poderiam avós, irmãos, irmãs, tios, tias, primos e amigos reforçarem igualmente pelo exemplo e por preceito seu amor e interesse pelos membros da família como um todo?

Minha Tia Angie confeccionou a mão, cento e setenta e cinco acolchoados para seus filhos, netos, sobrinhos, sobrinhas e outros. São todos uma obra de arte; porém, muito mais importante, cada um é uma obra de amor. Ela pode dizer ao parente quando o presenteia com um acolchoado especialmente feito para ele: "Exceto quando piquei meu dedo, com cada ponto pensei em meu amor a você."

A boa vida familiar aparentemente tem pouco a ver com nossas condições de opulência ou pobreza. No mundo inteiro, há pobres com família boa e bem estruturada. Eles fazem o que podem para criar os filhos e serem bons vizinhos; são "pobres" em dinheiro mas "ricos" em valores. Tanto ricos como pobres enfrentam problemas de família.

A Conferência sobre Família da Casa Branca informa que "boas famílias, ricas, pobres ou entre os dois extremos, proporcionam aos filhos incentivo e apoio, mas não desculpas. Ensinam caráter. Insistem em padrões. Exigem respeito. Requerem bom desempenho." (*The White House Report on the Family*, relatório do grupo de trabalho sobre a família, novembro de 1986, p. 32.)

E o mencionado relatório prossegue: "Para a maioria... a vida não é uma questão de batalhas legislativas, sentenças judiciais ou decisões executivas. É uma textura de mãos prestativas e bons vizinhos; histórias na hora de dormir e orações compartilhadas; lancheiras preparadas com amor e orçamento doméstico equilibrado; lágrimas que se enxugam e um precioso legado transmitido; trabalho duro e um pouco de reserva para o futuro. Numa sociedade saudável, heróis são os homens,

mulheres e crianças que mantêm o mundo inteiro, um lar por vez; os pais e avós que renunciam a prazeres, adiam compras, se privam de opções e dedicam a maior parte da vida à mais nobre empresa do cidadão: criar filhos que, apoiados nos ombros da geração anterior, enxergarão mais longe e subirão mais alto." (Pp. 8-9.)

Por mais problemáticos que sejam muitos lares em nossa sociedade, não podemos destituir o lar como principal mestre de valores morais. Em nenhum outro lugar eles serão ensinados com tanto proveito. Conforme aconselhava Brigham Young, precisamos ensinar os filhos mais "pela fé que pela vara, conduzindo-os amavelmente por meio do bom exemplo a toda verdade e santidade". (*Discursos de Brigham Young*, p. 208.)

Existe uma profunda necessidade pública e particular de recuperar para os filhos o consolo da fé e do pertencer. Nenhum produto da riqueza, tecnologia e ciência consegue satisfazer a fome espiritual íntima.

Sem recorrer à palavra de nosso Criador, ninguém possui sabedoria suficiente para separar os valores éticos, espirituais e morais que devem ser ensinados à próxima geração, e a seus filhos, e aos filhos de seus filhos.

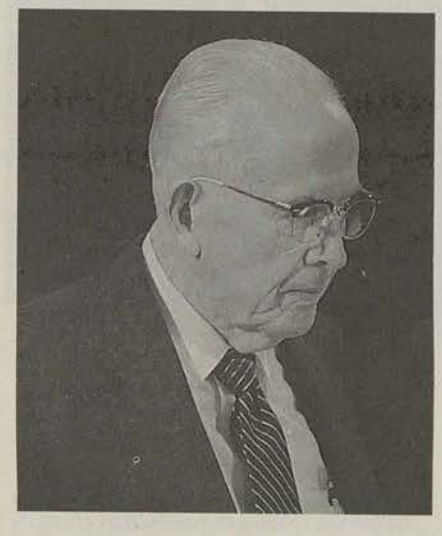
Existe motivo para esperança. Mais pessoas parecem estar reconhecendo que as soluções públicas não são tão eficazes como as soluções familiares. Certa autoridade parece estar voltando ao chefe da casa. Mais importante, porém, vejo muitos adultos, na maioria pais e avós, que se mostram "loucos por criança". Se no processo conseguirmos trazer de volta à nossa vida e nosso lar sagradas verdades morais e espirituais, havemos de recuperar uma sagrada e preciosa parte de nossa herança.

Alguém precisa amar crianças o suficiente para fazê-lo. Então, se for feito em toda parte, poderemos responder aos meninos e às meninas que indagam: "Serei feliz?": "Certamente. Você será feliz, e mais ainda. Se guardar os convênios e mandamentos de Deus, gozará a alegria prometida pelo Salvador quando andou pela terra. Você terá "paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro", (D&C 59:23)", que é a suprema mensagem desta Igreja para o mundo. Em nome de Jesus Cristo, amém.

O Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios

Presidente Ezra Taft Benson

"O Livro de Mórmon é a pedra fundamental de nossa religião, e Doutrina e Convênios é a pedra de cúpula, com contínua revelação moderna. O Senhor apôs seu selo aprovador tanto à pedra fundamental como à pedra de cúpula."



Meus amados irmãos e irmãs, regozijo-me nesta grande conferência. Sou um homem melhor por ter estado aqui. Sou grato ao Senhor pelo grande recorde conseguido. Esta é mais uma gloriosa conferência da Igreja. Recomendo a cada um de vós os conselhos destes irmãos que vos falaram. Eu os amo e os apóio, e amo os membros da Igreja de toda parte.

Gostaria de falar a respeito de duas sagradas escrituras modernas: o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios.

O Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios destinam-se ambos, como revelações do Deus de Israel, a congregar e preparar seu povo para a segunda vinda do Senhor.

Trazer essas sagradas escrituras à luz "para a salvação de um mundo arruinado" custou o "melhor sangue do século dezenove": o de Joseph Smith e seu irmão Hyrum. (D&C 135:6.)

Cada testemunho divino contém uma grande proclamação ao mundo inteiro: a página-título do Livro de Mórmon e a seção 1, o prefácio do Senhor para Doutrina e Convênios.

"Esta geração", disse o Senhor a Joseph Smith, "receberá a minha palavra por teu intermédio". (D&C 5:10.) E assim aconteceu por meio do Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e outras revelações modernas.

O Livro de Mórmon e Doutrina & Convênios testificam um do outro. Não se pode crer num deles e rejeitar o outro.

O Livro de Mórmon testifica dos livros de escritura modernos. Refere-se a eles como "outros livros" e "últimos registros" que "(estabelecem) a verdade" da Bíblia e dão a conhecer "as coisas claras e preciosas que (dela) haviam sido tiradas". (1 Néfi 13:39-40.)

Excluindo as testemunhas do Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios é sem dúvida a maior testemunha e evidência da veracidade do Livro de Mórmon que temos do Senhor. No mínimo treze seções de Doutrina e Convênios nos proporcionam conhecimento confirmador e testemunho divino de que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus. (Ver D&C 1; 3; 5; 8; 10-11; 17-18; 20; 27; 42; 84; 135.)

Doutrina e Convênios é o elo que liga o Livro de Mórmon à contínua obra da restauração, por meio do Profeta Joseph Smith e seus sucessores.



Em Doutrina e Convênios aprendemos a respeito da obra vicária, família eterna, graus de glória, organização da Igreja e muitas outras grandes verdades da Restauração.

"Examinai estes mandamentos", diz o Senhor de Doutrina e Convênios, "pois são verdadeiros e fiéis, e as profecias e as promessas nele contidas serão todas cumpridas.

O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus e a terra, a minha palavra não passará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa." (D&C 1:37-38.)

O Livro de Mórmon leva os homens a Cristo. Doutrina e Convênios leva os homens ao reino de Cristo, mesmo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, "a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra". (Vers. 30.) Eu sei disso.

O Livro de Mórmon é a pedra fundamental de nossa religião, e Doutrina e Convênios é a pedra de cúpula, com contínua revelação moderna. O Senhor apôs seu selo aprovador tanto à pedra fundamental como à pedra de cúpula.

A preparação do Livro de Mórmon nos tempos antigos, sua preservação e sua publicação confirmam as palavras de Néfi de que "o Senhor tudo sabe, desde o começo. Portanto, ele prepara o caminho pelo qual devem ser cumpridas todas as suas obras entre os filhos dos homens; pois que ele é Todo-Poderoso para fazer cumprir as suas palavras." (1 Néfi 9:6.)

Não precisamos provar que o Livro de Mórmon é verdadeiro ou um registro autêntico mediante evidências externas, embora haja muitas. Nunca foi o caso, nem é agora, que os estudos dos eruditos provem a veracidade ou falsidade do Livro de Mórmon. A origem, a preparação, a tradução e a verificação da veracidade do Livro de Mórmon estão nas mãos do Senhor, e ele não comete enganos. Disto podeis estar seguros.

Deus incluiu no Livro de Mórmon seu próprio método de prova, conforme se encontra no capítulo dez de Morôni, e no testemunho das três e das oito testemunhas, e em várias seções de Doutrina e Convênios.

Cada um de nós precisa obter seu próprio testemunho do Livro de Mórmon pelo Espírito Santo. Então o nosso testemunho, aliado ao Livro de Mórmon, deve ser compartilhado com outros para que eles, também, saibam pelo Espírito Santo de sua veracidade.

Néfi testifica que o Livro de Mórmon contém as "palavras de Cristo" e que se as pessoas "(acreditarem) em Cristo", acreditarão no Livro de Mórmon. (2 Néfi 33:10.)

É importante que ao ensinar usemos a linguagem das santas escrituras. Diz Alma: "Eu... vos ordeno na linguagem daquele que me ordenou." (Alma 5:61.)

As palavras e como elas são usadas pelo Senhor no Livro de Mórmon devem tornar-se nossa fonte de entendimento, e ser por nós empregadas ao ensinar princípios do evangelho.

Deus usa o poder da palavra do Livro de Mórmon como instrumento para mudar a vida das pessoas: "Como a prédica da palavra fazia com que o povo tivesse uma grande tendência para praticar o que era justo — sim, produzia mais efeito sobre as almas do povo do que a espada ou qualquer outra coisa que lhe houvesse acontecido — Alma pensou que seria aconselhável experimentar a virtude da palavra de Deus." (Alma 31:5.)

Alma lembrou aos irmãos da Igreja como Deus livrou a alma de seus pais do inferno: "Eis que ele transformou seus corações, sim, despertou-os de um profundo sono, e acordaram para Deus. Eis que estavam em meio da escuridão; e, não obstante, suas almas foram iluminadas pela luz da palavra eterna." (Alma 5:7.)

Temos de usar a palavra eterna para despertar os que dormem profundo sono a fim de que acordem "para Deus".

Estou profundamente preocupado com o que estamos fazendo para ensinar aos santos, em todos os níveis, o Evangelho de Jesus Cristo com a mesma perfeição e autoridade que o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios. Com isto quero dizer, ensinar o "grande plano do Deus Eterno", segundo as palavras de Amuleque. (Alma 34:9.)

Estaremos usando as mensagens e métodos de ensino encontrados no Livro de Mórmon e em outras escrituras da Restauração para ensinar esse grande plano do Deus Eterno?

Há muitos exemplos de como

ensinar esse grande plano, mas citarei apenas um. É o resumo de Mórmon do trabalho de Aarão como missionário:

"E aconteceu que, quando Aarão se certificou de que o rei acreditaria em suas palavras, começou a ler-lhe as escrituras, desde a criação de Adão: como criou Deus o homem à sua imagem e lhe deu mandamentos, e como, tendo transgredido, o homem caiu.

E Aarão explicou-lhe as escrituras, desde a criação de Adão, expondo-lhe a queda do homem, o seu estado carnal, como também o plano de redenção que havia sido preparado desde a fundação do mundo, através de Cristo, para todos os que acreditassem em seu nome.

E tendo o homem caído, por si mesmo nada pode merecer; mas os sofrimentos e a morte de Cristo expiam seus pecados por meio da fé (e) do arrependimento." (Alma 22:12-14.)

Os santos do Livro de Mórmon sabiam que o plano de redenção deve começar pelo relato da queda de Adão. Nas palavras de Morôni: "Por Adão veio a queda do homem. E por causa da queda do homem veio Jesus Cristo,... e por causa de Jesus Cristo veio a redenção do homem." (Mórmon 9:12.)

Exatamente como o homem não pensa em alimento até sentir fome, também não deseja a salvação de Cristo até saber por que necessita de Cristo.

Ninguém sabe adequada e apropriadamente por que necessita de Cristo até compreender e aceitar a doutrina da queda e seus efeitos sobre toda a humanidade. E nenhum outro livro do mundo explica essa doutrina vital tão bem como o Livro de Mórmon.

Irmãos e irmãs, todos nós precisamos fazer um cuidadoso inventário de nosso desempenho, como também do desempenho daqueles que presidimos, para estarmos seguros de que ensinamos o "grande plano do Deus Eterno" aos santos.

Estamos aceitando e ensinando o que a revelação nos informa a respeito da criação, de Adão e da queda do homem, e da redenção dessa queda pela expiação de Cristo? Revemos freqüentemente as perguntas decisivas que Alma faz aos membros da Igreja no capítulo cinco de Alma, no Livro de Mórmon?



Nós compreendemos realmente e somos eficientes ao ensinar e pregar a expiação? Qual o sentido pessoal que o sofrimento do Senhor no Getsêmani e no Calvário tem para cada um de nós?

O que significa para nós a redenção da queda? Nas palavras de Alma, nós "cantamos o cântico do amor que redime"? (Alma 5:26.)

Pois bem, qual deve ser a fonte para o ensino do grande plano do Deus Eterno? As escrituras, é lógico, particularmente o Livro de Mórmon. Isto deveria incluir também as outras revelações modernas, aliadas às palavras dos apóstolos e profetas, e aos influxos do Espírito.

Alma "ordenou-lhes que não ensinassem senão as coisas que ele havia ensinado, as quais haviam sido declaradas pela boca dos santos profetas". (Mosiah 18:19.)

Doutrina e Convênios declara: "E que viajem de lá pregando a palavra pelo caminho, dizendo nada mais do que escreveram os profetas e apóstolos, e o que lhe for ensinado pelo Consolador por meio da oração de fé." (D&C 52:9.)

Agora, depois de ensinar o grande plano do Deus eterno, temos de prestar testemunho pessoal de sua veracidade.

Depois da grande mensagem aos santos sobre o nascer de novo e a necessidade de "uma grande transformação" em seus corações, Alma selou os ensinamentos com seu testemunho, nestas palavras:

"E isso ainda não é tudo. Supondes, por acaso, que eu não conheça essas coisas por mim mesmo? Eis que vos afirmo que as coisas de que falei são verdadeiras. E como supondes que tenho certeza de sua veracidade?

Eis que eu vos digo que elas me foram mostradas pelo Santo Espírito de Deus. Jejuei e orei durante muitos dias para poder conhecer essas coisas por mim mesmo. E agora sei por mim mesmo que são verdadeiras, pois o Senhor Deus mas revelou por seu Santo Espírito; e esse é o espírito de revelação que está em mim." (Alma 5:45-46.)

Mais tarde, Amuleque juntou-se a Alma como seu companheiro de missão. Depois de Alma haver transmitido sua mensagem aos zoramitas a respeito da fé em Cristo, Amuleque selou com seu testemunho a



Presidente Ezra Taft Benson com Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

mensagem do companheiro com estas palavras:

"E agora, eis que eu vos testemunho por mim próprio que essas coisas são verdadeiras. E vos digo que sei que Cristo virá entre os filhos dos homens, para tomar sobre si as transgressões de seu povo e expiar os pecados do mundo, porque o Senhor Deus assim o disse." (Alma 34:8.)

Em seu prefácio de Doutrina e Convênios, diz o Senhor que "a voz de advertência irá a todos os povos pela boca de meus discípulos, os quais escolhi nestes últimos dias". (D&C 1:4.)

A responsabilidade da semente de Abraão, que somos nós, é ser missionários "(levando) este ministério e sacerdócio a todas as nações". (Abraão 2:9.) Moisés conferiu a Joseph Smith, no Templo de Kirtland, as chaves da coligação de Israel. (Ver D&C 110:11.)

Agora, qual é o instrumento designado por Deus para essa coligação? É o mesmo designado a convencer o mundo de que Jesus é o Cristo, que Joseph Smith é seu profeta e que a A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira. É a escritura que é a pedra fundamental de nossa religião.

É o livro mais correto que, seguindo seus preceitos, os homens aproximar-se-ão mais de Deus do que por qualquer outro livro. É o Livro de Mórmon. (Ver Introdução, Livro de Mórmon.)

Que Deus nos abençoe para que usemos todas as escrituras, particularmente o instrumento designado a nos conduzir a Cristo — o Livro de Mórmon, pedra fundamental de nossa religião — junto com seu companheiro, a pedra de cúpula, Doutrina e Convênios, o instrumento designado a nos levar ao reino de Cristo, a A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Agora, em virtude do sagrado sacerdócio em mim investido, eu invoco as bênçãos do Senhor sobre os santos dos últimos dias e sobre os homens de bem em toda a parte.

Abençoo-vos com acrescido poder de perseverar em retidão em meio à crescente e violenta investida da iniqüidade, sobre a qual ouvimos bastante nesta conferência.

Prometo-vos que, estudando mais diligentemente a revelação moderna sobre assuntos do evangelho, vosso poder de ensinar e pregar será magnificado e promovereis a causa de Sião de maneira a que um número maior entrará na casa do Senhor bem como no campo missionário.

Abençoo-vos com desejo mais intenso de inundar a terra com o Livro de Mórmon, de arrebanhar do mundo os eleitos de Deus que procuram a verdade mas não sabem onde encontrá-la.

Eu vos prometo que, com a crescente freqüência ao templo de nosso Deus, recebereis acrescida revelação pessoal para abençoar vossa vida assim como abençoais aqueles que morreram.

Testifico que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus. Jesus é o Cristo. Joseph Smith é seu profeta. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira, em nome de Jesus Cristo, amém.

Élder George Richard Hill III, do Primeiro Quorum dos Setenta



"Não me recordo de um só momento em que eu não tivesse fé em Jesus Cristo, e não me recordo de um só momento em que não soubesse que receberia o grau de doutorado", declara o Élder George Richard Hill, do Primeiro Quorum dos Setenta.

Essa declaração mostra perfeitamente o caráter da nova Autoridade Geral. Élder Hill não somente dedicou a vida a serviço da Igreja, servindo três vezes como bispo, como Representante Regional de três regiões diferentes e como conselheiro em duas superintendências gerais do PAS, mas também é um pioneiro no campo de combustíveis fósseis. Em 1946, George Hill obteve o doutorado em química da Universidade Cornell, enquanto servia como presidente de ramo.

Nesse mesmo ano, a Universidade de Utah contratou Dr. Hill para pesquisar combustíveis em Utah. Em 1951, a escola solicitou-lhe que desse início ao Departamento de Engenharia Combustível. Ele comenta: "Para poder organizar o novo departamento, tive que providenciar nove cursos, que eu jamais fizera." Contudo, ele enfrentou o desafio, e o departamento logo recebeu o apoio do governo federal.

De 1966 a 1972, Dr. Hill foi reitor da universidade. Em seguida foi nomeado diretor do Gabinete de Pesquisa do Carvão, do Ministério do Interior dos EUA e mudou-se para Washington, D.C. De lá, foi para o Instituto de Pesquisa da Energia Elétrica em Palo Alto, Califórnia, para dirigir o Departamento de Combustíveis Fósseis. Em 1977, retornou à Cidade do Lago Salgado como catedrático de tecnologia de ambiente da Engenharia Química na Universidade de Utah, o que lhe permitia mais liberdade para ensinar e pesquisar.

"Para nós que gostamos de ensinar, a cátedra é como o reino celestial", comenta ele sorrindo. Nos últimos anos, o Dr. Hill escreveu mais de uma centena de artigos para revistas destinadas a profissionais e recebeu numerosas condecorações, incluindo o Prêmio Henry H. Storch, outorgado pela Sociedade Americana de Química e um título de cientista honorário da Universidade Brigham Young.

"Meus pais estabeleceram um sólido alicerce tanto na Igreja como na educação", declara Élder Hill. Seus pais, George Richard Jr., e Elizabeth McKay Hill (irmã do Presidente David O. McKay), foram reitores de faculdades que agora constituem a Universidade Estadual de Utah. Seu pai também foi superintendente geral da Escola Dominical. "Meu pai foi um verdadeiro entusiasta e exemplo para mim", acrescenta Élder Hill. "Ambos recebemos as medalhas Búfalo de Prata e Antílope de Prata no escotismo. Um de seus ensinamentos que mais causaram impacto em mim foi — Não há limites para o bem que uma pessoa pode realizar, se ela não se preocupar em saber quem receberá a recompensa.

O Élder e a Irmã Hill são um casal centralizado na família. Ele conheceu sua esposa, Melba Parker, na Universidade Brigham Young, onde ele obteve seu bacharelado em química. Eles se casaram quando cursava o último ano. O casal tem sete filhos — cinco moram dentro de uma área de dez quadras da casa de seus pais — e vinte e sete netos. Irmã Hill, cujos avós faleceram antes que ela nascesse, decidiu desde cedo ser uma avó ativa. Sua casa vive repleta de netos todos os dias.

O Élder Hill aprecia muito a convivência com os netos. Ele ajudou os netos a aprender esquiar, e há mais ou menos sete anos ele e um de seus filhos que estava na Alemanha, obtiveram licença de radioamador para poderem comunicar-se. Um dos principais empreendimentos da família tem sido restaurar o velho lar McKay em Huntsville, juntamente com a própria família McKay. Os Hill construíram um chalé em Huntsville, e lá permanecem todos os verões para que a Irmã Hill possa ajudar a conduzir os grupos durante as visitações públicas semanais ao velho lar McKay.

Élder Hill recebeu a condecoração mais alta do escotismo americano (Eagle Scout) na mesma ocasião que seu filho mais velho. Ele explica: "Por causa de problemas com sinusite na adolescência, nunca pude receber a medalha de mérito de natação. Levei quase um ano de preparação antes que pudesse receber a medalha e meu filho teve que esperar uns seis meses para que pudéssemos receber a condecoração mais alta do escotismo americano juntos. Nessa época, ele era bispo da Ala II de Holladay, e não havia limite de idade para obter a condecoração mais alta do escotismo americano. Mais tarde, durante os sete anos em que Élder Hill ajudou a planejar os cursos de treinamento para escoteiros em Philmont, Novo México, enquanto a família passava férias lá. "As meninas gostavam de lá tanto quanto os rapazes e os adultos", recorda ele.

Quando lhe perguntaram sobre a reação ao chamado como Autoridade Geral, Élder Hill disse: "Estou emocionado em poder servir ao Senhor em tempo integral. Planejei aposentar-me neste ano como professor para dispor de mais tempo. O chamado não poderia ter vindo em hora mais adequada. O trabalho na Igreja tem sido um prazer para mim. Creio que a parte mais difícil do chamado, no entanto, será deixar de ver os netos por longos períodos. Contudo, nós os amaremos ainda mais." □

Élder John R. Lasater, do Primeiro Quorum dos Setenta



Desde a época em que Joseph Smith foi tenente-general da Legião de Nauvoo, não houve uma outra Autoridade Geral que fosse um general.

Élder John R. Lasater, apoiado na conferência de abril como membro do Primeiro Quorum dos Setenta, se tornou o primeiro. Um general da Força Aérea aposentado e piloto de caça F-4 por profissão, Élder Lasater servia como Presidente da Missão Auckland, Nova Zelândia. Ele e sua esposa, Marilyn Jones, da Cidade de Samaria, Estado de Idaho, são pais de quatro filhos — Mary Lynn, Leslie Ann, Melanie e Carolyn, todas casadas — e um filho, Garth, que estuda na BYU e se casará neste ano.

A família Lasater morou na Alemanha por três vezes. Na última vez em que lá estiveram, Élder Lasater era Representante Regional designado para a estaca dos militares na Europa. Outrora, já fora presidente dessa estaca, que abrange aproximadamente 130 km quadrados. O Presidente Harold B. Lee chamou John R. Lasater para esse cargo e o abençoou com uma promessa maravilhosa. Na época do chamado, o Major Lasater se considerava um homem inadequado para o trabalho, uma vez que ele precisava despender quase todo o tempo viajando de avião para várias bases americanas da Europa, treinando e avaliando o desempenho de pilotos. Mas o Presidente Lee o designou, prometendo-lhe que seria capaz de presidir e conduzir os encargos da estaca sem que isto interferisse em seu trabalho. Posteriormente o Presidente Lee o abençoou dizendo que sua ascensão na carreira militar seria extraordinária.

Logo no dia seguinte, quando o Major Lasater se preparava para partir em um vôo de avaliação de rotina às bases da Europa, ele foi chamado por seu general-comandante e avisado de que não devia ir naquele vôo; mais tarde, sua designação foi permanentemente mudada. Daquele dia em diante ele passou a ser assistente executivo do escritório do general. John Lasater não teve que viajar mais nenhuma vez depois disso, o que lhe possibilitou servir ininterruptamente como presidente de estaca. O General Lasater atribui sua rápida ascensão na carreira exclusivamente à bênção do Senhor, bem como aos padrões do sacerdócio, que tem sido uma diretriz em sua vida.

Cada uma das cinco pontas das estrelas usadas pelos generais no serviço militar representa as qualidades esperadas nos homens daquela categoria: honra, integridade, lealdade, serviço e fidelidade. Estes elevados padrões são as qualidades de um verdadeiro líder, "qualidades que provêm do interior de um homem".

Como pensa o Élder Lasater, os ideais militares e os princípios do evangelho são mais similares do que a maioria das pessoas possa imaginar. Ele vê o serviço militar como uma "nobre profissão — embora não tenha sido sempre assim — onde antigas virtudes são praticadas e defendidas. Progride-se vivendo estas virtudes, e não defendendo-se alguns dos mitos de serem as guerras gloriosas e os soldados durões. Nos Estados Unidos, o serviço militar de hoje é um dos mais bem selecionados, com operações mais severamente controladas no mundo".

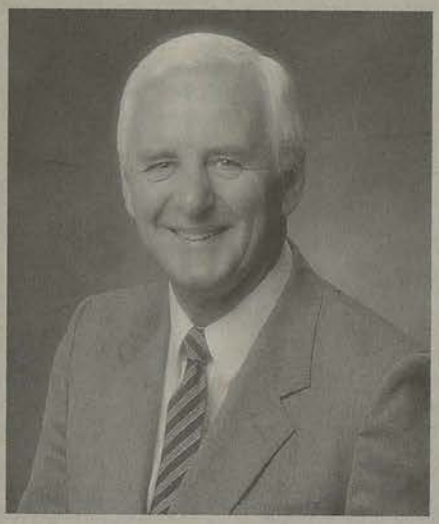
Com relação à sua promoção a general, o Irmão Lasater se recorda de ter dito ao seu oficial superior: "Espero poder lembrar-me de que posso estar errado e de que posso ser grande o suficiente para admití-lo.

Ele tem tentado lembrar-se disto e confiado no Senhor em seus principais chamados, os quais muito dependeram deste julgamento.

Consultor Militar da Reserva do Departamento de Controle de Armas e Desarmamento; Comissário Americano do Comitê Consultivo Efetivo em Genebra; Comandante da IV Divisão Aérea (responsável por aviões-bombardeiros, e vinte e oito mil homens); e finalmente quando assessor do Secretário da Defesa, sob a administração Caspar Weinberger, o General Lasater acredita ter sido bem sucedido graças à sua confiança no braço do Senhor.

O exército do Senhor também precisa de servos fiéis que alcançaram tais padrões de liderança. □

Élder Douglas J. Martin, do Primeiro Quorum dos Setenta



Ainda jovem, Douglas Martin, de Hamilton, Nova Zelândia, foi apresentado ao Evangelho de Jesus Cristo por meio de uma atraente moça Maori, Amelia Wati Crawford. Seu exemplo ajudou a trazê-lo para a Igreja, e a dedicação do povo de Maori, que conheceu na Igreja, o ajudou a aprender o que significa ser um santo dos últimos dias.

"Eles me mostraram um exemplo de total obediência e fé no Senhor", lembra ele. Eles possuíam muito pouco no que se refere a bens materiais ou educação secular, mas aprender o evangelho e seguir o Salvador eram muito mais importantes para estes membros maoris do que obter bens materiais para tornar a vida mortal confortável.

"Creio que aprendi obediência com este povo", reflete Élder Martin. "Eu gosto de ser obediente."

E isto é somente uma das forças que ele traz a seu novo chamado como membro do Primeiro Quorum dos Setenta. Observando os membros de seu novo quorum, ele declara: "Eu me sinto o menor deles." Mesmo assim, todos os poderes e habilidades que ele tem a oferecer são dedicados ao serviço do Salvador, aos líderes da Igreja, e ao seu quorum.

O chamado foi assombroso. "Eu, literalmente, não consegui dormir a noite toda" depois de recebê-lo, lembra Élder Martin. "Eu fiquei atordoado."

Não obstante, o chamado era o inesperado cumprimento de uma esperança. Somente as duas semanas da aposentadoria como gerente de uma indústria de extrusão de plástico, ele estava se preparando para preencher o seu tempo com alguns de seus passatempos favoritos, apicultura, jardinagem, pesca, carpintaria, ou surfe — se necessário. Mas o que ele e a Irmã Martin realmente queriam, após vários anos em cargos de liderança na Igreja, era uma oportunidade para prestar serviço de tempo integral. Talvez eles esperassem receber um chamado para missão. No momento, Élder Martin está ansioso "para pela primeira vez, dedicar minha vida totalmente ao Senhor".

De certo modo, Élder Martin na verdade escolheu este caminho há muitos anos.

Ele nasceu em 20 de abril de 1927 em Hastings, Baía de Hawkes, Nova Zelândia. É filho de George e Jessie Jamieson Craigie Martin.

Embora já tivesse 24 anos quando foi batizado em 1951, cumpriu missão antes de se casar com Amelia. Como não houvesse templo na Nova Zelândia, Douglas e Amelia viajaram ao Havaí, em 1954, em companhia de um grupo de membros maoris mais velhos, para se casarem no templo. Os Martin têm três filhos vivos: James, Sydney e Douglas. (O outro filho, Craig, morreu afogado na infância.)

O serviço na Igreja tem sido uma constante na vida do Élder Martin. Logo após a dedicação do Templo de Nova Zelândia, em 1958, o Presidente David O. McKay chamou-o para ser selador. Durante os primeiros quatro anos de funcionamento do templo, Douglas Martin serviu como registrador do templo.

Ao mesmo tempo, ele servia como bispo. Mais tarde foi conselheiro em duas presidências de estaca e presidente da Estaca Hamilton Nova Zelândia por quase dez anos. É patriarca daquela estaca e estava servindo como Representante Regional quando recebeu o chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta.

Élder Martin comenta que sua esposa o apóia constantemente no trabalho da Igreja. "Ela coloca a Igreja em primeiro lugar. Ela tem uma fé total", que provém de sua herança maori, acrescenta ele.

Irmã Martin declara que, através dos anos, aprendeu a apreciar o amor e a consideração de seu marido pelo próximo, sua habilidade como apaziguador, e sua força espiritual.

Os Martin não sentem tristeza por ter de abandonar seus planos para a aposentadoria ou sua casa de férias que estavam construindo. Eles estão ansiosos pelo privilégio de servir ao Senhor em tempo integral. Élder Martin comenta que será uma bênção em sua vida pessoal associar-se aos membros do Primeiro Quorum dos Setenta e sentir sua grande influência.

"Espero poder merecer a confiança depositada em mim", diz ele, "e só poderei fazê-lo permanecendo próximo ao Senhor". □

Élder Alexander Morrison, do Primeiro Quorum dos Setenta



Alexander B. Morrison preocupa-se com assuntos de vida e morte. Ele é um cientista cujo coração, mente, e força estão dedicados à cura e exterminio de doenças e desnutrição. E como novo membro do Primeiro Quorum dos Setenta, Élder Morrison está igualmente preocupado com a saúde espiritual.

"Uma das grandes paixões de minha vida", declara ele, "é a minha preocupação com os pobres, abandonados e oprimidos". Formado em nutrição e farmacologia, Dr. Morrison dirigiu vários comitês internacionais da Organização Mundial de Saúde, liderou grupos de cientistas ganhadores do Prêmio Nobel, e é catedrático de seu departamento na Universidade de Guelf no Canadá, onde leciona.

Como médico sanitarista, seu trabalho atualmente abrange três dimensões. Primeira, seu desempenho acadêmico na universidade, tentando preparar outros para eliminar doenças que exterminam centenas de milhões de vidas anualmente.

Segunda, como administrador de normas públicas relativas à segurança do meio-ambiente e de alimentos em seu posto no Departamento de Proteção à Saúde do governo do Canadá, prometeu leis e ajudou a regulamentar o uso de poluidores de ambiente. (O raio de ação de seu trabalho nesta posição foi equivalente às tarefas conjuntas realizadas pela Administração de Drogas e Alimentos dos Estados Unidos, principal atividade do Departamento de Proteção ao Meio-Ambiente, e do Centro Nacional para o Controle de Moléstias.)

A terceira dimensão de seu trabalho, e talvez a mais próxima de seu coração, tem sido o esforço no combate a doenças em países subdesenvolvidos. Na Organização Mundial de Saúde, ele ocupou por muitos anos a presidência do Comitê Consultor Científico e Técnico do Programa Especial para Pesquisa e Treinamento em Doenças Tropicais. Este grupo trabalha com vinte países-membros das Nações Unidas para combater moléstias que afetam milhões de pessoas.

"A medicina tropical tem sido negligenciada há cinqüenta anos, deixando o povo à mercê do sofrimento e da morte por doença", declara ele. "Eles são o povo mais pobre da terra, portanto, não há incentivo para que as indústrias farmacêuticas façam pesquisas e incentivem os médicos para tratá-los."

Seu trabalho internacional foi reconhecido em 1984, quando foi o primeiro a receber o Prêmio David M. Kennedy de Serviço Internacional, outorgado pelo Centro Internacional Kennedy, da Universidade Brigham Young.

Nascido a 22 de dezembro de 1930, o Irmão Morrison filiou-se à Igreja quando era estudante universitário, assim que descobriu que a vida terrena é a época para aprender e progredir eternamente, que a glória de Deus é a inteligência, e que o casamento é eterno. Desde essa época serviu como presidente de ramo, bispo, agente regional de bem-estar, e como Representante Regional. Ele e sua esposa, Shirley, têm oito filhos, sendo que um ainda reside com eles.

Dr. Morrison é descrito por aqueles que trabalham com ele como um homem que entende o ser humano e tem capacidade de analisar aspectos técnicos das necessidades sanitárias. Ele recebeu seu doutorado pela Universidade de Cornell em 1956, nove anos depois obteve seu mestrado em farmacologia, para manter-se em dia com o desenvolvimento de pesquisas com drogas para a prevenção de moléstias. Tendo ido muitas vezes à África para estudar os problemas dessa terra, dedicou-se a encontrar cura para a maioria das doenças fatais. Dentre as doenças para as quais ele ajudou a desenvolver programas de controle efetivo, estão a "cegueira do rio", causada por um verme capilar na pele, que é causa freqüente de cegueira na região do Rio Volta, na África Ocidental. Seu trabalho também inclui o controle da esquistossomose, lepra, e várias doenças diarréicas na Etiópia, África Oriental, e América Central.

"Carrego comigo os rostos de vítimas quando escovo os dentes e enxaguo a boca com água pura e cristalina. Sinto o calor da selva em minha pele quando passo por corredores com ar condicionado. Lembro-me do que significa a fome quando me sento para comer, fartamente, três vezes ao dia.

Carregar este fardo me mantém no mais importante de todos os níveis, o humano", diz ele com a voz embargada e os olhos cheios de lágrimas.

Da saúde pública à saúde espiritual, Élder Alexander B. Morrison é um homem de profunda devoção. Como membro do Primeiro Quorum dos Setenta, seu intenso interesse na saúde física, mental, e espiritual de seus irmãos terrenos, toma outra dimensão. □

Élder L. Aldin Porter, do Primeiro Quorum dos Setenta



Após nove meses, L. Aldin e Shirley Porter haviam acabado de assumir suas funções de liderança na Missão Louisiana Baton Rouge. O Presidente Porter, estava ocupado entrevistando missionários quando recebeu um telefonema do Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro na Primeira Presidência. Sem dúvida, devem ser assuntos da missão, pensou o Presidente Porter.

Ao invés disso, o Presidente Hinckley mudou seu chamado para servir no Primeiro Quorum dos Setenta. Élder Porter foi um dos oito homens apoiados para aquele quorum no dia 4 de abril. Ele será desobrigado como presidente de missão.

Ao refletir sobre o calibre de homens que compõem o Primeiro Quorum dos Setenta, Élder Porter momentaneamente pensou se suas próprias aptidões e capacidade o ajudariam a qualificar-se para o nível requerido. Mesmo assim, humildemente aceitou o chamado.

Qualquer que seja nossa capacidade, comenta ele, "tenho grande fé em que, se aceitar uma designação na Igreja, e esforçar-me, o Senhor fará o resto".

"Eu sei que Irmã Porter e eu amamos as Autoridades Gerais e seguiremos seus conselhos."

Nascido na Cidade do Lago Salgado, em 30 de junho de 1931, filho de J. Lloyd e Revon Hayward Porter, Aldin Porter cresceu em Idaho Falls, Idaho. Após servir na Missão dos Estados do Centro-Oeste, casou-se com Shirley Palmer, de Houston, Texas. Têm seis filhos e dezesseis netos.

Um executivo numa companhia de seguros antes de ser chamado como presidente de missão em 1986, serviu na Igreja como bispo, presidente de estaca, e Representante Regional. Quando recebeu o chamado, era patriarca da Estaca Meridian Idaho, e ele e sua esposa serviam como conselheiro e superintendente-assistente do Templo de Boise, Idaho.

Ele passou vinte e nove anos no ramo de seguros. Seria correto descrevê-lo como "bem sucedido", contudo a principal preocupação do Élder e da Irmã Porter por sua família tem sido sempre bem maior do que a dedicada à sua carreira.

"Nós temos uma pequena fazenda em Meridian", diz ele. "Lá temos gado, plantamos forragem, trigo e milho. Mas há uma colheita que é a mais importante de todas. Lá cresceram excelentes filhos e filhas."

Os Porter compraram a fazenda para ajudar a ensinar aos filhos responsabilidade, o valor do trabalho, e confiança no Senhor. E deu resultado, diz ele. Seus filhos, espontaneamente, até mesmo ansiosos, encarregaram-se das tarefas da fazenda. Élder Porter elogia sua esposa não somente por dirigir o trabalho na fazenda enquanto ele se ocupava com os negócios e responsabilidades na Igreja, mas também por sua capacidade como mãe e companheira.

"Todos os pais deveriam ter o apoio que tivemos de nossos filhos", comenta o Élder Porter. Suas quatro filhas casadas e dois filhos têm ajudado a fortalecer os Porter na obra missionária, assim como as duas irmãs dele.

Alguns podem pensar que é um sacrifício ficar separado da família, mas as bênçãos do serviço missionário — para pais, filhos, e netos — "têm mais que compensado" qualquer efeito causado pela separação, comenta Élder Porter.

Élder Porter diz que está pronto a fazer o que for necessário para cumprir seu chamado fervorosamente. "Isso é típico dele, ele é um fervoroso santo dos últimos dias, e totalmente dedicado", diz a Irmã Porter.

Que contribuição espera dar ele ao povo da América do Sul, durante seu trabalho? A contribuição número um que alguém pode dar aos outros é ajudá-los a edificar a fé e o testemunho, responde Élder Porter. E isto ele sente que poderá fazer, pois "Estou certo da divindade desta obra". □

Élder Glen L. Rudd, do Primeiro Quorum dos Setenta



Seus dois primeiros filhos receberam os nomes de Lee e Mattew — em homenagem ao Presidente Harold B. Lee e Élder Matthew Cowley. Esses dois homens tiveram grande influência na vida do Irmão Rudd. Quando era um jovem missionário na Nova Zelândia, Glen serviu como secretário do Élder Cowley, presidente da missão onde ele servia. Ele cresceu na Estaca Pioneer, enquanto Irmão Lee estava desenvolvendo o programa de bem-estar. Foi ali que ele aprendeu os princípios de bem-estar. Mais tarde, foi bispo, de uma grande ala com muitas necessidades de bem-estar. Tudo isto o preparou para o serviço de tempo integral no Programa de Bem-Estar da Igreja.

Glen Larkin Rudd nasceu no dia 18 de maio de 1918, na Cidade do Lago Salgado, filho de Charles P. e Gladys Marie Harman Rudd. "Meu pai ensinou-me a trabalhar, e o trabalho tem sido o princípio que governa minha vida", diz ele. "E minha mãe ensinou-me a servir." Na adolescência, o jovem Glen trabalhou no escritório da granja avícola de seu pai, estudou na Universidade de Utah, cumpriu missão na Nova Zelândia, e então, ao voltar para casa, começou sua própria granja. O negócio logo prosperou.

Casou-se com Marva Sperry. Élder Lee realizou o casamento e prometeu-lhes que teriam uma numerosa família. E, embora a Irmã Rudd sofresse do coração, o casal teve a família que lhes havia sido prometida — oito filhos ao todo.

Durante os primeiros anos de casamento, Élder Rudd serviu como secretário de ala, conselheiro de bispado, e como bispo. Quando era diácono, "tinha um sentimento de que seria bispo — quando estivesse com uns cinqüenta anos", comenta ele. Mas essa responsabilidade chegou mais cedo do que esperava — "quando eu tinha a metade de cinqüenta".

Durante mais de trinta anos, trabalhou no desenvolvimento do programa de bem-estar. "Quando entrei para o programa de bem-estar, este estava bem no início", declara Élder Rudd. "Nós éramos os pioneiros." Sua designação era a de ajudar a estudar detalhadamente como os armazéns deveriam funcionar. Mais tarde, ao trabalhar no Departamento de Bem-Estar da Igreja, ajudou a desenhar, construir, e estabelecer armazéns em muitas partes dos Estados Unidos.

Élder Rudd dirigiu seu próprio negócio durante vinte anos — até o dia em que Élder Lee o convidou para dirigir o Centro de Bem-Estar. "Ele me fez uma promessa", declara Élder Rudd. "Ao dizer — Se você vier gerenciar o Centro de Bem-Estar, nunca se arrependerá. Essa foi uma das promessas de minha vida e jamais me arrependi."

Élder Rudd iniciou o trabalho no dia seguinte e desistiu de seus negócios particulares. Ele viajou por toda a Igreja com as Autoridades Gerais, explicando o programa de bem-estar em conferências de estaca e adquiriu um forte testemunho sobre o princípio do trabalho. "Em toda minha vida, sempre que encontrei pessoas com problemas, tristes, ou necessitando de conselho ou ajuda, sei que, geralmente, o trabalho é a resposta para tudo", comenta ele.

Em 1964, durante uma designação especial de sete semanas, para os Comitês Missionário e de Bem-Estar, visitou as estacas do Havaí, Nova Zelândia, e Samoa. Em certa ocasião, pôde visitar as quatrocentas estacas que havia na Igreja. Mais tarde foi chamado para presidir a Missão Flórida, onde serviu de 1966 a 1969. Em 1970 foi chamado como Representante Regional.

Ao ser desobrigado desse chamado em 1976, após haver sido gerente do Centro de Bem-Estar por vinte e cinco anos, aceitou um novo chamado como diretor de área para o Departamento de Serviços de Bem-Estar. Também foi chamado como conselheiro na presidência da Estaca Lago Salgado Wilford, onde serviu por nove anos.

Em 1978, foi chamado como presidente de missão na Nova Zelândia, ao falecer o então presidente da Missão Wellington. Nessa ocasião, em 1984, aposentou-se como funcionário da Igreja e foi chamado a servir novamente na Nova Zelândia — desta vez como presidente do templo. "Estive na Nova Zelândia em doze ocasiões diferentes, cumprindo designações da Igreja", declara ele. "Assisti à dedicação do templo em 1958, jamais imaginando que um dia lá serviria como presidente."

Em todos os seus chamados na Igreja — serviço de bem-estar, templo e obra missionária, Élder Rudd sentiu o Espírito do Senhor. "Tudo que sei é que a Igreja é verdadeira", declara ele. "Jamais houve um momento em que não soubesse de sua veracidade. Meu testemunho vem dos sussurros do Espírito. Se podemos ouvir o Espírito do Senhor, podemos saber que direção seguir." □

Élder Douglas H. Smith, do Primeiro Quorum dos Setenta



Quando o Presidente Spencer W. Kimball entrevistou Barbara B. Smith para servir como presidente-geral da Sociedade de Socorro, em outubro de 1974, virou-se para seu marido e perguntou-lhe: "Você será capaz de apoiar sua esposa neste chamado?"

Douglas H. Smith replicou: "Sim. Ela tem me apoiado por mais de trinta anos nos cargos que ocupei, e eu certamente ficarei contente em apoiá-la também." E ele o fez.

Agora, com seu recente chamado ao Primeiro Quorum dos Setenta, Élder Smith precisa do apoio de sua família. E não há dúvidas de que ele o tem.

Pronto apoio aos membros da família parece vir naturalmente dos Smith. Os sete filhos agora têm sua própria família, mas continuam morando perto uns dos outros e Élder Smith telefona-lhes quase que diariamente. Sempre se reúnem para jantares em família. O jornal mensal da Família Smith, que inclui artigos de cada família, é "um meio maravilhoso de manterem contacto e, ao mesmo tempo, um histórico do que acontece na família", comenta Irmã Smith. Todo verão eles se reúnem de dois a três dias para atividades em conjunto. E nos últimos cinco anos, realizam uma conferência anual da família, sempre após a conferência geral da Igreja, para todos os que têm mais de doze anos. "Ouvimos o que os irmãos dizem na conferência geral e então aplicamos seus ensinamentos em nossa conferência familiar", diz Irmã Smith. Além disso, eles se preocupam em dar atenção pessoal para os filhos e os trinta e seis netos: um tempo especial para ficar com cada um, presentes personalizados, assistir a jogos ou outros eventos especiais.

Este apoio se estende a outros também. Élder Smith almoçava com sua mãe uma vez por semana enquanto ela viveu. E durante muitos anos os Smith sempre tiveram alguém morando com eles: o pai da Irmã Barbara, a tia dela (que viveu com eles por vinte anos, até os noventa anos), um rapaz de Formosa, uma jovem da África do Sul, e diversos outros que precisaram de um lugar para ficar por um período prolongado de tempo.

Douglas H. Smith nasceu no dia 11 de maio de 1921 na Cidade do Lago Salgado, filho de Virgil H. e Winifred Pearl Hill Smith. "Nossa vida foi edificada com base na Igreja", declara ele, "E eu sempre tive um forte testemunho". O mais próximo que esteve de escolher outro caminho ocorreu em um domingo quando, ainda diácono, sentiu o apelo do basebol chamando-o e decidiu faltar na Escola Dominical. Sentado nas arquibancadas do campo de jogo, ouviu uma voz pertinho dele:

"Grande jogo, não?"

Ao virar-se para responder, ficou assustado ao descobrir seu pai sentado ali; o pai notara a falta do filho na Igreja e havia ido procurá-lo. Nas próximas quatro semanas seu pai assistiu à aula da Escola Dominical junto com ele — e Douglas nunca mais foi a um jogo no domingo.

Élder Smith é muito conhecido na família por seu lema: "Escolhei hoje a quem sirvais: ... porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor" (Josué 24:15). Após o casamento no templo em 1941, ele tornou-se consultor do Sacerdócio Aarônico, depois foi presidente do quorum de élderes, conselheiro de bispado, e bispo. Mais tarde serviu como sumo conselheiro, conselheiro na presidência de estaca, e representante regional. Mais recentemente foi selador do templo e tem ensinado a classe de Doutrina do Evangelho junto com a esposa.

No dia após sua formatura pela Universidade de Utah, em 1942, conseguiu emprego na Companhia Utah Home Fire Insurance. Dezesseis anos após, era o presidente da companhia. E após outros 14 anos, em 1972, também se tornou presidente da Companhia de Seguros Beneficial Life, uma posição que seu pai já ocupara. Ele também foi vice-presidente executivo e gerente-geral da Corporação de Administração Deseret e presidente ou membro de junta de diversas organizações bancárias e de seguros. Também ativo nos círculos comunitários, serviu em organizações tais como a Fundação Independente do Vale Forge, Sociedade Americana do Câncer, e Escoteiros da América.

"Quando o Presidente Benson me chamou", comenta Élder Smith, "Eu lhe disse que há muito tempo fizemos convênios com o Senhor e pretendemos guardá-los. Agora simplesmente estamos sendo questionados se realmente os aceitamos. A resposta é sim." □

Élder Lynn A. Sorensen, do Primeiro Quorum dos Setenta



Élder Lynn A. Sorensen, recentemente chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta, cumpriu sua primeira missão no Brasil a partir de 1940, quando a Missão Brasileira estava no seu quinto ano. Retornou mais tarde como presidente da Missão Brasil Porto Alegre em 1973, e novamente em 1982 como diretor para assuntos temporais.

"Também passei quatro anos como gerente da Divisão Internacional de Materiais para a América Latina", ressaltou ele, "visitando os seis escritórios de área nesses países pelo menos duas vezes por ano dando treinamento e fazendo auditorias".

Élder Sorensen foi chamado como patriarca da Estaca Wilford em dezembro último, e seu novo chamado para servir como Autoridade Geral apenas quatro meses após, o pegou de surpresa.

"Considerei-me inadequado para o chamado de patriarca", lembra ele. "Mas não há palavras para expressar o que senti quando o Presidente Thomas S. Monson, da Primeira Presidência, me chamou para o Primeiro Quorum dos Setenta. O chamado assustou-me.

Depois que o chamado foi anunciado na conferência, recebemos calorosas congratulações dos líderes eclesiásticos do Brasil", declarou ele. "Suas expressões de alegria e felicidade por nosso chamado encheram nossos olhos de lágrimas."

Élder Sorensen expressou a crença de que o maior desafio da Igreja no Brasil é treinar líderes eclesiásticos, devido ao rápido crescimento no número de membros. "Estão batizando quase dois mil conversos por mês nas missões brasileiras, o que significa quase uma estaca por mês. Muitos desses bons homens chamados como bispos e presidentes de estaca são membros há apenas dois ou três anos."

Um momento decisivo na vida do Irmão Sorensen, do ponto de vista espiritual, surgiu durante sua primeira missão no Brasil. "Havia recebido uma bolsa de estudos acadêmica e atlética da Universidade de Chicago e passara os dois primeiros anos lá", lembra Élder Sorensen. "Sempre havia planejado cumprir missão, mas após dois anos na faculdade, cumprir missão não parecia algo tão importante assim. Disse a meus pais que desejava terminar a faculdade. Felizmente, tive um bispo muito bondoso e compreensivo e pais especiais que me amavam e oravam por mim. Quando chegou o momento de voltar à faculdade, após as férias, o Senhor respondeu às suas orações. Eu aceitei o chamado e saí em missão.

Não muito depois do retorno da missão, comecei a estudar regularmente as escrituras e meu testemunho realmente cresceu e se fortificou. De lá para cá ele jamais vacilou, mas continuou a crescer ainda mais forte. Sou grato ao Senhor por haver-me guiado naquela importantíssima encruzilhada."

Élder Sorensen serviu como bispo da Ala II Kenwood, em sumos conselhos de estaca, e como membro de diversas juntas gerais da Igreja.

Trabalhou em cargos de gerência na indústria eletrônica e como gerente-geral da Editora Deseret antes de filiar-se à administração da Igreja no que antes era o Departamento de Comunicação Interna. Ele também foi secretário-executivo da Missão Internacional durante quatro anos. Ele e Irmã Sorensen recentemente serviram como missionários na Praça do Templo de Lago Salgado.

"Minha experiência mais compensadora aconteceu quando era presidente de missão", comenta ele. "Nunca trabalhei tão duro, dediquei mais tempo, ou tive mais problemas e preocupações, mas também nunca houve uma época em que tivesse experiências mais doces e compensadoras."

Élder Sorensen nasceu na Cidade do Lago Salgado em 25 de setembro de 1919. Após retornar da missão no Brasil, serviu como instrutor na Força Aérea Americana durante a II Guerra Mundial, depois formou-se com louvor na Universidade de Utah. Casou-se com Janet Weech em 1943. Eles são pais de nove filhos e têm vinte e seis netos. □

A Missão da Igreja é o Assunto Principal do Seminário e Reunião de Liderança

O propósito da Igreja do Senhor é de "promover o progresso de cada filho e filha de Deus em direção à maior das bênçãos de vida eterna", declarou o Presidente Ezra Taft Benson, na sexta-feira, 3 de abril, em seu discurso no Seminário Anual para Representantes Regionais realizado em conjunto com a conferência geral.

O Presidente Benson disse que em 1981, a Primeira Presidência e o Quorum dos Doze anunciaram que a missão da Igreja consistia em:

1. proclamar o evangelho a todas as nações, tribos, línguas e povos;
2. aperfeiçoar os santos, preparando-os para receberem as ordenanças do evangelho, e instruindo disciplinando-os para ganharem a exaltação;
3. redimir os mortos, realizando as ordenanças vicárias do evangelho por aqueles que viveram nesta terra.

Todos os itens desta declaração de missão receberam ênfase nas duas reuniões da manhã de sexta-feira, durante o Seminário para Representantes Regionais, no auditório do Edifício dos Escritórios da Igreja e na reunião de liderança da tarde do mesmo dia no Tabernáculo, na Praça do Templo.

Durante seu discurso de abertura no seminário, o Presidente Benson declarou que falaria sobre "nossa missão de aperfeiçoar os santos, particularmente sobre o desafio de ativar aqueles que se afastaram da atividade plena na Igreja".

"O desafio que está diante de nós é grande", disse ele. "E requererá que coloquemos o Sacerdócio de Melquisedeque em ação. Devemos exercer grande fé, energia, e dedicação se queremos realmente atingir esses irmãos e irmãs. Mas temos de fazê-lo. O Senhor espera que o façamos. E nós o faremos!"

O Presidente Benson declarou que os membros menos ativos freqüentemente são aqueles que se voltaram para outras coisas, ficaram indiferentes, até mesmo preocupados com problemas alheios, mas implorou-nos que os reencontrássemos e os amássemos para voltarem à atividade.

"Cada fonte do sacerdócio e as auxiliares devem ser usadas para auxiliar neste grande esforço", incluindo, disse ele, as irmãs da Igreja que também possuem "chamados como boas orientadoras pelo serviço amoroso que prestam umas às outras, aos jovens, e às crianças".

Após o Presidente Benson, o Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, centralizou seu discurso na obra missionária, ressaltando a necessidade de mais casais missionários.

"Há uma crescente necessidade de casais missionários no campo. Eles realizam um grande serviço e esse serviço torna-se uma época maravilhosamente recompensadora para eles" declarou.

O Presidente Hinckley ressaltou três fatores com relação aos casais missionários para qualificá-los ao serviço: (1) o casal deve ser financeiramente capaz de manter-se sem ter de "sacrificar suas economias e encontrar-se sem meios de sobreviver com independência durante o resto da vida, ao retornarem da missão. Em muitos casos, os filhos estão em condições de manter seus pais no campo missionário", sugeriu ele; (2) os casais missionários não devem deixar filhos solteiros, dependentes, particularmente os filhos em "idade de namoro", época em que esses filhos precisam que mãe e pai os aconselhem"; (3) os casais missionários devem gozar de boa saúde.

Após as palavras do Presidente Hinckley, o Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro na Primeira Presidência, ressaltou que faz vinte anos que os primeiros Representantes Regionais foram chamados em 1967. Naquela época, o Élder Harold B. Lee, então membro do Quorum dos Doze, apresentou uma estimativa administrativa obtida com a ajuda dos auxiliares de estatística da Universidade Brigham Young de "como a Igreja seria dali a vinte longos anos" em 1987. Em 1967, a Igreja contava 443 estacas. A previsão era de que em vinte anos "deveremos possuir 1.000 estacas"! Hoje, há 1.634 estacas, ressaltou o Presidente Monson. Em 1967, havia 78 missões, com uma previsão para 1987 de 185 missões. Mas em julho de 1987, haverá 200 ou mais, enfatizou o Presidente Monson. Em 1967, havia 13.000 missionários, com uma previsão para 1987 de "possivelmente 30.000". Hoje, há 33.753 missionários, disse o Presidente Monson.

Ao rever as responsabilidades dos Representantes Regionais, o Presidente Monson declarou que "um Representante Regional deve ensinar, ensinar, ensinar. Seu chamado não é tanto para pregar, gerenciar, dirigir, ou aconselhar como o é para ensinar, particularmente com relação à missão da Igreja."

Durante o restante do seminário e na reunião de liderança vespertina, a missão da Igreja recebeu detalhada atenção. Das apresentações feitas, as seguintes auxiliarão aos membros:

Missionários de Tempo Integral poderão ajudar na Ativação. Os Irmãos anunciaram que os missionários de tempo integral estão autorizados de modo "limitado" a auxiliar os líderes locais a ativar membros menos ativos "em estacas que possuírem poucos irmãos portadores do Sacerdócio de Melquisedeque". Contudo, a autorização para este auxílio requer a aprovação específica da Presidência de Área e do membro do Quorum dos Doze designado para aquela área. Tal auxílio pode continuar "até que a ala ou ramo possua um número apropriado de portadores do Sacerdócio de Melquisedeque".

Mestres Familiares devem Trabalhar com os Novos Conversos. Também foi anunciada a instrução de que os mestres familiares "devem cooperar com a estaca e os missionários de tempo integral em irmanar novos membros" e podem ser designados a visitar conversos enquanto os missionários os ensinam, assim os mestres familiares podem iniciar visitas regulares. Os mestres familiares podem estar presentes durante as aulas de integração, ou podem ser convidados a auxiliar os missionários de estaca com as aulas. "Os esforços dos missionários de tempo integral, missionários de estaca, e mestres familiares

se completam para assegurar que os conversos sejam integrados à Igreja."

Os Líderes Devem Fortalecer os Membros. Foi pedido aos líderes que ensinem aos membros a meta da "perfeição pessoal" pela obediência às ordenanças e convênios do evangelho, e que orientem e fortaleçam os menos ativos, particularmente por meio do programa de ensino familiar. Para auxiliar líderes e membros nestas tarefas, as autoridades anunciaram várias mudanças administrativas destinadas a auxiliar nos tópicos acima. As reuniões do Comitê Executivo do Sacerdócio deverão ser realizadas semanalmente, e os bispos deverão designar aos sumos sacerdotes "muito" da responsabilidade do fortalecimento dos élderes em perspectiva, suas famílias, e os membros menos ativos. As presidências dos quoruns de élderes deverão dar ênfase ao fortalecimento dos élderes e de suas famílias.

Ênfase na Obra Genealógica. As conferências de estaca do segundo semestre de 1987 e do primeiro semestre de 1988 centralizar-se-ão no templo e serviço genealógico. Novos e simplificados materiais para ajudar os membros serão anunciados, e os membros serão encorajados a fazer a obra genealógica e receber as ordenanças para "no mínimo um ancestral".

Durante todos os discursos, prevaleceu um tema geral: "A missão da Igreja é melhor conduzida no lar. É apoiada e dirigida por esforços em conjunto dos líderes no comitê do sacerdócio e no conselho da ala."

Os discursos foram proferidos por membros selecionados do Quorum dos Doze e por membros da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta. □

Elaine L. Jack, Segunda Conselheira na Presidência Geral das Moças



"Como posso realizar o mesmo que essas irmãs maravilhosas?" exclamou Elaine L. Jack, quando o Presidente Thomas S. Monson lhe fez o chamado para servir como segunda conselheira na Presidência Geral das Moças. Ela admirava Ardeth Greene Kapp e sua outra conselheira, Jayne B. Malan. Mas como o Programa das Moças é dedicado a moças e ela não tem filhas — somente quatro filhos já crescidos, isso a preocupava.

O Presidente Monson assegurou-lhe que o Senhor precisava de sua personalidade inconfundível e de seus talentos para aquele chamado. Ainda um pouco assustada, Irmã Jack telefonou para a Irmã Kapp no dia seguinte e perguntou: — Ardie, como você pôde me escolher? Irmã Kapp respondeu: — Não fui eu quem a escolheu, mas o Senhor.

Tanto a Irmã Jack como a Irmã Kapp têm raízes canadenses. Filha de Sterling O. e Lavina Anderson Low, Elaine cresceu em Cardston, Alberta. Ela freqüentou a Universidade de Utah, onde se graduou em inglês. Foi lá que conheceu seu marido, Joseph E. Jack. Casaram-se em 1948 e mudaram-se para a Ilha Staten, Nova York — onde, declara ela, descobriu pela primeira vez que possuía um testemunho.

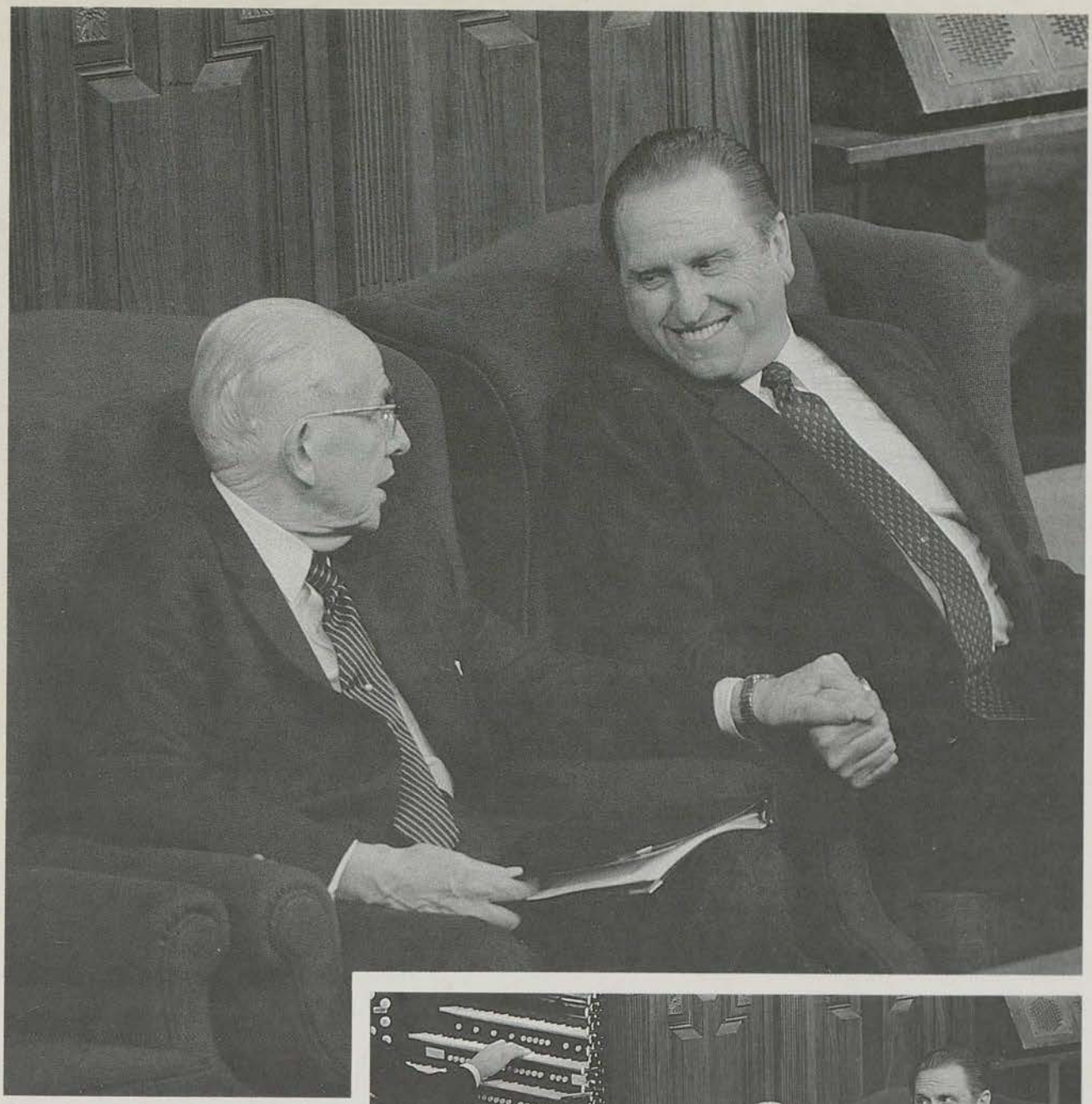
"Demorava uma hora e meia de metrô e ônibus para chegar à Igreja", relembra ela. Seu marido, um médico muito ocupado, trabalhava muitas horas em um hospital da Cidade de Nova York, e só podiam ficar um dia inteiro juntos domingo sim, domingo não. "Recordo-me de prestar testemunho em um domingo de jejum em Manhattan e conscientizar-me de que realmente *possuía* um testemunho ou não me estaria esforçando para estar lá", declara ela.

Os Jack também moraram em Boston e em Monte Edgecumbe, Alaska, onde, na manhã seguinte após sua chegada, o outro único santo dos últimos dias da cidade apareceu à sua porta com uma torta de amoras quentinha. Durante dois anos eles freqüentaram um pequeno ramo — um "raminho", como Irmã Jack costumava chamá-lo — geralmente com umas nove pessoas ao todo.

"Foi uma época que fortaleceu nosso testemunho — quando tínhamos de nos esforçar para reunir essas poucas pessoas em nosso lar", declara ela. Em 1958, os Jack mudaram-se para a Cidade do Lago Salgado. A Irmã Jack serviu na Junta Geral da Sociedade de Socorro de 1972 a 1984. O Irmão Jack serviu duas vezes como bispo e só foi desobrigado recentemente como bispo de uma ala de solteiros.

Esforçar-se bastante em tudo que faz é importante para a Irmã Jack. Motivada por um grande piano "herdado" de uma amiga professora de piano, ela está tomando aulas de piano — algo que não fazia desde que era uma menina no Canadá. Ela também aprecia golfe e esqui — esportes que os Jack praticam em família.

Seu entusiasmo com a música, esportes, e a vida em si é contagiante. "O que me traz alegria é olhar minha vida passada e ver quanto progredi." Viver o evangelho é essencial para esse progresso. "Aprender ou obter conhecimento não é o suficiente se não aplicá-lo em nossa vida", comenta ela. □



Presidente Ezra Taft Benson num momento agradável com Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.



Presidente Ezra Taft Benson vira-se para cumprimentar os membros do coro.

